



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS

V.2 - **Safra 2014/15**
N.12 – Décimo segundo levantamento
Setembro/2015

Monitoramento Agrícola
Cultivos de verão, 2ª safra e de inverno – **Safra 2014/15**



Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Kátia Abreu

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Rubens Rodrigues dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

João Marcelo Intini

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Marisson de Melo Marinho

Martha Helena Gama de Macêdo

Roberto Alves de Andrade

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geote

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Patricia Mauricio Campos

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS

V.2 - **Safra 2014/15**
N.11 – Décimo segundo levantamento
Setembro/2015

Monitoramento Agrícola
Cultivos de verão, 2ª safra e de inverno – **Safra 2014/15**

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 2 - Safra 2014/15, n. 12 – Décimo segundo levantamento, Brasília, p. 1-134, set. 2015.



Copyright © 2015 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852
Tiragem: 1.000
Impresso no Brasil

Colaboradores

Edna Matsunaga de Menezes (Geint)	Alessandro Lucio Marques (Geint)
Lígia Fernandes Franco Rocha (Geint)	Rogério Dias Coimbra (Geint)
João Marcelo Brito Alves (Geint)	Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)
Leonardo Amazonas (Geole – Soja)	Thomé Luiz Freire Guth (Geole – Milho)
André Luiz Farias de Souza (Assessor DIPAI)	Fernando Gomes da Motta (Gefip – Algodão)
Miriam Rodrigues da Silva (Latis – Conab/Inmet)	João Figueiredo Ruas (Gerab – Feijão)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)	Sérgio Roberto Gomes dos Santos Junior (Gerab – Arroz)
Paulo Magno Rabelo (Gerab)	

Colaboradores das Superintendências

Bruno Milhomem **(AC)**; Genival Barros, Paulo Oliveira, Alberthson Houly, Ilio Fonseca **(AL)**; Armando Viana, Daysilene Batista, Iriseli Onofre, José Oliveira, José Bitencourt **(AM)**; Ednabel Lima, Gerson Santos, Jair Ferreira, Marcelo Ribeiro, Telma Silva **(BA)**; Elizeu Souza, Luciano da Silva, Cristina Diniz, Danylo Tajra, José Iranildo Araújo, Fábio Ferraz, Gilson Lima, Luciano Gomes **(CE)**; José Negreiros **(DF)**; Kerley Souza **(ES)**; Adayr Souza, Espedito Ferreira, Fernando Ferrante, Gerson Magalhães, Luíz Golveia, Rogério Barbosa, Ronaldo Campos **(GO)**; Humberto Souza Filho, Luiz Costa Filho, Leidyenne Araújo **(MA)**; Eugênio Carvalho, João Lopes, José Oliveira, Patrícia Sales, Pedro Soares, Sérgio Starling, Telma Silva, Terezinha Figueiredo, Warlen Maldonado **(MG)**; Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Maurício Lopes, Márcio Arraes **(MS)**; Sizenando Santos, Francielle Guedes, Jacir Silva, Marly Silva, Petronio Sobrinho **(MT)**; Alexandre Cidon, Rogério Neves, Moacir Rocha **(PA)**; Carlos Meira, Juarez Nóbrega **(PB)**; Agnelo Souza, Evandra Webber, José Bosqui, Rosimeire Lauretto **(PR)**; Francisco Souza, José Silva, José Nascimento, José Silva **(PI)**; Clóvis Ferreira Filho, José Souza, Francisco Almeida Filho, Frederico Silva **(PE)**; Cláudio Figueiredo, Luciana Oliveira, Olavo Godoy Neto **(RJ)**; Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira **(RN)**; João Kasper, Anderson Gomes **(RO)**; Irisele Onofre, Fábio Magalhães, Maria Almeida **(RR)**; Jaira Testa, Carlos Bestetti, Ernesto Irgang, Carlos Farias, Alexandre Pinto **(RS)**; César Rubin, Dionízio Bach, Edilson Macedo, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra **(SC)**; Fausto Almeida **(SE)**; Antônio Farias, Celmo Monteiro, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli **(SP)**; Luiz Miguel, Paulo Cláudio, Samuel Valente e Francisco Pinheiro **(TO)**.

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Gustavo Felipe, Marília Yamashita e Núbia de Castro

Fotos

Arquivo Geosafra/ Conab, Clauduardo Abade, Maurício Pinheiro, Roberto Alves de Andrade

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843 e Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

Sumário

1. Resumo executivo	4
2. Introdução.....	5
3. Estimativa da área plantada	6
4. Estimativa de produtividade.....	7
5. Estimativa da produção	8
6. Crédito rural.....	11
7. Câmbio	18
8. Exportações de arroz, milho, complexo soja e importação de trigo.....	19
9. Monitoramento agrícola: culturas de verão, de segunda safra e de inverno (safra 2014/2015) – Setembro de 2014 a agosto de 2015.....	21
9.1. Mapeamentos da safra 2014/15.....	21
9.1.1. Arroz irrigado.....	21
9.1.2. Culturas de verão e de segunda safra	23
9.2. Condições meteorológicas recente	25
9.3. Fenômeno El Niño.....	25
9.4. Prognóstico climático para o trimestre setembro-outubro-novembro/2015	26
9.5. Monitoramento agrometeorológico – Série histórica (setembro/2014 – julho/2015)	27
9.6. Monitoramento espectral – Série histórica (setembro/2014 – julho/2015).....	33
9.6.1. Mato Grosso.....	34
9.6.2. Rio Grande do Sul.....	35
9.6.3. Goiás.....	35
9.6.4. MATOPIBA.....	36
9.6.5. Mato Grosso do Sul	37
9.6.6. Paraná.....	38
9.6.7. Minas Gerais	39
9.6.8. Santa Catarina	40
9.6.9. São Paulo.....	40
9.7. Monitoramento agrometeorológico – Agosto/2015	40
9.8. Monitoramento espectral – Agosto/2015	44
10. Análise das culturas	48
10.1. Culturas de verão	48
10.1.1. Algodão	48
10.1.1.1. Oferta e demanda	53
10.1.2. Amendoim	57
10.1.2.1. Amendoim primeira safra	57
10.1.2.2. Amendoim segunda safra	58

10.1.2.3. Amendoim total	59
10.1.3. Arroz.....	62
10.1.3.1. Oferta e demanda	66
10.1.4. Feijão	66
10.1.4.1. Feijão primeira safra	66
10.1.4.2. Feijão segunda safra	69
10.1.4.3. Feijão terceira safra	72
10.1.4.4. Feijão total	76
10.1.4.5. Oferta e demanda	77
10.1.5. Girassol.....	78
10.1.6. Mamona	81
10.1.7. Milho.....	83
10.1.7.1. Milho primeira safra	83
10.1.7.2. Milho segunda safra.....	88
10.1.7.3. Milho total.....	93
10.1.7.4. Oferta e demanda	94
10.1.8. Soja.....	98
10.1.8.1. Oferta e demanda	103
10.1.9. Sorgo.....	106
10.2. Culturas de inverno	108
10.2.1. Aveia	109
10.2.2. Canola.....	112
10.2.3. Centeio.....	114
10.2.4. Cevada.....	115
10.2.5. Trigo	117
10.2.5.1. Oferta e demanda	122
10.2.6. Triticale.....	123
11. Balanço de oferta e demanda	124
12. Anexos	125
12.1. Preços agropecuários.....	125

1. Resumo executivo

A produção estimada em 209,5 milhões de toneladas e área de 58 milhões de hectares.

Algodão: colheita avançada.

Amendoim primeira safra: fora de temporada;

Amendoim segunda safra: colheita concluída; produção superior à safra passada.

Arroz: colheita concluída; produção superior à safra passada.

Feijão segunda safra: fora de temporada;

Feijão segunda safra: fora de temporada;

Feijão terceira safra: colheita iniciada;

Girassol: colheita concluída;

Mamona: colheita em conclusão;

Milho primeira safra: fora de temporada;

Milho segunda safra: colheita em conclusão; produtividades recordes.

Soja: fora de temporada;

Sorgo: colheita concluída;

Aveia: colheita iniciada; cultura em boas condições.

Canola: colheita iniciada; cultura em boas condições.

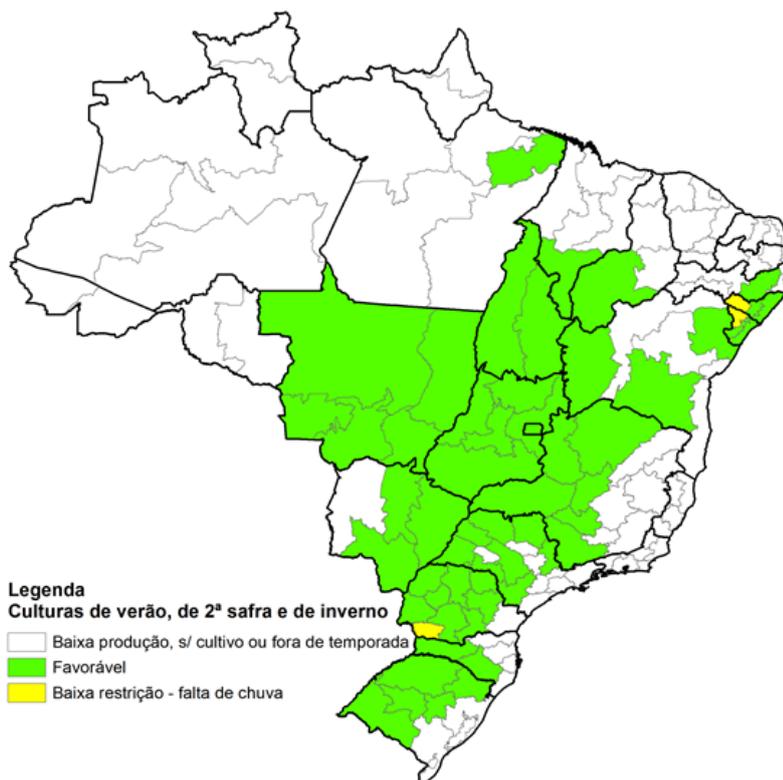
Centeio: colheita iniciada; cultura em boas condições.

Cevada: cultura em boas condições.

Trigo: colheita iniciada; cultura em boas condições.

Triticale: colheita iniciada; cultura em boas condições.

Figura 1 – Condição hídrica geral nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

2. Introdução

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), realiza levantamentos e avaliações mensais da safra brasileira de grãos. Seu principal objetivo é oferecer informações de qualidade para formulação e gestão das políticas agrícolas, de abastecimento e da segurança alimentar e nutricional, além de ser fundamental para diversos agentes econômicos no processo de tomada de decisão dos seus investimentos.

Neste mês a Companhia divulga o décimo segundo levantamento da safra 2014/15, onde indica a colheita das culturas de segunda safra (algodão, mamona e milho), o desenvolvimento e a colheita das culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), da terceira safra (feijão) e da safra da Região Nordeste (feijão e milho).

Neste levantamento foram coletadas informações de área plantada, desenvolvimento fenológico, pacote tecnológico utilizado pelos produtores e condições climáticas. Essas informações são provenientes da colaboração de agrônomos, técnicos de cooperativas, de Secretarias de Agricultura e órgãos de Assistência Técnica e Extensão Rural (oficiais e privados), agentes financeiros de mercado e de insumos que têm subsidiado os técnicos desta Companhia nos levantamentos.

O trabalho de avaliação de safras se enquadra nas recomendações de diversas instituições internacionais no que concerne à criação de mecanismos que possibilitem a obtenção de informações agrícolas precisas e seguras, bem como na busca de uniformização nos procedimentos de avaliação, de modo a manter a uniformidade e a transparência nas suas estatísticas de produção.

A Conab utiliza metodologias que envolvem trabalhos de campo, tecnologias relacionadas ao sensoriamento remoto, posicionamento por satélites, sistemas de informações geográficas e modelos estatísticos, agrometeorológicos e espectrais, que são aplicados nas estimativas de área e produtividade.

Vale destacar também que o presente boletim de divulgação faz parte do Observatório Agrícola desenvolvido no âmbito desta Companhia, segundo diretrizes do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

Agradecemos a indispensável participação e colaboração dos profissionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e dos diversos parceiros citados, bem como dos demais colaboradores internos que, direta ou indiretamente, participaram da realização deste trabalho.

3. Estimativa da área plantada (58,04 milhões de hectares)

A área cultivada no país, na safra 2014/15, está estimada em 58,04 milhões de hectares, 1,7% superior à safra anterior, ou 976,1 mil hectares (Tabela 1).

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2013/14 (a)	2014/15		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Ago/2015 (b)	Set/2015 (c)		
ALGODÃO	1.121,6	976,2	1.017,1	(9,3)	(104,5)
AMENDOIM TOTAL	105,3	109,0	108,9	3,4	3,6
AMENDOIM 1ª SAFRA	94,2	97,7	97,7	3,7	3,5
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,1	11,3	11,2	0,9	0,1
ARROZ	2.372,9	2.283,8	2.295,0	(3,3)	(77,9)
FEIJÃO TOTAL	3.365,6	3.049,0	3.034,4	(9,8)	(331,2)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.179,9	1.053,4	1.053,4	(10,7)	(126,5)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.506,4	1.332,4	1.318,3	(12,5)	(188,1)
FEIJÃO 3ª SAFRA	679,3	663,2	662,7	(2,4)	(16,6)
GIRASSOL	145,7	109,4	109,4	(24,9)	(36,3)
MAMONA	101,3	84,3	82,1	(19,0)	(19,2)
MILHO TOTAL	15.828,9	15.709,0	15.743,7	(0,5)	(85,2)
MILHO 1ª SAFRA	6.617,7	6.109,3	6.156,1	(7,0)	(461,6)
MILHO 2ª SAFRA	9.211,2	9.599,7	9.587,6	4,1	376,4
SOJA	30.173,1	31.940,3	32.093,1	6,4	1.920,0
SORGO	731,0	721,0	722,6	(1,1)	(8,4)
SUBTOTAL	53.945,4	54.982,0	55.206,3	2,3	1.260,9
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2014 (a)	2015		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Ago/2015 (b)	Set/2015 (c)		
AVEIA	153,7	190,2	189,9	23,6	36,2
CANOLA	44,7	40,5	42,8	(4,3)	(1,9)
CENTEIO	1,8	1,7	1,8	-	-
CEVADA	117,2	103,7	103,0	(12,1)	(14,2)
TRIGO	2.758,0	2.453,3	2.470,6	(10,4)	(287,4)
TRITICALE	39,1	21,3	21,6	(44,8)	(17,5)
SUBTOTAL	3.114,5	2.810,7	2.829,7	(9,1)	(284,8)
BRASIL	57.059,9	57.792,7	58.036,0	1,7	976,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

Dos principais produtos analisados, a soja e o milho segunda safra apresentaram variação positiva de 6,4% e 4,1%, respectivamente, destacando-se a área cultivada com a soja, que apresentou crescimento de 1,9 milhão de hectares. A aveia apresentou crescimento de 36,2 mil hectares, e o amendoim primeira e segunda safras, somados, também apresentaram crescimento, correspondendo a um ganho de área de 3,6 mil hectares. As demais culturas apresentam redução de área, com a maior perda observada

no milho primeira safra, com menos 7% (461,6 mil hectares). Vale observar que os produtores de milho na região Centro-Sul, sobretudo os do Paraná e de Mato Grosso, com o objetivo de colher duas safras na mesma área, optam pelo plantio da soja e após a colheita de janeiro a meados de março, entram com o plantio do milho, denominado de segunda safra.

4. Estimativa de produtividade

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

PRODUTO	SAFRAS		VARIACÃO	
	2013/14	2014/15	Percentual	Absoluta
	(a)	(b)	(b/a)	(b-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.381	2.322	(2,5)	(59,0)
ALGODÃO EM PLUMA	1.546	1.507	(2,5)	(39,0)
AMENDOIM TOTAL	2.998	3.183	6,1	184,2
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.095	3.268	5,6	172,6
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.179	2.441	12,0	262,2
ARROZ	5.108	5.424	6,2	315,8
FEIJÃO TOTAL	1.026	1.050	2,3	23,6
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.067	1.074	0,7	7,6
FEIJÃO 2ª SAFRA	884	932	5,4	47,4
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.271	1.246	(2,0)	(24,8)
GIRASSOL	1.597	1.376	(13,8)	(221,1)
MAMONA	441	573	29,9	131,7
MILHO TOTAL	5.057	5.382	6,4	324,5
MILHO 1ª SAFRA	4.783	4.913	2,7	129,9
MILHO 2ª SAFRA	5.254	5.683	8,2	428,5
SOJA	2.854	2.999	5,1	144,7
SORGO	2.587	2.731	5,6	143,9
SUBTOTAL	3.465	3.650	5,3	185,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS		VARIACÃO	
	2014	2015	Percentual	Absoluta
	(a)	(b)	(b/a)	(b-a)
AVEIA	2.000	2.360	18,0	360,0
CANOLA	812	1.544	90,1	732,0
CENTEIO	1.944	2.000	2,9	56,0
CEVADA	2.606	3.376	29,5	770,0
TRIGO	2.165	2.862	32,2	697,0
TRITICALE	2.450	2.588	5,6	138,0
SUBTOTAL	2.157	2.824	30,9	667,0
BRASIL ⁽²⁾	3.393	3.609	6,4	216,0

Legenda: ⁽¹⁾ Produtividade de caroço de algodão; ⁽²⁾ Exclui a produtividade de algodão em pluma
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

5. Estimativa de produção (209,5 milhões de toneladas)

O resultado do levantamento realizado entre 19 e 25 de julho de 2015 indica para a safra 2014/15 uma produção de 209,5 milhões de toneladas, 8,2%, ou 15,9 milhões de toneladas superior à produção obtida na safra anterior, quando foram produzidas 193,6 milhões de toneladas.

Para as culturas de verão o maior crescimento é observado na soja (10,1 milhões de toneladas), seguida pelo milho segunda safra (6,1 milhões de toneladas) e do arroz (327 mil toneladas). Este crescimento se deve às condições climáticas favoráveis e ao aumento na área plantada de soja e milho segunda safra.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

CULTURAS DE VERÃO	(Em 1000 t)				
	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2013/14 (a)	2014/15		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Ago/2015 (b)	Set/2015 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.670,6	2.317,2	2.361,8	(11,6)	(308,8)
ALGODÃO - PLUMA	1.734,0	1.504,1	1.532,8	(11,6)	(201,2)
AMENDOIM TOTAL	315,8	346,2	346,8	9,8	31,0
AMENDOIM 1ª SAFRA	291,6	319,4	319,3	9,5	27,7
AMENDOIM 2ª SAFRA	24,2	26,8	27,5	13,6	3,3
ARROZ	12.121,6	12.432,1	12.448,6	2,7	327,0
FEIJÃO TOTAL	3.453,7	3.166,3	3.185,4	(7,8)	(268,3)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.258,7	1.131,8	1.131,8	(10,1)	(126,9)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.331,8	1.224,5	1.228,0	(7,8)	(103,8)
FEIJÃO 3ª SAFRA	863,4	810,1	825,8	(4,4)	(37,6)
GIRASSOL	232,7	151,7	150,5	(35,3)	(82,2)
MAMONA	44,7	49,5	47,0	5,1	2,3
MILHO TOTAL	80.051,7	84.304,3	84.729,2	5,8	4.677,5
MILHO 1ª SAFRA	31.652,6	30.306,7	30.244,1	(4,4)	(1.408,5)
MILHO 2ª SAFRA	48.399,1	53.997,2	54.485,1	12,6	6.086,0
SOJA	86.120,8	96.203,5	96.243,3	11,8	10.122,5
SORGO	1.891,2	1.951,5	1.973,4	4,3	82,2
SUBTOTAL	186.903,0	200.922,0	201.486,2	7,8	14.583,2
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2014 (a)	2015		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Ago/2015 (b)	Set/2015 (c)		
	AVEIA	307,4	449,5	448,2	45,8
CANOLA	36,3	62,6	66,1	82,1	29,8
CENTEIO	3,5	3,5	3,6	2,9	0,1
CEVADA	305,4	349,2	347,7	13,9	42,3
TRIGO	5.971,1	6.995,5	7.070,3	18,4	1.099,2
TRITICALE	95,8	55,4	55,9	(41,6)	(39,9)
SUBTOTAL	6.719,5	7.915,7	7.991,8	18,9	1.272,3
BRASIL ⁽²⁾	193.622,5	208.837,7	209.478,0	8,2	15.855,5

Legenda: ⁽¹⁾ Produção de caroço de algodão; ⁽²⁾ Exclui a produção de algodão em pluma.

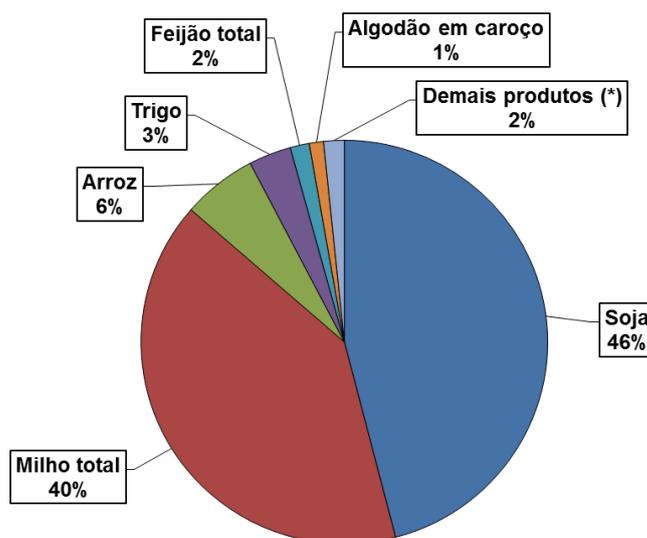
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

Nas culturas de inverno, destaque para a cultura do trigo, que mesmo com a redução na área de 10,4% (287,4 mil hectares), estima-se uma produção de 7,1 milhões de toneladas, 18,4% (1,1 milhão de toneladas) acima da produção da safra anterior. Tal ganho é justificado pela recuperação da produtividade no Rio Grande do Sul, que na safra 2014 foi severamente prejudicada pelas condições climáticas adversas.

Em relação ao levantamento anterior, realizado em agosto de 2015, observa-se um ganho de 640,3 mil de toneladas na produção total, justificado pelo ganho nas produtividades, principalmente, do milho segunda safra e pelo bom desenvolvimento até então das lavouras de trigo.

Gráfico 1 – Produção total de grãos por cultura

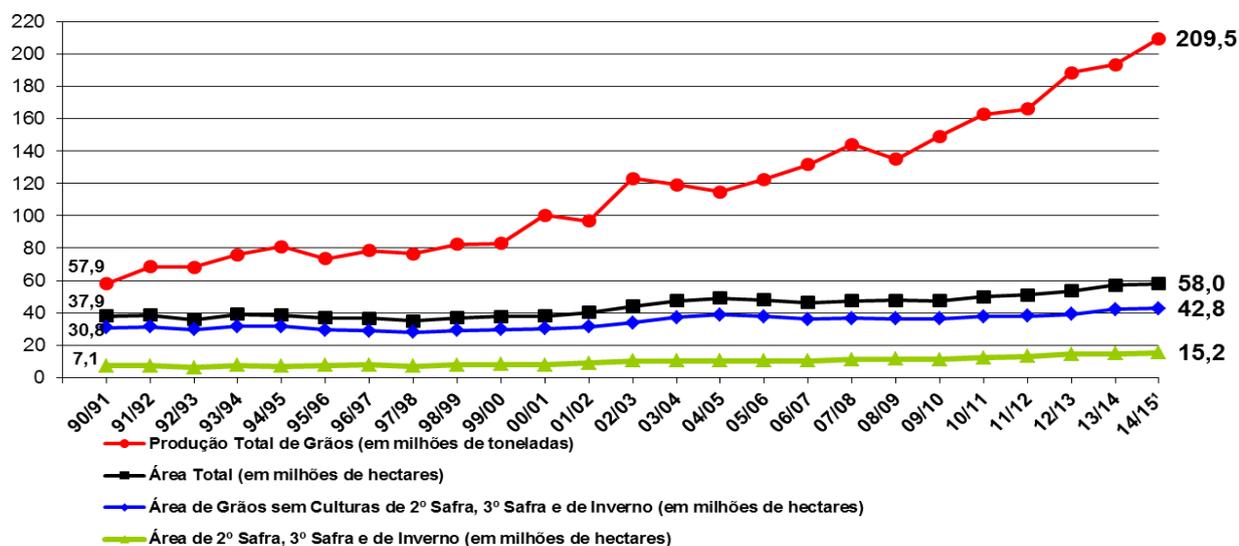


Legenda: (*) Amendoim total, girassol, mamona, sorgo, aveia, canola, centeio, cevada e triticales.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

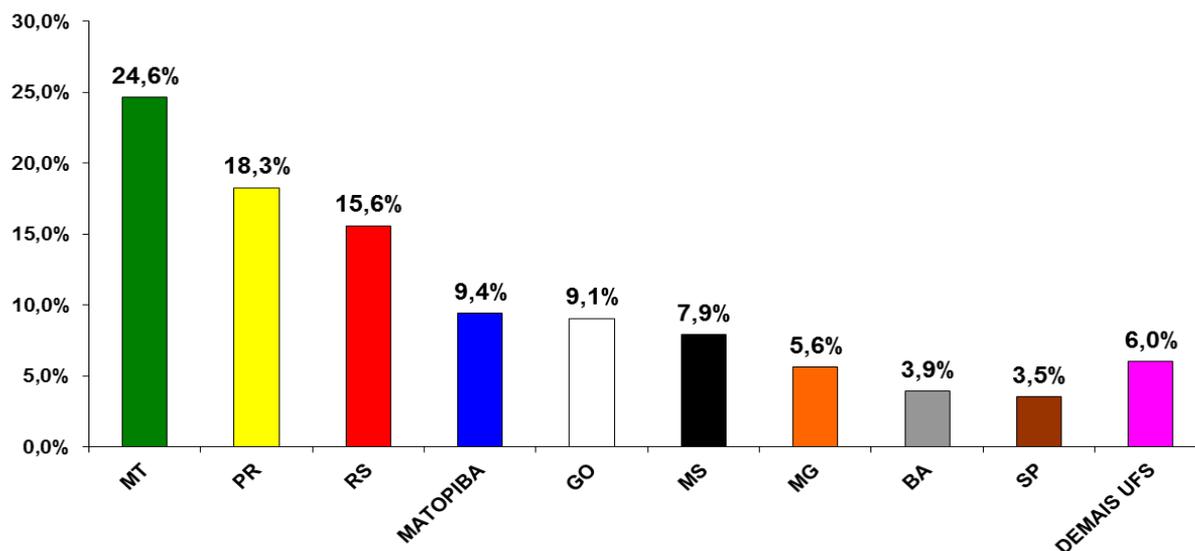
Gráfico 2 – Evolução da área e produção



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

Gráfico 3 – Produção total por Unidade da Federação



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Grãos (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	2.126,7	2.499,0	17,5	2.967	3.203	8,0	6.310,3	8.003,8	26,8
RR	38,9	44,9	15,4	3.645	3.886	6,6	141,8	174,5	23,1
RO	421,9	463,3	9,8	2.900	3.297	13,7	1.223,7	1.527,6	24,8
AC	64,3	55,5	(13,7)	1.926	1.959	1,7	123,8	108,7	(12,2)
AM	19,7	23,8	20,8	2.132	2.185	2,5	42,0	52,0	23,8
AP	5,5	5,0	(9,1)	1.018	880	(13,6)	5,6	4,4	(21,4)
PA	515,1	658,3	27,8	2.750	2.914	6,0	1.416,5	1.918,2	35,4
TO	1.061,3	1.248,2	17,6	3.163	3.380	6,8	3.356,9	4.218,4	25,7
NORDESTE	8.287,3	8.204,0	(1,0)	2.027	2.049	1,1	16.800,7	16.809,5	0,1
MA	1.769,1	1.728,7	(2,3)	2.431	2.392	(1,6)	4.300,6	4.135,5	(3,8)
PI	1.388,1	1.410,6	1,6	2.001	2.222	11,0	2.777,3	3.134,3	12,9
CE	921,5	903,7	(1,9)	621	282	(54,6)	572,6	254,8	(55,5)
RN	69,0	62,7	(9,1)	555	284	(48,8)	38,3	17,8	(53,5)
PB	155,3	122,9	(20,9)	374	247	(33,9)	58,1	30,4	(47,7)
PE	482,0	466,6	(3,2)	392	354	(9,8)	188,9	165,0	(12,7)
AL	81,2	66,3	(18,3)	828	952	14,9	67,2	63,1	(6,1)
SE	266,5	199,1	(25,3)	4.216	4.025	(4,5)	1.123,5	801,3	(28,7)
BA	3.154,6	3.243,4	2,8	2.433	2.530	4,0	7.674,2	8.207,3	6,9
CENTRO-OESTE	22.069,7	22.868,5	3,6	3.704	3.850	3,9	81.742,9	88.038,2	7,7
MT	13.323,0	13.568,9	1,8	3.580	3.805	6,3	47.702,5	51.624,6	8,2
MS	3.797,0	4.043,7	6,5	3.850	4.094	6,3	14.617,0	16.556,4	13,3
GO	4.763,0	5.103,9	7,2	3.841	3.718	(3,2)	18.293,4	18.974,5	3,7
DF	186,7	152,0	(18,6)	6.052	5.807	(4,0)	1.130,0	882,7	(21,9)
SUDESTE	5.090,4	5.093,4	0,1	3.522	3.763	6,8	17.929,4	19.165,3	6,9
MG	3.244,0	3.226,3	(0,5)	3.596	3.641	1,2	11.664,9	11.746,3	0,7
ES	38,1	32,5	(14,7)	1.945	1.185	(39,1)	74,1	38,5	(48,0)
RJ	8,0	4,1	(48,8)	1.988	1.659	(16,6)	15,9	6,8	(57,2)
SP	1.800,3	1.830,5	1,7	3.430	4.028	17,4	6.174,5	7.373,7	19,4
SUL	19.485,8	19.371,1	(0,6)	3.635	3.999	10,0	70.839,2	77.461,3	9,3
PR	9.643,6	9.583,4	(0,6)	3.691	3.995	8,2	35.592,2	38.284,9	7,6
SC	1.326,5	1.300,8	(1,9)	4.952	5.012	1,2	6.568,2	6.519,7	(0,7)
RS	8.515,7	8.486,9	(0,3)	3.368	3.848	14,2	28.678,8	32.656,7	13,9
NORTE/NORDESTE	10.414,0	10.703,0	2,8	2.219	2.318	4,5	23.111,0	24.813,3	7,4
CENTRO-SUL	46.645,9	47.333,0	1,5	3.655	3.901	6,7	170.511,5	184.664,8	8,3
BRASIL	57.059,9	58.036,0	1,7	3.393	3.609	6,4	193.622,5	209.478,1	8,2

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

6. Crédito rural

A demanda e a liberação do crédito na safra 2014/15

Pode afirmar que a liberação de crédito para a safra 2014/15 ocorreu normalmente nas principais regiões produtoras do país.

Na Região Centro-Oeste a liberação de crédito ocorreu dentro das necessidades e a demanda foi atendida. O crédito de custeio foi liberado de forma antecipada e alguns produtores utilizam recursos próprios e recursos oriundos dos fornecedores de insumos. O que se observou foi a troca de insumos por grãos a serem entregues por ocasião da colheita, com preços prefixados.

Comparando a safra 2013/14 com a 2014/15 a atual tem acréscimo de crédito bancário no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e uma leve redução em Goiás.

Na Região Nordeste a liberação de crédito atendeu as necessidades dos produtores. As principais fontes de recursos foram, principalmente, os agentes financeiros, os fornecedores de insumos, as tradings e o uso de recursos próprios.

Na Região Norte a liberação dos recursos pode ser consideradas normais. Os financiamentos foram, principalmente, das empresas fornecedoras de insumos e das agroindústrias, porém, houve um ingresso de crédito bancário, fato que não ocorreu na safra 2013/14. Na região, grande parte dos agricultores realiza a safra com recursos próprios.

Em Rondônia, no caso do arroz de sequeiro e milho primeira safra nas pequenas propriedades, utilizou-se de recursos próprios. Em áreas maiores, o crédito teve como origem as "casas de lavouras" e cerealistas que fornecem os insumos para o plantio. Esse estado em particular, houve um grande ingresso de recursos bancários (25%).

Em Tocantins pequenos produtores de arroz encontraram dificuldades na liberação de recursos, uma vez que os fornecedores de crédito consideraram a cultura de alto risco.

Na Região Sudeste a liberação do crédito atendeu a procura dos produtores. Pode-se destacar que diversas alternativas foram utilizadas para o financiamento da safra. A comercialização antecipada, seja por adiantamento de recursos ou através da prefixação dos preços, foi uma das fontes utilizadas pelos produtores. Foi observado também a utilização de recursos oriundos dos agentes financeiros e a troca de insumos para pagamento na colheita, em espécie ou produto.

Na Região Sul a liberação de crédito pode ser considerada dentro da normalidade e em tempo hábil para uso correto pelos produtores.

Fontes de financiamentos da safra 2014/15

O crédito é uma variável fundamental no processo produtivo e a sua origem pode, em parte, explicar a conjuntura agrícola e os seus reflexos na comercialização agropecuária, no abastecimento e na segurança alimentar e nutricional.

A Conab realizou pesquisa subjetiva para obter informações a respeito das fontes de financiamentos que são utilizadas pelos produtores no plantio, para as culturas de milho e soja. As informações coletadas geraram três fontes de financiamento:

1. Agentes financeiros - que obedecem as regras estabelecidas no Manual de

Crédito Rural (MCR), elaborado pelo Banco Central do Brasil.

2. Fornecedores de insumos - pode ser caracterizado pelas agroindústrias, revendedores de insumos para o cultivo, as cooperativas e organizações onde se observa a troca de insumos por grãos a serem entregues por ocasião da colheita com preços prefixados.

3. Recursos próprios para financiamento da produção.

Tabela 5 - Percentual de obtenção de crédito de custeio para a cultura do milho

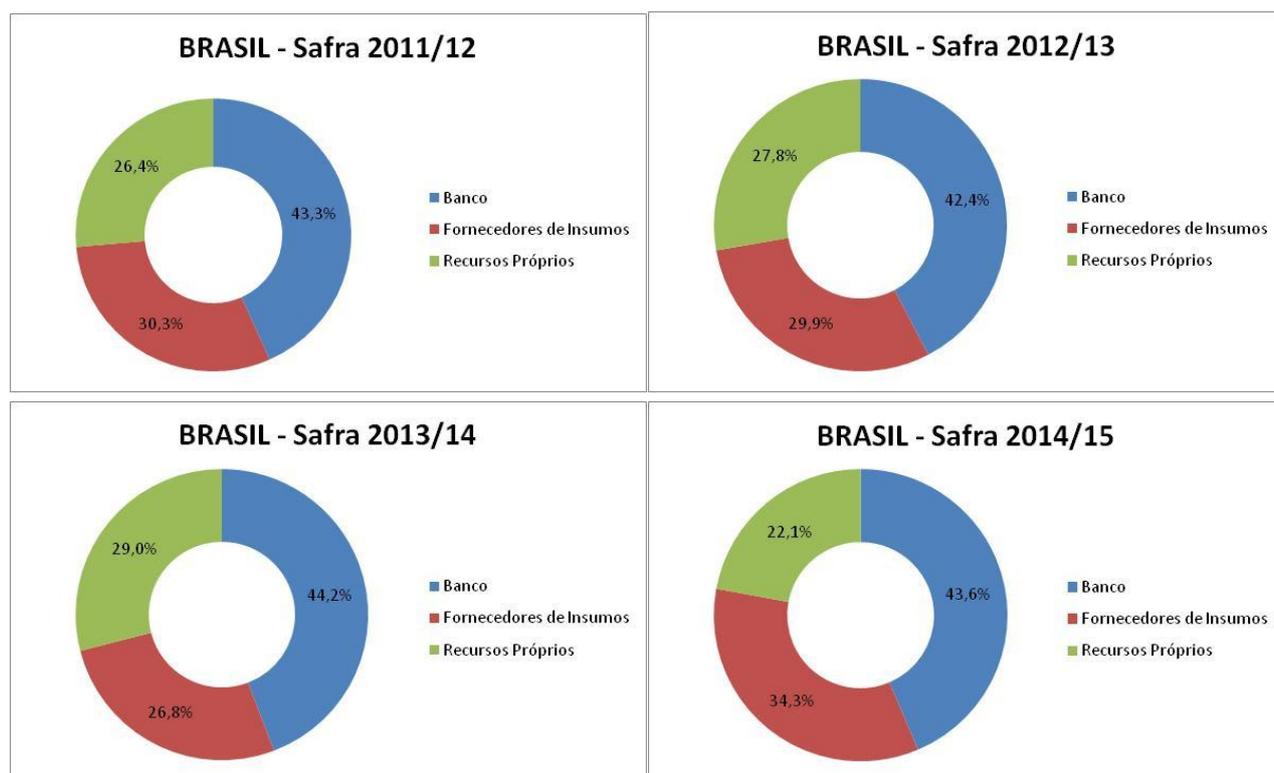
UF	FINANCIAMENTO/CRÉDITO											
	Banco				Fornecedores de Insumos				Recursos Próprios			
	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Safra 14/15
(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(i)	(j)	(k)	(l)	
RO	5,0%	5,0%	0,0%	25,0%	80,0%	80,0%	0,0%	50,0%	15,0%	15,0%	0,0%	25,0%
MA	64,0%	62,0%	0,0%	50,7%	20,0%	20,0%	0,0%	0,0%	16,0%	18,0%	0,0%	49,3%
TO	50,0%	38,0%	35,3%	54,6%	31,0%	42,0%	12,6%	20,0%	19,0%	20,0%	52,1%	25,4%
PI	75,0%	75,0%	50,0%	35,0%	10,0%	10,0%	30,0%	40,0%	15,0%	15,0%	20,0%	25,0%
BA	0,0%	0,0%	0,0%	45,0%	0,0%	0,0%	0,0%	15,0%	0,0%	0,0%	0,0%	40,0%
MT	19,0%	20,0%	15,2%	22,9%	44,0%	43,0%	54,4%	56,7%	37,0%	37,0%	30,4%	20,4%
MS	42,0%	46,0%	40,1%	43,9%	43,0%	38,0%	37,8%	35,5%	15,0%	16,0%	22,1%	20,6%
GO	46,0%	48,0%	75,0%	58,7%	23,0%	22,0%	14,0%	22,0%	31,0%	30,0%	11,0%	19,3%
MG	50,0%	50,0%	55,3%	47,8%	26,0%	27,0%	24,3%	33,7%	24,0%	23,0%	20,4%	18,5%
SP	55,0%	55,0%	51,7%	59,2%	25,0%	25,0%	25,6%	22,5%	20,0%	20,0%	22,7%	18,3%
PR	46,0%	45,0%	38,5%	45,6%	23,0%	20,0%	22,0%	26,3%	31,0%	35,0%	39,5%	28,1%
SC	54,0%	53,0%	58,3%	57,9%	32,0%	33,0%	25,0%	23,9%	14,0%	14,0%	16,7%	18,2%
RS	61,0%	60,0%	77,0%	77,8%	25,0%	25,0%	16,0%	16,3%	14,0%	15,0%	7,0%	5,9%
BRASIL	43,3%	42,4%	44,2%	43,6%	30,3%	29,9%	26,8%	34,3%	26,4%	27,8%	29,0%	22,1%

Fonte: Conab

As informações das fontes de financiamentos são das safras 2011/12, 2012/13, 2013/14 e 2014/15, o que oferece a possibilidade de entender onde o produtor vai buscar os recursos para custear a sua lavoura. Em média, observa-se que os créditos oriundos das instituições financeiras são a maioria, 43,6%. Em seguida, os fornecedores de insumos se apresentam como uma fonte segura de crédito. Por fim, a utilização de recursos próprios, mesmo que tenha sido menos utilizado na atual safra, tem um percentual que chama a atenção pela sua dimensão, 22,1%.

Observando as quatro safras, pode-se concluir que há uma estabilidade no uso de crédito bancário, uma troca entre a utilização dos recursos próprios pelos recursos dos fornecedores de insumos e que há uma maior participação do último no fomento das lavouras nas safras mais recentes.

Figura 2: Gráficos com a evolução do financiamento das safras de milho referente à fonte de recursos



Fonte: Conab.

Analisando as informações da Região Centro-Oeste, observa-se que em Mato Grosso o uso de recursos de fornecedores de insumos é superior às demais fontes, bem acima da média nacional. Na safra passada a fonte de recursos próprios foi superior àquela oriunda dos agentes financeiros o que não se refletiu na safra que finda. Por outro lado houve acréscimo no uso de recursos bancários, próprios e dos fornecedores de insumos.

Em Goiás pode-se perceber que nesta safra houve aumento dos percentuais na fonte de recursos próprios, porém não chegou ao patamar das safras 2011/12 e 2012/13, quando essa fonte de financiamento representava aproximadamente 30%. Reduziu-se a participação dos recursos bancários e aumentou significativamente a participação dos fornecedores de insumos no financiamento da safra.

Em Mato Grosso do Sul, o que aumenta na safra 2013/14 é o uso de recursos próprios e se observa a redução dos financiamentos pelo setor bancário.

Na Região Norte as informações de Tocantins nos apresentam com forte queda na utilização dos financiamentos oriundos dos fornecedores de insumos e aumento no uso de recursos próprios.

No Piauí, único com pesquisa completa na Região Nordeste, observa-se o aumento do uso de recursos de fornecedores e de recursos próprios para o plantio da safra 2013/14 manteve-se na safra 2014/15. Houve redução na fonte de bancos no financiamento agrícola e o financiamento próprio manteve-se no mesmo patamar da safra 2013/14.

Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo apresentam pequenas alterações no percentual de uso de recursos das três fontes de financiamento, com destaque para os financiamentos pelos fornecedores de insumos em Minas Gerais, que subiu para 33,7%, ante os 24,3% na safra anterior.

Na Região Sul a fonte de recursos tem se mantido constante, sem alterações significativas. No Paraná houve pequeno acréscimo no financiamento bancário e no financiamento pelos fornecedores de insumos, em detrimento ao financiamento através de recursos dos próprios produtores.

Em Santa Catarina observa-se que na safra atual há redução do uso de recursos da fonte do sistema financeiro e dos fornecedores de insumos financiamento próprio, com aumento da utilização de recursos próprios.

No Rio Grande do Sul o uso de recursos das instituições financeiras mantém estável, próximo a 77% dos recursos. A mesma tendência também é encontrada quando se analisa os recursos dos fornecedores de insumo e na utilização de recursos próprios.

Soja

A soja é a principal *commodity* agrícola do Brasil na atualidade. Talvez por isso, em média, observa-se que os créditos oriundos das instituições financeiras alcançam quase 50% do total financiado para as lavouras da oleaginosa. Os fornecedores de insumos se apresentam como uma fonte segura de crédito para os produtores e manteve-se estável nas duas últimas safras. A utilização de recursos próprios teve percentual de participação reduzido quando comparado com a safra anterior.

Tabela 6 - Percentual de obtenção de crédito de custeio para a cultura da soja

UF	FINANCIAMENTO/CRÉDITO											
	Banco				Fornecedores de Insumos				Recursos Próprios			
	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Safra 14/15
(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(i)	(j)	(k)	(l)	
RO	20,0%	20,0%	20,0%	20,0%	60,0%	60,0%	60,0%	60,0%	20,0%	20,0%	20,0%	20,0%
MA	25,0%	20,0%	0,0%	34,4%	65,0%	70,0%	0,0%	61,1%	10,0%	10,0%	0,0%	4,5%
TO	37,0%	32,0%	49,5%	39,8%	46,0%	60,0%	34,8%	51,7%	17,0%	8,0%	15,7%	8,5%
PI	70,0%	70,0%	50,0%	35,0%	20,0%	20,0%	30,0%	40,0%	10,0%	10,0%	20,0%	25,0%
BA	0,0%	0,0%	0,0%	40,0%	0,0%	0,0%	0,0%	50,0%	0,0%	0,0%	0,0%	10,0%
MT	23,0%	23,0%	23,1%	27,4%	47,0%	46,0%	51,2%	45,9%	30,0%	31,0%	25,7%	26,7%
MS	42,0%	46,0%	39,4%	44,9%	44,0%	40,0%	37,1%	34,4%	14,0%	14,0%	23,5%	20,7%
GO	52,0%	52,0%	57,0%	65,2%	30,0%	31,0%	32,0%	25,4%	18,0%	17,0%	11,0%	9,4%
MG	32,0%	33,0%	35,3%	32,9%	46,0%	45,0%	47,3%	54,2%	22,0%	22,0%	17,4%	12,9%
SP	59,0%	63,0%	54,7%	62,9%	29,0%	23,0%	27,7%	25,5%	12,0%	14,0%	17,6%	11,6%
PR	49,0%	46,0%	45,6%	48,7%	20,0%	21,0%	19,9%	24,6%	31,0%	33,0%	34,5%	26,7%
SC	48,0%	46,0%	50,0%	46,4%	35,0%	36,0%	29,1%	32,0%	17,0%	18,0%	20,9%	21,6%
RS	52,0%	51,0%	57,0%	83,4%	32,0%	32,0%	23,0%	8,9%	16,0%	17,0%	20,0%	7,7%
BRASIL	41,1%	40,6%	43,5%	48,4%	35,6%	35,5%	32,3%	32,2%	23,3%	23,8%	24,2%	19,4%

Fonte: Conab

Analisando as informações da Região Centro-Oeste observa-se que em Mato Grosso o uso de recursos de fornecedores de insumos é superior às demais fontes, assim como ocorreu na safra passada, porém com uma queda percentual de 51,2% para 45,9%. A fonte de recursos próprios manteve-se estável, sem alterações significativas, e a participação dos bancos teve acréscimo de 4,3% em relação à safra passada.

Em Goiás a ampla maioria do financiamento da lavoura de soja provém das instituições financeiras. Comparando com a safra 2013/14 passou de 57% para 65,2% na safra atual. Em virtude deste avanço reduziu-se a participação dos fornecedores de

insumo e do investimento próprio nas lavouras de soja em Goiás.

A mesma tendência é observada em Mato Grosso do Sul, porém há uma maior participação dos fornecedores de insumo e dos recursos próprios no financiamento da lavoura de soja sul-mato-grossense.

Na Região Norte as informações de Tocantins nos apresentam com forte queda na utilização dos recursos próprios e da participação bancária para a implantação das lavouras. Em contrapartida o financiamento das lavouras pelos fornecedores de insumos passou de 34,8% na safra 2013/14 para 51,7% na safra 2014/15.

O mesmo ocorre no PiauÍ, onde houve aumento do uso de recursos de fornecedores de insumos de 30% para 40%, quando se compara as duas últimas safras. Aumentou também a utilização de recursos próprios para o plantio da safra, com razoável perda percentual na fonte de bancos no financiamento agrícola.

Em Minas Gerais apresenta um aumento da participação dos fornecedores de insumos no financiamento das lavouras, enquanto a participação das instituições financeiras e dos recursos próprios teve redução.

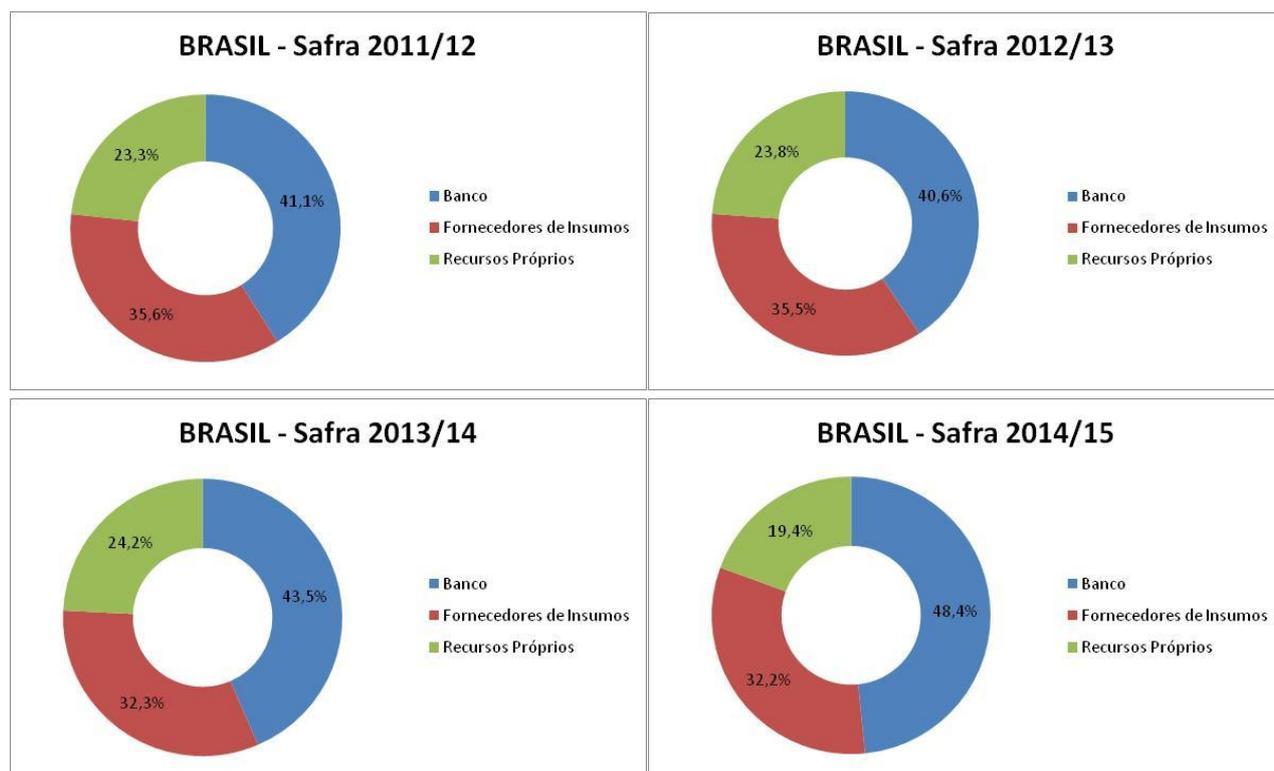
Em São Paulo o que prevalece é a utilização dos financiamentos bancários. Nesta safra há uma pequena redução no uso do crédito próprio e daquele oriundo dos fornecedores de insumos.

As fontes de recursos para o plantio têm se mantido constante no Paraná, mas há um pequeno aumento no uso dos recursos provenientes de instituições bancárias e dos fornecedores de insumos próprios, sendo que a participação dos recursos próprios para a implantação das lavouras foi menor do que na safra 2013/14.

Em Santa Catarina, observa-se uma estabilidade no cenário do financiamento das lavouras, onde há pouca variação entre as fontes financiadoras. A menor variação ocorre na aplicação dos recursos próprios. Com uma leve redução da participação do sistema bancário, houve um leve acréscimo na participação no financiamento das lavouras dos fornecedores de insumos.

No Rio Grande do Sul o uso de recursos das instituições financeiras é a principal fonte de financiamento da safra agrícola, alcançando 83,4% dos recursos para a lavoura de soja. Na presente safra observa-se uma grande redução da participação dos fornecedores de insumos, passando de 23% para 8,9%. No mesmo sentido o financiamento com recursos próprios passou de 20% para 7,7% na atual safra.

Figura 3: Gráficos com a evolução do financiamento das safras de soja referente à fonte de recursos



Fonte: Conab.

O crédito rural em 2015

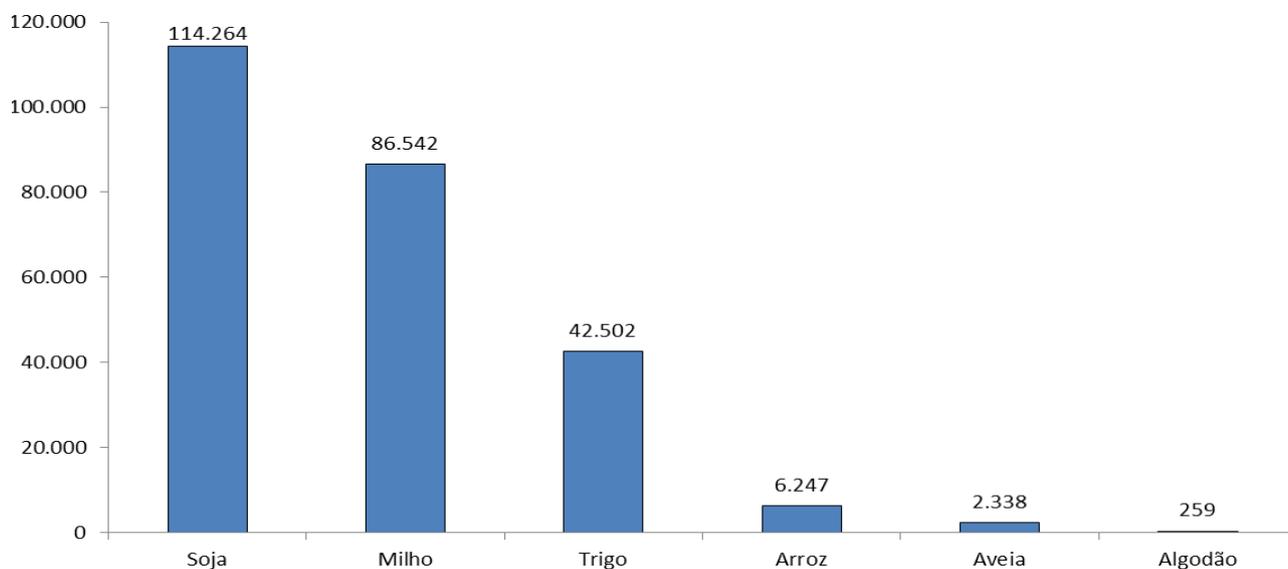
Tabela 7 – Financiamento concedido à lavoura por região e programa (janeiro a agosto de 2015)

Região	Programa	Qtde de Contratos							
		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Junho	Julho	Agosto
Centro-Oeste	Pronaf	219	208	480	243	127	157	204	600
	Pronamp	320	314	219	117	125	203	1.890	1.483
	Sem Vinc. Espec.	914	849	600	485	775	1.314	4.199	3.378
Nordeste	Pronaf	1.657	1.588	3.108	3.938	4.411	2.014	554	554
	Pronamp	82	93	153	253	268	198	197	231
	Sem Vinc. Espec.	206	192	468	368	453	770	714	740
Norte	Pronaf	234	167	190	180	175	270	116	156
	Pronamp	19	38	24	20	9	24	175	146
	Sem Vinc. Espec.	46	41	48	36	65	179	337	276
Sudeste	Pronaf	6.363	4.369	5.114	3.827	4.393	3.931	2.083	3.347
	Pronamp	1.406	903	1.123	804	1.149	1.496	1.882	2.883
	Sem Vinc. Espec.	2.666	2.065	2.398	2.691	3.963	5.424	3.746	5.251
Sul	Pronaf	7.720	7.499	8.162	12.461	13.327	7.127	38.062	82.879
	Pronamp	2.052	2.032	2.557	3.107	3.234	7.750	9.986	11.585
	Sem Vinc. Espec.	930	1.303	1.725	2.297	3.254	10.388	23.875	20.545
Total		24.834	21.661	26.369	30.827	35.728	41.245	88.020	134.054

Região	Programa	Valor I - Contratado								Total Qtde Contratos	Total Valor I - Contratado
		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Junho	Julho	Agosto		
Centro-Oeste	Pronaf	6.462	5.109	12.306	6.299	5.187	6.850	11.065	27.628	2.238	80.907
	Pronamp	34.257	34.335	23.823	13.935	19.453	34.307	381.623	257.115	4.671	798.848
	Sem Vinc. Espec.	323.973	299.537	290.816	319.945	320.716	900.831	2.365.080	1.707.415	12.514	6.528.314
Nordeste	Pronaf	12.193	12.171	28.142	48.832	53.541	24.377	7.532	7.796	17.824	194.583
	Pronamp	5.719	9.364	18.575	27.100	24.905	25.657	50.889	52.496	1.475	214.704
	Sem Vinc. Espec.	146.319	101.257	132.819	114.693	183.842	865.253	479.981	673.316	3.911	2.697.480
Norte	Pronaf	2.851	2.229	2.853	2.347	2.371	3.612	2.360	3.560	1.488	22.183
	Pronamp	2.034	5.446	3.016	2.870	1.361	5.111	44.811	36.313	455	100.961
	Sem Vinc. Espec.	12.669	13.580	29.625	19.296	54.075	122.161	198.497	160.059	1.028	609.962
Sudeste	Pronaf	100.843	78.316	93.554	71.586	87.918	84.251	49.027	78.034	33.427	643.531
	Pronamp	154.658	87.483	95.104	73.261	117.900	163.041	227.890	320.451	11.646	1.239.788
	Sem Vinc. Espec.	514.866	366.899	392.817	334.804	654.216	1.058.928	872.806	946.214	28.204	5.141.550
Sul	Pronaf	136.809	148.868	174.333	271.584	298.440	151.644	769.362	1.519.537	177.237	3.470.577
	Pronamp	148.308	137.924	178.085	212.252	263.753	344.263	1.107.855	1.109.477	42.303	3.501.917
	Sem Vinc. Espec.	150.725	184.942	295.073	321.012	442.774	626.259	1.698.329	1.649.242	64.317	5.368.356
Total		1.752.685	1.487.460	1.770.943	1.839.815	2.530.454	4.416.544	8.267.107	8.548.652	402.738	30.613.660

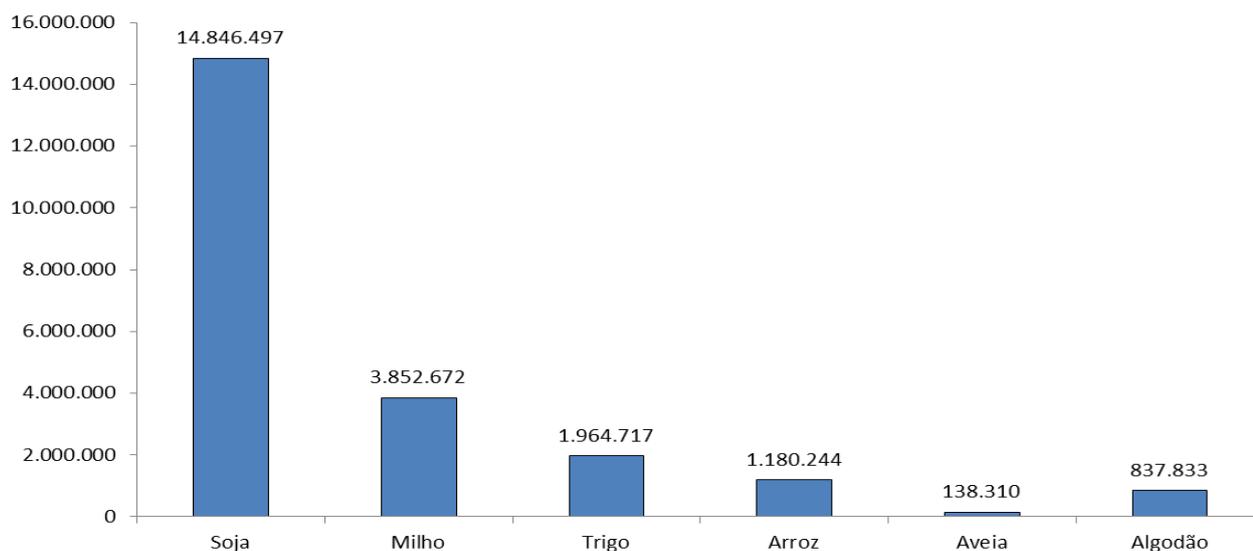
Fonte: Bacen.

Gráfico 4 – Quantidade de contratos (janeiro a agosto de 2015)



Fonte: Bacen; Conab,* com possíveis alterações contratuais em valor e quantidade, dados coletados mês a mês.

Gráfico 5 – Relação de valores contratos (janeiro a agosto de 2015)



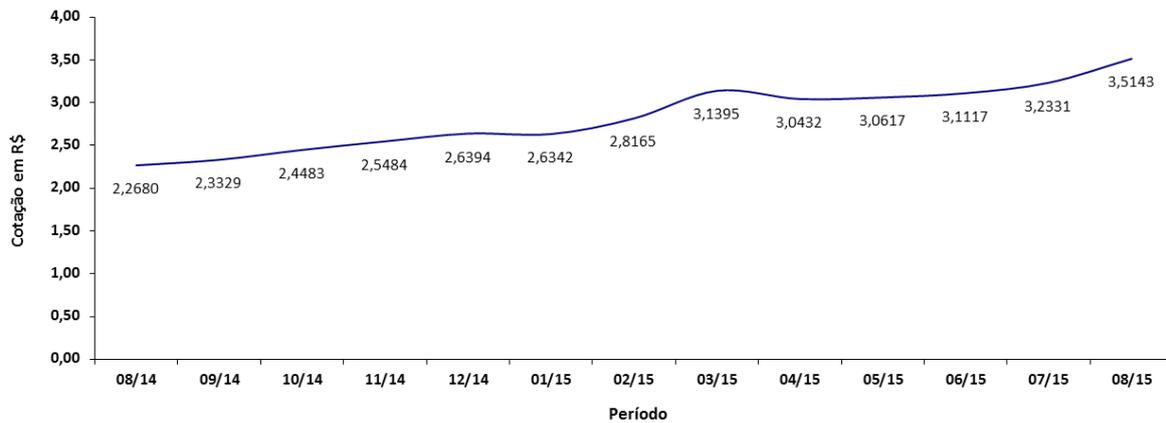
Fonte: Bacen; Conab,* dados atualizados 05/08/2015.

Nota: Dados atualizados em 05/08/2015

7. Câmbio

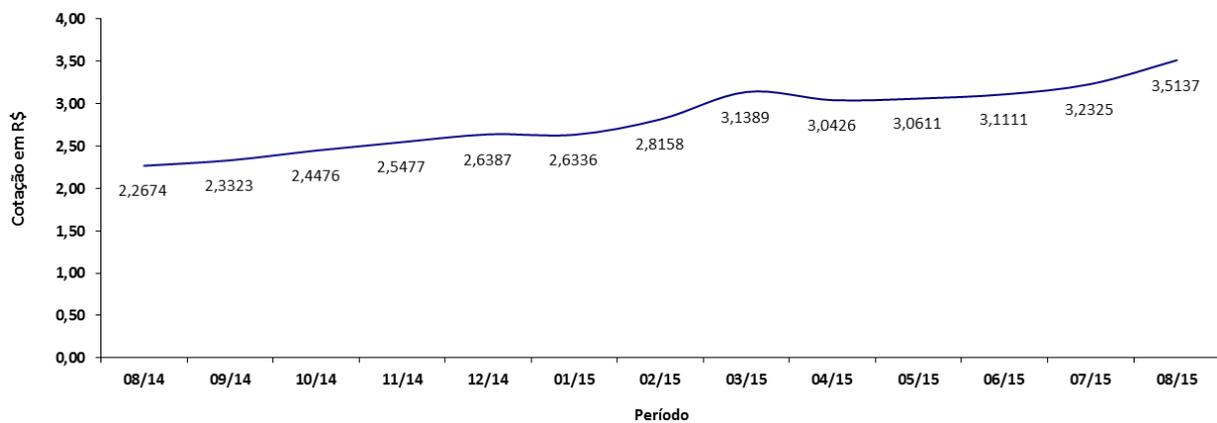
O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco, as commodities agrícolas. Abaixo, as cotações de compra e venda do dólar americano no período de agosto de 2014 a agosto de 2015.

Gráfico 6 – Câmbio dólar – Venda



Fonte: Bacen.

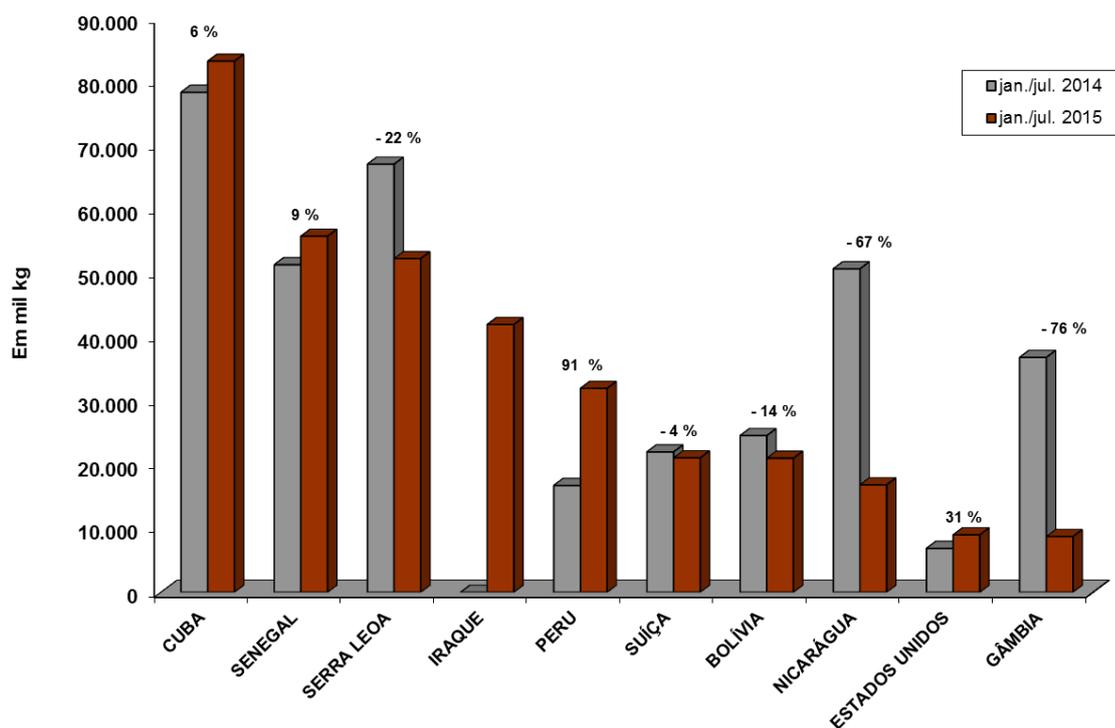
Gráfico 7 – Câmbio dólar – Compra



Fonte: Bacen.

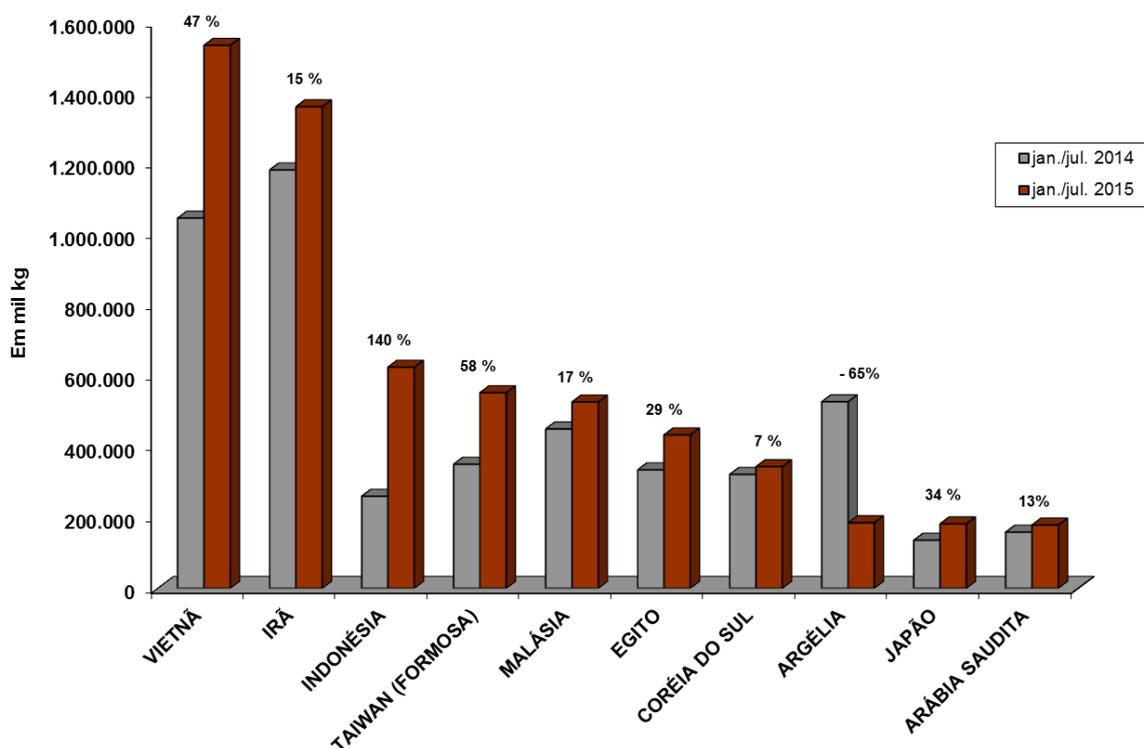
8. Exportações de arroz, milho, complexo soja e importação de trigo

Gráfico 8 – Exportação brasileira de arroz – Principais países importadores



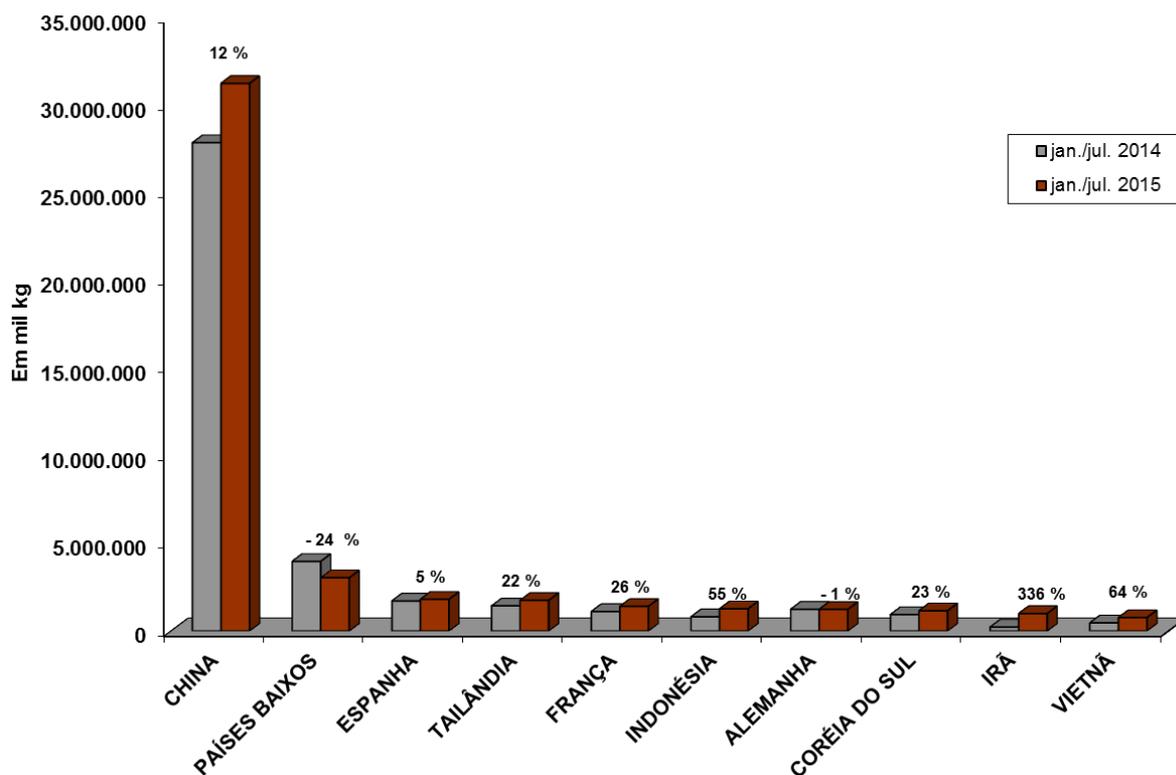
Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.

Gráfico 9 - Exportação brasileira de milho – Principais países importadores



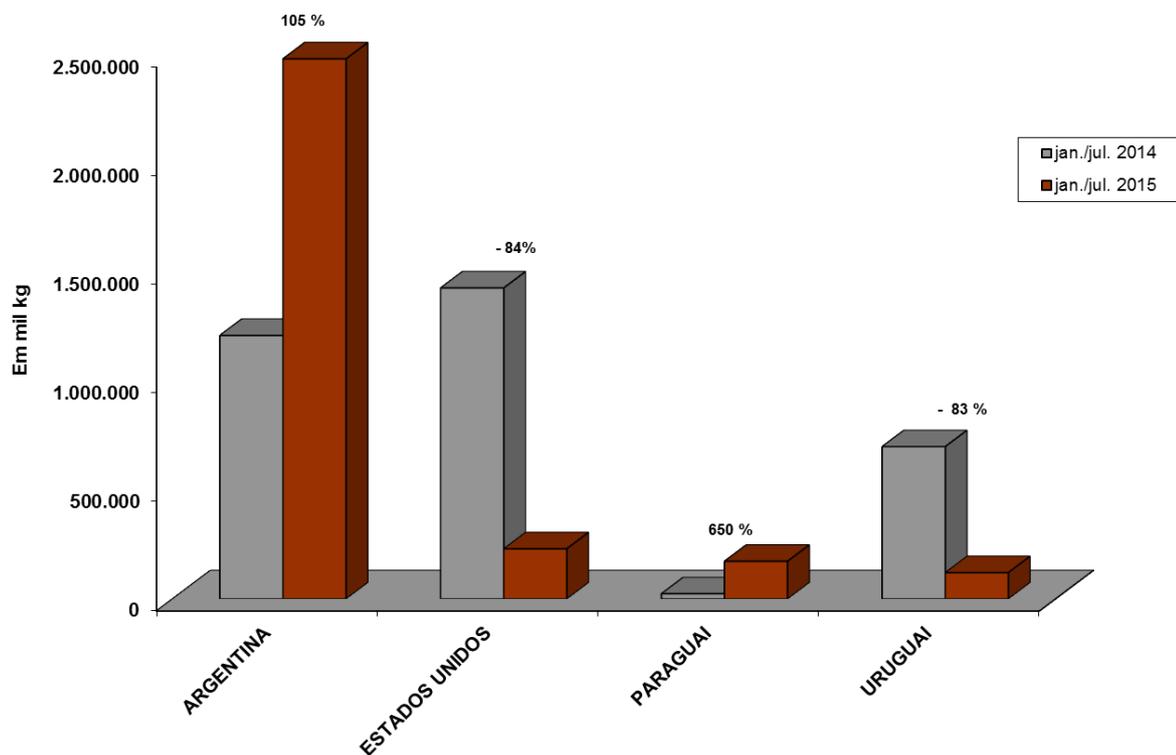
Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.

Gráfico 10 - Exportação brasileira do complexo soja – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.

Gráfico 11 - Importação brasileira de trigo – Principais países exportadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.

9. Monitoramento agrícola: culturas de verão, de segunda safra e de inverno (safra 2014/15) – Setembro de 2014 a agosto de 2015

O monitoramento agrícola, realizado quinzenalmente pela Companhia e divulgado nos boletins de acompanhamento de safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola - BMA (<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2>), constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agronômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas por meio do monitoramento agrometeorológico e espectral e os resultados são apresentados de forma resumida nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, nos capítulos referentes à análise das culturas (boletins de acompanhamento de safra) e no capítulo do BMA referente às condições hídricas gerais. Os recursos técnicos utilizados têm origem em quatro fontes de dados: a) imagens de satélites da última quinzena e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)¹ das lavouras; b) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; c) dados de campo; e d) mapeamentos das áreas de cultivo.

O monitoramento atual foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção na última quinzena. As culturas monitoradas foram as seguintes: algodão, feijão, milho, soja, sorgo, girassol, trigo, aveia e cevada.

9.1. Mapeamentos da safra 2014/15

9.1.1. Arroz irrigado

Foram realizados mapeamentos do arroz irrigado nos principais estados produtores do país (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Tocantins), que representam mais de 80% da produção nacional. O objetivo principal dos mapeamentos é auxiliar a estimativa da área plantada, mas eles também são utilizados nas análises sobre a produtividade das lavouras. O conhecimento da localização geográfica das lavouras, assim como, da sua evolução ao longo dos anos safra, também possibilita a realização de outros estudos, como os relacionados ao uso e à ocupação do solo, à demanda hídrica por irrigação e aos impactos ambientais decorrentes da sistematização das áreas e do uso de agrotóxicos.

Para o mapeamento das áreas cultivadas nesses três estados foram utilizadas imagens gratuitas de média e alta resolução espacial e observações em campo. Essas observações contribuíram tanto para o início dos mapeamentos quanto para as suas correções, aproximando-os o mais perto possível das áreas reais e gerando estimativas objetivas das áreas efetivamente plantadas em cada estado. Através da confirmação em campo de pontos sorteados aleatoriamente, já foi possível, ainda, calcular a acurácia dos mapeamentos de Santa Catarina e do Tocantins, validando-os ao nível de estado.

No Rio Grande do Sul já foram realizados mapeamentos das safras 2005/06,

¹ Índice que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota Técnica do BMA).

2012/13, 2013/14 e 2014/15. O primeiro, em função dos recursos disponíveis na época, serviu para mostrar o potencial da tecnologia, sem, no entanto, influenciar diretamente o levantamento de safra do período. Os mapeamentos seguintes foram feitos em parceria com o Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga) e foram verificados em campo na maioria das regiões produtoras. Do mapeamento da safra 2012/13 ao da safra 2014/15 houve evoluções tanto nas imagens de satélite utilizadas quanto na metodologia e, de acordo com as observações de campo, os resultados estão cada vez mais próximos da realidade.

Já em Santa Catarina e no Tocantins, os primeiros mapeamentos realizados são da safra 2014/15 e os resultados dos mapeamentos ficaram bem próximos do levantamento subjetivo. Em Santa Catarina, a verificação de algumas áreas e a confirmação de pontos sorteados aleatoriamente em campo foram feitos com o auxílio dos técnicos da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri). Em Tocantins, também houve verificação do mapeamento in loco, com a participação de escritórios de assistência técnica locais.

Atualmente, os mapeamentos do arroz irrigado têm dado embasamento aos números das estimativas subjetivas. Como são confeccionados com dados obtidos de forma objetiva, através de imagens de satélite e confirmações em campo, além de serem validados espacialmente por métodos específicos com base em conhecimentos de técnicos das áreas, é possível se obter resultados com uma excelente acurácia. As Figuras 4 a 6 mostram as áreas mapeadas em cada um dos três estados.

Figura 4 - Mapeamento do arroz irrigado no Rio Grande do Sul - Safra 2014/15

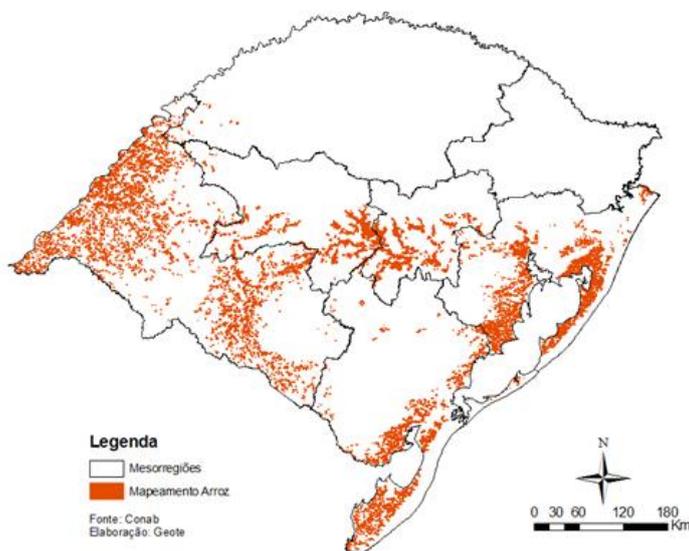
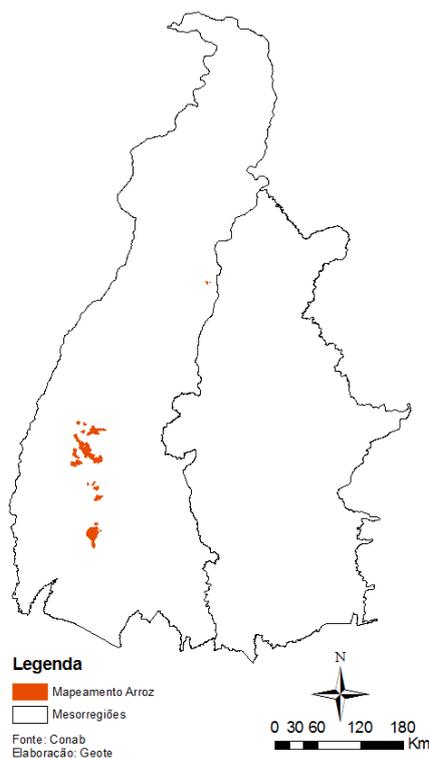


Figura 5 - Mapeamento do arroz irrigado em Santa Catarina- Safra 2014/15



Figura 6 - Mapeamento do arroz irrigado em Tocantins - Safra 2014/15



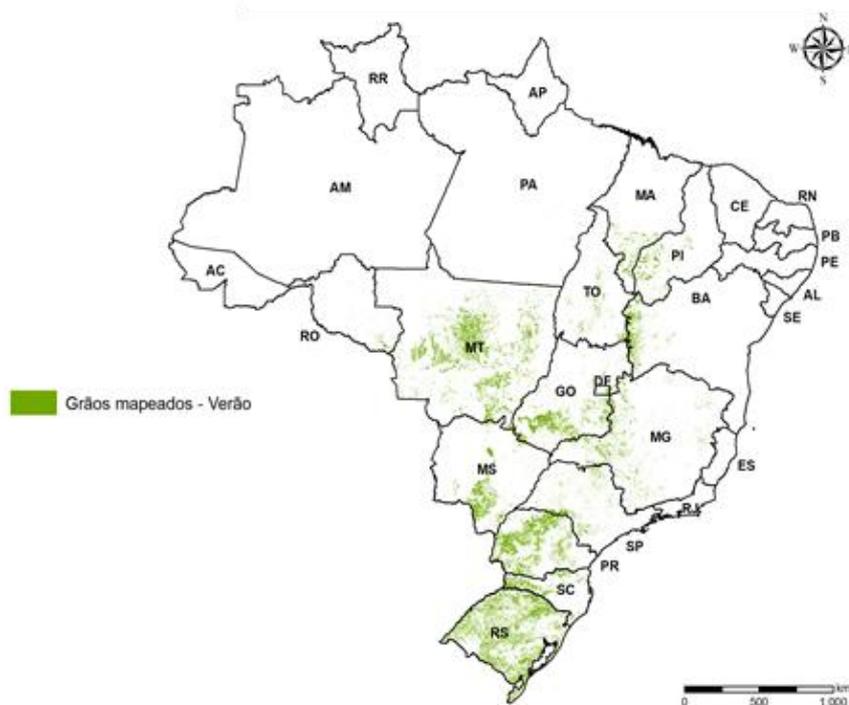
9.1.2. Culturas de verão e de segunda safra

Para auxiliar a estimativa de área plantada e subsidiar o monitoramento agrícola, a Conab também gerou máscaras de cultivo das culturas de verão e de segunda safra nos principais estados produtores. Essas máscaras são geradas com sensores de baixa resolução espacial e não há distinção entre as diferentes culturas de verão, ex.: milho primeira safra e soja, e de segunda safra, ex.: milho segunda safra e sorgo.

A análise de consistência das máscaras é feita pelo coeficiente de correlação entre a série histórica dos resultados dos mapeamentos e dos levantamentos subjetivos. Além

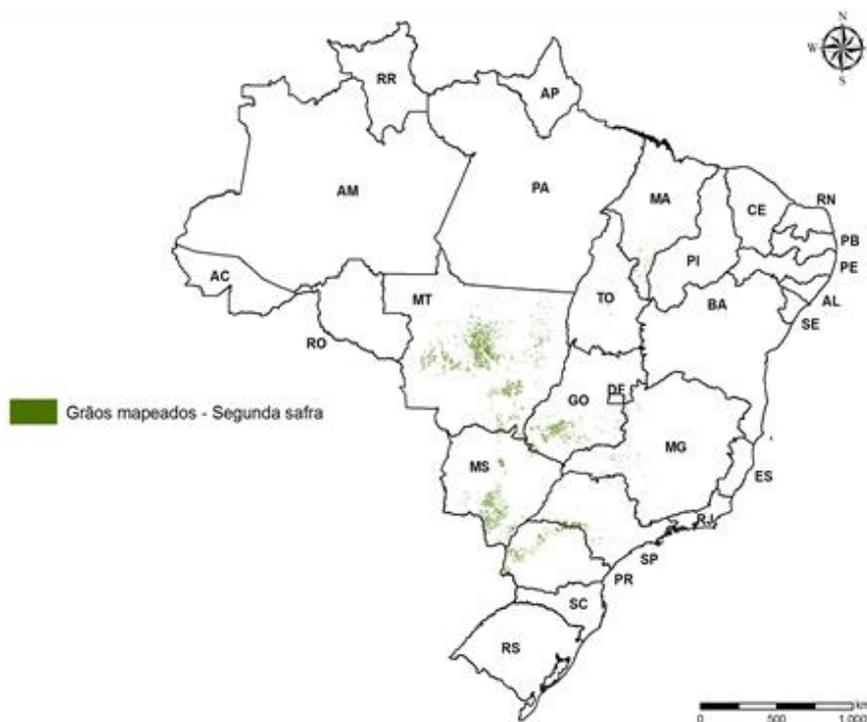
disso, as máscaras são verificadas espacialmente através de verificações pontuais em campo e comparações com mapeamentos específicos realizados com imagens de média e alta resolução espacial.

Figura 7 - Mapeamentos das culturas de verão nos principais estados produtores



Fonte: Conab.

Figura 8 - Mapeamentos das culturas de segunda safra nos principais estados produtores



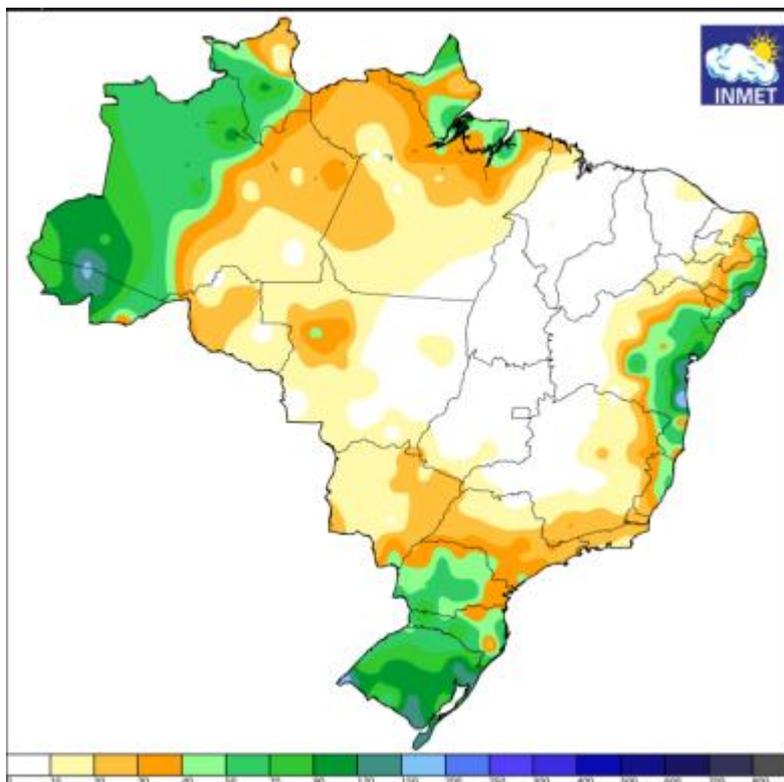
Fonte: Conab.

9.2. Condições meteorológicas recentes²

Nas áreas da Região Nordeste onde o milho segunda safra está se desenvolvendo, o volume acumulado de chuvas durante o mês de agosto foi menor que no mês de julho, porém, com totais próximos a média de chuva do período na maior parte das localidades (Figura 9). No nordeste do estado da Bahia, o acumulado na faixa entre 30 e 90 mm resultou em totais próximos ou acima da média. Em Sergipe, os acumulados na faixa entre 30 e 80 mm foram abaixo da média em praticamente todo o estado. Em Alagoas, os acumulados ficaram entre 30 e 120 mm.

Na Região Sul, onde se desenvolvem as culturas de inverno, diferentemente de julho, a precipitação acumulada em agosto ficou abaixo da média em quase toda a região. Os maiores acumulados foram no Rio Grande do Sul, na faixa entre 50 e 150 mm. Em Santa Catarina e no Paraná, os acumulados foram menores, ficando na faixa entre 30 e 90 mm.

Figura 9 - Precipitação acumulada (em mm) em agosto de 2015



Fonte: Inmet.

9.3. Fenômeno El Niño²

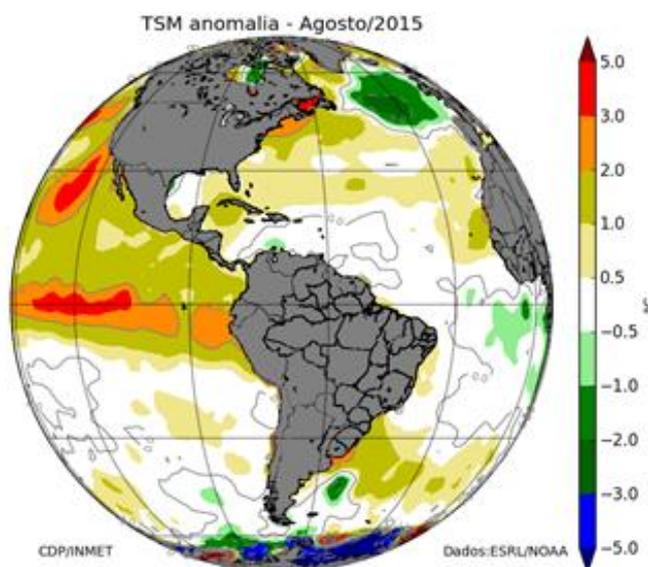
O último levantamento da agência americana National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA) sobre as condições de El Niño – anomalias positivas da temperatura da superfície do mar no Oceano Pacífico Equatorial – indica que o atual fenômeno se intensificou, passando da categoria de fraco para moderado. As anomalias

² Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília.

positivas de temperatura da superfície do mar (TSM) na faixa equatorial do Pacífico permanece em toda a sua extensão com os desvios positivos da TSM que ultrapassaram os 3°C da média histórica nessa faixa do oceano (Figura 10).

Os modelos de previsão de TSM mantêm os prognósticos anteriores, prevendo que as anomalias positivas no Oceano Pacífico podem persistir até o início do próximo ano, porém, os mesmos ainda divergem quanto ao grau de intensidade do fenômeno, com alguns modelos indicando a possibilidade de intensificação, podendo atingir a categoria de forte até dezembro de 2015.

Figura 10 - Anomalia de TSM em agosto de 2015



Fonte: NCEP/NCAR.

Os efeitos típicos no clima do Brasil são a diminuição da precipitação em áreas do Norte e do Nordeste. No Sul, há uma tendência de aumento de precipitação durante a permanência do El Niño, sendo mais comum nos meses de novembro a março. Além das chuvas, a condição de El Niño pode interferir nas temperaturas, que ficam em média um pouco mais elevadas. Essa condição reduz o risco de geadas tardias durante a primavera.

9.4. Prognóstico climático para o trimestre setembro-outubro-novembro/2015³

A maioria dos modelos climáticos, como o estatístico do Inmet, mantém a maior probabilidade de que a precipitação acumulada no trimestre deve ficar dentro da faixa normal ou abaixo na maior parte das Regiões Norte e Nordeste.

Para a Região Sul, os modelos indicam que há uma maior probabilidade de que a precipitação acumulada fique acima ou dentro da faixa normal do trimestre, indicando um padrão climático típico de períodos de El Niño. As previsões também apresentam significativa probabilidade de que parte das Regiões Centro-Oeste e Sudeste, como os estados do Mato Grosso do Sul e São Paulo, fiquem com chuvas dentro da faixa normal

³ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília.

ou acima. No mês de setembro, o volume de chuvas pode ficar acima da média na maior parte das localidades da Região Sul e em algumas localidades do Centro-Oeste e Sudeste.

Quanto às temperaturas, as mesmas devem ficar um pouco acima da média do período, mas isso não descarta a ocorrência de períodos de baixa temperatura por efeito da chegada de massas de ar frio, especialmente na Região Sul.

9.5. Monitoramento agrometeorológico - Série histórica (setembro/2014 – julho/2015)

A série histórica dos monitoramentos agrometeorológicos publicados no período de setembro/2014 a julho/2015 possui como objetivo sua unificação de forma a fornecer um panorama dos eventos meteorológicos ocorridos ao longo da primeira e segunda safra 2014/2015 e da safra 2015 de inverno em andamento. A série histórica é mostrada através de uma tabela e das figuras da condição hídrica geral para o cultivo de grãos nos principais estados produtores divulgadas nesses meses (Figura 12 e Tabela 8).

Na tabela, há indicação das condições de desenvolvimento para as culturas monitoradas nos estados produtores ao longo do ciclo: germinação, desenvolvimento vegetativo, floração e/ou frutificação, maturação e colheita. Caso tenham ocorrido problemas por falta e/ou excesso de chuva, há especificação do mês, fase em que a cultura se encontrava e das regiões onde houve a restrição.

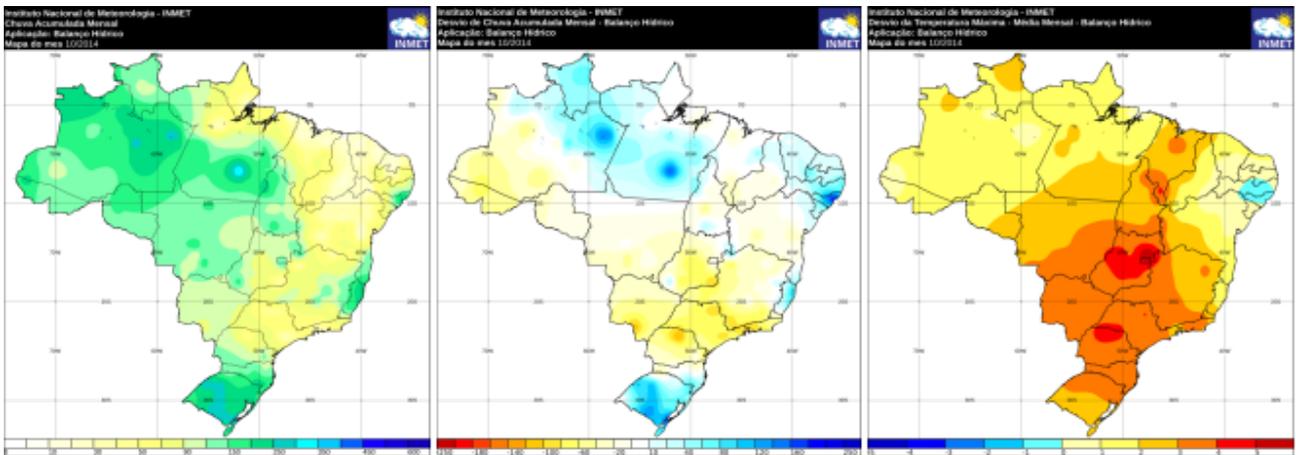
Em relação à primeira safra de milho e de soja na região do MATOPIBA e do Centro-Sul do país, os meses mais críticos foram outubro e janeiro devido à ocorrência de chuvas abaixo e de temperaturas acima da média (Figura 12). Isso resultou no atraso do plantio em outubro em restrições às lavouras em fases críticas em janeiro em partes dessas regiões.

Na região do semiárido do Nordeste brasileiro, o monitoramento agrometeorológico indicou restrição hídrica em diferentes períodos ao longo da safra do feijão e do milho cujo plantio ocorre no primeiro trimestre do ano. Já em relação ao milho e feijão plantado, principalmente, a partir de maio nos estados de Sergipe, Alagoas e região nordeste da Bahia, houve atraso de plantio em maio devido às chuvas abaixo da média (Figura 12).

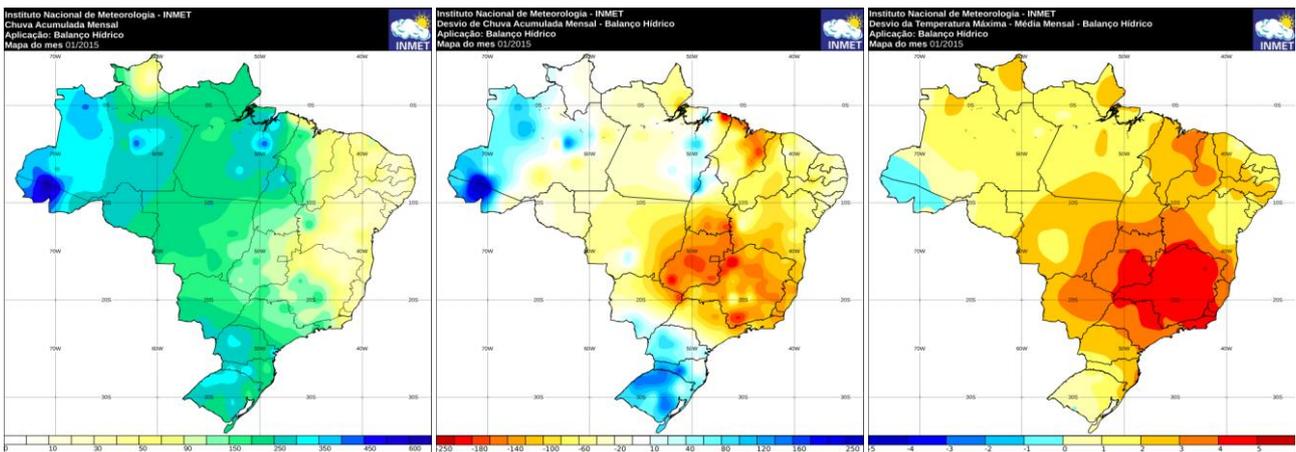
Em relação às culturas de inverno da safra atual, o período mais crítico foi julho devido ao excesso de chuvas que afetaram lavouras em diferentes partes da Região Sul do país (Figura 12).

Figura 11 – Precipitação acumulada, desvio da precipitação e desvio da temperatura máxima – meses mais críticos em relação a adversidades climáticas no período de setembro/2014 a julho/2015

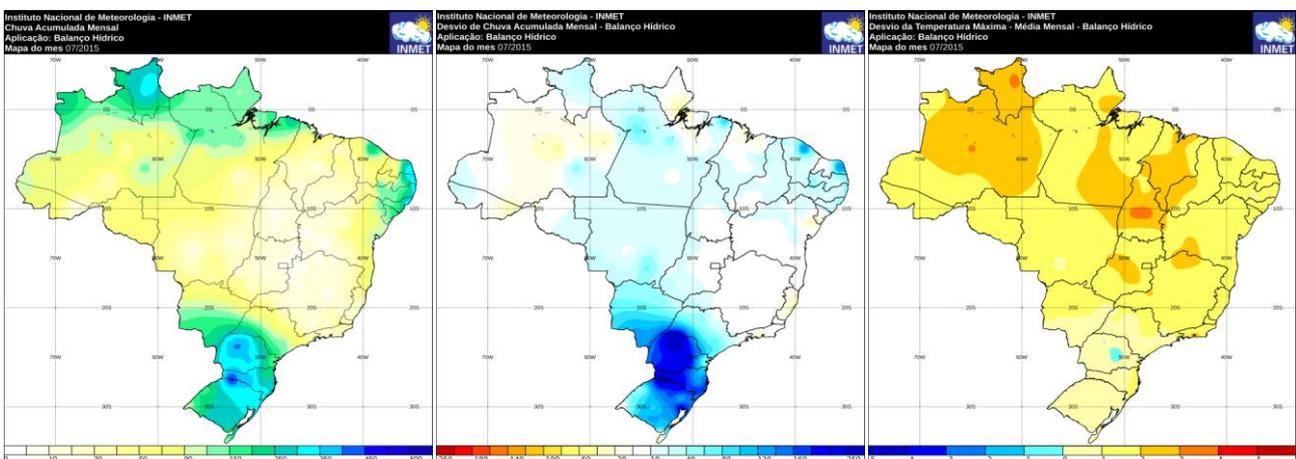
Outubro/2014



Janeiro/2015

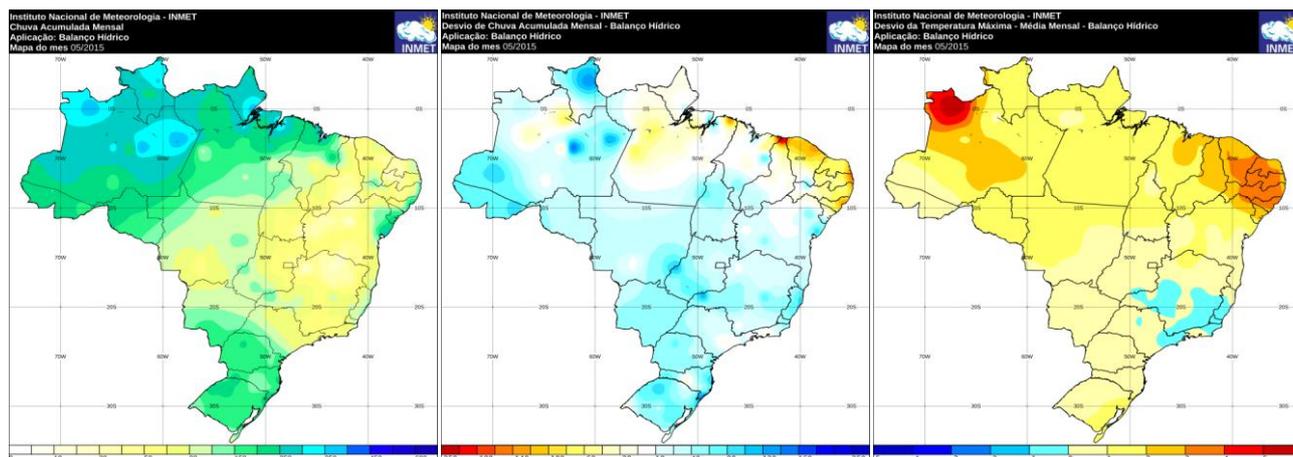


Mai/2015



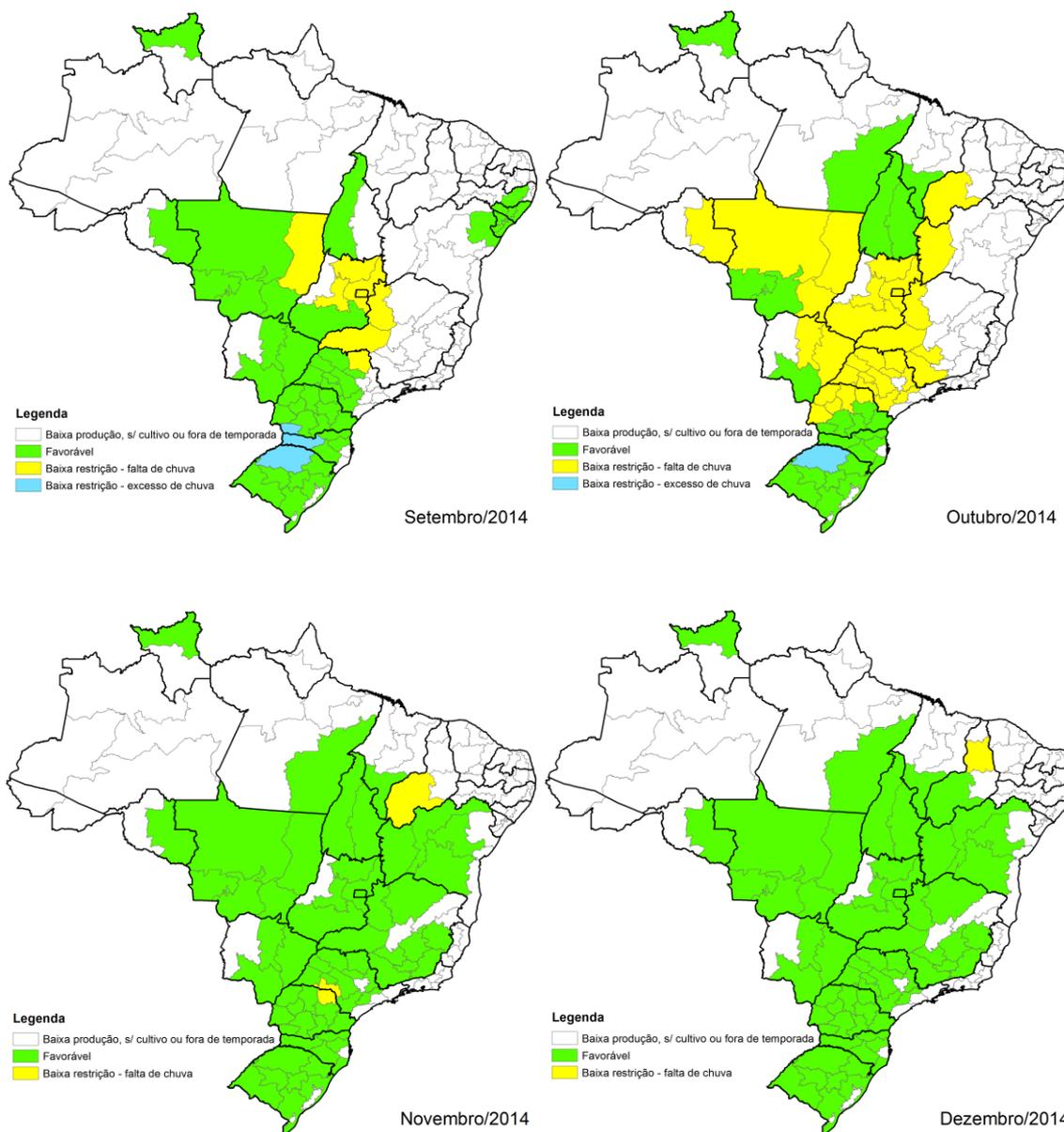
cont.

Julho/2015

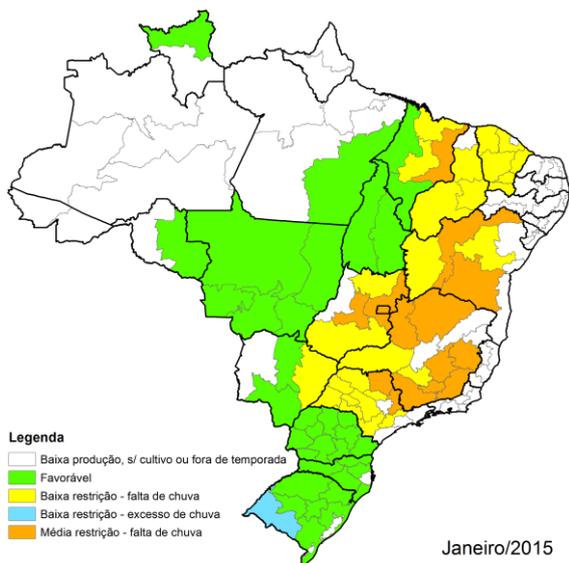


Fonte: Inmet

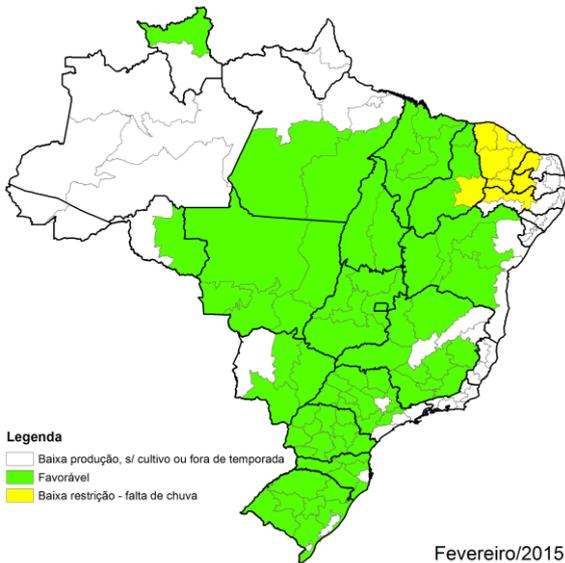
Figura 12 – Condição hídrica geral para o cultivo de grãos nos principais estados produtores do Brasil de setembro de 2014 a julho de 2015



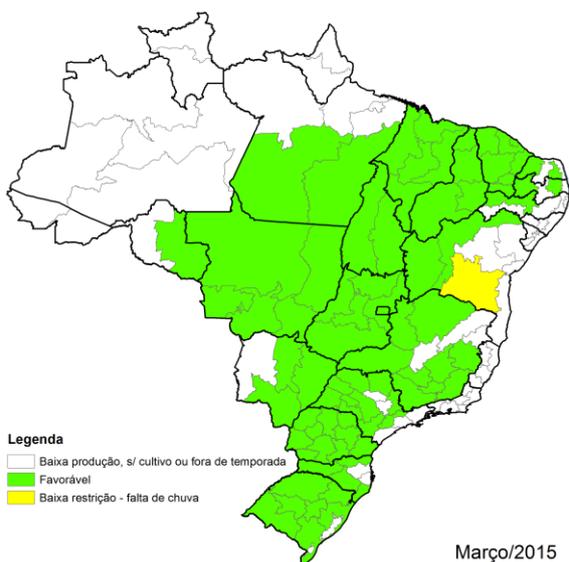
cont.



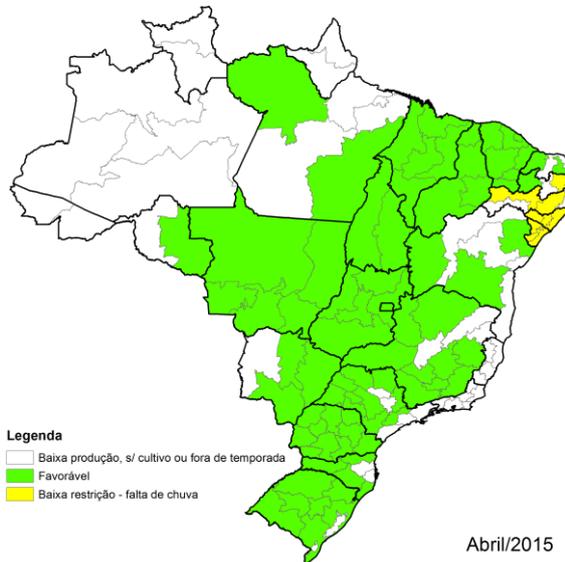
Janeiro/2015



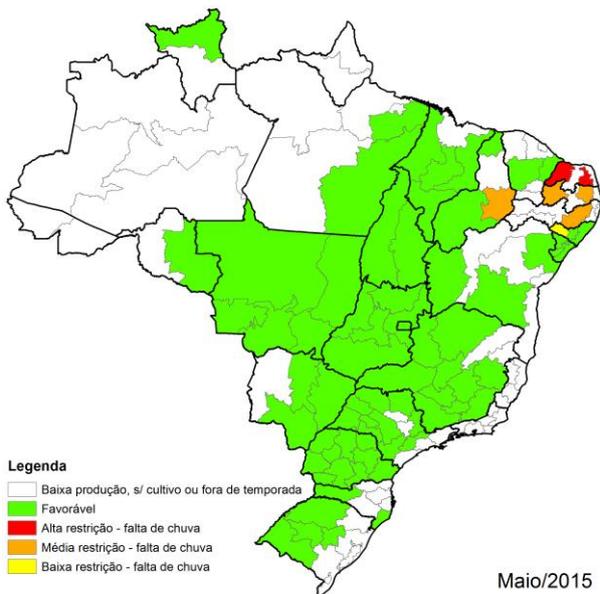
Fevereiro/2015



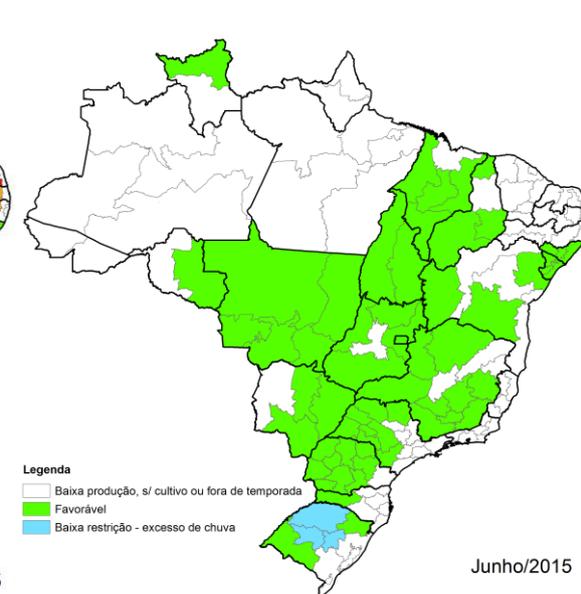
Março/2015



Abril/2015

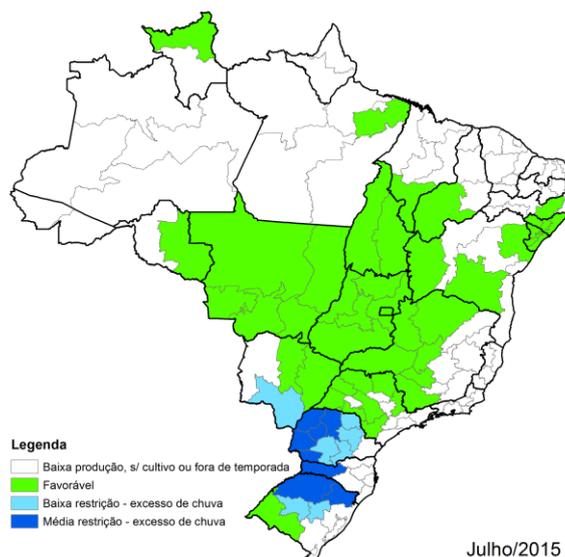


Maió/2015



Junho/2015

cont.



Fonte: Conab.

Tabela 8 – Condições de desenvolvimento das culturas de primeira, segunda safra e inverno no período de setembro/14 a julho/15

Cultura	Condições favoráveis ao longo do ciclo para: G, DV, F, FR, M e C*.	Problemas por excesso de chuva em algum momento do ciclo.	Problemas por falta de chuva em algum momento do ciclo.
Algodão	- TO - MA, PI**, BA** - MG**, SP** - MS**, MT, GO**		- PI – sudoeste: nov (P), jan (F) - BA – centro sul: nov (P)***, jan (F), mar (FR); e oeste: nov (P)***, jan (F) - MG – Triângulo e noroeste: jan (F) - SP – sul: jan (F) - MS – leste: jan (DV/F) - GO – 1ª safra – sul: jan (F)
Amendoim 1ª safra	- TO - MG**, SP** - PR**, RS** - GO	- MG – Triângulo: fev (M/C)***; e mar (M/C)***	- MG – Triângulo: set (PP), out (G/DV), jan (FR) - SP – todo estado: out (G/DV), jan (FR); norte: set (PP); e sul: nov (DV/F) - PR – oeste: out (G/DV), jan (FR)***, nov (G/DV); e noroeste: nov (G/DV)*** - RS – noroeste: nov (DV)***
Amendoim 2ª safra	- SP		
Arroz	- RO, RR (irrig), PA, TO (oeste – irrig)** - MA**, PI** - SC (irrig), RS (irrig)** - MS**, MT**, GO**	- RS: sudoeste: jan (F/FR)	- TO – leste: out (P)***, jan (FR)*** - MA – oeste: jan (G/DV)***; norte, leste e centro: jan (G/DV) - PI – sudoeste: nov (G/DV), jan (FR); e centro-norte: dez (PP), jan (G/DV) - MS – sudoeste: out (G/DV)***, nov (DV)***, jan (FR)*** - MT – norte de MT: set (PP)***, out (G/DV), nov (DV)***, jan (FR)*** - GO – leste: set (PP), out (G/DV), jan (FR)
Feijão 1ª safra	- PI**, BA**, - MG**, SP** - PR**, SC, RS** - GO**, DF**	- MG – Triângulo: fev ©***, mar (M/C)***	- PI – centro-norte: jan (DV/F); sudeste: jan (DV/F), fev (F); e sudoeste: nov (DV), jan (FR) - BA – todo estado: jan (FR); e centro e oeste: nov (DV)*** - MG – todo estado: jan (FR) - SP – sul: nov (FR) - PR – todo estado: out (P/G/DV)***, nov (DV/F)***; e centro-sul: dez (FR) - RS: norte: nov (DV/F)***, dez (FR)***; e centro: nov (DV/F)*** - GO – sul e leste: out (P), jan (FR) - DF – out (P), jan (FR)

<p>Feijão 2ª safra</p>	<ul style="list-style-type: none"> - TO - MA, PI**, CE**, RN**, PB**, PE** - MG, SP - PR, SC, RS - MS, MT, GO 		<ul style="list-style-type: none"> - PI - sudeste: fev (G/DV), abr (F)*** - CE - todo estado: jan (P/G/DV), fev (G/DV); e sul: abr (F/FR)*** - RN - oeste: fev (G/DV), abr (F)***; e Agreste: mai (FR) - PB - Sertão: fev (G/DV), abr (F)***; e Agreste: abr (DV), mai (FR) - PE - Sertão: fev (G/DV), abr (F); e Agreste: mar (P), abr (G/DV)
<p>Feijão 3ª safra</p>	<ul style="list-style-type: none"> - PA, TO (irrig) - PE**, AL**, SE**, BA, - MG (irrig), SP (irrig)** - MT (irrig), GO (irrig), DF (irrig) 		<ul style="list-style-type: none"> - PE - Agreste: abr (DV), mai (F/FR), - AL - todo estado: abr (G); e Sertão: mai (DV/F) - SE - todo estado: abr (G) - SP - sul: jul (FR/M)***
<p>Milho 1ª safra</p>	<ul style="list-style-type: none"> - RO**, PA, TO** - MA**, PI**, CE**, RN**, PB**, PE**, BA** - MG**, SP** - PR**, SC, RS** - GO**, DF** 		<ul style="list-style-type: none"> - RO - leste: out (P) - TO - leste: jan (DV/F)*** - MA - sul: nov (P)***, jan (DV/F)***; e oeste: jan (DV/F)***; - PI - sudoeste: nov (P), jan (DV/F); e sudeste: fev (G/DV), abr (F/FR)***, mai (FR); - CE - todo estado: jan (P), fev (G/DV); e sul: abr (F/FR)*** - RN - oeste: fev (G/DV), abr (DV/F)***, mai (FR); e Agreste: mai (F/FR) - PB - Sertão: fev (G/DV), abr (DV/F)***, mai (FR); e Agreste: abr (G/DV), mai (F/FR) - PE - Sertão: fev (G/DV), abr (DV/F); e Agreste: mar (P), abr (G/DV), mai (F/FR) - BA - oeste: nov (P)***; jan (DV/F); - MG - todo estado: jan (DV/F); e sul: out (P); - SP - todo estado: out (P); jan (F/FR); e sul: nov (P/G/DV) - PR - todo estado: nov (DV/F)***, jan (F/FR)***; norte, leste e oeste: out (P); e sul: out (P)***, dez (F/FR)*** - RS - todo estado: nov (DV/F)***; e noroeste: dez (F/FR)*** - GO - todo estado: out (P), jan (FR); norte: set (PP); e sul: set (PP)*** - DF: set (PP), out (P), jan (FR)
<p>Milho 2ª safra</p>	<ul style="list-style-type: none"> - RO, TO - MA, PI**, PE, AL**, SE, BA - MG**, SP** - PR** - MS**, MT**, GO** 	<ul style="list-style-type: none"> - MG - Triângulo: fev (P)*** - SP - sul: jul (C)*** - PR - norte central: fev (P)***; norte e oeste: jul (C) - MS - sudoeste: jul (C) - MT - centro-sul e sudeste: fev (P)*** - GO - sul: fev (P)*** 	<ul style="list-style-type: none"> - PI - sudoeste: jan (PP) - AL - todo estado: abr (G/DV); e Sertão: mai (F/FR)
<p>Soja</p>	<ul style="list-style-type: none"> - RO**, RR, TO** - MA**, PI**, BA** - MG**, SP** - PR**, SC, RS** - MS**, MT**, GO**, DF** 	<ul style="list-style-type: none"> - MG - Triângulo: fev (C)*** - PR - norte central: fev (C)*** - MT - centro sul e sudeste: fev (C)*** - GO - centro: fev (C)***, sul: fev (C)***, mar (C)*** 	<ul style="list-style-type: none"> - RO - leste: out (P) - TO - todo estado: out (P)***, jan (F)*** - MA - sul: out (P)***, nov (DV)***, jan (F)*** - PI - sudoeste: out (P), nov (DV), jan (F) - BA: oeste: out (P), nov (DV)***, jan (F) - MG - Triângulo e noroeste: set (PP), out (P), jan (F); - SP - norte: set (PP), out (P), jan (FR); e sul: out (P), nov (DV), jan (FR) - PR: - todo estado: nov (DV/F)***, jan (F/FR)***; norte: out (P); oeste e leste: out (P)***; e sul: out (P)***, dez (DV/F)*** - RS - todo estado: nov (G/DV)***, mar (FR)*** - MS - todo estado: nov (G/DV)***, sudoeste: out (P)***, jan (FR)***; centro norte: out (P), jan (FR)***; e leste: out (P), jan (FR) - MT - todo estado: nov (G/DV)***, jan (F/FR)***; noroeste: set (PP)***, out (P); nordeste: set (PP), out (P); sudeste: set (PP)***, out (P); centro sul: set (PP)***, out (P)***; e sudoeste: set (PP)***, out (P)*** - GO - todo estado: out (P), jan (FR); sul: set (PP)***; e norte: set (PP) - DF - set (PP), out (P), jan (FR)

Girassol	- MG** - MT, GO		- MG - Triângulo, centro e sul: jun (FR)
Sorgo	- BA - MG, SP - RS - MS, MT, GO, DF		
Trigo	- MG, SP** - PR**, SC**, RS** - MS**	- PR (safra anterior - 2014) - sudoeste: set (FR) - SC (safra anterior - 2014) - oeste: set (F/FR) - RS (safra anterior - 2014) - noroeste: set (F/FR), out (FR/M) - PR - norte, oeste e leste: jul (F/FR); e centro sul, sudeste e sudoeste: jul (DV) - SC - oeste: jul (DV) - RS - noroeste e centro: jun (P), jul (DV); e sudoeste: jul (DV)**	- PR - norte: jun (F)** - MS - sudoeste: jun (F/FR)***, jul (FR/M) - SP - sul: jul (DV)**
Aveia	- PR**, RS**	- RS (safra anterior - 2014) - noroeste: set (F/FR), out (FR/M) - PR - norte, oeste e leste: jul (F/FR); e centro sul, sudeste e sudoeste: jul (DV/F) - RS - noroeste e centro-oeste: jun (P), jul (DV); nordeste: jul (DV); e sudoeste: jul (DV)**	
Cevada	- PR**, RS**	- RS (safra anterior - 2014): noroeste: set (F/FR), out (FR/M) - RS - noroeste: jun (P), jul (DV) - PR - leste, centro sul e sudeste: jul (DV)	

Legenda: *(P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Nesse estado, houve problemas por falta ou excesso de chuva. Nas colunas ao lado, há indicação do problema ocorrido com indicação do período e da fase fenológica.

*** Essa região apresentou problemas pontuais pela falta ou excesso de chuva.

Fonte: Conab.

9.6. Monitoramento espectral - Série histórica (setembro/2014 – Julho/2015)

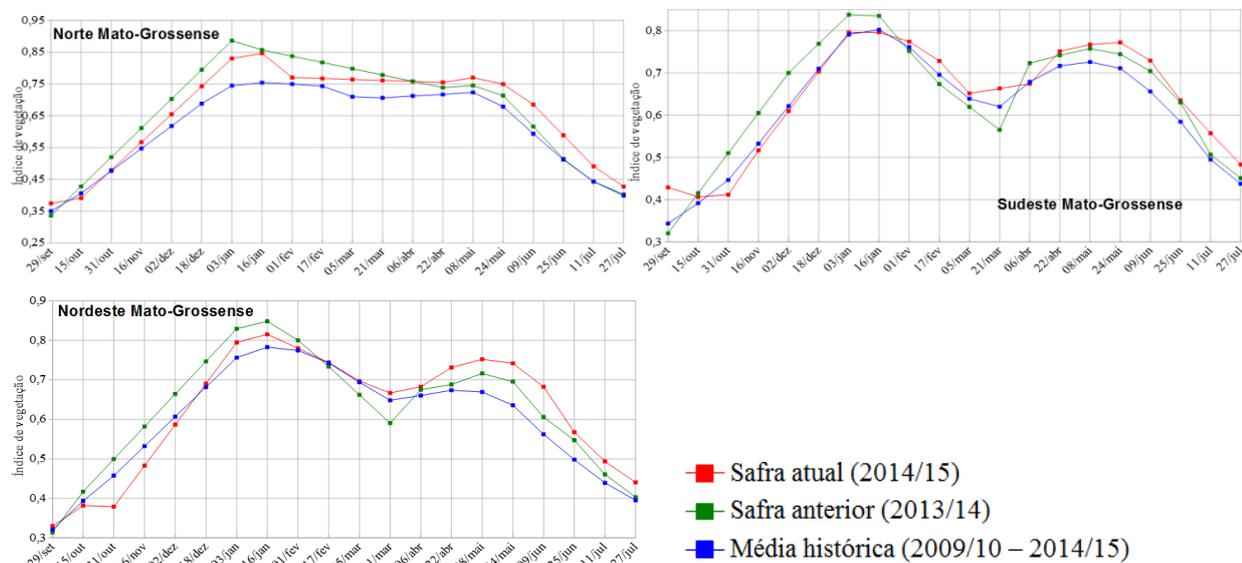
A série histórica mostra a síntese de todos os monitoramentos da safra de grãos 2014/15, desde o plantio das culturas de verão até a colheita do milho segunda safra.

Para cada estado, são apresentados os gráficos e resumos sobre a evolução do IV das mesorregiões monitoradas, de acordo com os períodos de desenvolvimento de cada cultura. Os gráficos retratam o comportamento das lavouras ao longo dos ciclos dos cultivos além do comparativo da safra atual em relação à média dos 6 últimos anos e à safra passada. No eixo vertical, são indicados os valores dos IV alcançados pelas lavouras. Ao longo do eixo horizontal consta o período que cobre os ciclos completos dos cultivos, desde o plantio até a colheita. No período de germinação, as áreas cultivadas apresentam baixas respostas de IV, por essa razão, o ponto onde se inicia a ascensão das linhas nos gráficos indica o começo de cobertura foliar, que acontece algumas semanas após o plantio, variando de acordo com a cultura. A rampa de subida representa as fases de desenvolvimento, de floração e início de enchimento de grãos. Quando a curva começa a declinar tem-se o início da maturação das lavouras e o final com baixos valores de IV, corresponde à conclusão das colheitas.

9.6.1. Mato Grosso

Monitoramento das culturas de verão e do milho 2ª safra – Setembro/14 a julho/15

Gráfico 12 - Evolução temporal do IV



Fonte: Projeto GLAM/Conab.

Os gráficos acima mostram a evolução das lavouras da safra de verão e de segunda safra no período de setembro de 2014 a julho de 2015 no estado do Mato Grosso. O início da ascensão das linhas no começo de outubro ilustra o começo do crescimento das culturas de verão e a segunda ascensão no início de abril corresponde ao crescimento dos cultivos de segunda safra.

A linha azul traça o perfil dos cultivos pela média dos 6 últimos anos. O trecho dessa linha de abril a julho correndo abaixo dos dois últimos anos-safra mostra que em anos mais recentes o milho segunda safra vem tendo incremento de área.

O trecho em forte ascensão chegando ao pico no início de janeiro mostra bom padrão de resposta das lavouras em fases críticas em especial no estágio reprodutivo. Isto já indicava, desde aquele mês, bom potencial de rendimento da safra de verão, o que foi confirmado pelos levantamentos de campo.

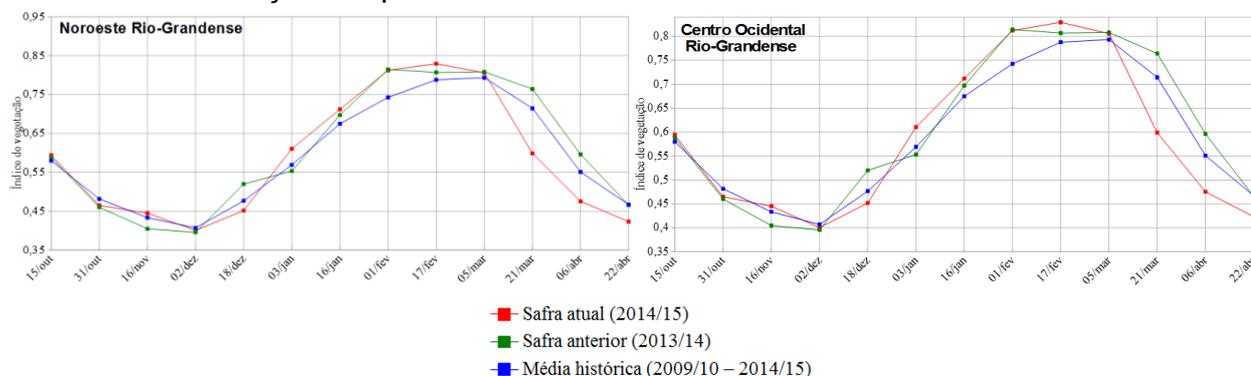
O trecho da linha vermelha, em declínio no começo de janeiro, mostra o início da maturação das lavouras, e na sequência as colheitas principalmente da soja. O trecho seguinte em elevação corresponde aos cultivos de segunda safra.

O deslocamento da linha vermelha para a direita em relação às outras duas indica que na safra 2014/15 houve atrasos. Entretanto, isto não tem representado penalização das lavouras. O formato das curvas, com altas respostas de IV e com boa amplitude temporal, de março a julho, é indicativo de bom potencial de produtividade, fato confirmado pelos levantamentos de campo da segunda safra recém concluída no Estado.

9.6.2. Rio Grande do Sul

Monitoramento das culturas de verão – Outubro/14 a abril/15

Gráfico 13 - Evolução temporal do IV



Fonte: Projeto GLAM/Conab.

Os gráficos acima mostram a evolução das culturas de verão no Noroeste e no Centro-Ocidental Rio-Grandense no período de outubro/2014 a abril/2015. Essas duas mesorregiões são as mais representativas na produção de soja e milho no estado.

Em ambos os gráficos, os trechos das linhas em descida no período de outubro até meados de novembro representam a fase final das colheitas dos cultivos de inverno do ano passado e o período de plantio da safra de verão 2014/15.

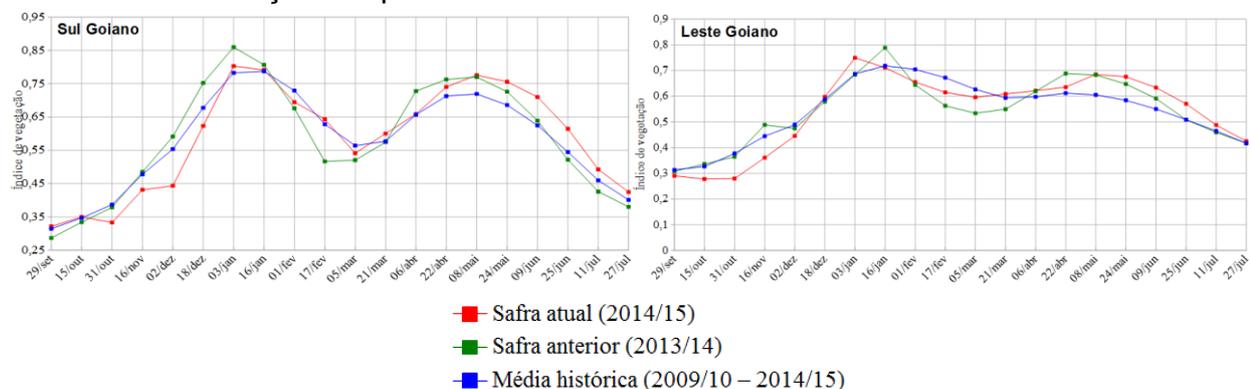
O trecho desde o início de dezembro até o final de abril cobre todo o ciclo dos cultivos praticados nesta época em especial a soja e o milho. A rampa em ascensão corresponde às fases de desenvolvimento e reprodutivas das lavouras e o trecho descendente representa as fases de maturação e colheita.

As duas regiões tiveram comportamentos parecidos na safra 2014/15 e também nas safras anteriores, mas com diferenças entre os anos-safra. A queda acentuada a partir de março/15 foi atípica para esta época do ano e pode ter sido em decorrência de precipitações reduzidas. Tais condições implicaram uma maturação e colheitas mais cedo mas sem prejuízo de rendimento da safra de grãos 2014/15.

9.6.3. Goiás

Monitoramento das culturas de verão e de 2ª safra – Setembro/14 a julho/15

Gráfico 14 - Evolução temporal do IV



Fonte: Projeto GLAM/Conab.

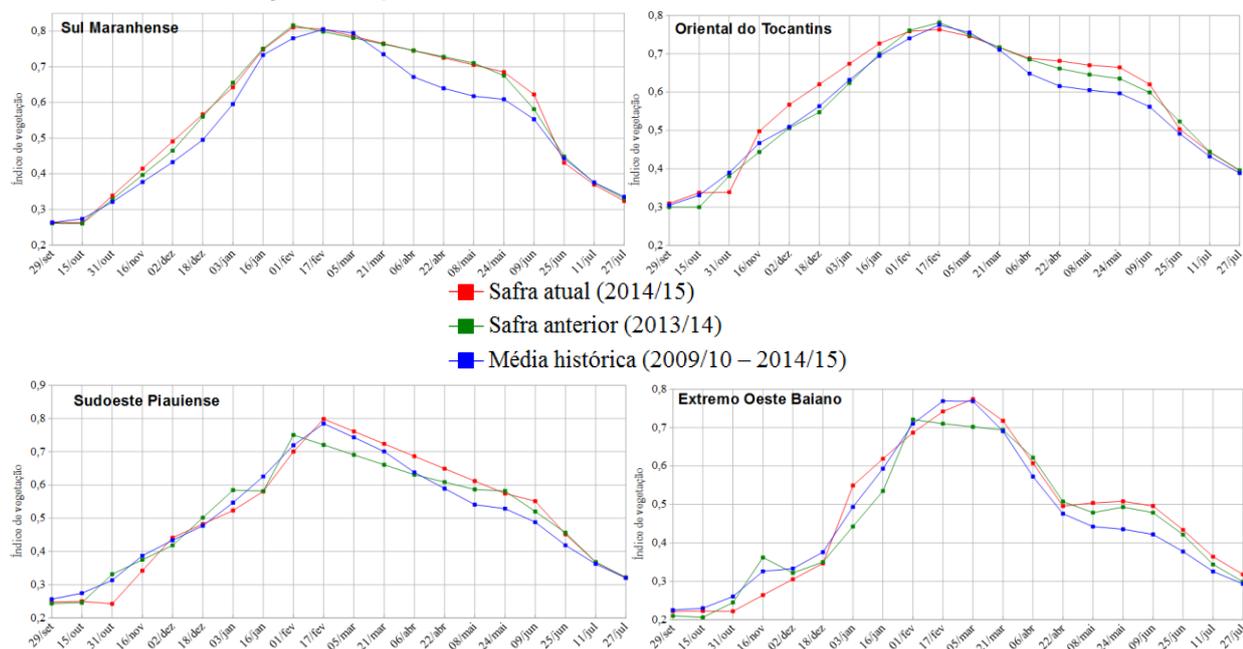
Os dois gráficos acima traçam o perfil temporal relativo à evolução das lavouras da safra de verão no Sul e Leste Goiano no período de setembro/14 a julho/15. Ambos mostram duas elevações a primeira corresponde aos cultivos de verão primeira safra e a segunda aos de segunda safra. No Sul as duas safras ficam mais bem definidas no gráfico já no leste o traçado menos saliente decorre das dinâmicas agrícolas deferentes praticadas pelos agricultores da região.

Em ambos os gráficos os trechos das linhas com baixos valores de IV em setembro representam o início do plantio das culturas de verão. A linha vermelha um pouco deslocada para a direita mostra que nas duas regiões houve atrasos na primeira e na segunda safras. No Sul primeira elevação não alcançou valores tão bons quanto em 2014 indicando que os grãos de primeira safra não alcançaram a mesma produtividade da safra passada conforme confirmado no oitavo levantamento de campo da Conab. Já a segunda elevação alcançou altos valores de IV e com boa amplitude temporal indicando bons rendimentos agrícolas dos cultivos de segunda safra também confirmado em levantamentos de campo.

9.6.4. MATOPIBA

Monitoramento das culturas de verão – Setembro/14 a julho/15

Gráfico 15 - Evolução temporal do IV



Fonte: Projeto GLAM/Conab.

Os traçados dos gráficos da região MATOPIBA, que inclui quatro dos principais estados produtores de grãos do Nordeste: Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, são diferentes devido as diferenças climáticas e também da dinâmica e das práticas agrícolas em cada estado.

A linha azul nos quatro gráficos mostra a possibilidade de existência de cultivos de segunda safra nos estados. Isto é representado pelo ponto de inflexão quando se tem a

interrupção de queda da linha por volta de abril, iniciando logo em seguida uma leve ascensão, em decorrência das repostas do IV dos cultivos de segunda safra a partir daquele mês.

No Sul Maranhense a linha vermelha mostra que os cultivos seguiram bem desde o plantio e tiveram comportamento bem parecido ao do ano passado. A firme ascensão desde o início da cobertura foliar em outubro atingindo altas respostas de IV com uma longa amplitude temporal da linha indicam bom potencial de rendimento.

No Tocantins, a linha vermelha mostra, nos períodos correspondentes às fases reprodutivas das lavouras, padrões de desenvolvimento acima dos anos anteriores.

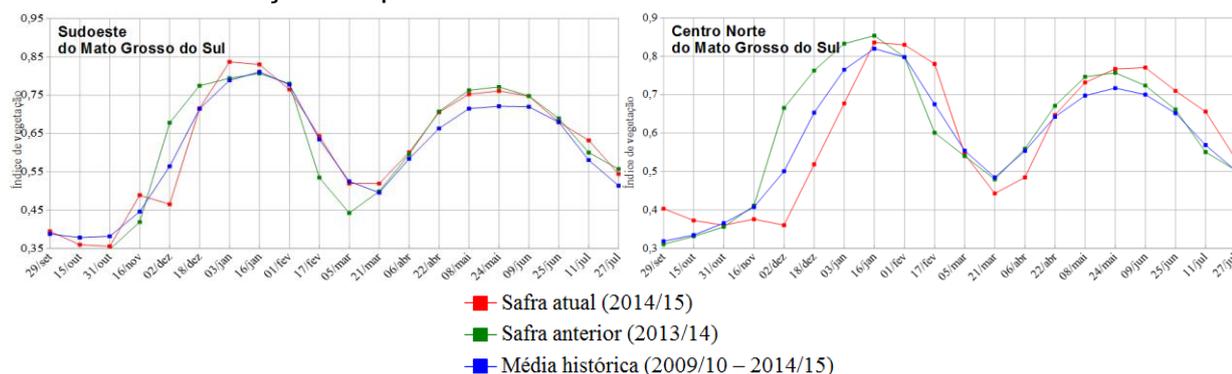
No Piauí, o gráfico mostra também padrão da safra de grãos 2014/15 superior ao de 2014.

No Oeste Baiano o padrão da safra atual seguiu bem próximo ao de 2014. Bom padrão de desenvolvimento. Boa parte das lavouras com respostas de IV relativamente altas, a partir de maio, são de áreas irrigadas.

9.6.5. Mato Grosso do Sul

Monitoramento das culturas de verão e do milho 2ª safra – Setembro/14 a julho/15

Gráfico 16 - Evolução temporal do IV



Fonte: Projeto GLAM/Conab.

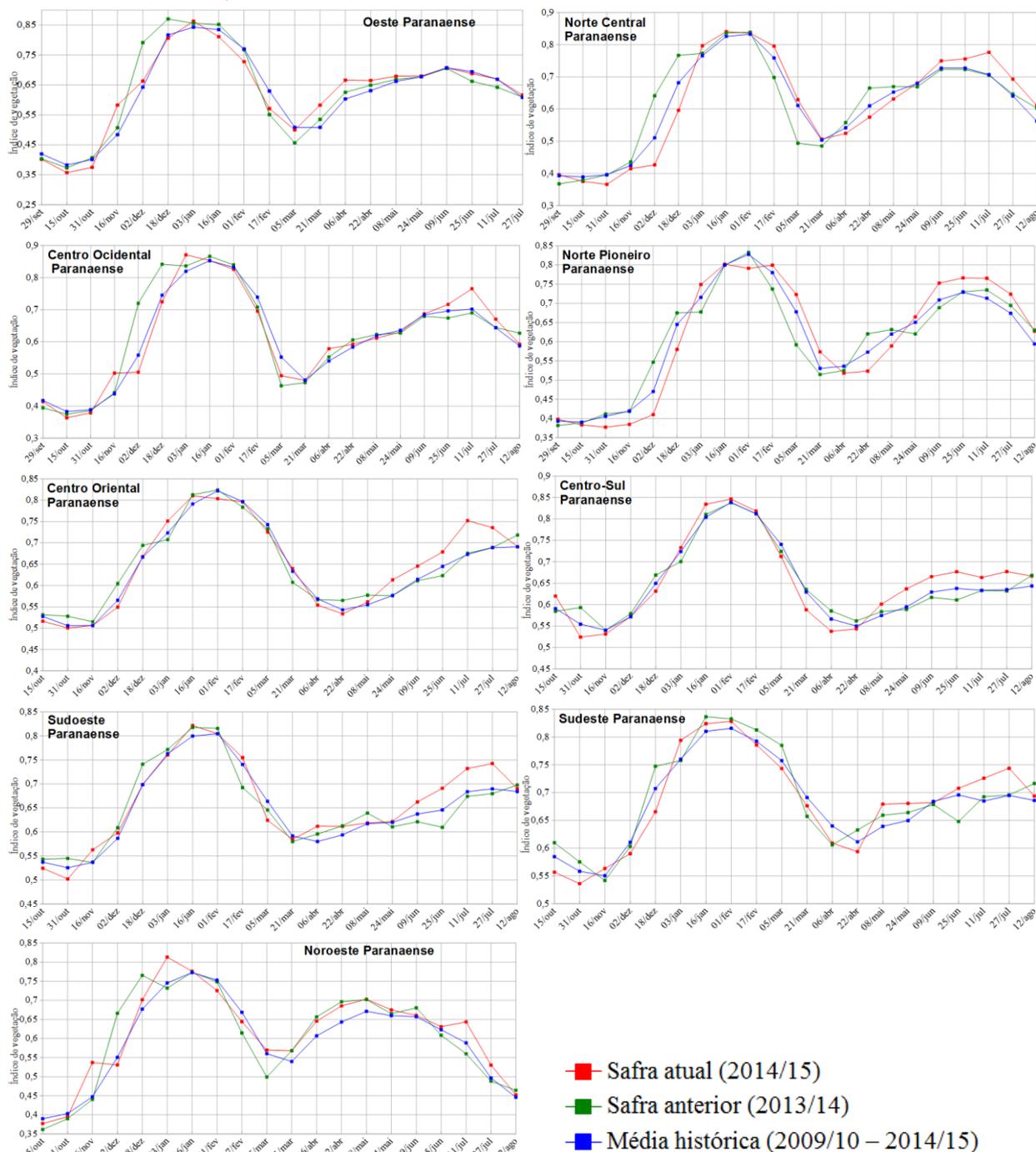
Os gráficos acima cobrem, no período de setembro/14 a julho/15, todos os ciclos da primeira e da segunda safra nas duas principais regiões produtoras de grãos do Mato Grosso do Sul.

Nesses gráficos, o deslocamento da linha vermelha para a direita no período de dezembro até março, indica atraso do calendário dos cultivos de primeira safra nas duas regiões. No Centro Norte do estado a linha mostra que houve também atraso dos cultivos de segunda safra. Contudo, estas diferenças de calendários não implicaram queda de rendimento em nenhuma das duas safras, aliás, a produtividade dos cultivos de segunda safra superou a safra do ano passado.

9.6.6. Paraná

Monitoramento das culturas de verão, do milho 2ª safra e cultivos de inverno – Setembro/13 a julho/14

Gráfico 17 - Evolução temporal do IV



Fonte: Projeto GLAM/Conab.

Os traçados dos gráficos do Paraná, que inclui as nove principais regiões produtoras de grãos do estado, são diferentes devido às diferenças climáticas e também da dinâmica e das práticas agrícolas em cada região.

Todos os gráficos mostram duas elevações, a primeira com respostas do IV mais

altas, corresponde aos cultivos de primeira safra, e a segunda corresponde às culturas de segunda safra e também de cultivos de inverno nas regiões onde haja plantio destas culturas. Nas regiões localizadas mais ao sul do estado o plantio ocorre mais cedo conforme mostra o início da ascensão dos gráficos desde outubro. Nas outras regiões do estado os gráficos iniciam a ascensão a partir de novembro. Em algumas regiões como no Norte Central e Norte Pioneiro, houve atraso de plantio conforme mostra a linha vermelha com deslocamento para a direita.

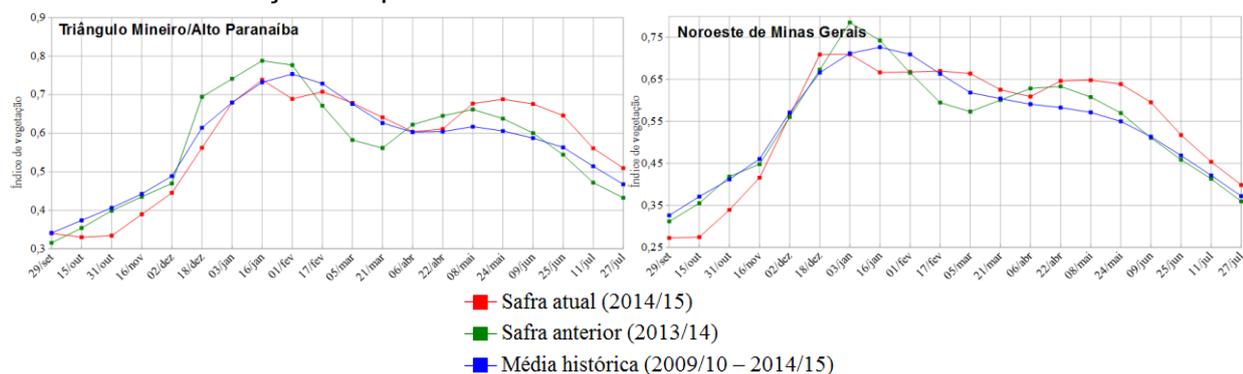
As oscilações no traçado de algumas linhas nos gráficos se devem principalmente a efeitos climáticos variados no estado

No geral, o traçado da linha vermelha cobrindo os ciclos completos da primeira e segunda safras de grãos mostra respostas do IV relativamente normais indicando normalidade do potencial de rendimento agrícola para o estado, fato comprovado em relação ao milho segunda safra, pelos levantamentos de campo realizados mensalmente pela Conab.

9.6.7. Minas Gerais

Monitoramento das culturas de verão e de 2ª safra – Setembro/14 a julho/15

Gráfico 18 - Evolução temporal do IV



Fonte: Projeto GLAM/Conab.

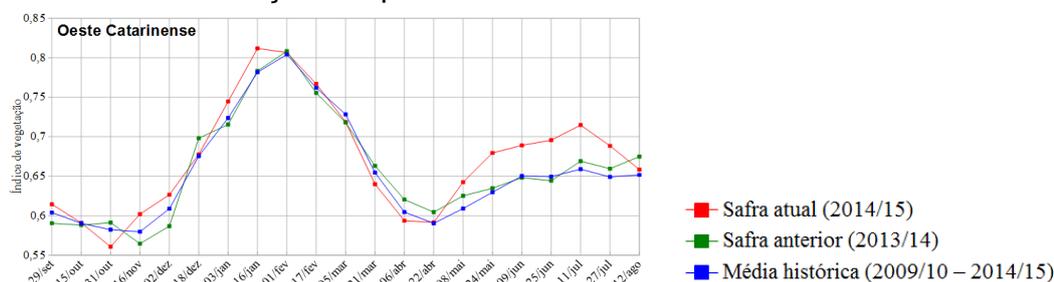
Os gráficos acima mostram duas características importantes: a primeira é o deslocamento da linha vermelha para a direita, a partir de outubro, indicando atraso de plantio dos cultivos de primeira safra em especial da soja; a segunda são os relativamente baixos valores de IV alcançados em fases reprodutivas das lavouras de primeira safra nos meses de janeiro e fevereiro caracterizando queda do potencial de produtividade principalmente da soja.

Já o traçado com boa ascensão e amplitude temporal a partir de abril atribuem bom potencial de rendimento às lavouras de segunda safra, fato confirmado pelos levantamentos de campo da Conab principalmente do milho.

9.6.8. Santa Catarina

Monitoramento das culturas de verão e do trigo – Setembro/14 a agosto/15

Gráfico 19 - Evolução temporal do IV



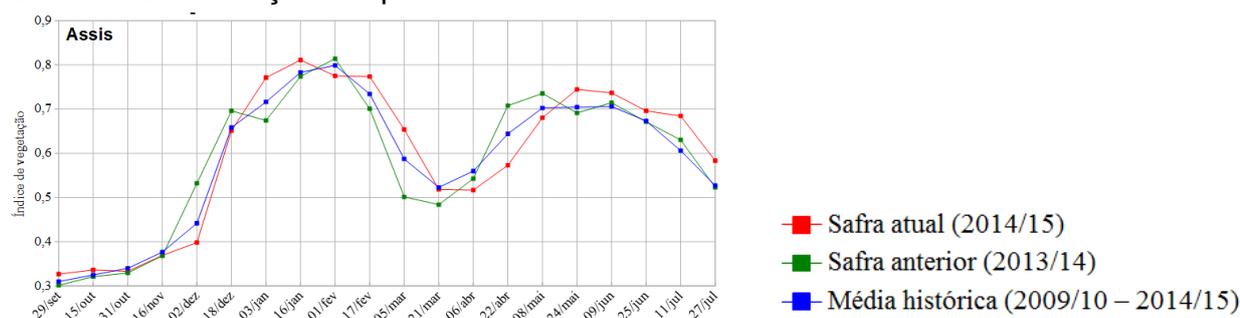
Fonte: Projeto GLAM/Conab.

Em Santa Catarina, a primeira parte do gráfico mostra comportamento de boas respostas de IV, bem parecido ao da safra anterior e da média dos seis últimos anos. Portanto, os dados indicam bom potencial de rendimento da safra de verão, o que foi comprovado pelos levantamentos de campo. O trecho com boa ascensão a partir de abril e com expressiva queda a partir de julho ainda deixa dúvidas sobre o potencial de rendimento dos cultivos de inverno. Há necessidade de mais observações para um diagnóstico mais preciso.

9.6.9. São Paulo

Monitoramento da safra de verão e do milho segunda safra – Setembro/14 a julho/15

Gráfico 20 - Evolução temporal do IV



Fonte: Projeto GLAM/Conab.

Embora um pouco defasado, indicando pequeno atraso dos plantios, o traçado da linha vermelha, com altas respostas de IV e boas amplitudes temporais, cobrindo todos os ciclos dos cultivos, indica bom potencial de produtividade das lavouras de primeira e de segunda safra de grãos 2014/15, na região.

9.7. Monitoramento agrometeorológico - Agosto/2015

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do

país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos) e no impacto que o clima pode estar causando nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite. O período monitorado foi o mês de agosto de 2015.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, os desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura, e a classificação é feita da seguinte forma:

- baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;
- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais de baixa intensidade;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Nas tabelas desses mapas são especificadas as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis (suficientes) para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. Os resultados desse monitoramento são apresentados no capítulo referente à análise das culturas.

Na região do MATOPIBA (sul do Maranhão, leste do Tocantins, sudoeste do Piauí e oeste da Bahia) e do Sudeste e Centro-Oeste do país, as chuvas reduzidas no período monitorado favoreceram as culturas de segunda safra e de inverno em maturação e colheita. Verificou-se a maior parte dessas regiões sem o registro de precipitações (Figura 13).

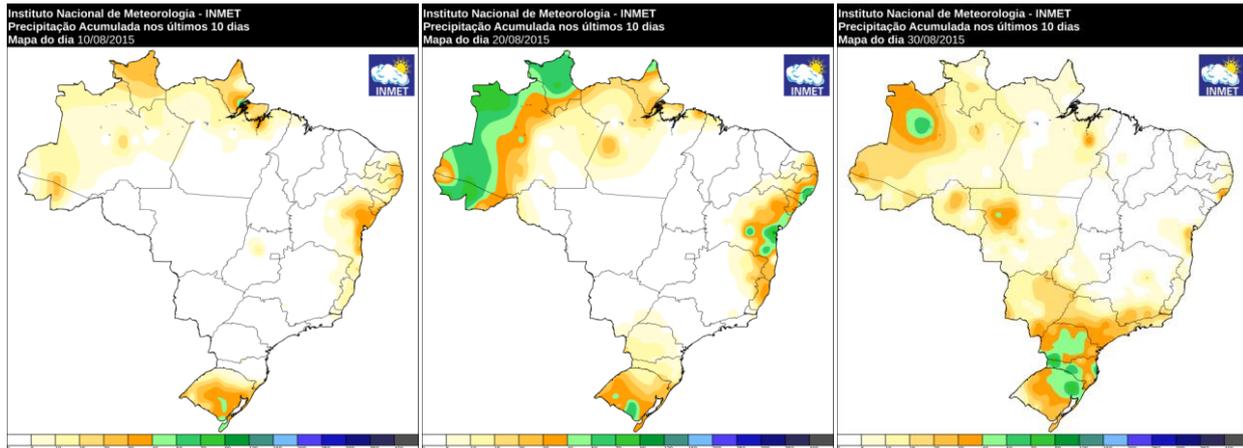
Na Região Sul do Brasil, ao contrário das intensas chuvas que ocorreram em julho, no mês de agosto, houve registro de baixas precipitações. Os maiores volumes de chuvas foram observados no terceiro decêndio (Figura 13). Verificou-se déficit hídrico na maior parte do Paraná, no noroeste do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina (Figura 14). Além disso, houve anomalias positivas das temperaturas máximas e mínimas em relação à média acima de 5°C em algumas regiões (Figuras 18 e 19).

As condições climáticas observadas na Região Sul favoreceram à maturação e colheita das culturas de segunda safra e de inverno plantadas no norte e oeste do Paraná. Já, em relação às culturas de inverno em desenvolvimento, houve restrições para as lavouras, embora os volumes de chuvas verificados no terceiro decêndio tenham amenizado o déficit hídrico. Com exceção do sudoeste do Paraná, que apresentou baixa restrição por falta de chuvas devido a maior intensidade do déficit hídrico, as outras

regiões produtoras desse estado, do noroeste do Rio Grande do Sul e do oeste e sul de Santa Catarina apresentaram restrições pontuais.

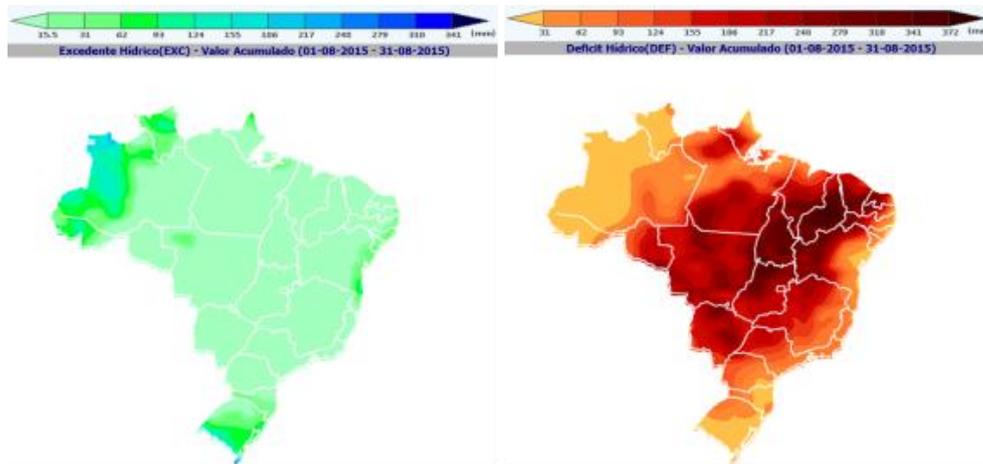
Nas regiões produtoras de Sergipe, nordeste da Bahia e Alagoas, as chuvas no período analisado foram reduzidas. Os maiores volumes foram observados no segundo decêndio (Figura 13). Os Sertões de Alagoas e Sergipe e a parte norte do nordeste da Bahia apresentaram baixa restrição por falta de chuva, locais onde foi observado o maior deficit hídrico (Figura 14).

Figura 13 – Precipitação pluviométrica acumulada decendial em agosto/15



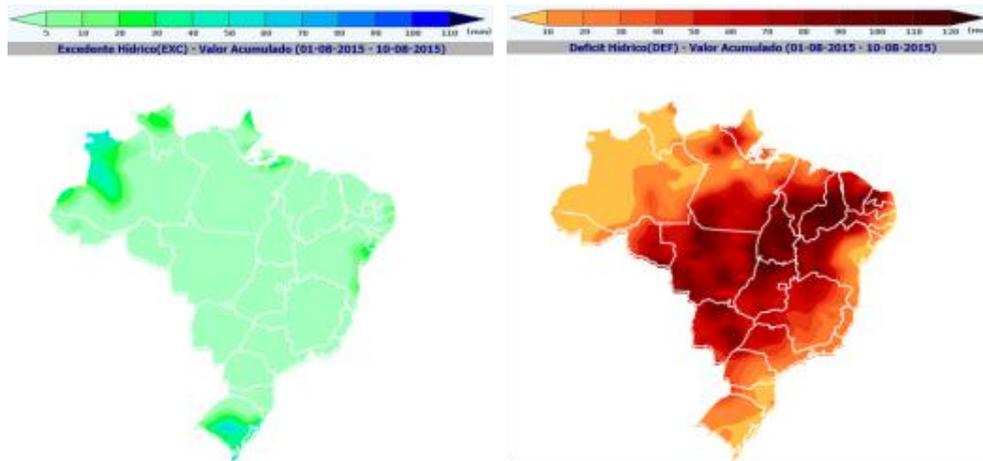
Fonte: Inmet.

Figura 14 – Excedente e deficit hídrico em agosto/15



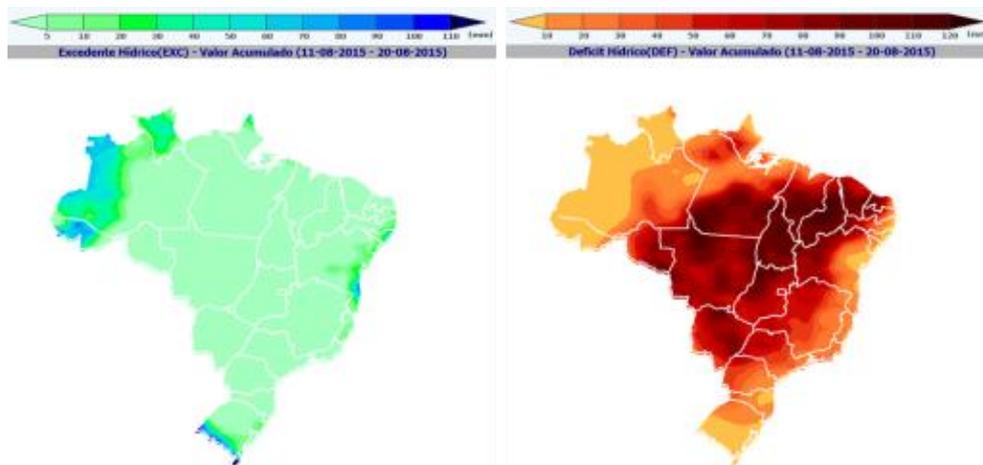
Fonte: Sisdagro/Inmet.

Figura 15 – Excedente e deficit hídrico no primeiro decêndio de agosto/15



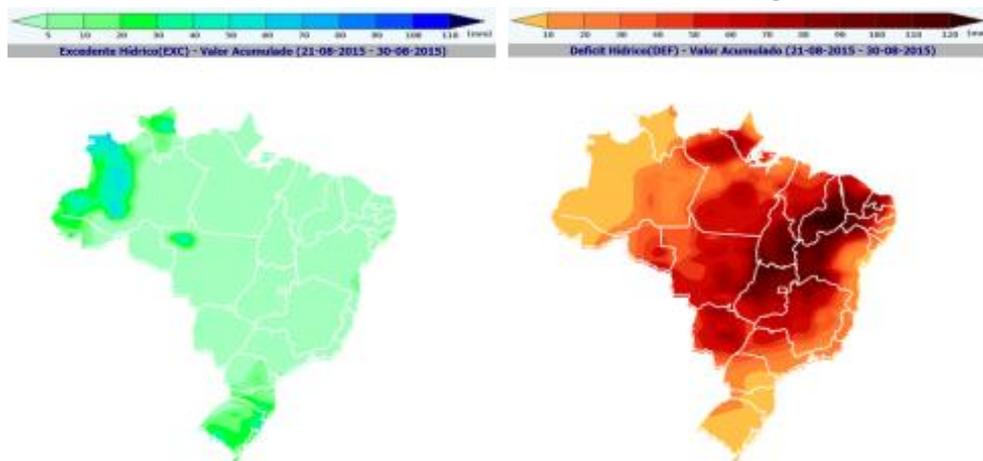
Fonte: Sisdagro/Inmet.

Figura 16 – Excedente e deficit hídrico no segundo decêndio de agosto/15



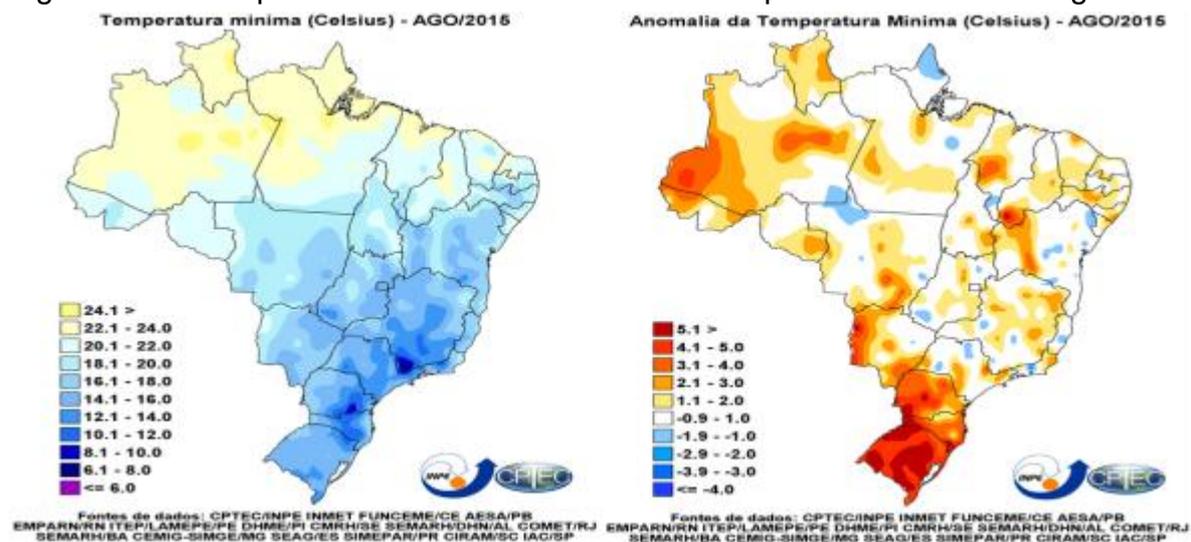
Fonte: Sisdagro/Inmet.

Figura 17– Excedente e deficit hídrico no terceiro decêndio de agosto/15



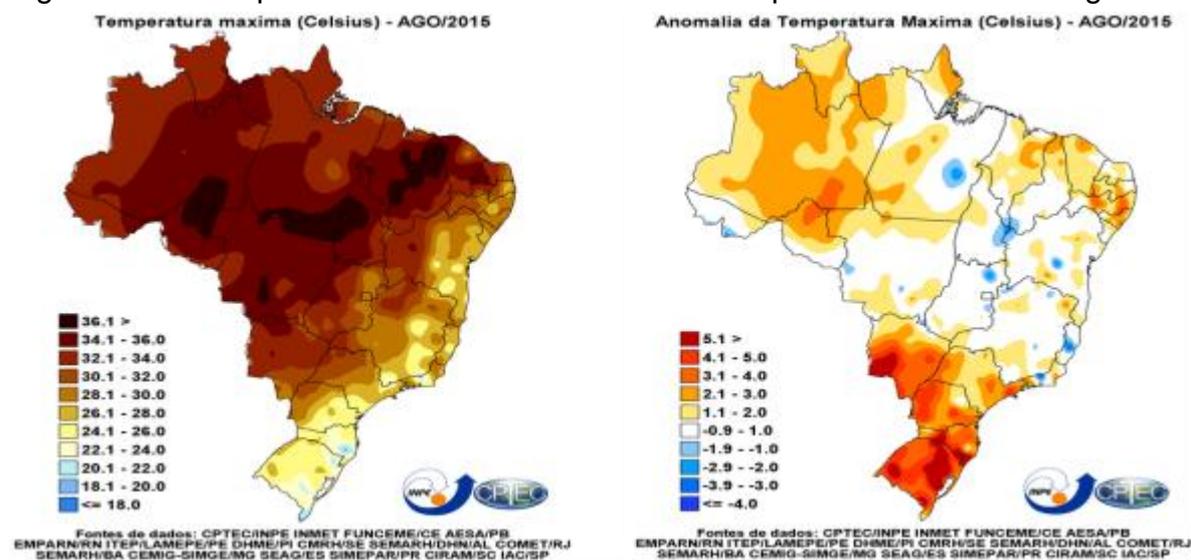
Fonte: Sisdagro/Inmet.

Figuras 18 – Temperatura mínima e anomalia de temperatura mínima de agosto/15



Fonte: CPTEC.

Figuras 19 – Temperatura máxima e anomalia de temperatura máxima de agosto/15



Fonte: CPTEC.

9.8. Monitoramento espectral - Agosto/2015

A base de informações neste atual monitoramento continua sendo o Índice de Vegetação (IV) extraído de imagens de satélite que constitui em uma forma indireta de se obter a taxa de fotossíntese das lavouras atuais.

O monitoramento atual é direcionado às culturas de inverno, em especial ao trigo. Os mapas de anomalia mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento dos cultivos da safra atual e do ano passado por meio de uma composição de imagens de uma quinzena. Já os gráficos de evolução possibilitam o acompanhamento do IV ao longo do tempo bem como a comparação entre diferentes anos safra, proporcionando indicadores de produtividade.

Neste momento estão sendo monitoradas quatro importantes mesorregiões produtoras de trigo, sendo duas no Rio Grande do Sul e duas no Paraná, conforme a seguir.

Figura 20 – Anomalia do IV no Noroeste Rio-grandense – RS

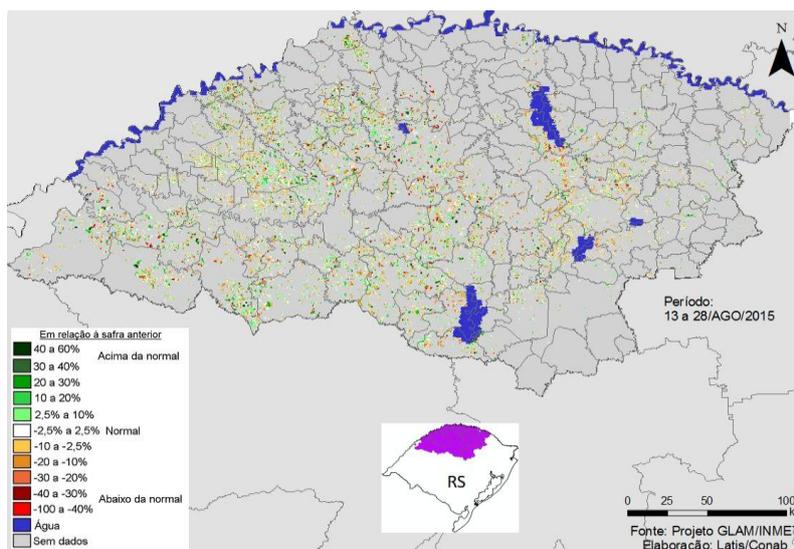
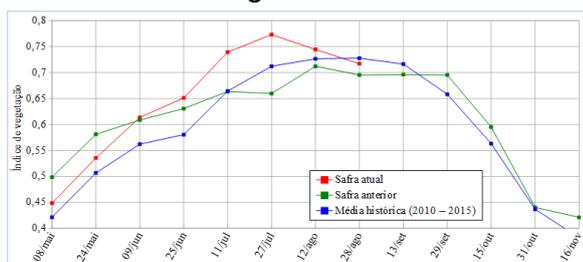
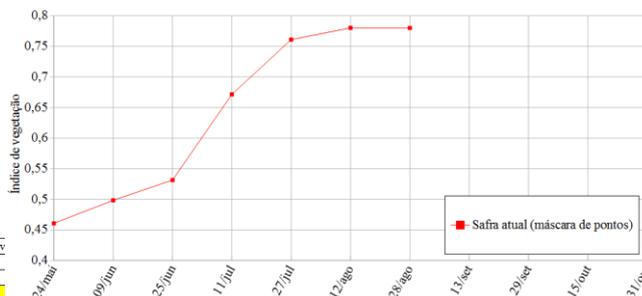


Gráfico 21 – Evolução temporal do IV no Noroeste Rio-grandense – RS



Data (final do período)	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras													
	08/mai	24/mai	09/jun	25/jun	11/jul	27/jul	12/ago	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	
% Relat média histórica	6	6	9	12	11	9	2	-1						
% Relat safra anterior	-10	-8	1	3	11	17	5	3						
Fases - cult. de inverno			P	PG/DV	DV	DVF	F	EG	EG	EGM	M/C	C	C	

Gráfico 22 – Evolução temporal do IV no Noroeste Rio-grandense – RS



No mapa acima, as cores em verde são cultivos de inverno com padrão de desenvolvimento relativamente bom. Porém, parte das lavouras de trigo, que eventualmente pode ter sido afetada por doenças em decorrência do excesso de chuvas na 1ª quinzena de julho seguido de baixa pluviosidade em agosto vem respondendo com valores de IV menores do que no ciclo passado, e, nessas condições, elas se apresentam em amarelo e marrom no mapa. Áreas agrícolas dessecação para o plantio da próxima safra de verão, e que não estavam nestas mesmas condições em 2014, também se mostram neste padrão de cores.

Devido à evolução temporal do IV no gráfico 21 a linha vermelha, correspondente à safra atual, mostra respostas de IV em maio e início de junho inferiores às do ano passado, caracterizando defasagem de calendários de 2014 e de 2015. Constata-se, pelo traçado da linha, que em junho as respostas de IV da safra atual ultrapassaram as do ano passado. No Noroeste do estado o padrão teve queda expressiva a partir de agosto principalmente em função da dessecação de áreas para o plantio da próxima safra de verão.

O monitoramento feito a partir da máscara de cultivos de inverno originadas a partir de pontos amostrais coletados em campo na atual safra (gráfico 22) indica apenas uma

desaceleração no padrão de crescimento do IV devido a restrições pontuais pela falta de chuva em agosto e que não deve penalizar a produtividade média do estado.

Figura 21 – Anomalia do IV no Centro Ocidental Rio-grandense – RS

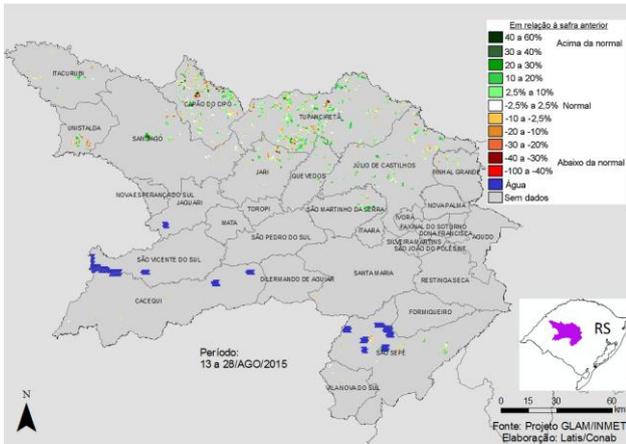
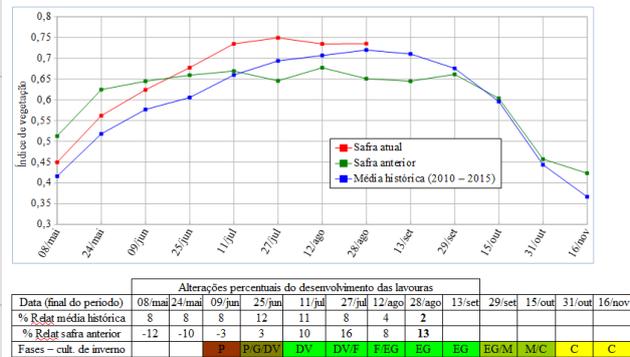


Gráfico 23 – Evolução temporal do IV no Centro Ocidental Rio-grandense – RS



No mapa acima, as cores em verde são cultivos de inverno com padrão de desenvolvimento relativamente bom. Uma pequena parcela das lavouras de trigo, que eventualmente pode ter sido afetada por doenças em decorrência do excesso de chuvas na primeira quinzena de julho seguido de baixa pluviosidade em agosto, vem respondendo com baixos valores de IV, e, nessas condições, elas se apresentam em amarelo e marrom no mapa. Áreas agrícolas dessecadas para o plantio da próxima safra de verão, e que não estavam nestas mesmas condições em 2014, também aparecem neste padrão de cores.

No gráfico a linha vermelha, correspondente à safra atual, mostra respostas de IV em maio e início de junho inferiores às do ano passado, caracterizando defasagem de calendários de 2014 e de 2015. O gráfico mostra que em junho as respostas de IV da safra atual ultrapassaram as do ano passado continuando com bom padrão até o momento.

Figura 22 – Anomalia do IV no Sudoeste Paranaense - PR

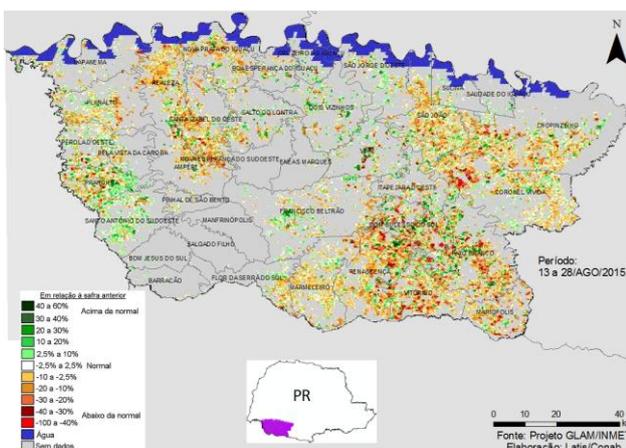
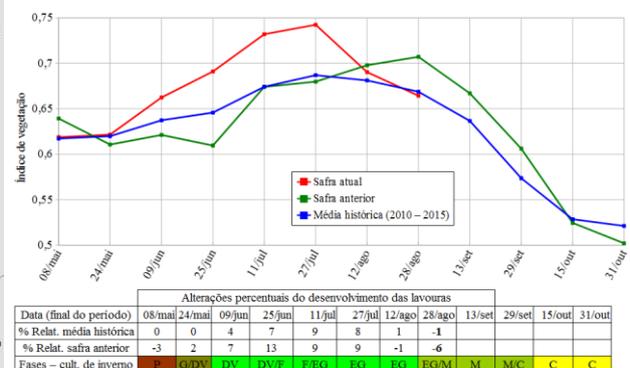


Gráfico 24 – Evolução temporal do IV no Sudoeste Paranaense - PR



O mapa acima mostra áreas em dois padrões. Em verde são cultivos de inverno

com bom padrão de desenvolvimento. Em amarelo e marrom são principalmente áreas dessecadas para o plantio da safra de verão. Além disso, lavouras de inverno afetadas por condições climáticas desfavoráveis implicaram na queda do IV. A defasagem dos calendários entre a safra atual e o ano passado também leva a este padrão de cores no mapa.

No gráfico acima a linha vermelha mostra que as lavouras atuais responderam bem nos meses de junho e julho. Entretanto, no mês de agosto constata-se expressiva queda de respostas do IV em decorrência principalmente da dessecação para o plantio dos cultivos de verão e das adversidades climáticas.

Figura 23 – Anomalia do IV no Centro-Sul Paranaense - PR

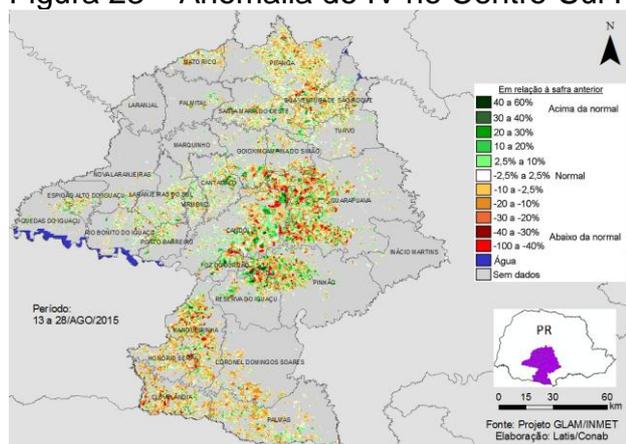
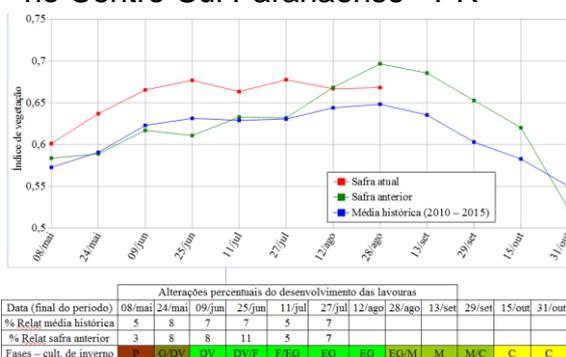


Gráfico 25 – Evolução temporal do IV no Centro-Sul Paranaense - PR



O mapa acima mostra áreas em dois padrões. Em verde são cultivos de inverno com bom padrão de desenvolvimento. Em amarelo e marrom são principalmente áreas dessecadas para o plantio da safra de verão. Além disso, lavouras de inverno afetadas por condições climáticas desfavoráveis implicaram na queda do IV. A defasagem dos calendários entre a safra atual e o ano passado também leva a este padrão de cores no mapa.

No gráfico acima a linha vermelha mostra que, na média, a safra atual apresenta padrão normal de respostas do IV com valores acima da média dos seis últimos anos.

10. Análise das culturas

10.1. Culturas de verão

10.1.1. Algodão

A Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, foi a que apresentou a maior redução na área neste exercício – 103,4 mil hectares. Entre os principais estados produtores, Goiás registrou redução de 31%, seguido por Mato Grosso do Sul com 17,1% e o Mato Grosso com 12,5%.

Apesar da capilaridade da cultura, cultivada em 15 estados, cerca de 85% da área plantada de algodão está concentrada em Mato Grosso e Bahia. Particularmente a cultura se desenvolve em regiões onde a agricultura já está consolidada e solos com alta fertilidade, isso acaba concentrando as regiões produtoras. Em Mato Grosso seis municípios detêm aproximadamente 55% da área plantada do estado.

Outro ponto importante a ser abordado neste estado é a migração para o cultivo de algodão segunda safra. Produtores têm apostado no cultivo de variedades de soja superprecoces, com ciclo inferior a 100 dias e o plantio subsequente do algodão. Além da vantagem de evitar os efeitos da ferrugem asiática, principal doença da soja, o produto fica disponível no mercado quando as cotações ainda não estão sendo influenciadas pela grande produção do estado. Além de alcançar produtividade bem próxima do algodão primeira safra (cerca de 5% menor) ainda evita que o período de abertura do capulho coincida com o período chuvoso, obtendo uma fibra de melhor qualidade.

O Mato Grosso desenvolveu uma cotonicultura sólida nos últimos anos e se tornou líder no processo produtivo brasileiro, sendo responsável nesta safra por 57% da produção brasileira de algodão em pluma. Por essa razão a oferta nacional mantém uma estreita vinculação como o que ocorre com a safra mato-grossense. O plantio ocorre em dezembro (primeira safra) e janeiro (segunda safra) e a expectativa que se tinha por ocasião do plantio era de forte retração na área plantada. Com efeito, a área do estado para a safra 2014/15 atingiu 562,7 mil hectares, com a produtividade estimada em 1.546 kg/ha, em função das condições climáticas durante o desenvolvimento da cultura. A produção estadual atingiu 870 mil toneladas de pluma.

Em Mato Grosso do Sul a região norte concentra as maiores áreas a serem cultivadas com algodão. Nessa região em específico, assim como no Mato Grosso, o plantio ocorreu em dezembro (algodão primeira safra) e janeiro (algodão segunda safra). Na região centro-sul do estado é cultivado somente o algodão primeira safra, com início da semeadura no final de novembro se estendendo até meados de dezembro. A área plantada apresentou uma redução de 17,1% e a produção foi estimada em 55,3 mil toneladas de pluma.

Em Goiás a área plantada sofreu redução de 31%, atingindo 37 mil hectares. Este quadro gerou uma produção de 57,1 mil toneladas. Os preços pagos ao produtor na época se encontravam abaixo do preço mínimo.

Na Região Nordeste, segunda maior região produtora do país, o algodão sofreu um aumento de 1,6% na área plantada. No entanto, as condições adversas do clima

impactaram negativamente a produtividade das lavouras, repercutindo na oferta de pluma regional, que apresentou redução de 4,3%, saindo de 542 mil toneladas na safra passada para 518,7 mil toneladas de pluma na atual. Na região do MATOPIBA, apesar do incremento observado na área plantada – 354,9 mil hectares no ano passado contra 362,1 mil hectares nesta, representando uma variação positiva de 2%, a forte redução ocorrida na produtividade dos diversos municípios da região, cerca de -7,2%, redundou numa queda da produção do algodão em pluma de 4,2%, saindo de 540,8 mil toneladas na safra 2013/14 para 518,1 mil nesta. Apesar da baixa performance deste ano, observa-se uma tendência entre os produtores locais, pela implantação e consolidação da lavoura algodoeira visando o abastecimento interno, particularmente no atendimento da demanda nordestina, um dos maiores polos de consumo do país.

A Bahia é o primeiro produtor regional e segundo maior produtor nacional. A principal região produtora desta cultura no estado é a região oeste. Estima-se uma queda de 6,2% na produção desta safra em relação à safra anterior, impulsionada, principalmente, pela queda na produtividade de 6%, que passou de 1.513 kg/ha na safra passada para 1.422 kg/ha nessa safra.

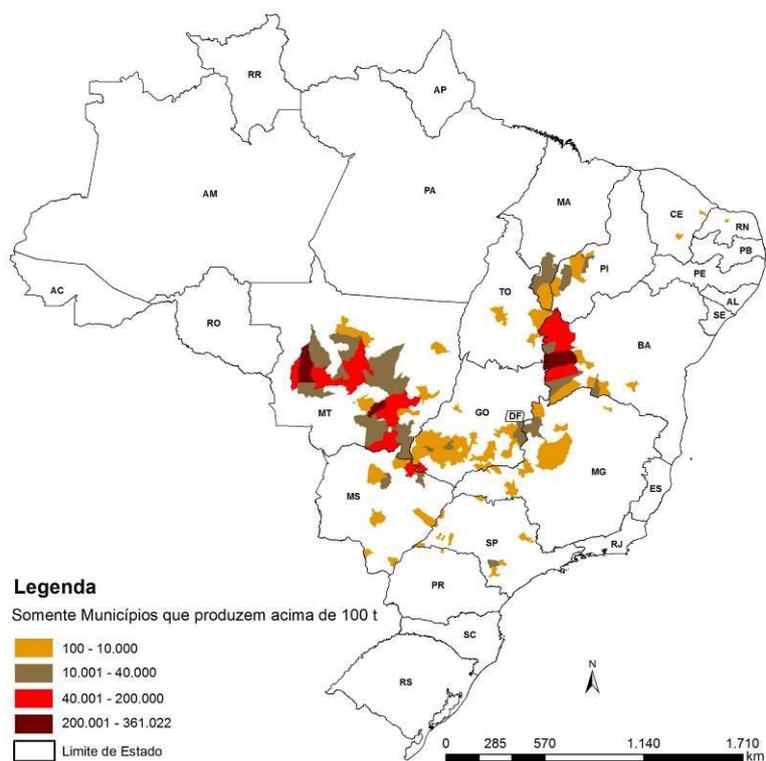
No Maranhão a área do algodão está estimada em 21,4 mil hectares, representando um acréscimo de 14,9% em relação à safra passada. A lavoura se concentra nos municípios de Alto Parnaíba, Balsas e Tasso Fragoso, todos localizados no extremo sul do estado.

No Piauí as avaliações apontaram um aumento na área de 17,5% em relação à safra anterior. Esse incremento ocorreu em face da perspectiva, por ocasião do plantio, de preços melhores praticados no Centro-Sul do país, que dariam suporte à comercialização local.

Na Região Sudeste foi onde ocorreu a maior redução percentual da área plantada dentre as produtoras – 23,2% em relação à safra passada. Em Minas Gerais, principal produtor regional, a área de cultivo de algodão foi estimada em 18,8 mil hectares, sinalizando uma redução de 10% em relação ao ocorrido no exercício anterior, que acompanhou a tendência baixista nos preços de comercialização da pluma. Com uma produtividade média de 1.404 kg/ha, a produção atingiu 26,4 mil toneladas de pluma, representando um decréscimo de 6,7% em relação à safra passada.

A produção nacional do algodão em pluma atingiu 1.532,8 mil toneladas, representando uma diminuição de 11,6% quando comparada com a produção do ano anterior, que totalizou 1.734 mil toneladas.

Figura 24 – Mapa da produção agrícola – Algodão



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 25 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 9 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Algodão			- leste do TO (C) - sudoeste do PI (C) - oeste e centro sul da BA (C) - sul do MA (C) - oeste de MG (C) - norte do MS (C) - sul de GO (1ª safra) (C) - sul de GO (2ª safra) (C) - todo estado do MT (1ª safra) (C) - todo estado do MT (2ª safra) (C)	

Legenda: * - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Quadro 1 – Calendário de plantio e colheita – Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P				C	C		
Nordeste												
MA			P	P	P				C	C	C	C
PI			P	P	P				C	C	C	C
CE				P	P	P			C	C	C	
RN	C			P	P	P			C	C	C	C
PB	C				P	P	P	P	C	C	C	C
PE	C	C			P	P	P	P	C	C	C	C
AL	C						P	P	P			C
BA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
Centro-Oeste												
MT			P	P					C	C	C	C
MS		P	P	P			C	C	C	C	C	
GO		P	P	P					C	C	C	
Sudeste												
MG		P	P	P			C	C	C	C	C	
SP	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
Sul												
PR	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; PC - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	7,7	60,4	4.020	3.830	(4,7)	19,3	29,5	52,8
TO	4,8	7,7	61,1	4.020	3.830	(4,7)	19,3	29,5	52,8
NORDESTE	352,8	355,5	0,8	3.872	3.647	(5,8)	1.366,2	1.296,5	(5,1)
MA	18,6	21,4	14,9	4.140	3.984	(3,8)	77,0	85,3	10,8
PI	12,1	14,2	17,5	4.125	3.536	(14,3)	49,9	50,2	0,6
CE	1,8	0,4	(77,0)	780	306	(60,8)	1,4	0,1	(92,9)
RN	0,4	0,3	(22,0)	3.810	4.500	18,1	1,5	1,4	(6,7)
PB	0,1	0,2	100,0	660	1.210	83,3	0,1	0,2	100,0
PE	0,3	0,1	(60,0)	540	512	(5,2)	0,2	0,1	(50,0)
AL	0,1	0,1	-	480	490	2,1	-	-	-
BA	319,4	318,8	(0,2)	3.870	3.636	(6,0)	1.236,1	1.159,2	(6,2)
CENTRO-OESTE	734,2	630,8	(14,1)	3.974	3.943	(0,8)	2.917,6	2.487,4	(14,7)
MT	643,1	562,7	(12,5)	3.960	3.914	(1,2)	2.546,7	2.202,4	(13,5)
MS	37,5	31,1	(17,1)	4.275	4.500	5,3	160,3	140,0	(12,7)
GO	53,6	37,0	(31,0)	3.930	3.919	(0,3)	210,6	145,0	(31,1)
SUDESTE	28,9	22,2	(23,2)	3.443	3.574	3,8	99,5	79,4	(20,2)
MG	20,9	18,8	(10,0)	3.469	3.600	3,8	72,5	67,7	(6,6)
SP	8,0	3,4	(57,5)	3.375	3.432	1,7	27,0	11,7	(56,7)
SUL	0,9	0,9	-	2.375	2.179	(8,3)	2,1	2,0	(4,8)
PR	0,9	0,9	-	2.375	2.179	(8,3)	2,1	2,0	(4,8)
NORTE/NORDESTE	357,6	363,2	1,6	3.874	3.651	(5,8)	1.385,5	1.326,0	(4,3)
CENTRO-SUL	764,0	653,9	(14,4)	3.952	3.928	(0,6)	3.019,2	2.568,8	(14,9)
BRASIL	1.121,6	1.017,1	(9,3)	3.927	3.829	(2,5)	4.404,7	3.894,8	(11,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	7,7	60,4	1.548	1.481	(4,3)	7,4	11,4	54,1
TO	4,8	7,7	61,1	1.548	1.475	(4,7)	7,4	11,4	54,1
NORDESTE	352,8	355,5	0,8	1.515	1.427	(5,8)	534,6	507,3	(5,1)
MA	18,6	21,4	14,9	1.635	1.574	(3,7)	30,4	33,7	10,9
PI	12,1	14,2	17,5	1.629	1.397	(14,2)	19,7	19,8	0,5
CE	1,8	0,4	(77,0)	273	107	(60,8)	0,5	-	(100,0)
RN	0,4	0,3	(22,0)	1.448	1.710	18,1	0,6	0,5	(16,7)
PB	0,1	0,2	100,0	231	424	83,5	-	0,1	-
PE	0,3	0,1	(60,0)	189	179	(5,3)	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	0,1	-	168	172	2,4	-	-	-
BA	319,4	318,8	(0,2)	1.513	1.422	(6,0)	483,3	453,2	(6,2)
CENTRO-OESTE	734,2	630,8	(14,1)	1.569	1.557	(0,8)	1.152,2	982,4	(14,7)
MT	643,1	562,7	(12,5)	1.564	1.546	(1,2)	1.005,9	870,0	(13,5)
MS	37,5	31,1	(17,1)	1.689	1.778	5,3	63,3	55,3	(12,6)
GO	53,6	37,0	(31,0)	1.548	1.544	(0,3)	83,0	57,1	(31,2)
SUDESTE	28,9	22,2	(23,2)	1.349	1.396	3,5	39,0	31,0	(20,5)
MG	20,9	18,8	(10,0)	1.353	1.404	3,8	28,3	26,4	(6,7)
SP	8,0	3,4	(57,5)	1.333	1.356	1,7	10,7	4,6	(57,0)
SUL	0,9	0,9	-	889	778	(12,5)	0,8	0,7	(12,5)
PR	0,9	0,9	-	903	828	(8,3)	0,8	0,7	(12,5)
NORTE/NORDESTE	357,6	363,2	1,6	1.516	1.428	(5,8)	542,0	518,7	(4,3)
CENTRO-SUL	764,0	653,9	(14,4)	1.560	1.551	(0,6)	1.192,0	1.014,1	(14,9)
BRASIL	1.121,6	1.017,1	(9,3)	1.546	1.507	(2,5)	1.734,0	1.532,8	(11,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Carvão de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	7,7	60,4	2.472	2.355	(4,7)	11,9	18,1	52,1
TO	4,8	7,7	61,1	2.472	2.355	(4,7)	11,9	18,1	52,1
NORDESTE	352,8	355,5	0,8	2.357	2.219	(5,8)	831,5	789,0	(5,1)
MA	18,6	21,4	14,9	2.505	2.410	(3,8)	46,6	51,6	10,7
PI	12,1	14,2	17,5	2.496	2.139	(14,3)	30,2	30,4	0,7
CE	1,8	0,4	(77,0)	507	199	(60,7)	0,9	0,1	(88,9)
RN	0,4	0,3	(22,0)	2.362	2.790	18,1	0,9	0,8	(11,1)
PB	0,1	0,2	100,0	429	787	83,4	-	0,2	-
PE	0,3	0,1	(60,0)	351	333	(5,1)	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	0,1	-	312	319	2,2	-	-	-
BA	319,4	318,8	(0,2)	2.357	2.214	(6,1)	752,8	705,9	(6,2)
CENTRO-OESTE	734,2	630,8	(14,1)	2.404	2.386	(0,8)	1.765,4	1.505,1	(14,7)
MT	643,1	562,7	(12,5)	2.396	2.368	(1,2)	1.540,7	1.332,5	(13,5)
MS	37,5	31,1	(17,1)	2.586	2.723	5,3	97,0	84,7	(12,7)
GO	53,6	37,0	(31,0)	2.382	2.375	(0,3)	127,7	87,9	(31,2)
SUDESTE	28,9	22,2	(23,2)	2.096	2.178	3,9	60,5	48,4	(20,0)
MG	20,9	18,8	(10,0)	2.116	2.196	3,8	44,2	41,3	(6,6)
SP	8,0	3,4	(57,5)	2.042	2.076	1,7	16,3	7,1	(56,4)
SUL	0,9	0,9	-	1.473	1.351	(8,3)	1,3	1,2	(7,7)
PR	0,9	0,9	-	1.473	1.351	(8,3)	1,3	1,2	(7,7)
NORTE/NORDESTE	357,6	363,2	1,6	2.359	2.222	(5,8)	843,4	807,1	(4,3)
CENTRO-SUL	764,0	653,9	(14,4)	2.392	2.377	(0,6)	1.827,2	1.554,7	(14,9)
BRASIL	1.121,6	1.017,1	(9,3)	2.381	2.322	(2,5)	2.670,6	2.361,8	(11,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

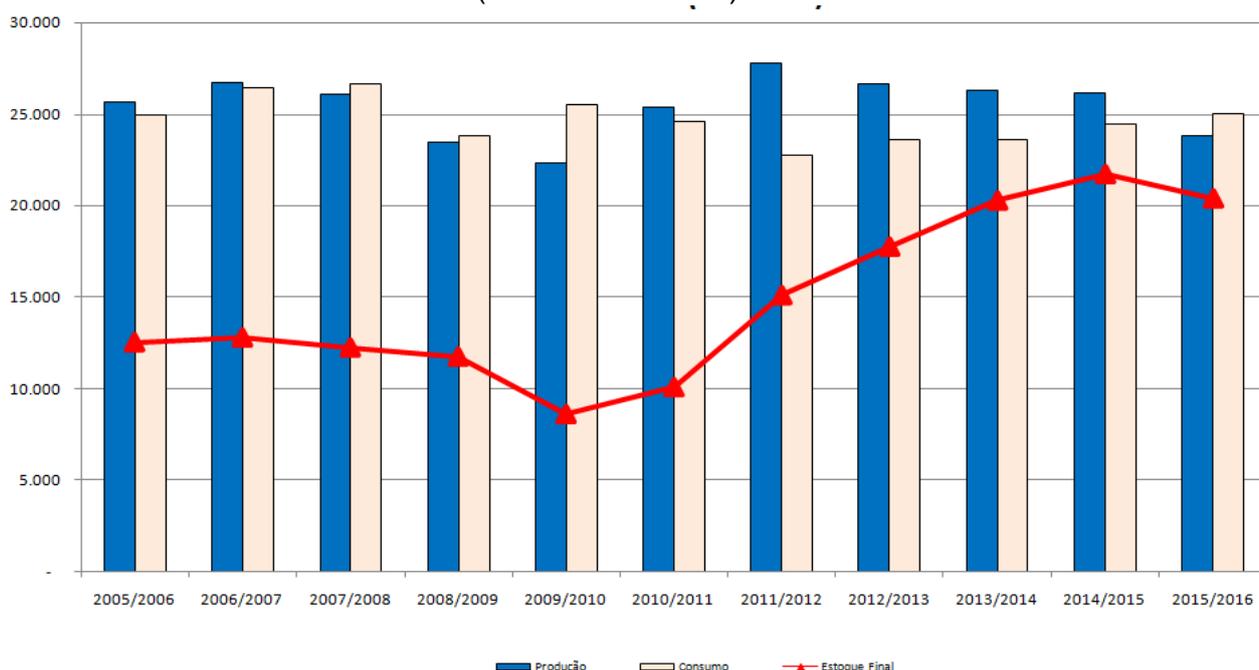
10.1.1.1. Oferta e demanda

Panorama mundial

O mercado mundial do algodão segue com disponibilidade do produto bastante superior ao consumo, todavia, com expectativa de que o consumo supere a produção na safra 2015/16. Os números revisados em setembro da produção mundial na safra 2014/15, já finalizada no Hemisfério Norte e em andamento no Sul, estimada pelo Comitê Consultivo do Algodão (ICAC) é de 26,2 milhões de toneladas, enquanto que o consumo previsto é de 24,5 milhões toneladas. Quanto às projeções de produção mundial para a safra 2015/16, aquela instituição avalia que haverá uma significativa retração de 9,51%, devendo totalizar cerca de 23,7 milhões de toneladas, e no caso do consumo, estima um crescimento moderado de 2,29%, perfazendo um montante de 25,03 milhões de toneladas.

Cabe enfatizar que o menor volume de produção, segundo as estimativas do Icac, contribuirá para uma redução de 6,11% nos estoques de passagem no ano safra 2015/16, projetado em 20,95 milhões de toneladas. Nesse sentido, a relação estoque versus consumo, no citado período, passa a ser de 81,58% contra 90,5% na safra 2014/15. Historicamente este índice oscila entre 35% e 40%. Contudo, destaca-se que cerca de 58,21% dos estoques mundiais no biênio 2014/15 estarão concentrados apenas na China.

Gráfico 26 – Comparativo de produção, consumo e estoque final de algodão no mundo nas últimas nas últimas 11 safras (em mil toneladas)

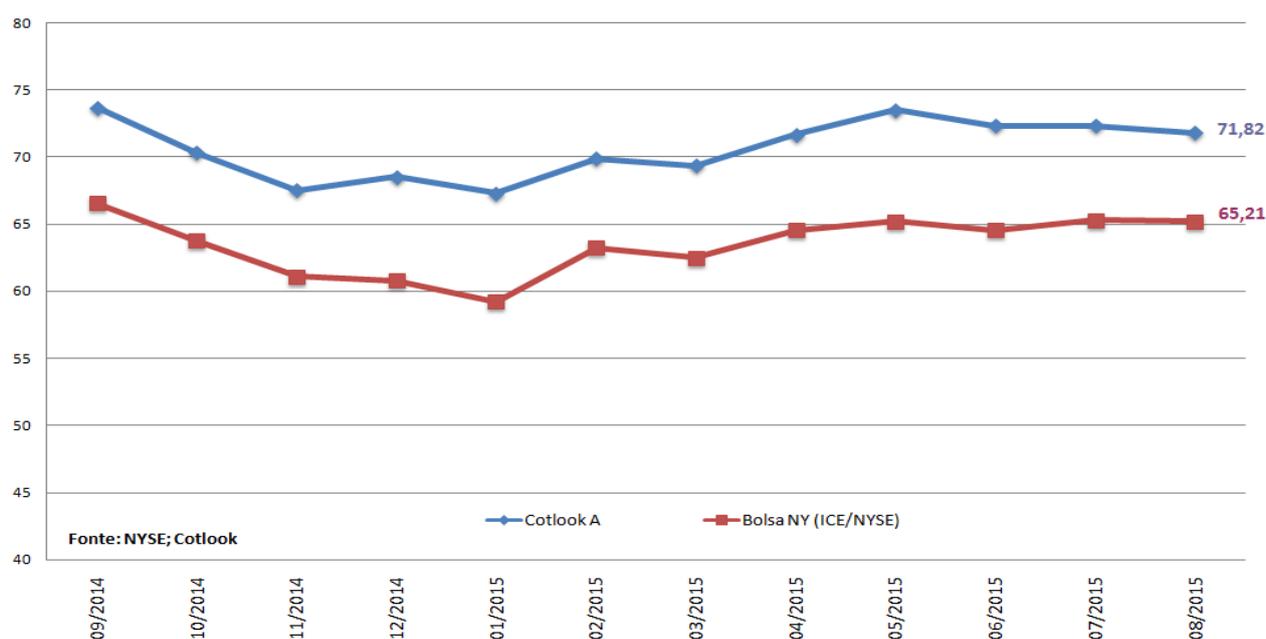


Fonte: Icac.

Preços internacionais

Os preços médios internacionais da pluma apresentaram desvalorização em agosto, a justificativa é dada à menor demanda mundial pela pluma no mercado físico no período. Além disso, o desempenho das exportações estadunidenses abaixo do esperado impactaram negativamente as cotações do algodão na bolsa de Nova Iorque e mercado físico.

Gráfico 27 – Preços internacionais médios mensais (FOB) – 12 meses (em Cents US\$/lb)



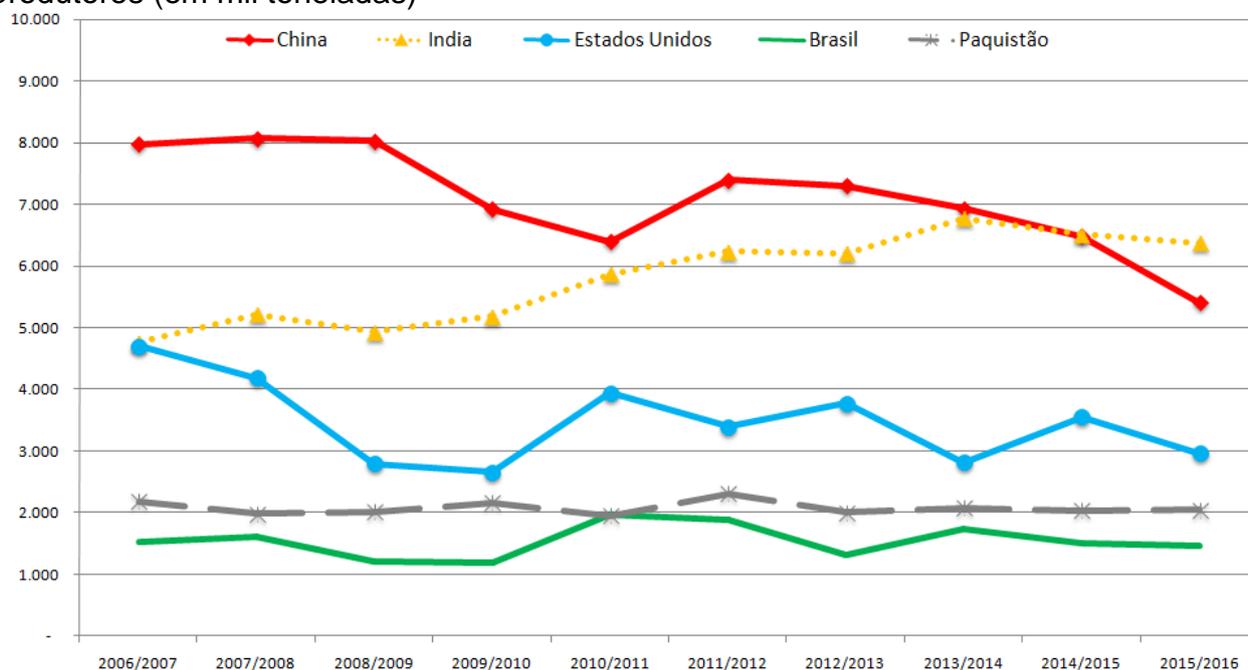
Fonte: NYSE; Cotlook

Panorama nacional

Caso as condições climáticas permaneçam favoráveis até o final do ciclo da cultura, o Brasil deverá produzir aproximadamente 1.532,8 mil toneladas de pluma. Em valores absolutos a produção de pluma será inferior à da safra passada em 201,2 mil toneladas, aproximadamente, o que em termos percentuais equivale a 11,6%.

O declínio da produção foi fundamentado, principalmente, pelo grande acúmulo dos estoques mundiais de passagem nos últimos cinco anos que exerceu impacto negativo sobre os preços em nível mundial, especialmente aqui no Brasil onde os preparativos para o plantio da safra (compras de insumos, preparo do solo, entre outras atividades) começam em março e se estendem até o princípio de novembro, quando efetivamente é iniciado os trabalhos de semeadura.

Gráfico 28 – Evolução da produção de algodão nas últimas dez safras – Principais produtores (em mil toneladas)

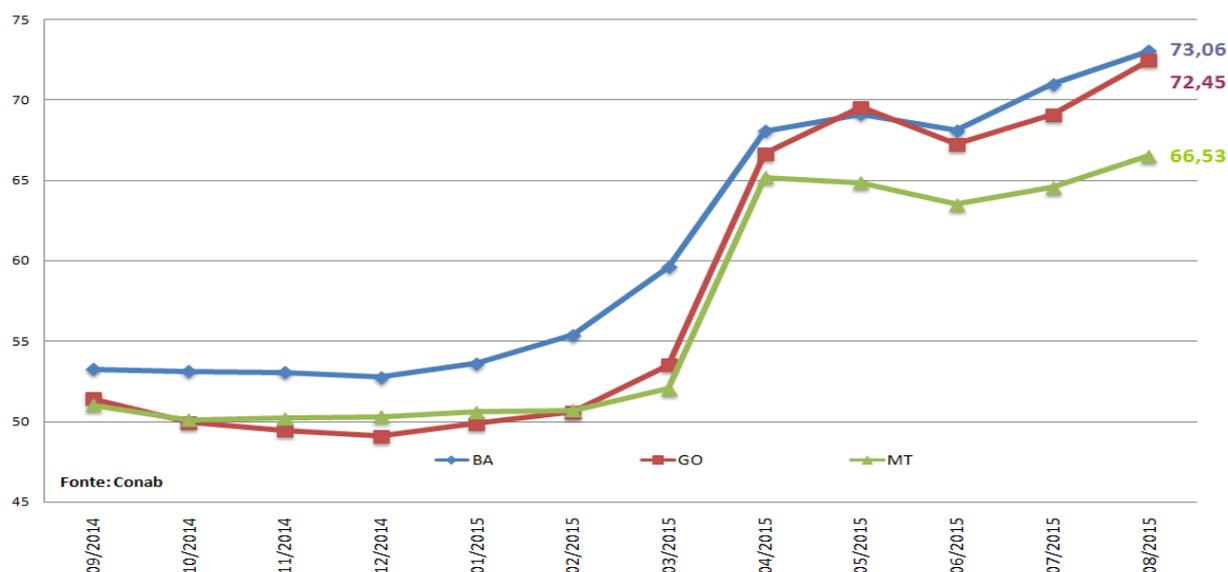


Fonte: Icac.

Preços nacionais

Os preços domésticos do algodão reagiram de maneira positiva à alta do dólar. Desse modo, os preços sofreram uma variação positiva, além de estimular as vendas ao mercado externo. Os preços médios em agosto subiram em todos os estados avaliados em comparação com julho, na Bahia a média das cotações elevou-se 2,93%, com média de R\$73,06/@, em Goiás 4,88%, com média de R\$72,45/@ e em Mato Grosso 3,05%, com média de R\$66,53/@.

Gráfico 29 – Preços médios mensais pagos ao produtor – 12 meses (em R\$/@)



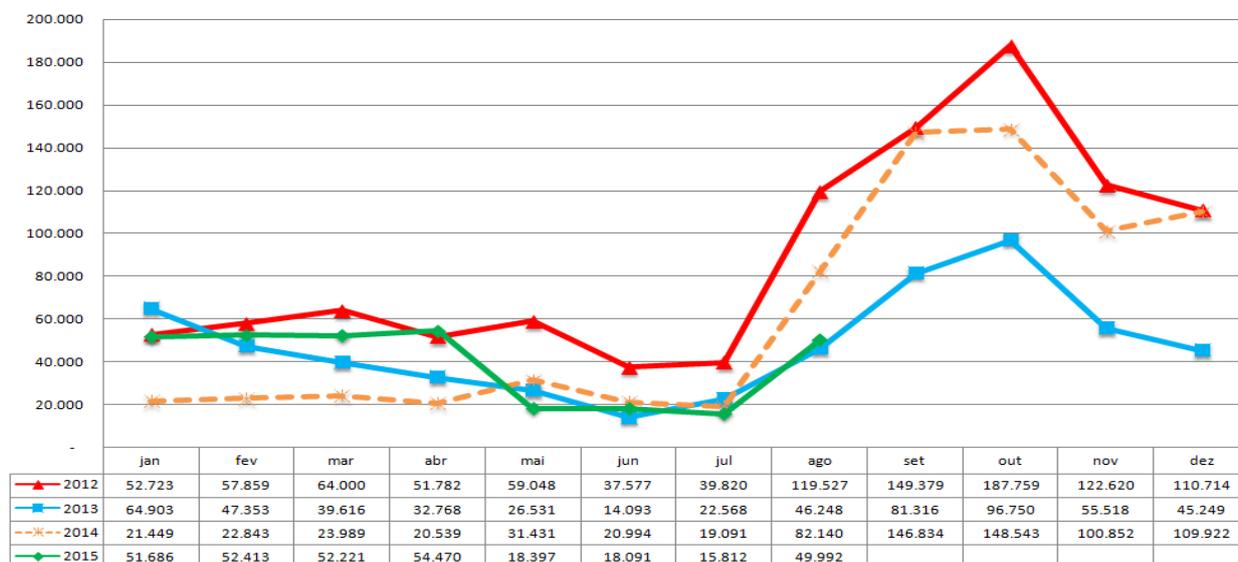
Informações sobre o consumo nacional

Em função de notícias sobre o fraco desempenho da indústria têxtil no ano de 2014, e levando em consideração as atuais previsões de crescimento negativo da economia brasileira no corrente ano, a Conab mantém inalterada sua projeção de consumo em 800 mil toneladas para 2015.

Análise de exportações líquidas brasileiras

O total das exportações brasileiras de algodão em 2014 foi de 748,6 mil toneladas, ou seja, 30,67% superior ao volume exportado em 2013, fato que indica uma maior parcela do comércio internacional de pluma ocupada pelo país. Para 2015 a Conab mantém sua estimativa de 790 mil toneladas a ser exportada.

Gráfico 30 – Exportações brasileiras de algodão de janeiro de 2012 a julho de 2015 (em mil toneladas)



Fonte: Secex.

Oferta e demanda

Diante do cenário ora apresentado, a atual configuração do quadro de suprimento estimado para 2015 passa a ser a seguinte: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) é de 2.044,7 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) é de 1.590 mil toneladas.

Dessa maneira, a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2015 passa a ser de 454,7 mil toneladas de pluma, constituindo, assim, quantidade suficiente para abastecer a indústria nacional e honrar compromissos de exportação por um período aproximado de três meses.

10.1.2. Amendoim

10.1.2.1. Amendoim primeira safra

Quadro 2 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12 Primavera			21/12 a 20/03 Verão			20/03 a 21/06 Outono			21/06 a 22/09 Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG			P	P	P	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C					P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C					P
RS	P	P	P		C	C	C					

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; PC - Rantio e colheita.

Fonte: Conab.

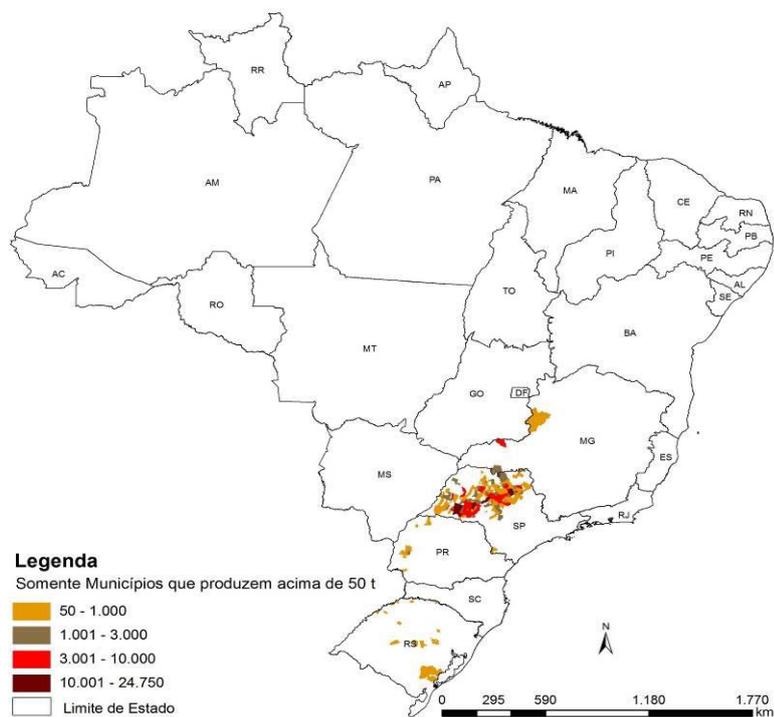
Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	88,8	92,5	4,2	3.162	3.315	4,8	280,8	306,6	9,2
MG	2,6	2,7	3,8	3.680	3.338	(9,3)	9,6	9,0	(6,3)
SP	86,2	89,8	4,2	3.146	3.314	5,3	271,2	297,6	9,7
SUL	5,4	5,2	(3,7)	1.998	2.429	21,6	10,8	12,7	17,6
PR	2,2	2,2	0,5	2.408	2.400	(0,3)	5,3	5,3	-
RS	3,2	3,0	(7,7)	1.716	2.450	42,8	5,5	7,4	34,5
CENTRO-SUL	94,2	97,7	3,7	3.095	3.268	5,6	291,6	319,3	9,5
BRASIL	94,2	97,7	3,7	3.095	3.268	5,6	291,6	319,3	9,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

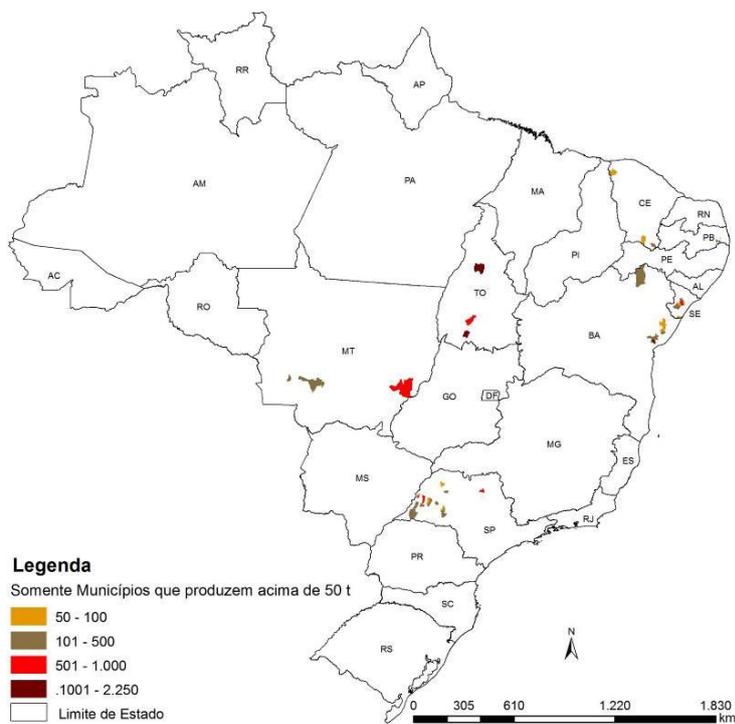
Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Amendoim primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

10.1.2.2. Amendoim segunda safra

Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 3 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO				P	P		C	C				
Nordeste												
CE				P	P	P		C	C	C		
PB							P	P			C	C
SE		P	P				C	C				
BA		P	P				C	C				
Centro-Oeste												
MT					P	P		C	C			
Sudeste												
SP				P	P	P	P	C	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,8	2,4	200,0	3.556	3.873	8,9	2,8	9,3	232,1
TO	0,8	2,4	200,0	3.556	3.873	8,9	2,8	9,3	232,1
NORDESTE	3,9	3,3	(15,4)	1.215	1.156	(4,9)	4,8	3,9	(18,8)
CE	1,0	0,4	(60,0)	1.154	662	(42,6)	1,2	0,3	(75,0)
PB	0,3	0,3	-	319	609	90,9	0,1	0,2	100,0
SE	1,3	1,1	(15,4)	1.740	1.605	(7,8)	2,3	1,8	(21,7)
BA	1,3	1,5	15,4	945	1.068	13,0	1,2	1,6	33,3
CENTRO-OESTE	0,4	0,2	(50,0)	2.500	1.848	(26,1)	1,0	0,4	(60,0)
MT	0,4	0,2	(61,3)	2.500	1.848	(26,1)	1,0	0,4	(60,0)
SUDESTE	6,0	5,3	(11,7)	2.600	2.615	0,6	15,6	13,9	(10,9)
SP	6,0	5,3	(11,7)	2.600	2.615	0,6	15,6	13,9	(10,9)
NORTE/NORDESTE	4,7	5,7	21,3	1.990	2.300	15,6	7,6	13,2	73,7
CENTRO-SUL	6,4	5,5	(14,1)	2.594	2.587	(0,3)	16,6	14,3	(13,9)
BRASIL	11,1	11,2	0,9	2.179	2.441	12,0	24,2	27,5	13,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

10.1.2.3. Amendoim total

A safra total de amendoim (*Arachis hypogaea L.*), ou seja, somando a primeira e segunda safras terão incremento significativo em todos os pontos analisados. A produtividade, por exemplo, ficará em 3.183 kg/ha, a produção total estimada é 346,8 mil toneladas em uma área total de 108,9 mil hectares, representando aumento de 6,1%, 9,8% e 3,4%, respectivamente.

Em São Paulo, principal estado produtor, a produção total será de 311,5 mil toneladas, aumento de 5,3% em relação à safra anterior. Os dados coletados indicam que aproximadamente 80% do amendoim paulista é destinado para a exportação e devido à valorização do câmbio, o segmento produtivo investiu na cultura na expectativa de uma maior lucratividade. Esse investimento, que normalmente é maior no amendoim primeira

safrá, foi igualmente significativo no amendoim segunda safrá (conhecido como "amendoim da seca").

A produtividade média das lavouras paulistas da segunda safrá ficou em 2.615 kg/ha. No amendoim primeira safrá a produtividade foi de 3.314 kg/ha, o que indica um maior aporte de tecnologia na primeira safrá. Considerando as duas safras, a média da produtividade ficou em 3.275 kg/ha, 5,3% maior do que a safrá anterior.

O contrário ocorreu em Minas Gerais, onde houve uma queda de 9,3% na produtividade devido aos ajustes em produtividade na região do Triângulo Mineiro. A produtividade média em Minas Gerais está estimada em 3.338 kg/ha. A área de cultivo de amendoim está estimada em 2,7 mil hectares, com acréscimo de 3,8% em relação à safrá anterior. O plantio comercial de amendoim é concentrado no Triângulo Mineiro e responde por 84,8% da área de cultivo e por 94,8% do volume de produção do estado. Nesta região as lavouras são altamente tecnificadas, com sementes de boa qualidade e plantadas, normalmente, em novembro e dezembro. Nas demais regiões – Norte, Rio Doce, Jequitinhonha/Mucuri e Central - a cultura do amendoim ocupa pequenas áreas de agricultura familiar, exploradas com baixo nível tecnológico, e representa 15,2% de área e 5,3% da produção estadual, obedecendo ao mesmo calendário de plantio. A colheita encontra-se concluída. Diante do cenário descrito, Minas gerais terá uma produção de 9 mil toneladas de amendoim, 6,1% menor em relação à safrá 2013/14.

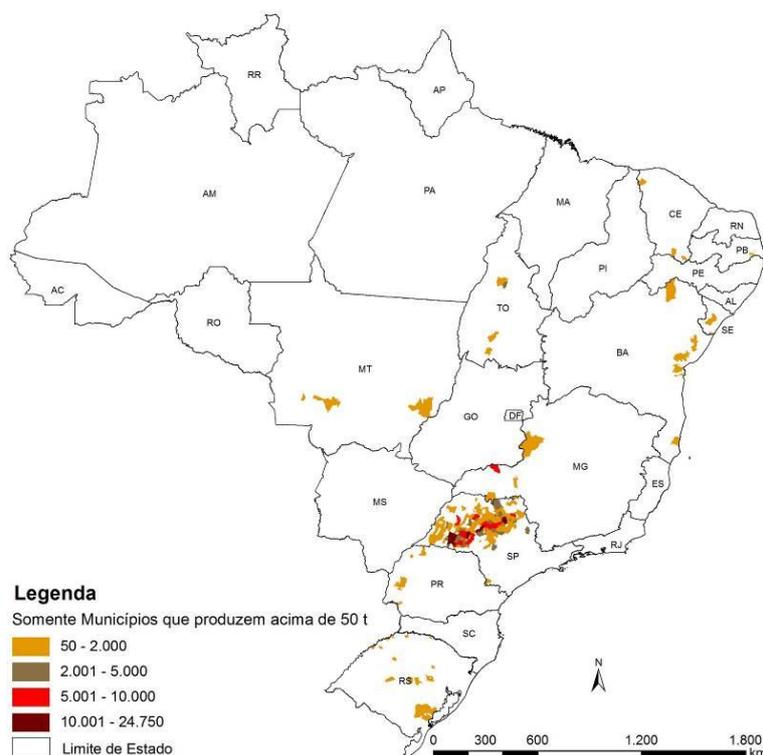
O estado com maior produtividade média é o Tocantins, onde colhe-se 3.873 kg/ha, e conforme o levantamento, haverá um incremento significativo na área plantada, alcançando 2,4 mil hectares e uma produção total de 232,1 mil toneladas. A explicação para os dados positivos do amendoim naquele estado é que a cultura vem sendo explorada por produtores tecnificados que usam, por exemplo mecanização intensiva no cultivo.

No Nordeste cultiva-se 3,3 mil hectares. Na Bahia são plantados 1,5 mil hectares e produtividade de 1.156 kg/ha. A melhor produtividade da região está em Sergipe, 1.605 kg/ha.

No Rio Grande do Sul estima-se um significativo aumento na produtividade, 42,8%, chegando a 2.450 kg/ha e produção total de 7,4 mil toneladas.

No Ceará a cultura do amendoim está 100% colhida, totalizando uma área de 0,4 mil hectares plantados, 60% menor do que a safrá anterior, influenciada, principalmente por fatores climáticos. A cidade de Crato possui a maior área plantada do estado, 115 hectares, seguida de Viçosa do Ceará com 110 hectares. A colheita do amendoim aconteceu em maio e junho. Do produto colhido 59,56% apresenta-se com qualidade regular, enquanto 35,52% possui boa qualidade. O fator climático que mais influenciou na produção do amendoim no estado foi a escassez de chuvas nas regiões onde houve o plantio da cultura. A falta de água, principalmente nos estádios de floração e frutificação, comprometeu drasticamente o seu desenvolvimento, o que resultou na diminuição da produtividade. Não houve relato de ataque de pragas e de ocorrência de doenças significativas para a cultura.

Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	0,8	2,4	200,0	3.556	3.873	8,9	2,8	9,3	232,1
TO	0,8	2,4	200,0	3.556	3.873	8,9	2,8	9,3	232,1
NORDESTE	3,9	3,3	(15,4)	1.215	1.156	(4,9)	4,8	3,9	(18,8)
CE	1,0	0,4	(60,0)	1.154	662	(42,6)	1,2	0,3	(75,0)
PB	0,3	0,3	-	319	609	90,9	0,1	0,2	100,0
SE	1,3	1,1	(15,4)	1.740	1.605	(7,8)	2,3	1,8	(21,7)
BA	1,3	1,5	15,4	945	1.068	13,0	1,2	1,6	33,3
CENTRO-OESTE	0,4	0,2	(50,0)	2.500	1.848	(26,1)	1,0	0,4	(60,0)
MT	0,4	0,2	(50,0)	2.500	1.848	(26,1)	1,0	0,4	(60,0)
SUDESTE	94,8	97,8	3,2	3.126	3.277	4,8	296,4	320,5	8,1
MG	2,6	2,7	3,8	3.680	3.338	(9,3)	9,6	9,0	(6,3)
SP	92,2	95,1	3,1	3.110	3.275	5,3	286,8	311,5	8,6
SUL	5,4	5,2	(3,7)	1.998	2.429	21,6	10,8	12,7	17,6
PR	2,2	2,2	-	2.408	2.400	(0,3)	5,3	5,3	-
RS	3,2	3,0	(6,3)	1.716	2.450	42,8	5,5	7,4	34,5
NORTE/NORDESTE	4,7	5,7	21,3	1.614	2.300	42,5	7,6	13,2	73,7
CENTRO-SUL	100,6	103,2	2,6	3.063	3.231	5,5	308,2	333,6	8,2
BRASIL	105,3	108,9	3,4	2.998	3.183	6,1	315,8	346,8	9,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

10.1.3. Arroz

Avaliando-se o comportamento da cultura do arroz durante a safra 2014/15 conclui-se que, mesmo com a redução de 3,3% da área plantada no Brasil, o incremento de 6,2% da produtividade fez com que a produção total alcançasse 12.448,6 mil toneladas, aumento de 2,7% em relação à safra passada. Cabe destacar que a produtividade média de 5.424 kg/ha é a mais alta já registrada nos levantamentos realizados pela Conab.

No Rio Grande do Sul, maior estado produtor do cereal que na safra 2014/15 representa quase 70% da produção brasileira, o cultivo iniciou com a possibilidade de redução de área, fato que não se confirmou, pois a área plantada foi de 1.120,1 mil hectares, a mesma da safra 2013/14. A previsão de excesso de chuva na fase do plantio gerou expectativa de atraso no plantio, porém esse fato que não afetou significativamente o desenvolvimento das lavouras. Com significativo aumento de 6,3% na produtividade do arroz gaúcho, a produção total foi de 8.624,8 mil toneladas.

O verão chuvoso aliado a temperaturas próximas do ideal em quase todo o ciclo, a maior preocupação dos orizicultores foi no controle das doenças, principalmente a brusone (*Pyricularia grisea*; *Pyricularia oryzae*). A brusone é a principal doença que ataca o arroz e os danos podem comprometer até 100% da produção em anos em que as condições se mostrarem favoráveis à doença (SOCIEDADE SUL-BRASILEIRA DE ARROZ IRRIGADO - SOSBAI, 2014, p: 134)⁴. Essas condições estão intimamente ligada à condição climática e é altamente prejudicial, principalmente quando ao ataque ocorre nas panículas e grãos.

Em Santa Catarina houve redução de 1,5% na área plantada, cedendo espaço para outras culturas, como milho, hortifrutigranjeiro, maracujá, mandioca, entre outras, e nas áreas urbanas, para a construção civil. Nos 147,9 mil hectares plantados em solo catarinense a produtividade média foi de 7.150 kg/ha, o que gerou uma produção total de 1.057,5 mil toneladas, 0,9% menor do que a safra 2014/15. A preocupação inicial dos orizicultores catarinenses era com o baixo volume dos rios e reservatórios, porém como houve um bom regime de chuvas, a falta de água não ocorreu. Em virtude de temperaturas altas e da umidade em excesso sobre as folhas, a preocupação passou a ser com as doenças, pois tal situação favoreceu o ataque de doenças nas lavouras, especialmente de brusone. Foram aplicados fungicidas para se combater a doença, seguindo recomendações técnicas, que por fim, surtiram efeito e a produtividade não foi impactada significativamente.

No Paraná o cultivo do arroz ocorre em dois tipos de manejo: irrigado e sequeiro. No geral, houve redução de 8,4% na área plantada de arroz no Paraná que, compensado pelo aumento de 11,7% na produtividade, a produção total chegou a 162,7 mil toneladas.

Em Tocantins o arroz também é cultivado em dois sistemas: sequeiro e irrigado. Na safra 2014/15 houve aumento de 11,9% da área plantada. Essa tendência não deverá ocorrer na próxima safra, pois espera-se que o cultivo do arroz seja substituído por outras culturas, principalmente pela soja. Com a produtividade média praticamente igual à safra 2013/14, a produção total de arroz no Tocantins foi de 605 mil toneladas.

⁴ Reunião Técnica da Cultura do Arroz Irrigado (30.:2014: Bento Gonçalves, RS). Arroz Irrigado: Recomendações Técnicas da Pesquisa para o Sul do Brasil / XXX Reunião Técnica da Cultura do Arroz Irrigado, 06 a 08 de agosto de 2014, Bento Gonçalves, RS, Brasil. - Santa Maria: Sociedade Sul-Brasileira de Arroz Irrigado. Santa Maria, 2014. 192 p.

Em Roraima o arroz irrigado no verão representa 80% da produção do cereal naquele estado, com plantio a partir de setembro e colheita até abril, portanto, 100% desse arroz já foi colhido e comercializado. A safra de inverno é pequena, com plantio de maio a junho e colheita entre agosto e setembro. A produtividade é inferior à safra de verão, com média de 6.000 kg/ha. Dos 12.000 hectares plantados no estado, o plantio de inverno participa com cerca de 1.300 hectares apenas, onde predomina a produção de sementes para o próximo plantio. A colheita do arroz de inverno é de 60% e as lavouras estão satisfatórias.

Na Região Norte os dados indicam que houve redução na área plantada de arroz. Porém, ao se analisar os dados de toda a região, nota-se um significativo incremento de 5,6% na produtividade. A lavoura de arroz nessa região é utilizada para abertura de novas áreas ou após a utilização com pastagens, prática que tem diminuído no último período e justifica a redução da área plantada.

A redução de área também é identificada no Nordeste, onde a produção é historicamente pouco significativa. A baixa competitividade frente ao arroz vindo de outros estados produtores, o alto custo de implantação da lavoura, a necessidade de condições hídricas favoráveis para atingir-se bons índices de produtividade que compensem o investimento, reduzem as áreas com o cereal.

No Maranhão, estado que responde por 71,4% do arroz produzido na Região Nordeste, a produção, área e produtividade sofrerão reduções. Os relatos afirmam que a opção de se substituir o arroz ocorreu pelos motivos expostos nos parágrafo anterior aliado à falta de sementes de arroz fiscalizadas. Na região produtora de arroz no Piauí, segundo principal estado produtor da Região Nordeste, observou-se comportamento similar ao do Maranhão, ou seja, com a redução dos parâmetros analisados.

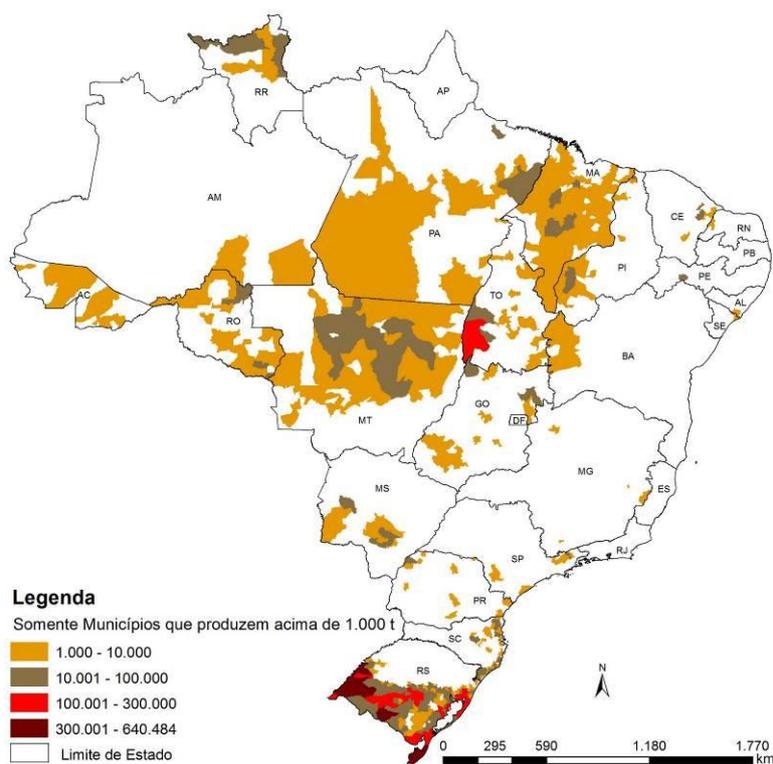
Nos demais estados do Nordeste a área plantada e a produção é pouco significativa e com vistas ao atendimento do mercado local.

Na Região Centro-Oeste houve aumento de 1,9% na área plantada, influenciada significativamente pelo aumento de 16,8% na área plantada em Mato Grosso do Sul. Neste estado a safra está finalizada e a produção total e a produtividade tiveram acréscimo de 17% e 0,2%, respectivamente. Em Mato Grosso a produtividade média do arroz foi de 0,9% menor em relação à safra anterior. Destaca-se ainda a qualidade do produto, onde houveram relatos de rendimento de 56, 58 e até mesmo 60% de grãos inteiros, o que demonstra uma excelente qualidade da lavoura mato-grossense.

A produção de arroz na região Sudeste ficou 11,4% menor, quando comparada com a safra 2013/14, chegando a 76,6 mil toneladas. São Paulo apresentou aumento em todos os índices analisados. Nos demais estados houve redução de área e da produção total. A produtividade média da região foi 12,5% superior à safra passada, com destaque para São Paulo que atingiu uma produtividade média de 10,8% superior à safra anterior.

No Rio de Janeiro a safra de arroz está finalizada, e os motivos para a redução da área plantada estão relacionados com a substituição da lavoura de arroz, que cede espaço para o cultivo do tomate e de outras olerícolas, além da escassez de chuvas no início do plantio.

Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 4 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Ma	Jun	Jul	Ago	set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C					
AC	P	P	P			C	C	C				
AM	P	P	P	C	C	C	C					
AP				P	P	P		C	C	C		
PA	P	P	P	P/C	P/C	P/C	P/C	C	C	C	C	P
TO	P	P	P	P/C	C	C	C	C				P
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	P/C	C	C	C	C		
PI		P	P	P	P	C	C	C	C			
CE				P	P	P		C	C	C	C	
RN	C	C			P	P	P	P	C	C	C	C
PB				P	P	P		C	C	C		
PE	C	C		P	P	P		C	C	C	C	C
AL	P	P	P	C	C	C	C				C	P
SE	P	P		C	C	C						P
BA	P	P	P		C	C	C	C	C			
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
MS	P	P	P/C	C	C	C	C					P
GO	P	P	P				C	C	C			
Sudeste												
MG	P	P	P				C	C	C	C		
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C	C			
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
RS	P	P	P		C	C	C	C				P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	268,9	261,6	(2,7)	3.597	3.797	5,6	967,2	993,4	2,7
RR	12,0	12,0	-	6.500	6.500	-	78,0	78,0	-
RO	48,5	44,3	(8,6)	2.819	2.859	1,4	136,7	126,7	(7,3)
AC	7,5	6,7	(10,6)	1.201	1.143	(4,8)	9,0	7,7	(14,4)
AM	3,4	3,3	(2,9)	2.261	2.189	(3,2)	7,7	7,2	(6,5)
AP	2,0	1,9	(5,0)	1.218	865	(29,0)	2,4	1,6	(33,3)
PA	81,6	65,9	(19,2)	2.326	2.537	9,1	189,8	167,2	(11,9)
TO	113,9	127,5	11,9	4.773	4.745	(0,6)	543,6	605,0	11,3
NORDESTE	539,5	476,6	(11,7)	1.695	1.458	(14,0)	914,6	694,7	(24,0)
MA	389,1	349,8	(10,1)	1.692	1.418	(16,2)	658,4	496,0	(24,7)
PI	105,9	95,1	(10,2)	1.400	1.184	(15,4)	148,3	112,6	(24,1)
CE	22,1	12,5	(43,4)	1.436	1.436	-	31,7	18,0	(43,2)
RN	1,5	0,9	(40,0)	3.074	2.590	(15,7)	4,6	2,3	(50,0)
PB	1,2	0,9	(25,0)	817	53	(93,5)	1,0	-	(100,0)
PE	0,7	0,2	(71,4)	6.923	4.510	(34,9)	4,8	0,9	(81,3)
AL	3,1	2,7	(12,9)	5.858	5.720	(2,4)	18,2	15,4	(15,4)
SE	7,1	6,0	(16,0)	5.570	7.102	27,5	39,5	42,6	7,8
BA	8,8	8,5	(3,4)	920	812	(11,7)	8,1	6,9	(14,8)
CENTRO-OESTE	229,8	234,2	1,9	3.543	3.582	1,1	814,1	838,9	3,0
MT	176,3	188,1	6,7	3.285	3.257	(0,9)	579,1	612,6	5,8
MS	15,5	18,1	16,8	6.150	6.160	0,2	95,3	111,5	17,0
GO	38,0	28,0	(26,3)	3.677	4.100	11,5	139,7	114,8	(17,8)
SUDESTE	34,8	27,4	(21,3)	2.485	2.796	12,5	86,5	76,6	(11,4)
MG	19,4	12,0	(38,1)	2.020	2.100	4,0	39,2	25,2	(35,7)
ES	0,5	0,3	(40,0)	2.557	2.237	(12,5)	1,3	0,7	(46,2)
RJ	0,9	0,5	(39,2)	3.476	2.403	(30,9)	3,1	1,2	(61,3)
SP	14,0	14,6	4,2	3.063	3.393	10,8	42,9	49,5	15,4
SUL	1.299,9	1.295,2	(0,4)	7.185	7.601	5,8	9.339,2	9.845,0	5,4
PR	29,7	27,2	(8,4)	5.356	5.981	11,7	159,1	162,7	2,3
SC	150,1	147,9	(1,5)	7.110	7.150	0,6	1.067,2	1.057,5	(0,9)
RS	1.120,1	1.120,1	-	7.243	7.700	6,3	8.112,9	8.624,8	6,3
NORTE/NORDESTE	808,4	738,2	(8,7)	2.328	2.287	(1,8)	1.881,8	1.688,1	(10,3)
CENTRO-SUL	1.564,5	1.556,8	(0,5)	6.545	6.912	5,6	10.239,8	10.760,5	5,1
BRASIL	2.372,9	2.295,0	(3,3)	5.108	5.424	6,2	12.121,6	12.448,6	2,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

10.1.3.1. Oferta e demanda

Nos últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em julho de 2015, foram importadas 41 mil toneladas de arroz, sendo apenas 1,6 mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data não foram disponibilizados os dados referentes a agosto e por esse motivo, julho é a proxy utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram uma retração do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em junho de 2014 essas aquisições foram de 74,7 mil toneladas, sendo 0,9 mil provenientes de outros países não pertencentes ao Mercosul. Sobre as exportações, estas também tiveram uma retração, passando de 83,5 mil toneladas em julho de 2014 para 69 mil toneladas em julho de 2015.

Acerca do fluxo comercial internacional consolidado do período comercial 2014/15 obteve-se um superavit de 381,1 mil toneladas, sendo o montante exportado igual a 1.188,4 mil toneladas e o montante importado igual a 807,2 mil toneladas. Para o período de negociação da safra 2014/15, de março de 2015 a fevereiro de 2016, são estimadas exportações de 1.250 mil toneladas e importações de 650 mil toneladas. Até o momento o superavit acumula 254,6 mil toneladas, com perspectiva de incremento em face da relevante elevação do dólar.

Para a atual safra brasileira 2014/15 de arroz a produção média deverá ser 2,7% superior em relação à safra 2013/14, atingindo 12.448,6 mil toneladas em função da recuperação da produtividade no Rio Grande do Sul. Para a comercialização da safra 2013/14 e 2014/15, o consumo é estimado em 12 milhões de toneladas, o que, em conjunto com um expressivo aumento do superavit em relação aos períodos anteriores, resultará em uma amena redução do estoque de passagem.

10.1.4. Feijão

10.1.4.1. Feijão primeira safra

A maior parte do volume da produção de feijão primeira safra é produzida na Região Centro-Sul. Este volume da região é quase 80% da produção total, destacando-se Paraná, Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina e São Paulo, mesmo ocupando apenas 56,5% das áreas cultivadas com a cultura. A área de feijão primeira safra foi de 1,05 milhão de hectares, o que configura um decréscimo de 10,7% em relação à safra passada. A maioria dos principais estados produtores indica a tendência de plantios em áreas menores do que as cultivadas na safra anterior. A comercialização instável e os riscos climáticos aliados à cultura, somados à atratividade de outras culturas concorrentes, como soja e milho, derrubam uma maior intenção dos produtores em todo país, nesta temporada.

No Paraná ocorreu um decréscimo na área de 19,1% nas estimativas atuais, com o cultivo chegando a 192,7 mil hectares. Os altos riscos inerentes à produção de feijão, somados às dificuldades na comercialização, têm pesado na hora de decidir o que plantar. Apesar de um início preocupante, o produto recuperou-se após a normalização do clima, propiciando uma produtividade considerada boa. A safra totalizou 328,9 mil toneladas.

Em Minas Gerais, o segundo maior produtor de feijão primeira safra, ao contrário

do ocorrido em safras passadas, os levantamentos projetaram neste ano uma retração de 11% na área de plantio do feijão primeira safra, em razão do desestímulo dos preços de mercado na ocasião do plantio, da melhor competitividade das culturas de milho, soja e dos elevados riscos de perdas. A área de plantio foi estimada em 159,1 mil hectares. Nesta safra houve redução de 11,7% na produtividade em razão da forte estiagem e temperaturas elevadas que ocorreram durante janeiro, que prejudicaram as lavouras em maior ou menor intensidade, dependendo dos estádios de desenvolvimento das lavouras ao longo desse período. A redução de produção também está relacionada ao atraso no plantio, da ordem de 30 a 40 dias, em decorrência do atraso do início do período chuvoso. O prolongado período seco prejudicou, principalmente, as lavouras que foram plantadas em dezembro. A produção somou 164,4 mil toneladas, redução de 21,4% em relação à safra anterior.

No Piauí, apesar dos veranicos ocorrido nos meses de plantio que provocaram uma apreensão por parte dos produtores, a área teve acréscimo de 1,1% em relação à safra passada, em virtude do replantio realizado a partir do retorno das chuvas. A produtividade teve incremento de 47,1% e a produção alcançou 75,2 mil toneladas.

Na Bahia 72% das áreas de feijão primeira safra é da variedade macaçar e 28% de feijão cores. Nesta safra a área apresenta uma queda de 12,6%, mas em função das condições climáticas favoráveis que promoveram um aumento de 47,7% na produtividade, houve aumento de 29,1% na produção.

Em Santa Catarina problemas climáticos ocorridos na safra passada, os quais interferiram negativamente na qualidade do grão colhido, principalmente nas variedades do feijão-carioca, resultaram na redução da área plantada nesta safra (15%). Ainda, fatores climáticos adversos durante o plantio, incertezas em relação aos preços e melhor rentabilidade da soja, contribuíram para que o produtor reduzisse o plantio da cultura em todas as regiões.

As condições climáticas, apesar de favorecer grande parte das lavouras através de chuvas regulares, influenciou negativamente alguns locais, pois as altas temperaturas, associadas com chuvas fortes em curtos períodos, resultaram em perda de produtividade em alguns municípios onde a fase da cultura estava mais suscetível ao encharcamento do solo e ataque de doenças.

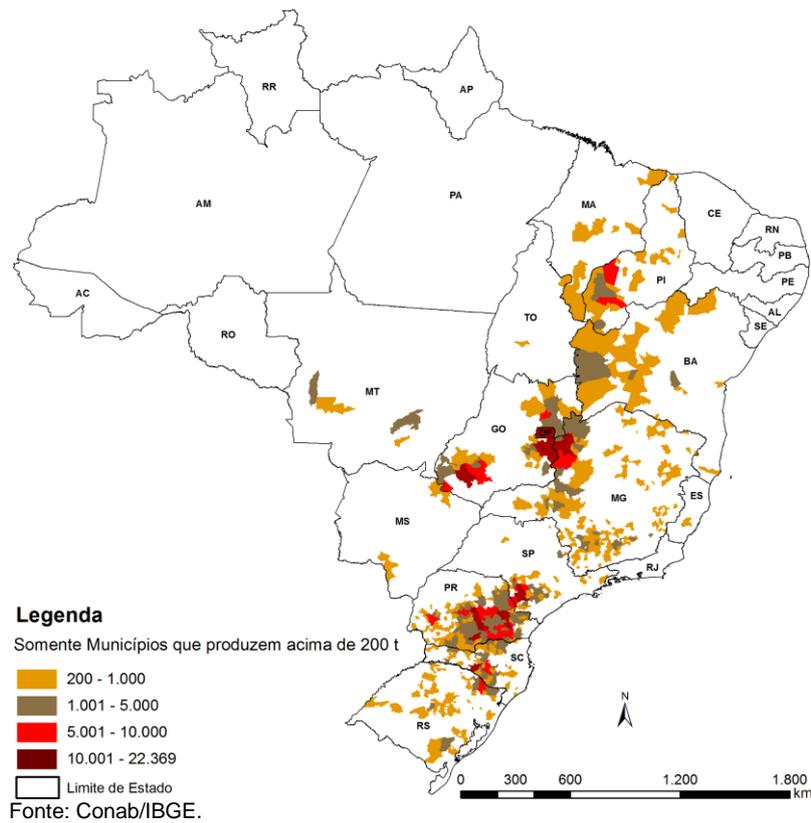
As chuvas ocorridas durante a colheita afetaram a qualidade do produto, pois o excesso de umidade provoca ataque de fungos e germinação dos grãos, cujas vagens entram em contato com o solo. No caso do feijão-carioca, além dos problemas anteriores, a descoloração do tegumento, importante fator responsável pela formação do preço, também contribui para redução da qualidade.

Apesar disso, o rendimento médio da cultura alcançou 1.950 kg/ha, aumento de 8,3% em relação à safra 2013/14. O saldo da produção 7,9% menor em relação ao alcançado na safra passada foi resultado da redução da área plantada na safra atual.

Em São Paulo a área reduziu 12,2%, por causa da concorrência de outras commodities, em função dos preços obtidos na última safra.

A produção nacional para o feijão da primeira safra é estimada em 1,13 milhão de toneladas, representando um decréscimo de 10,1% em relação à safra passada.

Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Quadro 5 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12 Primavera			21/12 a 20/03 Verão			20/03 a 21/06 Outono			21/06 a 22/09 Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		P	P	P	P/C	C	C	C				
Nordeste												
PI		P	P			C	C					
BA	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					
MS	P	P		C	C							
GO	P	P	P	C	C	C						
DF	P	P	P		C	C						
Sudeste												
MG	P	P	P/C	C	C	C						
ES		P	P	C	C	C						
RJ	P	P	C	C	C							
SP	P	P/C	C	C	C							P
Sul												
PR	P	P	C	C	C						P	P
SC	P	P	C	C	C	C	C					P
RS	P	P	C	C	C	C	C				P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,0	4,8	20,0	629	707	12,4	2,5	3,4	36,0
TO	4,0	4,8	20,0	629	707	12,4	2,5	3,4	36,0
NORDESTE	518,2	484,5	(6,5)	326	460	41,4	168,8	223,1	32,2
MA	40,8	38,6	(5,3)	430	464	7,9	17,5	17,9	2,3
PI	209,0	211,3	1,1	242	356	47,1	50,6	75,2	48,6
BA	268,4	234,6	(12,6)	375	554	47,7	100,7	130,0	29,1
CENTRO-OESTE	81,8	74,9	(8,4)	2.225	1.997	(10,3)	182,1	149,6	(17,8)
MT	11,9	10,8	(9,4)	1.590	1.570	(1,3)	18,9	17,0	(10,1)
MS	2,1	0,7	(66,7)	930	2.000	115,1	2,0	1,4	(30,0)
GO	55,8	51,3	(8,0)	2.315	2.098	(9,4)	129,2	107,6	(16,7)
DF	12,0	12,1	0,8	2.665	1.949	(26,9)	32,0	23,6	(26,3)
SUDESTE	234,6	208,3	(11,2)	1.389	1.286	(7,4)	325,8	267,9	(17,8)
MG	178,8	159,1	(11,0)	1.170	1.033	(11,7)	209,2	164,4	(21,4)
ES	6,5	6,0	(8,0)	777	687	(11,6)	5,1	4,1	(19,6)
RJ	1,1	0,9	(19,3)	895	843	(5,8)	1,0	0,8	(20,0)
SP	48,2	42,3	(12,2)	2.293	2.331	1,7	110,5	98,6	(10,8)
SUL	341,3	280,9	(17,7)	1.698	1.737	2,3	579,5	487,8	(15,8)
PR	238,2	192,7	(19,1)	1.689	1.707	1,1	402,3	328,9	(18,2)
SC	62,0	52,7	(15,0)	1.800	1.950	8,3	111,6	102,8	(7,9)
RS	41,1	35,5	(13,6)	1.596	1.580	(1,0)	65,6	56,1	(14,5)
NORTE/NORDESTE	522,2	489,3	(6,3)	328	463	41,1	171,3	226,5	32,2
CENTRO-SUL	657,7	564,1	(14,2)	1.653	1.605	(2,9)	1.087,4	905,3	(16,7)
BRASIL	1.179,9	1.053,4	(10,7)	1.067	1.074	0,7	1.258,7	1.131,8	(10,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

10.1.4.2. Feijão segunda safra

O feijão segunda safra está ocupando uma área de 1.318,3 mil hectares, chegando a 12,5% abaixo da área cultivada na temporada passada. Esse decréscimo de área foi decisão dos produtores em virtude do excesso de chuvas, ataque de mosca branca (*Bemisia tabaci*, *Bemisia argentifolii*), zoneamento agrícola de risco climático (Zarc), o vazio sanitário que restringe o plantio de feijão no período de 1º de janeiro a 30 de março, substituição do consórcio do feijão com o milho para lavoura do milho solteiro. Além disso, o feijão é uma lavoura muito cara e instável, e os produtores preferiram não arriscar a ter uma baixa rentabilidade. A maior parte de sua produção encontra-se na Região Centro-Sul, assim como o feijão primeira safra.

Os principais estados produtores de feijão segunda safra são: Paraná com 23,6%, Mato Grosso com 15,2% e Minas Gerais com 12,6%, considerando a produção da safra 2014/15.

No Paraná a colheita do feijão segunda safra está finalizada. A área plantada na segunda safra é de 208,1 mil hectares, 23,6% inferior à registrada no ano anterior. A estimativa de produção é de 386,6 mil toneladas. A produtividade média está em torno de 1.858 kg/ha, apresentando um acréscimo de 26% em relação à safra anterior, tendo em vista que na safra anterior houve excesso de chuvas na colheita, o que prejudicou a produtividade.

Em Minas Gerais as estimativas apontam para uma redução de 12,6% na área a

ser cultivada com feijão segunda safra no estado, passando de 121,2 mil hectares na safra 2013/14 para 105,9 mil hectares na safra atual. Apesar dos bons preços de mercado, o oneroso e difícil controle da mosca branca têm sido uma das principais causas da retração da área de plantio. O vazio sanitário proíbe o plantio de feijão no período de 1º de janeiro a 30 de março em 18 municípios da região Noroeste de Minas, e o problema já se estendeu para outras regiões do estado, como Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro. A colheita foi finalizada em julho. Estimando-se uma produtividade média de 1.487 kg/ha, espera-se obter uma produção de 157,5 mil toneladas.

O Mato Grosso, com a terceira maior área de feijão segunda safra, devido, principalmente, pelo avanço do feijão caupi no estado, apresenta queda de 15,2% na área. Esse decréscimo de área deve-se ao excesso de chuvas no início do plantio, ataque de mosca branca, alto custo de implantação e instabilidade de lavoura, isso levou os produtores a optar para o cultivo de milho segunda safra. A produção deverá ser a segunda maior, com 328,1 mil toneladas. Colheita concluída.

Em Goiás o clima foi importante para o bom desenvolvimento da cultura. Atualmente o feijão goiano encontra-se todo colhido, com produção de 25,8 mil toneladas.

Em Mato Grosso do Sul as condições climáticas para esta safra foram favoráveis à boa produtividade da cultura no estado, uma vez que foi observada retração em algumas localidades devido ao excesso de chuvas, alta umidade e queda de granizo. A cultura encontra-se com a colheita encerrada, já que este produto não costuma ser estocado pelos produtores. Pudemos constatar que nesta safra houve redução na área de cultivo de aproximadamente 9,1% em relação à safra anterior, em consequência das condições desfavoráveis de comercialização que ocorreram na safra anterior. A produtividade média permaneceu semelhante à da safra passada, atingindo 1.600 kg/ha.

Na Região Nordeste a escassez de chuvas é o fator climático que mais influenciou na queda de produtividade do feijão. A ocorrência desse evento nos estádios mais susceptíveis ao estresse hídrico - reprodutivo - levou a grandes perdas de produção em relação à safra anterior, esses fatores colaboraram para a redução da área, produtividade e produção, em 6,1%, 33,8% e 37,9%, respectivamente.

A produtividade média brasileira está estimada em 5,4% acima da obtida na última temporada, com destaque para a recuperação das produtividades da Região Centro-Sul e Norte. A produção é estimada em 1.228 milhão de toneladas, ou seja, 7,8% menor que a safra passada, em função da forte redução de área de 12,5%.

Quadro 6 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Ma	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR							P	P	P	C	C	C
RO					P	P				C	C	C
AC					P	P				C	C	C
AM						P	P	P	C	C	C	C
AP							P	P	P	C	C	C
TO					P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
Nordeste												
MA					P	P	P	P/C	C	C	C	
PI				P	P	P	C	C	C	C		
CE					P	P	P/C	C	C	C		
RN				P	P	P	P	P/C	C	C		
PB						P	P	P	P/C	C	C	
PE					P	P	P/C	C	C	C		
Centro-Oeste												
MT				P	P	P			C	C	C	
MS					P	P	P			C	C	C
GO				P	P	P	C	C	C	C		
DF				P	P		C	C				
Sudeste												
MG					P	P	P/C	C	C	C	C	
ES					P	P	P	C	C	C	C	
RJ					P	P	P/C	C	C			
SP				P	P	P/C	P/C	C	C	C		
Sul												
PR				P	P	P/C	C	C	C			
SC				P	P	P/C	C	C	C			
RS				P	P	P/C	C	C	C			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Figura 31 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra

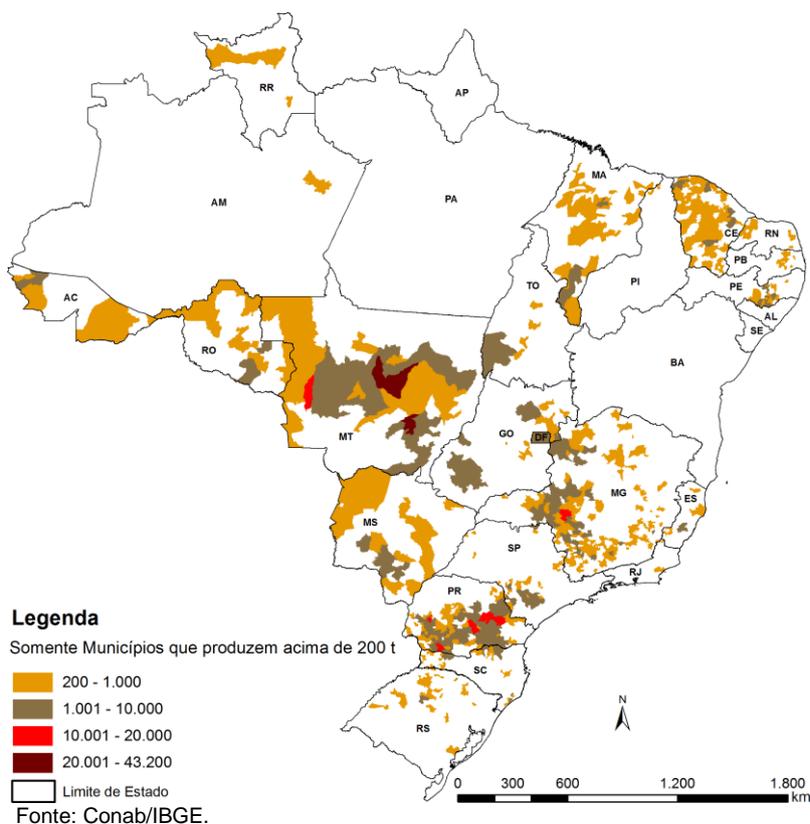


Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	66,8	52,2	(21,9)	750	821	9,6	50,0	42,9	(14,2)
RR	2,7	2,7	-	711	711	-	1,9	1,9	-
RO	33,0	22,0	(33,3)	722	759	5,1	23,8	16,7	(29,8)
AC	10,3	7,5	(27,0)	582	622	6,9	6,0	4,7	(21,7)
AM	5,3	5,3	-	1.027	1.170	13,9	5,4	6,2	14,8
AP	1,3	1,3	-	902	920	2,0	1,2	1,2	-
TO	14,2	13,4	(5,5)	825	910	10,3	11,7	12,2	4,3
NORDESTE	700,2	657,3	(6,1)	326	216	(33,8)	228,5	142,0	(37,9)
MA	52,0	55,0	5,7	549	566	3,1	28,5	31,1	9,1
PI	20,4	3,1	(84,8)	756	632	(16,4)	15,4	2,0	(87,0)
CE	393,8	393,8	-	309	192	(37,9)	121,7	75,6	(37,9)
RN	33,5	31,6	(5,7)	333	171	(48,6)	11,2	5,4	(51,8)
PB	76,9	58,6	(23,8)	277	166	(40,1)	21,3	9,7	(54,5)
PE	123,6	115,2	(6,8)	246	158	(35,8)	30,4	18,2	(40,1)
CENTRO-OESTE	269,3	229,3	(14,9)	1.405	1.663	18,3	378,5	381,3	0,7
MT	234,9	199,2	(15,2)	1.358	1.647	21,3	319,0	328,1	2,9
MS	17,6	16,0	(9,1)	1.600	1.600	-	28,2	25,6	(9,2)
GO	15,9	13,2	(16,8)	1.857	1.957	5,4	29,5	25,8	(12,5)
DF	0,9	0,9	-	2.000	2.000	-	1,8	1,8	-
SUDESTE	150,5	130,9	(13,0)	1.351	1.560	15,5	203,3	204,2	0,4
MG	121,2	105,9	(12,6)	1.355	1.487	9,7	164,2	157,5	(4,1)
ES	8,8	8,4	(4,5)	813	1.120	37,8	7,2	9,4	30,6
RJ	1,6	1,0	(37,0)	951	948	(0,3)	1,5	0,9	(40,0)
SP	18,9	15,6	(17,5)	1.606	2.334	45,3	30,4	36,4	19,7
SUL	319,6	248,6	(22,2)	1.475	1.841	24,8	471,5	457,6	(2,9)
PR	272,3	208,1	(23,6)	1.475	1.858	26,0	401,6	386,6	(3,7)
SC	22,5	20,2	(10,2)	1.450	1.800	24,1	32,6	36,4	11,7
RS	24,8	20,3	(18,1)	1.503	1.703	13,3	37,3	34,6	(7,2)
NORTE/NORDESTE	767,0	709,5	(7,5)	363	261	(28,2)	278,5	184,9	(33,6)
CENTRO-SUL	739,4	608,8	(17,7)	1.425	1.713	20,3	1.053,3	1.043,1	(1,0)
BRASIL	1.506,4	1.318,3	(12,5)	884	932	5,4	1.331,8	1.228,0	(7,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

10.1.4.3. Feijão terceira safra

O cultivo do feijão terceira safra é realizado, basicamente, pelo processo de irrigação. A área está estimada em 662,7 mil hectares, 2,4% menor do que a área cultivada na safra passada, com redução de 14% na Região Centro-Sul e um acréscimo de 3,3% na Região Norte/Nordeste.

A estimativa de produtividade ficou abaixo das obtida na safra passada, decréscimo de 2%, passando 1.271 para 1.246 kg/ha. Houve decréscimo na produção de 4,4%, passando de 863,4 para 825,8 mil toneladas, em relação à safra 2013/14.

Em Minas Gerais estima-se uma redução de área em torno de 11,6% em relação à safra passada. Houve significativa redução das áreas sob pivô, que estão sendo cultivadas com trigo. A produtividade pode alcançar 2.600 kg/ha dentro de condições normais de cultivo, e a produção pode chegar a 195,3 mil toneladas, 3,1% menor quando

comparada com a safra anterior. O plantio se estendeu de abril a julho e as lavouras encontram-se em diferentes estádios vegetativos, com predominância da fase de maturação e um percentual colhido inferior a 49,9%.

Em Mato Grosso, segundo fornecedor do feijão terceira safra na Região Centro-Sul, a área apresenta uma redução de 23,5% e a produção deve alcançar 144 mil toneladas. Com o feijão caupi predominando na segunda safra, nesta terceira, as variedades mais cultivadas são de feijão cores. O plantio ocorreu em maio e junho em áreas irrigadas, principalmente nos municípios de Sorriso e Lucas do Rio Verde. Houve retração da área de feijão irrigado, em razão de pragas - mosca branca e nematóides - relacionadas à falta de rotação de cultura.

Em Goiás as maiores áreas irrigadas encontram-se nos municípios de Cristalina, Luziânia e Jussara, onde predominam o cultivo e o fornecimento do feijão de terceira safra. A lavoura encontra-se toda plantada, onde, até o presente momento, foi constatado ataques de mosca-branca. Parte das lavouras encontra-se em maturação e a colheita iniciada em junho encerra-se em setembro.

Na Bahia, grande produtor do feijão macaçar, o plantio concentra-se na região nordeste do estado, sendo cultivadas em pequenas áreas da agricultura familiar e comercializadas em mercados locais. Já a produção do feijão cores está concentrada na região nordeste do estado e de Irecê, sendo realizados por pequenos produtores, principalmente agricultura familiar, com uso de baixo nível tecnológico, obtendo assim, baixa produtividade. A perspectiva é que a área de cultivo no estado aumente em 15,1%, passando de 212,6 para 244,7 mil hectares. A Bahia só não aumentou na área de feijão terceira safra, principalmente ao desestímulo dos pequenos produtores devido perdas provocadas por veranico nas safras passadas e substituição, em algumas áreas, do consórcio milho-feijão pela monocultura do milho.

Quadro 7 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA	C						P	P	P	C	C	C
TO	C						P	P	P	C	C	C
Nordeste												
CE	C							P	P	C	C	C
PE	C						P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P	C	C	C
SE	C						P	P	P	C	C	C
BA	C						P	P	P	C	C	C
Centro-Oeste												
MT							P	P	C	C	C	
MS							P	P	C	C	C	
GO							P	P	P/C	C	C	C
DF							P	P	P/C	C	C	C
Sudeste												
MG	C					P	P	P	P/C	C	C	C
SP	C						P	P	P	C	C	C
Sul												
PR						P	P	P	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra

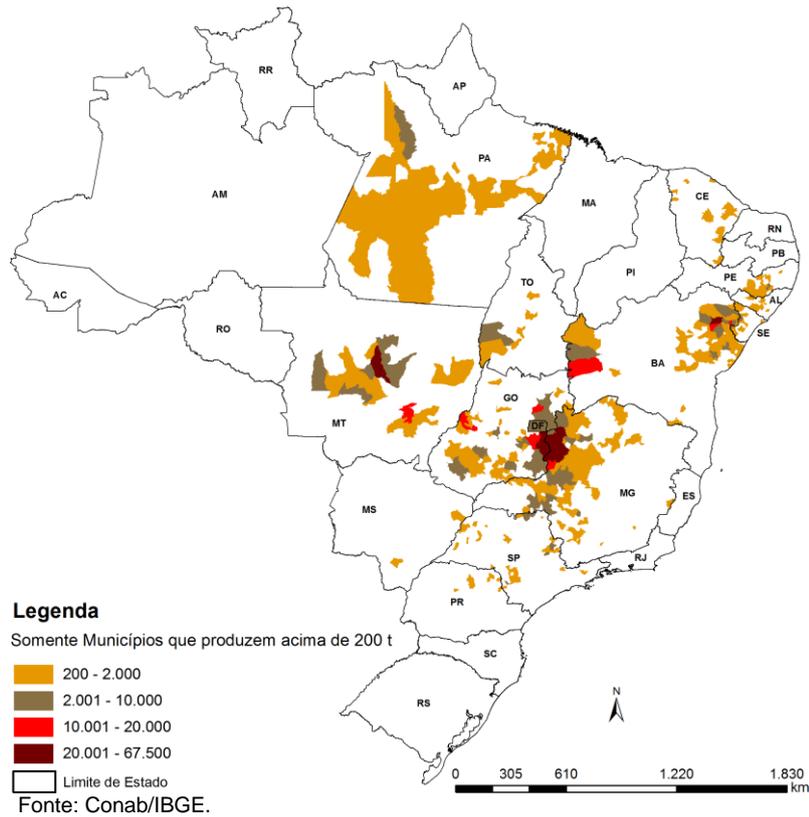
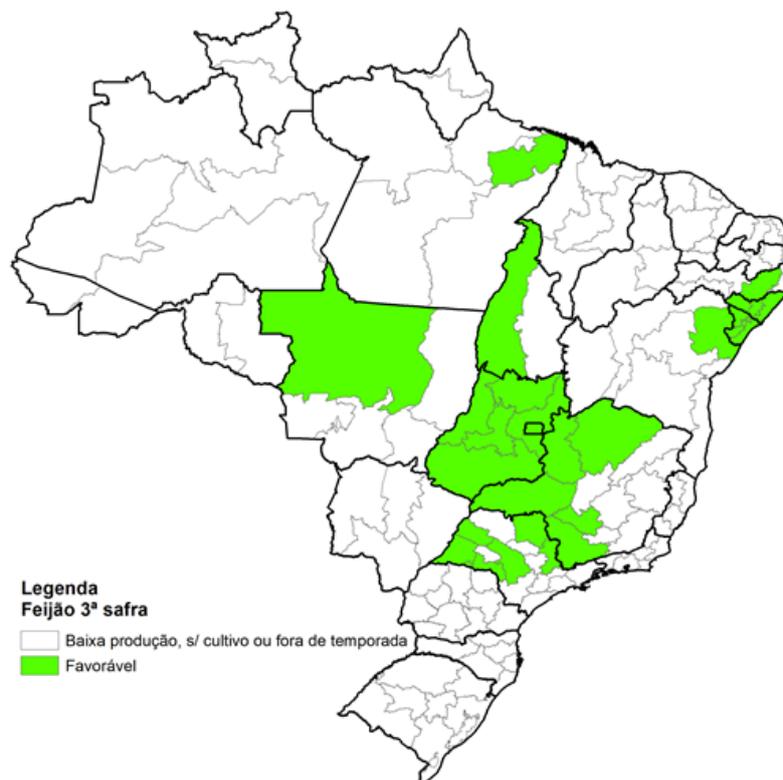


Figura 33 – Condição hídrica geral nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 19 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão safra 3ª			- nordeste do PA (C) - oeste do TO (C) - todo estado de AL (M) - todo estado de SE (M) - nordeste da BA (M) - Agreste de PE (M) - todo estado de MG (C) - norte, centro, oeste e sul de SP (C) - norte do MT (M/C) - todo estado de GO (M) - DF (M)	

Legenda:* (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	30,9	40,5	31,1	809	791	(2,3)	25,0	32,0	28,0
PA	28,0	37,4	33,6	760	728	(4,2)	21,3	27,2	27,7
TO	2,9	3,1	7,1	1.281	1.546	20,7	3,7	4,8	29,7
NORDESTE	423,5	428,7	1,2	654	692	5,8	276,8	296,6	7,2
CE	10,3	6,3	(38,8)	1.054	1.109	5,2	10,9	7,0	(35,8)
PE	122,1	128,6	5,3	467	543	16,3	57,0	69,8	22,5
AL	47,0	33,4	(29,0)	458	520	13,5	21,5	17,4	(19,1)
SE	31,5	15,7	(50,3)	746	701	(6,0)	23,5	11,0	(53,2)
BA	212,6	244,7	15,1	771	782	1,4	163,9	191,4	16,8
CENTRO-OESTE	116,9	97,2	(16,9)	2.672	2.652	(0,7)	312,4	257,8	(17,5)
MT	76,8	58,8	(23,5)	2.566	2.449	(4,6)	197,1	144,0	(26,9)
MS	0,4	0,4	-	1.260	1.380	9,5	0,5	0,6	20,0
GO	36,5	36,8	0,9	2.868	2.965	3,4	104,7	109,1	4,2
DF	3,2	1,2	(62,5)	3.159	3.428	8,5	10,1	4,1	(59,4)
SUDESTE	103,1	91,2	(11,5)	2.368	2.572	8,6	244,2	234,6	(3,9)
MG	85,0	75,1	(11,6)	2.370	2.600	9,7	201,5	195,3	(3,1)
SP	18,1	16,1	(10,9)	2.359	2.441	3,5	42,7	39,3	(8,0)
SUL	4,9	5,1	4,1	1.013	947	(6,5)	5,0	4,8	(4,0)
PR	4,9	5,1	4,3	1.013	947	(6,5)	5,0	4,8	(4,0)
NORTE/NORDESTE	454,4	469,2	3,3	664	700	5,4	301,8	328,6	8,9
CENTRO-SUL	224,9	193,5	(14,0)	2.497	2.569	2,9	561,6	497,2	(11,5)
BRASIL	679,3	662,7	(2,4)	1.271	1.246	(2,0)	863,4	825,8	(4,4)

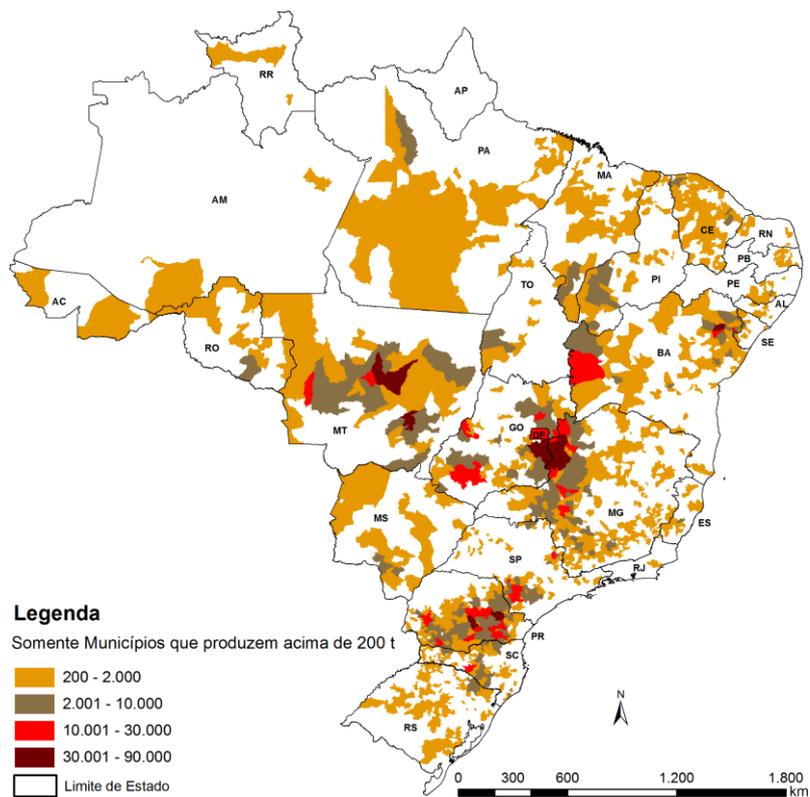
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

10.1.4.4. Feijão total

Considerando as três safras, conclui-se para essa safra 2014/15, que a área total de feijão poderá chegar a 3.034,4 mil hectares, 9,8% menor que a safra passada. A produtividade média nacional é estimada em 2,3% acima da safra passada, totalizando 1.050 kg/ha. A produção nacional de feijão deverá alcançar 3.185,4 mil toneladas, 7,8% menor que a última safra.

Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	101,7	97,5	(4,1)	763	803	5,3	77,5	78,3	1,0
RR	2,7	2,7	-	704	704	-	1,9	1,9	-
RO	33,0	22,0	(33,3)	721	759	5,3	23,8	16,7	(29,8)
AC	10,3	7,5	(27,2)	583	627	7,6	6,0	4,7	(21,7)
AM	5,3	5,3	-	1.019	1.170	14,8	5,4	6,2	14,8
AP	1,3	1,3	-	923	923	-	1,2	1,2	-
PA	28,0	37,4	33,6	761	727	(4,4)	21,3	27,2	27,7
TO	21,1	21,3	0,9	848	958	12,9	17,9	20,4	14,0
NORDESTE	1.641,9	1.570,5	(4,3)	411	421	2,6	674,1	661,6	(1,9)
MA	92,8	93,6	0,9	497	524	5,4	46,1	49,0	6,3
PI	229,4	214,4	(6,5)	288	360	25,2	66,0	77,2	17,0
CE	404,1	400,1	(1,0)	328	206	(37,0)	132,5	82,6	(37,7)
RN	33,5	31,6	(5,7)	334	171	(48,9)	11,2	5,4	(51,8)
PB	76,9	58,6	(23,8)	277	166	(40,2)	21,3	9,7	(54,5)
PE	245,7	243,8	(0,8)	356	361	1,5	87,4	88,0	0,7
AL	47,0	33,4	(28,9)	457	521	13,9	21,5	17,4	(19,1)
SE	31,5	15,7	(50,2)	746	701	(6,1)	23,5	11,0	(53,2)
BA	481,0	479,3	(0,4)	550	670	21,9	264,6	321,3	21,4
CENTRO-OESTE	468,0	401,4	(14,2)	1.865	1.965	5,3	872,9	788,7	(9,6)
MT	323,6	268,8	(16,9)	1.653	1.819	10,0	535,0	489,0	(8,6)
MS	20,1	17,1	(14,9)	1.522	1.614	6,0	30,6	27,6	(9,8)
GO	108,2	101,3	(6,4)	2.434	2.395	(1,6)	263,4	242,6	(7,9)
DF	16,1	14,2	(11,8)	2.727	2.077	(23,8)	43,9	29,5	(32,8)
SUDESTE	488,2	430,4	(11,8)	1.584	1.642	3,7	773,2	706,6	(8,6)
MG	385,0	340,1	(11,7)	1.493	1.520	1,8	574,9	517,1	(10,1)
ES	15,3	14,4	(5,9)	797	938	17,6	12,2	13,5	10,7
RJ	2,7	1,9	(29,6)	926	895	(3,4)	2,5	1,7	(32,0)
SP	85,2	74,0	(13,1)	2.155	2.355	9,3	183,6	174,3	(5,1)
SUL	665,8	534,6	(19,7)	1.586	1.777	12,1	1.056,0	950,2	(10,0)
PR	515,4	405,9	(21,2)	1.569	1.775	13,1	808,9	720,4	(10,9)
SC	84,5	72,9	(13,7)	1.707	1.908	11,8	144,2	139,1	(3,5)
RS	65,9	55,8	(15,3)	1.561	1.625	4,1	102,9	90,7	(11,9)
NORTE/NORDESTE	1.743,6	1.668,0	(4,3)	431	444	2,9	751,6	739,9	(1,6)
CENTRO-SUL	1.622,0	1.366,4	(15,8)	1.666	1.790	7,4	2.702,1	2.445,5	(9,5)
BRASIL	3.365,6	3.034,4	(9,8)	1.026	1.050	2,3	3.453,7	3.185,4	(7,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

10.1.4.5. Oferta e demanda

Feijão comum cores

Nesta terceira e última safra da temporada 2014/15, mesmo com a concentração da colheita em agosto e setembro, em função do vazio sanitário, os preços encontram-se elevados, devido ao quadro apertado de oferta.

A tendência é que eles continuem aquecidos até a entrada da nova safra, pois a oferta não está sendo suficiente para atender a demanda dos mercados regionais, e as colheitas em curso podem não ser suficientes para a formação de estoques. Assim, as

cotações devem continuar oscilando de acordo com a quantidade ofertada e a demanda, como vem ocorrendo ultimamente.

O consumo nacional tem variado entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, em razão da disponibilidade interna e dos preços praticados no mercado que induz o consumidor a adquirir mais ou menos produto.

A safra da temporada 2015/16 começou a ser semeada em agosto, mesmo com os atrativos preços de mercado a Secretaria de Agricultura do Estado do Paraná (Deral), estima uma redução de 4% na área a ser plantada em comparação à cultivada anteriormente. O clima segue favorável, cerca de 5% da área foi semeada e as lavouras encontram-se nas fases de germinação e desenvolvimento vegetativo.

Feijão comum preto

O mercado encontrava-se acomodado, mesmo com o final da colheita no sul do país em junho, quando se espera uma reação dos preços. No entanto, a partir desta segunda semana de setembro a procura aumentou e os preços seguem uma trajetória de alta.

Para a presente temporada, tomando os dados de produção estimados em 3.185,4 mil toneladas, a Conab vislumbra que, partindo-se do estoque inicial de 303,8 mil toneladas, o consumo poderá ficar em torno do registrado na safra anterior, ou seja, 3.350 mil toneladas, as importações deverão ser de 130 mil toneladas e as exportações de 90 mil toneladas, resultando em um estoque de passagem da ordem de 179,2 mil toneladas, correspondente a menos de um mês de consumo.

10.1.5. Girassol

Em Mato Grosso a colheita já está encerrada. A estimativa é redução de 42,7% na produção da safra 2014/15, devendo atingir 116,5 mil toneladas. A área plantada foi de 86,4 mil hectares, uma redução de 31,5% em relação à safra passada, que foi de 126,2 mil hectares. Na produtividade a estimativa é de queda de 16,3%, reflexo de pouca tecnologia e tratamentos culturais diferenciados de culturas tradicionais como soja, milho e algodão, obtidas pelos produtores no cultivo do girassol. Apesar disso, sabe-se do empenho dos produtores em difundir o conhecimento que alcançaram entre os demais que têm investido no cultivo desta cultura. Se confirmado, a produção deve corresponder a 76,8% da produção brasileira.

Entre os motivos que levaram o produtor a tomar a decisão de recuar no plantio do girassol estão os custos elevados com a alta do dólar, retirando a competitividade do produto. Este fato, aliado à manutenção dos preços pelas indústrias, fez com que a grande maioria dos agricultores que plantavam girassol migrasse para o milho segunda safra, onde os custos são menores e a lucratividade acaba compensando, visto que são culturas equivalentes, ou seja, o produtor pode optar pelo cultivo de ambas.

Em Goiás a cultura está totalmente colhida e comercializada, em função de contratos firmados com indústria de óleo. Nas regiões produtoras do estado os principais problemas relatados estão ligados à ocorrência de mofo branco (*Sclerotinia sclerotiorum*) o qual se relaciona, dentre outros fatores, ao plantio de segunda safra em sucessão à

cultura da soja, época na qual o fungo encontra condições favoráveis ao seu desenvolvimento. Foi relatada a perda da produção de uma área de 250 hectares em função do tratamento de sementes inadequado. Devido a essa combinação de fatores, a produtividade média obtida ficou dentro do esperado, em torno de 1.386 kg/ha.

Houve acréscimo na área plantada em 76,2% em relação à safra anterior, uma vez que a cultura depende de contrato firmado com empresa que produz óleo de girassol. As áreas plantadas encontram-se colhidas. Algumas pequenas áreas são destinadas à produção de ração para pássaros.

Em Minas Gerais o levantamento aponta para um acréscimo de 23,9% na área cultivada com girassol, passando de 11,3 mil hectares para 14 mil hectares na safra atual, em função da expectativa de boa rentabilidade da lavoura. A produtividade média esperada é de 1.517 kg/ha, 10,1% acima do ano anterior, e a produção poderá atingir 21,2 mil toneladas, o que representa um acréscimo de 35,9% em relação à safra passada. O plantio teve início em fevereiro, mas foi mais expressivo em março e abril.

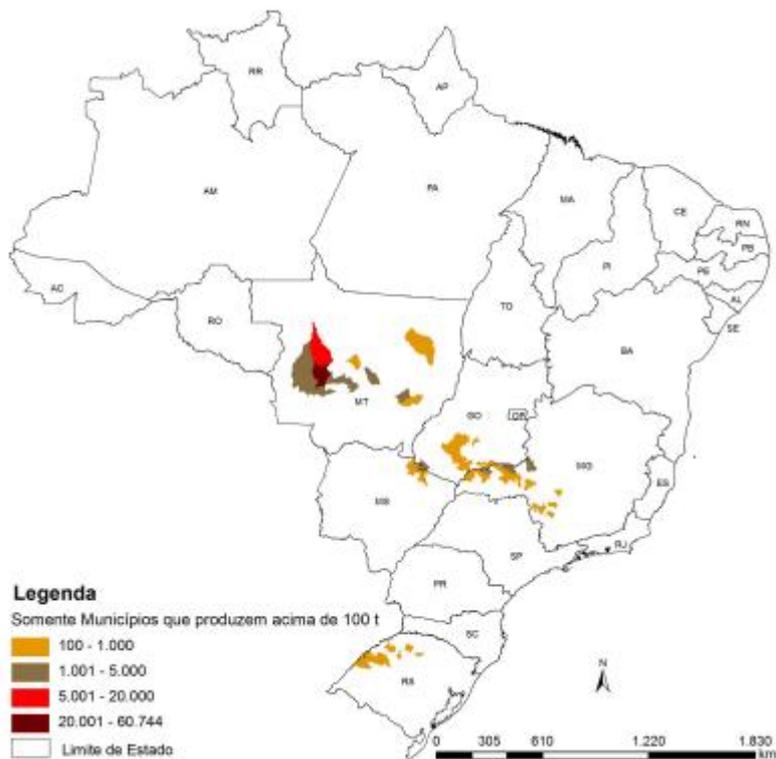
Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	131,1	94,2	(28,1)	1.617	1.352	(16,4)	212,0	127,4	(39,9)
MT	126,2	86,4	(31,5)	1.611	1.348	(16,3)	203,3	116,5	(42,7)
MS	0,7	0,4	(43,0)	1.544	1.500	(2,8)	1,1	0,6	(45,5)
GO	4,2	7,4	76,2	1.815	1.386	(23,6)	7,6	10,3	35,5
SUDESTE	11,3	14,0	23,9	1.378	1.517	10,1	15,6	21,2	35,9
MG	11,3	14,0	23,9	1.378	1.517	10,1	15,6	21,2	35,9
SUL	3,3	1,2	(63,6)	1.557	1.617	3,9	5,1	1,9	(62,7)
RS	3,3	1,2	(63,6)	1.535	1.617	5,3	5,1	1,9	(62,7)
CENTRO-SUL	145,7	109,4	(24,9)	1.597	1.376	(13,8)	232,7	150,5	(35,3)
BRASIL	145,7	109,4	(24,9)	1.597	1.376	(13,8)	232,7	150,5	(35,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

Figura 35 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab.

Figura 36 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 23 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Girassol			- Triângulo, centro e sul de MG (C); - norte do MT (C); - sul de GO (C).	

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Quadro 8 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
CENTRO-OESTE												
MT					P	P			C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P			C	C		
SUDESTE												
MG						P	P			C	C	
SUL												
RS	P		C	C	C						P	P
NORTE/NORDESTE												
CENTRO-SUL												
BRASIL												

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita; P - Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.

Fonte: Conab.

10.1.6. Mamona

Os estados que mais participam com a produção da mamona são a Bahia e o Ceará, com aproximadamente 98% da produção brasileira.

A Bahia se destaca de forma isolada, participando com cerca de 85% dos 82,1 mil hectares previstos para serem plantados nesta temporada. Houve uma redução de 14,3% na área em relação à safra anterior, podendo ser atribuída aos custos de logística para comercialização, resultando em desestímulo deste cultivo pelo pequeno produtor. Estima-se que a produtividade fique em torno de 640 kg/ha, tendo um aumento de 36,8% em relação à safra anterior, em função das boas condições climáticas na região.

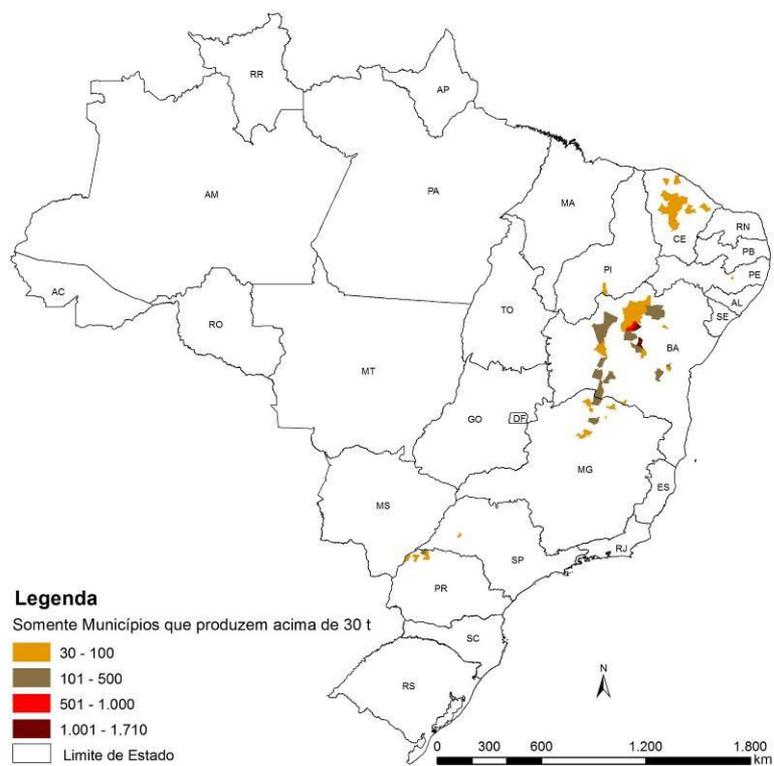
Na região de Irecê, principal polo de produção do estado, a área plantada foi um pouco abaixo do previsto devido aos mesmos problemas citados anteriormente. Os preços estão em queda e os compradores locais receosos em comprar o produto devido às oscilações do mercado.

No Ceará, segundo maior produtor, a mamona aparece com uma área de 9 mil hectares, 19,6% menor que a safra anterior, com produção de 1,4 mil toneladas, com redução de 56,3% em relação à safra 2013/14. A produtividade ficou em 156 kg/ha, 45,1% menor do que a safra 2013/14. Dentre os fatores que afetaram negativamente a produção, a escassez de chuvas é o fator mais limitante desta safra, não só devido ao baixo volume de precipitação, como também à má distribuição geográfica destas, causando veranicos em muitos municípios do interior do estado. O estágio crítico para a ocorrência do estresse hídrico é o reprodutivo (fases fenológicas de floração e frutificação). Como estas

fases ocorreram de abril a junho, que foram os meses de menor precipitação em relação à normal para o mesmo período, o desenvolvimento de flores e frutos ficou comprometido, levando à diminuição do rendimento da cultura.

No Centro-Sul o plantio ocorreu nesta safra apenas em Minas Gerais. O plantio da mamona está estimado em 0,8 mil hectares, representando decréscimo de 66,7% na área em relação à safra anterior. A produtividade está 32% inferior à safra passada, em razão de mais um ano de acentuada escassez de chuvas. Devido a este fato a produção prevista para o estado é de 0,2 mil toneladas . As colheitas encontram-se finalizadas. Os produtores aguardam compradores ou ainda uma melhora do preço para a venda do produto.

Figura 37 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 9 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI			P	P					C	C	C	
CE	C					P	P	P		C	C	C
RN								P				C
PE	C			P	P	P	P				C	C
BA	C	P/C	P/C	P						C	C	C
Sudeste												
MG		P	P			C	C	C	C			
SP	P	P	P				C	C				
Sul												
PR				P					C	C		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	98,6	81,3	(17,5)	439	576	31,0	43,3	46,8	8,1
PI	0,7	0,6	(18,0)	300	506	68,7	0,2	0,3	50,0
CE	11,2	9,0	(19,6)	284	156	(45,1)	3,2	1,4	(56,3)
PE	4,9	1,6	(67,3)	334	142	(57,5)	1,6	0,2	(87,5)
BA	81,8	70,1	(14,3)	468	640	36,8	38,3	44,9	17,2
SUDESTE	2,5	0,8	(68,0)	506	306	(39,5)	1,3	0,2	(84,6)
MG	2,4	0,8	(66,7)	450	306	(32,0)	1,1	0,2	(81,8)
SP	0,1	-	(100,0)	1.848	-	(100,0)	0,2	-	(100,0)
SUL	0,2	-	(100,0)	622	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
PR	0,2	-	(100,0)	622	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	98,6	81,3	(17,5)	439	576	31,0	43,3	46,8	8,1
CENTRO-SUL	2,7	0,8	(70,4)	515	306	(40,5)	1,4	0,2	(85,7)
BRASIL	101,3	82,1	(19,0)	441	573	29,9	44,7	47,0	5,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

10.1.7. Milho

10.1.7.1. Milho primeira safra

O comportamento dos preços internacionais de milho no primeiro semestre deste ano apresentava perspectivas estimulantes. As cotações na Bolsa de Chicago para os contratos com entrega em julho de 2015 situava-se nos maiores níveis da temporada, no período compreendido entre a segunda quinzena de fevereiro e a segunda quinzena de maio. A partir dessa data, mesmo considerando a ocorrência do forte movimento na demanda internacional, bem aproveitada pelos exportadores norte-americanos e brasileiros, foi insuficiente para frear a forte queda observada nos preços, em função da expectativa na ocasião, de safra recorde de milho nos Estados Unidos.

A partir de então, os fatores relevantes que ditaram os preços estavam relacionados ao progresso da colheita naquele país, bem como das previsões de clima

favorável ao seu avanço, que confirmaram a grandiosidade da oferta, bem como dos seus reflexos nas cotações internacionais. Internamente, o governo brasileiro, através dos mecanismos de política de sustentação da renda ao produtor, lançava no mercado os leilões de prêmios equalizadores, na perspectiva de que pudessem auxiliar na diminuição dos excedentes domésticos. Tais ações visavam atenuar o impacto na redução das cotações, evitando que os preços recebidos pelos produtores ficassem abaixo do preço mínimo estabelecido pelo governo.

Esses movimentos não foram suficientes para incentivar o produtor a lançar-se no cultivo do cereal, ocorrendo forte redução na intenção de plantio do produto da primeira safra para a temporada 2014/15 – 7% em relação ao exercício anterior. A produção de milho da primeira safra no Brasil tem diminuído sua participação ao longo dos anos, representando na temporada 2014/15 36% da oferta total, implicando num quadro de forte inversão quando comparado ao que ocorria num passado recente.

Na temporada 2014/15 a produção de milho primeira safra no Brasil totalizou 30.244,1 mil toneladas, representando um decréscimo de 4,4% em relação ao ocorrido no exercício anterior. A Região Sul, Sudeste e MATOPIBA representaram as maiores participações nacionais, contribuindo com 46%, 26% e 11%, respectivamente, da produção nacional.

Na Região Sul a forte concorrência por área foi a responsável pela maior redução nacional da primeira safra – 12,6% em relação à temporada anterior. No entanto, os bons níveis de precipitação pluviométrica ocorrida em praticamente todas as regiões produtoras a partir de setembro estenderam-se até a primeira quinzena de janeiro, proporcionando uma boa performance das lavouras, redundando numa produtividade de 9,9% acima da ocorrida no ano passado. O desenvolvimento das lavouras ao longo do seu ciclo vegetativo apresentou-se de uma forma geral dentro de um quadro de normalidade, sujeitas como sempre, às peculiaridades relacionadas ao clima e à tecnologia empregada em cada localidade. Com relação a esse item, a expectativa de rendimentos crescentes nas lavouras de milho nesta região está associada à gradativa ampliação do plantio do cereal em áreas irrigadas e à utilização da agricultura de precisão.

Nessa temporada o Rio Grande do Sul consolidou sua posição como principal produtor nacional do milho primeira safra, ultrapassando Minas Gerais e rompendo paradigmas de que o estado não dispunha de solos e condições climáticas que garantissem elevados rendimentos. O decréscimo na área plantada de 8,8% em relação à safra anterior, cedendo espaço para a soja ocorreu a despeito da preocupação local em manter o equilíbrio entre oferta e demanda, visto que o consumo médio do estado situa-se em torno de 6 milhões de toneladas. Chama a atenção à área destinada a silagem, estimada em 350 mil hectares, que corresponde a aproximadamente 35% da área do milho primeira safra no estado, com produtividade alcançada de 40 toneladas por hectare.

Certamente estes fatos contribuíram para atenuar a pressão por área que a soja exercia naquele período. A semeadura da lavoura teve início em agosto e o desenvolvimento das suas lavouras ocorreu em condições satisfatórias na maior parte dos ciclos. Deve ser destacado que grande parte desse desempenho está ligado aos híbridos tratados, utilizados em praticamente toda a área cultivada no estado. Essa combinação contribuiu para a obtenção dos níveis recordes de produtividade neste

exercício – 6.560 kg/ha contra 5.544 kg/ha obtido na safra passada. Esse desempenho compensou perdas pontuais observadas em outros municípios afetados pela má distribuição das chuvas.

Em Santa Catarina as precipitações que ocorreram regularmente por todo o estado favoreceram a implantação da cultura na segunda quinzena de setembro. A redução na área em 12,8% nesta temporada está relacionada aos elevados custos de implantação das lavouras, ao maior risco associado às condições climáticas e os baixos preços praticados no mercado. As condições das lavouras durante todo o ciclo produtivo foram consideradas boas, apesar das poucas chuvas ocorridas nas primeiras semanas de outubro, que provocaram a interrupção do plantio, retomado posteriormente.

O nível tecnológico aplicado nas lavouras catarinenses é considerado elevado, uma vez que os produtores adotam os pacotes tecnológicos indicados pelas cooperativas, com a adubação seguindo as indicações das análises de solos realizadas e uso de sementes com alta performance, estimando-se que aproximadamente 90% delas sejam transgênicas e na sua totalidade híbridas, o que explica os aumentos na produtividade observados a cada safra. Vale destacar que os bons resultados obtidos não serão suficientes para compensar a forte redução ocorrida na área plantada – 12,8%, comparado com o observado na safra passada.

No Paraná a redução na área plantada atingiu 18,4% quando comparada com o exercício anterior. A exemplo do que ocorreu em outros estados da região, a ação do clima registrando estiagem nos meses que antecederam o plantio em agosto deixava antever comprometimentos futuros na produtividade. No entanto, as chuvas em janeiro, bem distribuídas, uniformes e com bons volumes, trouxeram boa recuperação para as lavouras, que apresentaram níveis de rendimentos superiores aos do ano anterior.

Na Região Sudeste, segunda produtora nacional do milho da primeira safra, a cultura experimentou forte estresse em virtude das inconstâncias das chuvas a partir de outubro. Em fevereiro as chuvas reiniciaram com regularidade em importantes localidades produtoras dos estados de Minas Gerais e São Paulo.

Em Minas Gerais, o segundo produtor de milho de primeira safra nesta temporada, a falta de chuvas e temperaturas elevadas em diferentes fases do desenvolvimento da cultura proporcionou forte redução nos níveis de produtividade. Os “stands” desuniformes, provocados pela ausência de chuvas em janeiro, apesar de previstas, surpreenderam com a sua intensidade, afetando as plantações. Este cenário promoveu substancial redução na produção esperada do cereal da primeira safra, quando se compara ao ocorrido na temporada anterior. As chuvas que retornaram antecedendo ao período de colheita reduziram as expectativas de perdas na produção.

Em São Paulo, segundo produtor regional, as chuvas ocorridas em dezembro se estenderam até o final de janeiro na maioria das regiões produtoras do estado trouxeram importantes benefícios para a lavoura de milho, que redundaram num forte incremento de 12% na produtividade, saindo de 5.260 kg/ha na temporada anterior, para 5.889 kg/ha na atual. Mesmo considerando que o estado também apresentou reduções na sua área plantada, a produção atingiu um montante de 2.312 mil toneladas, representando um incremento de 2,9% em relação ao que ocorreu no ano anterior.

Na Região Norte/Nordeste a manutenção da área do milho da primeira safra está vinculada à expectativa positiva dos produtores situados na região do MATOPIBA, em atender prioritariamente a demanda nordestina, o que cria um atrativo adicional para o cereal. Na Região Norte/Nordeste a expectativa de uma menor redução na área plantada da primeira safra de milho está relacionada ao suporte que a comercialização do cereal estabelece para os produtores situados na região do MATOPIBA.

Na Região Norte/Nordeste a expectativa inicial com relação à área plantada nesta temporada praticamente foi confirmada, apresentando uma redução de 0,9% em relação ao exercício passado ao atingir 2.453,4 hectares. Este quadro que diverge fortemente do que ocorre na Região Centro-Sul - redução nesta temporada de 10,6% - está relacionado ao suporte estabelecido pela comercialização prioritária do cereal para a Região Nordeste, particularmente para os produtores situados na região do MATOPIBA.

Na região do MATOPIBA o plantio do milho primeira safra tem uma forte correlação com a expectativa de normalização do quadro climático na região. O apelo de uma boa comercialização para o cereal parece não ter sido suficiente para sensibilizar os produtores da região, particularmente os baianos e maranhenses, que optaram por reduzir sensivelmente a área plantada. Nesta temporada, por exemplo, o comportamento errático do clima em MATOPIBA não auxiliou os produtores. O atraso do período chuvoso retardou o plantio em fins de outubro, que foi intercalado com fortes precipitações em meados de dezembro e estiagem subsequente em janeiro, causando fortes transtornos para o ciclo de produção. Os veranicos ocorridos levaram alguns produtores a promoverem o replantio que só puderam ser realizados com a consolidação das chuvas. Em fevereiro, com a sua normalização, as plantações que estavam nas fases de floração e enchimento de grãos experimentaram recuperações relevantes no seu potencial produtivo. Esses fatos relacionados contribuíram para que Tocantins, onde o quadro do clima apresentou-se medianamente favorável, fosse o único a ter incrementos na área plantada – 26%, especialmente nos municípios de Silvanópolis e Campos Lindos.

Na Região Centro-Oeste a primeira safra de milho tem a sua importância relativizada, em virtude dos produtores priorizarem o plantio da soja, para maximizar a janela do clima na região, possibilitando o plantio subsequente de duas safras numa mesma área. Nesta temporada as irregularidades das chuvas refletiram no desempenho das lavouras duramente afetadas pela escassez hídrica. Considerando a forte redução ocorrida na área plantada da região – 11,6%, a produção regional do milho na primeira safra atingiu a maior redução percentual do país, saindo de 3.184,9 mil toneladas na temporada passada, para 2.655,3 mil toneladas na atual.

Em Goiás, segundo maior produtor regional, estimava-se que as áreas semeadas em outubro e início de novembro apresentariam níveis de produtividades dentro da normalidade. Em função das irregularidades climáticas, o que se observou foram produtividades bastante inferiores, quando comparados aos do ano passado, uma vez que a acentuada irregularidade do clima coincidiu com as fases reprodutivas da lavoura, provocando fortes reduções na produção. A forte redução observada na área plantada dos principais produtores regionais, aliado ao comportamento do clima nos diversos estados produtores, provocou a maior redução percentual da produção do milho primeira safra deste ano – 16,6%.

Dessa forma, a estimativa nacional para a produção do milho primeira safra na temporada 2014/15 atingiu 30.244,1 mil toneladas, apresentando um decréscimo de 4,4% em relação ao ocorrido na temporada passada.

Quadro 10 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/08 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/08		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C	C	C				P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C	C				
AC	P	P	P		C	C	C	C				
AM	P	P	P		C	C	C	C	C			
AP			P	P	P	P	C	C	C	C	C	
PA	P	P	P		C	C	C	C	C			
TO		P	P	P	C	C	C	C	C			
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P		C	C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	C
CE	C			P	P	P	F	C	C	C	C	C
RN						P	P	P	P/C	C	C	C
PB	C	C		P	P	P	P	P	P	P/C	C	C
PE				P	P	P	P/C	P/C	C	C	C	
BA	P	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	
Centro-Oeste												
MT	P	P	P		C	C	C	C	C			
MS	P	P	P		C	C	C	C				P
GO	P	P	P		C	C	C	C	C			
DF		P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P		C	C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
SP												
PR	P	P		C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P
RS	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Figura 38 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra

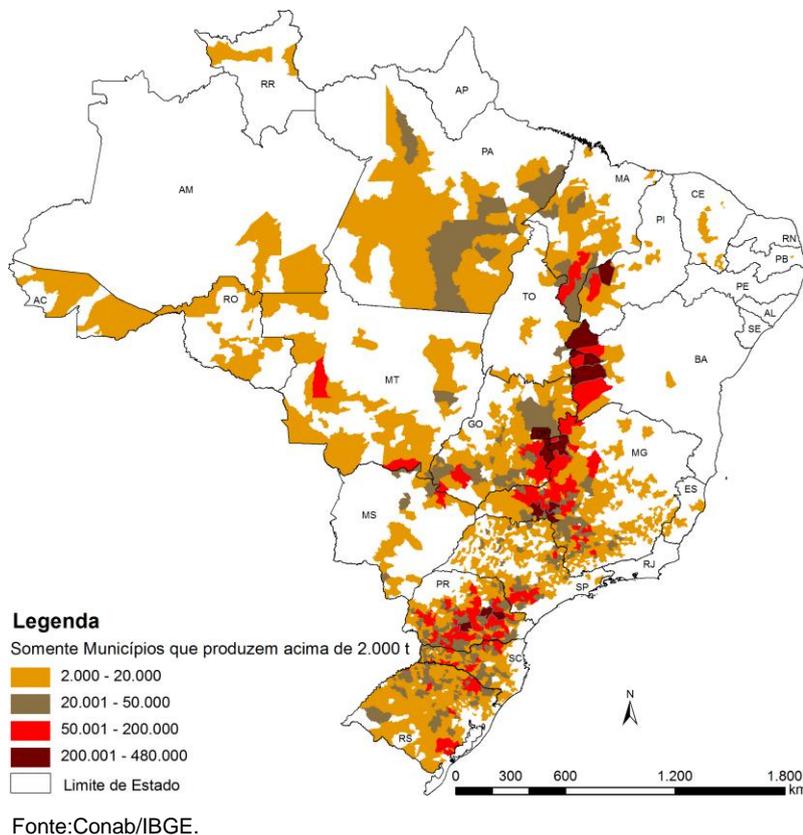


Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	361,9	393,5	8,7	2.845	3.240	13,9	1.029,4	1.274,7	23,8
RR	6,2	6,2	-	923	2.483	169,0	5,7	15,4	170,2
RO	60,9	46,0	(24,5)	2.035	2.174	6,8	123,9	100,0	(19,3)
AC	46,5	41,3	(11,2)	2.340	2.332	(0,3)	108,8	96,3	(11,5)
AM	11,0	15,2	38,2	2.627	2.540	(3,3)	28,9	38,6	33,6
AP	2,2	1,8	(18,0)	921	907	(1,5)	2,0	1,6	(20,0)
PA	184,1	218,7	18,8	2.916	3.232	10,8	536,8	706,8	31,7
TO	51,0	64,3	26,0	4.378	4.914	12,2	223,3	316,0	41,5
NORDESTE	2.113,3	2.059,9	(2,5)	2.248	2.169	(3,5)	4.750,0	4.468,8	(5,9)
MA	379,0	380,1	0,3	2.266	2.500	10,3	858,8	950,3	10,7
PI	371,6	380,5	2,4	2.321	2.495	7,5	862,5	949,3	10,1
CE	480,6	480,6	-	835	315	(62,3)	401,3	151,4	(62,3)
RN	32,4	29,3	(9,6)	633	287	(54,7)	20,5	8,4	(59,0)
PB	76,6	62,9	(17,9)	462	322	(30,3)	35,4	20,3	(42,7)
PE	228,6	214,7	(6,1)	411	341	(17,0)	94,0	73,2	(22,1)
BA	544,5	511,8	(6,0)	4.550	4.525	(0,5)	2.477,5	2.315,9	(6,5)
CENTRO-OESTE	422,2	373,2	(11,6)	7.544	7.115	(5,7)	3.184,9	2.655,3	(16,6)
MT	68,0	63,6	(6,4)	6.209	7.205	16,0	422,2	458,2	8,5
MS	27,0	20,5	(24,1)	8.350	8.500	1,8	225,5	174,3	(22,7)
GO	288,2	250,7	(13,0)	7.500	6.690	(10,8)	2.161,5	1.677,2	(22,4)
DF	39,0	38,4	(1,5)	9.634	9.000	(6,6)	375,7	345,6	(8,0)
SUDESTE	1.552,0	1.434,5	(7,6)	5.194	5.437	4,7	8.060,9	7.799,8	(3,2)
MG	1.098,0	1.022,4	(6,9)	5.230	5.340	2,1	5.742,5	5.459,6	(4,9)
ES	22,3	17,8	(20,3)	2.711	1.363	(49,7)	60,5	24,3	(59,8)
RJ	4,4	1,7	(61,0)	2.332	2.303	(1,2)	10,3	3,9	(62,1)
SP	427,3	392,6	(8,1)	5.260	5.889	12,0	2.247,6	2.312,0	2,9
SUL	2.168,3	1.895,0	(12,6)	6.746	7.412	9,9	14.627,4	14.045,5	(4,0)
PR	665,2	542,5	(18,4)	8.156	8.633	5,8	5.425,4	4.683,4	(13,7)
SC	471,9	411,5	(12,8)	7.385	7.750	4,9	3.485,0	3.189,1	(8,5)
RS	1.031,2	941,0	(8,8)	5.544	6.560	18,3	5.717,0	6.173,0	8,0
NORTE/NORDESTE	2.475,2	2.453,4	(0,9)	2.335	2.341	0,3	5.779,4	5.743,5	(0,6)
CENTRO-SUL	4.142,5	3.702,7	(10,6)	6.246	6.617	5,9	25.873,2	24.500,6	(5,3)
BRASIL	6.617,7	6.156,1	(7,0)	4.783	4.913	2,7	31.652,6	30.244,1	(4,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

10.1.7.2. Milho segunda safra

Para o milho segunda safra, em função do calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas para este produto, foram repetidas as informações relativas às áreas estaduais da safra anterior. Com relação à produtividade, a Conab utilizou, a partir desta temporada, nova metodologia que contempla as especificidades dos diversos produtos e a aplicação de um rendimento médio baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores. A explicação do método encontra-se no item relacionado à produtividade, constante do boletim divulgado pela Conab, a cada início de temporada. De uma maneira geral, na véspera do plantio da segunda safra de milho, os produtores estavam propensos a diminuir a área plantada da segunda safra, em função de um quadro de desestímulo muito claro no primeiro semestre, coincidindo com a evolução da

safra americana.

Nessa ocasião o mercado trabalhava com um cenário especulativo baseado em eventuais impactos do clima sobre a safra norte-americana, que provocavam alterações no quadro das cotações. Isso era considerado uma excelente aposta para os produtores que acreditavam nessa tendência. Argumentava-se que a safra americana poderia apresentar alguma surpresa de última hora, coincidindo com o encerramento da colheita, e internamente, o mercado de carnes brasileiro, especialmente aquele relacionado à bovinocultura, estimulava um quadro diferenciado para o mercado de milho, em função do movimento observado nos últimos anos, de forte incremento no confinamento, especialmente nos estados centrais.

Na Região Centro-Oeste, maior produtora do cereal de segunda safra, a expectativa que se tinha para o plantio era de que ocorresse uma leve redução na área plantada, comparada com o ocorrido no exercício anterior. Em função do atraso no plantio da soja, mesmo as de ciclo curto e a sua conseqüente repercussão na colheita, o plantio do milho ultrapassou os limites recomendados pela assistência técnica. O bom comportamento do clima nas diversas regiões produtoras permitiu que ocorresse um forte avanço da atividade durante fevereiro e março. Dada a importância que o plantio do cereal tem para a região (rotação com a soja e a produção de palhada, atenuando o impacto das elevadas temperaturas sobre o solo), as informações prestadas pelos produtores, à época, davam conta da possibilidade de redução nos investimentos em tecnologia para aquela parcela da área plantada que ultrapassasse o mês de fevereiro, data limite do zoneamento agrícola na maioria das áreas produtoras.

Na Região Sul, segunda maior produtora regional, a despeito da estimativa inicial de menor área plantada no Paraná, havia a expectativa de que houvesse uma normalização do clima e a área tenderia a repetir os números do ano passado. Naquela ocasião as previsões davam conta de que a produção brasileira da segunda safra de milho, caso o clima não trouxesse surpresas prejudicando o bom desempenho das lavouras, oscilaria entre a manutenção e uma leve redução, quando comparada com os números do ano anterior.

Como agravante, ocorreram as manifestações dos caminhoneiros, que potencializaram a expectativa de atraso. Mesmo com esse quadro, em Mato Grosso, que participa nesta safra com 37% da produção nacional, estima-se que o plantio de aproximadamente 13% da área total foi realizado fora da janela recomendada tecnicamente. No entanto, o quadro climático da época, com chuvas abundantes, combinadas com luminosidade intensa, criavam, como foi posteriormente confirmado, a expectativa de bons níveis de produtividade.

Com o plantio concluído, o produtor passou a acompanhar com bastante atenção a evolução do clima, entendendo que as chuvas de abril e maio seriam fundamentais para garantir o bom resultado das lavouras. Com efeito, o bom regime das chuvas em abril consolidaram as boas expectativas, especialmente devido à coincidência com o calendário agrícola, quando a maior parte das lavouras encontravam-se nos estágios de pendoamento e enchimento de grãos. Em Mato Grosso do Sul e Goiás o plantio também ocorreu fora da janela recomendada, mas experimentaram semelhante situação. Em Mato Grosso do Sul a possibilidade de suspensão das chuvas no período abril/maio não era

considerada o único risco na aposta daqueles produtores, uma vez que as geadas que eventualmente ocorrem na região sul e sudoeste do estado, costumam comprometer seriamente a produção local.

Em Mato Grosso a normalização no regime pluviométrico no final de fevereiro e durante todo o mês de março e abril contribuiu para que o plantio se estendesse até março. Esta normalização do regime chuvoso proporcionou um excelente desenvolvimento vegetativo das lavouras, alavancando as expectativas de produtividade. O bom regime de chuvas ao longo do desenvolvimento das lavouras trouxe boas expectativas, confirmadas pela colheita que avançava para o seu encerramento em agosto, na maioria dos estados produtores, com exceção da Região Nordeste, em particular no MATOPIBA, onde ela se estende até dezembro.

Na medida em que avançava a colheita confirmando os prognósticos de safra recorde, observou-se do lado operacional, um forte descompasso relacionado com a precária estrutura de armazenagem, que interferiu em toda a cadeia, trazendo reflexos no escoamento da safra, ao impactar as capacidades de recepção e expedição do produto, com todas as implicações relativas ao aumento das filas de caminhões e nos seus custos decorrentes, fatores sensíveis para um produto de baixo valor agregado.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	189,3	273,5	44,5	4.183	4.700	12,4	791,8	1.285,5	62,4
RO	88,4	119,5	35,2	3.751	4.613	23,0	331,6	551,3	66,3
TO	100,9	154,0	52,6	4.561	4.768	4,5	460,2	734,3	59,6
NORDESTE	786,4	655,9	(16,6)	3.592	2.935	(18,3)	2.824,5	1.924,9	(31,8)
MA	227,4	134,2	(41,0)	3.813	3.867	1,4	867,1	519,0	(40,1)
PI	33,4	25,9	(22,6)	4.998	4.437	(11,2)	166,9	114,9	(31,2)
AL	31,0	30,1	(2,9)	887	1.007	13,5	27,5	30,3	10,2
SE	226,6	176,3	(22,2)	4.670	4.231	(9,4)	1.058,2	745,9	(29,5)
BA	268,0	289,4	8,0	2.630	1.779	(32,4)	704,8	514,8	(27,0)
CENTRO-OESTE	5.780,0	6.118,6	5,9	5.514	6.020	9,2	31.869,0	36.836,0	15,6
MT	3.230,2	3.352,9	3,8	5.457	6.056	11,0	17.627,2	20.305,2	15,2
MS	1.547,5	1.615,0	4,4	5.140	5.500	7,0	7.954,2	8.882,5	11,7
GO	952,3	1.112,3	16,8	6.130	6.578	7,3	5.837,6	7.316,7	25,3
DF	50,0	38,4	(23,2)	9.000	8.637	(4,0)	450,0	331,7	(26,3)
SUDESTE	554,5	625,3	12,8	4.810	5.212	8,3	2.667,4	3.259,1	22,2
MG	228,0	255,2	11,9	5.265	5.505	4,6	1.200,4	1.404,9	17,0
SP	326,5	370,1	13,4	4.493	5.010	11,5	1.467,0	1.854,2	26,4
SUL	1.901,0	1.914,3	0,7	5.390	5.840	8,3	10.246,4	11.179,5	9,1
PR	1.901,0	1.914,3	0,7	5.390	5.840	8,3	10.246,4	11.179,5	9,1
NORTE/NORDESTE	975,7	929,4	(4,7)	3.706	3.454	(6,8)	3.616,3	3.210,5	(11,2)
CENTRO-SUL	8.235,5	8.658,2	5,1	5.438	5.922	8,9	44.782,8	51.274,6	14,5
BRASIL	9.211,2	9.587,6	4,1	5.254	5.683	8,2	48.399,1	54.485,1	12,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

Figura 39 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra

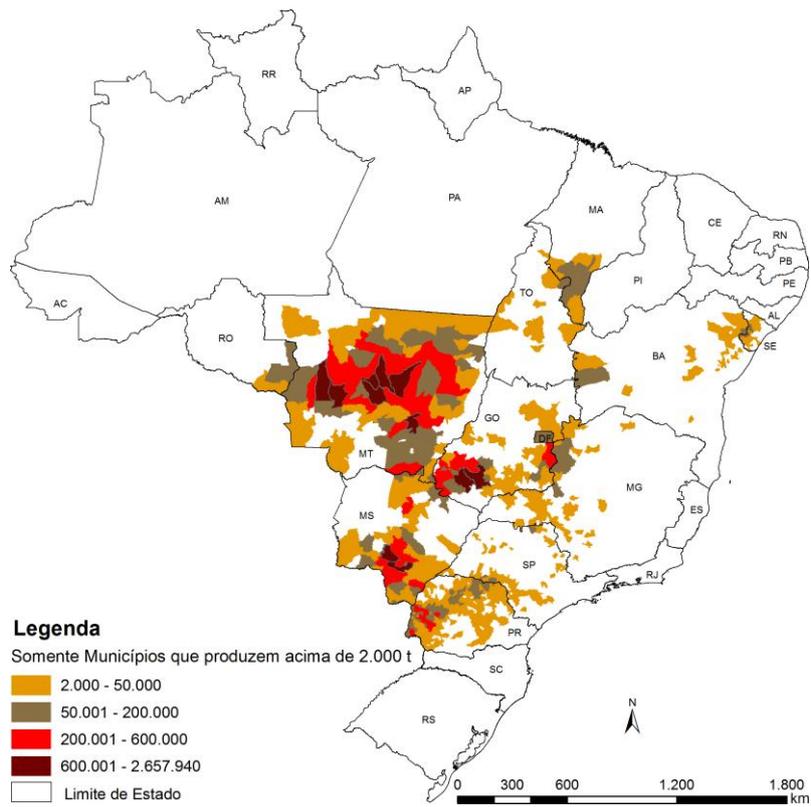
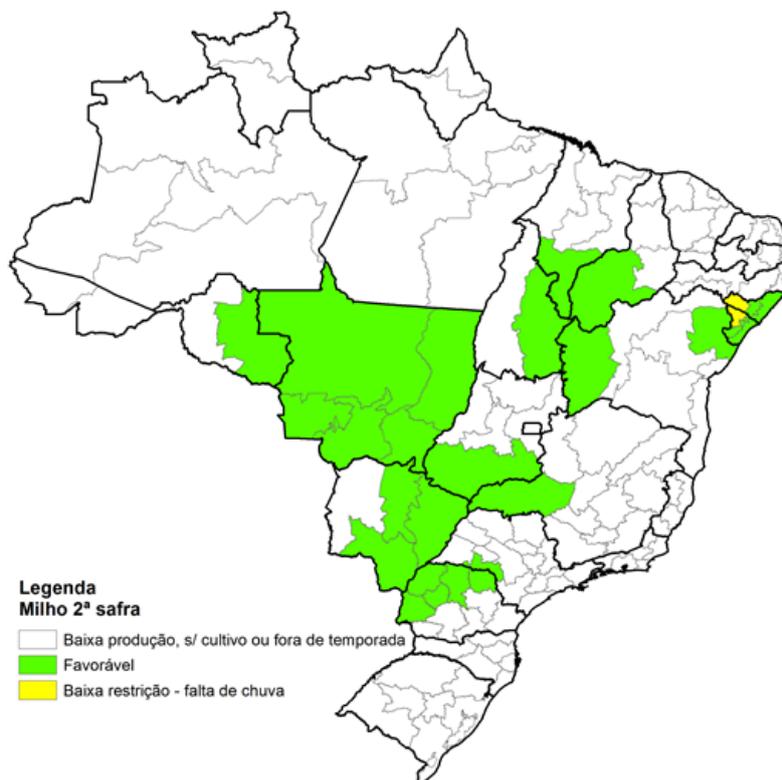


Figura 40 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Na Região Nordeste, especialmente em MATOPIBA, registra-se uma expressiva produção do milho da segunda safra que cresce a cada ano, a despeito da instabilidade do clima que vem castigando a região nos últimos anos. Esta evolução é explicada pela utilização de sementes com qualidade e no uso de um avançado pacote tecnológico. A região atingiu nesta temporada uma produção de 5.743,5 mil toneladas, representando um decréscimo de 0,6% em relação ao ocorrido no ano anterior.

A posição consolidada da produção brasileira do milho, reunindo a primeira e segunda safras, deverá atingir nesta temporada 84.729,2 mil toneladas, representando um acréscimo de 5,8% em relação à produção passada, que atingiu 80.051,7 mil toneladas.

Tabela 27 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho safra 2ª	- nordeste da BA, exceto parte norte (FR/M) - todo estado de AL, exceto Sertão (FR/M) - todo estado de SE, exceto Sertão (FR/M)		- leste de RO (C) - leste do TO (C) - sul do MA (C) - sudoeste do PI (C) - oeste da BA (C) - Triângulo MG (C) - sul de SP (C) - norte e oeste do PR (C) - todo estado do MS (C) - todo estado do MT (C) - sul de GO (C)	- Sertão de AL (FR) - Sertão de SE (FR) - parte norte do nordeste da BA (FR)

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Quadro 11 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12 Primavera			21/12 a 20/03 Verão			20/03 a 21/06 Outono			21/06 a 22/09 Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO					P	P	P	P	C	C	C	
TO					P	P	P	P	C	C	C	
Nordeste												
MA					P	P	P		C	C		
PI	C					P	P	P	P/C	C	C	C
AL	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SE	C	C	C	C				P	P			C
BA	C	C	C				C	P	P			C
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C	C	
MS				P	P	P			C	C	C	C
GO				P	P	P			C	C	C	
DF				P	P	P			C	C	C	
Sudeste												
MG	C			P	P	P	P	P	C	C	C	C
SP					P	P	P	P	C	C	C	C
Sul												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C

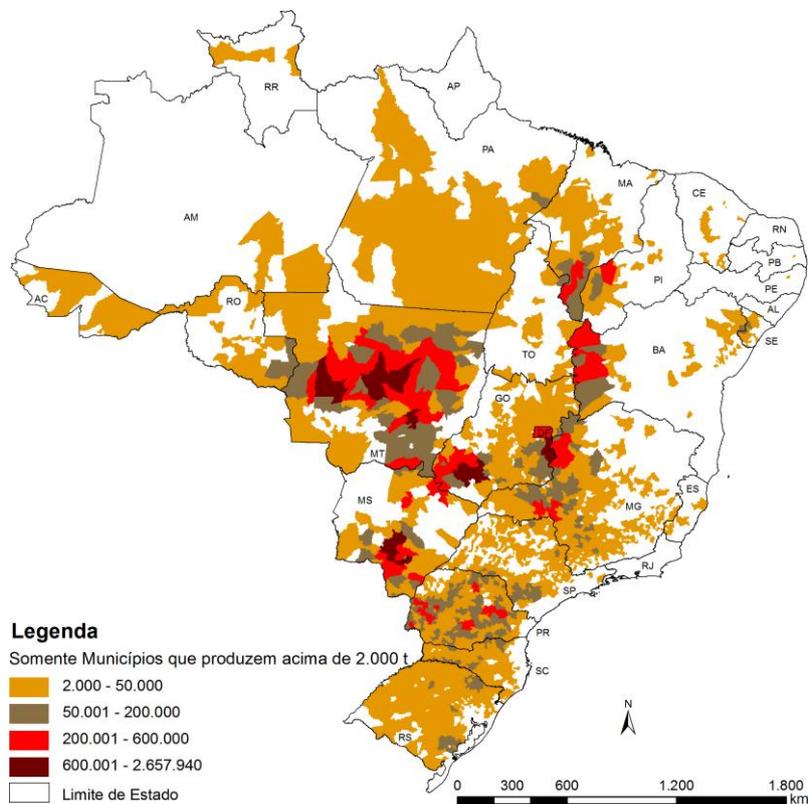
Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

10.1.7.3. Milho total

A consolidação da produção brasileira do milho, reunindo as duas safras, aponta agora para 84.729,2 mil toneladas, representando um acréscimo de 5,8% em relação à produção passada, que atingiu 80.051,7 mil toneladas.

Figura 41 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	551,2	667,0	21,0	3.304	3.839	16,2	1.821,2	2.560,2	40,6
RR	6,2	6,2	-	923	2.483	169,0	5,7	15,4	170,2
RO	149,3	165,5	10,9	3.051	3.935	29,0	455,5	651,3	43,0
AC	46,5	41,3	(11,2)	2.340	2.332	(0,3)	108,8	96,3	(11,5)
AM	11,0	15,2	38,2	2.627	2.540	(3,3)	28,9	38,6	33,6
AP	2,2	1,8	(18,2)	921	907	(1,5)	2,0	1,6	(20,0)
PA	184,1	218,7	18,8	2.916	3.232	10,8	536,8	706,8	31,7
TO	151,9	218,3	43,7	4.500	4.811	6,9	683,5	1.050,2	53,7
NORDESTE	2.899,7	2.715,8	(6,3)	2.612	2.354	(9,9)	7.574,5	6.393,7	(15,6)
MA	606,4	514,3	(15,2)	2.846	2.857	0,4	1.725,9	1.469,2	(14,9)
PI	405,0	406,4	0,3	2.542	2.619	3,0	1.029,4	1.064,3	3,4
CE	480,6	480,6	-	835	315	(62,3)	401,3	151,4	(62,3)
RN	32,4	29,3	(9,6)	633	287	(54,7)	20,5	8,4	(59,0)
PB	76,6	62,9	(17,9)	462	322	(30,3)	35,4	20,3	(42,7)
PE	228,6	214,7	(6,1)	411	341	(17,0)	94,0	73,2	(22,1)
AL	31,0	30,1	(2,9)	887	1.007	13,5	27,5	30,3	10,2
SE	226,6	176,3	(22,2)	4.670	4.231	(9,4)	1.058,2	745,9	(29,5)
BA	812,5	801,2	(1,4)	3.917	3.533	(9,8)	3.182,3	2.830,7	(11,0)
CENTRO-OESTE	6.202,2	6.491,8	4,7	5.652	6.083	7,6	35.053,8	39.491,4	12,7
MT	3.298,2	3.416,5	3,6	5.473	6.077	11,1	18.049,4	20.763,4	15,0
MS	1.574,5	1.635,5	3,9	5.195	5.538	6,6	8.179,6	9.056,8	10,7
GO	1.240,5	1.363,0	9,9	6.448	6.599	2,3	7.999,1	8.993,9	12,4
DF	89,0	76,8	(13,7)	9.278	8.819	(5,0)	825,7	677,3	(18,0)
SUDESTE	2.106,5	2.059,8	(2,2)	5.093	5.369	5,4	10.728,4	11.058,9	3,1
MG	1.326,0	1.277,6	(3,7)	5.236	5.373	2,6	6.943,0	6.864,5	(1,1)
ES	22,3	17,8	(20,2)	2.711	1.363	(49,7)	60,5	24,3	(59,8)
RJ	4,4	1,7	(61,4)	2.332	2.303	(1,2)	10,3	3,9	(62,1)
SP	753,8	762,7	1,2	4.928	5.462	10,9	3.714,6	4.166,2	12,2
SUL	4.069,3	3.809,3	(6,4)	6.113	6.622	8,3	24.873,8	25.225,0	1,4
PR	2.566,2	2.456,8	(4,3)	6.107	6.457	5,7	15.671,8	15.862,9	1,2
SC	471,9	411,5	(12,8)	7.385	7.750	4,9	3.485,0	3.189,1	(8,5)
RS	1.031,2	941,0	(8,7)	5.544	6.560	18,3	5.717,0	6.173,0	8,0
NORTE/NORDESTE	3.450,9	3.382,8	(2,0)	2.723	2.647	(2,8)	9.395,7	8.953,9	(4,7)
CENTRO-SUL	12.378,0	12.360,9	(0,1)	5.708	6.130	7,4	70.656,0	75.775,3	7,2
BRASIL	15.828,9	15.743,7	(0,5)	5.057	5.382	6,4	80.051,7	84.729,2	5,8

Fonte: Conab.

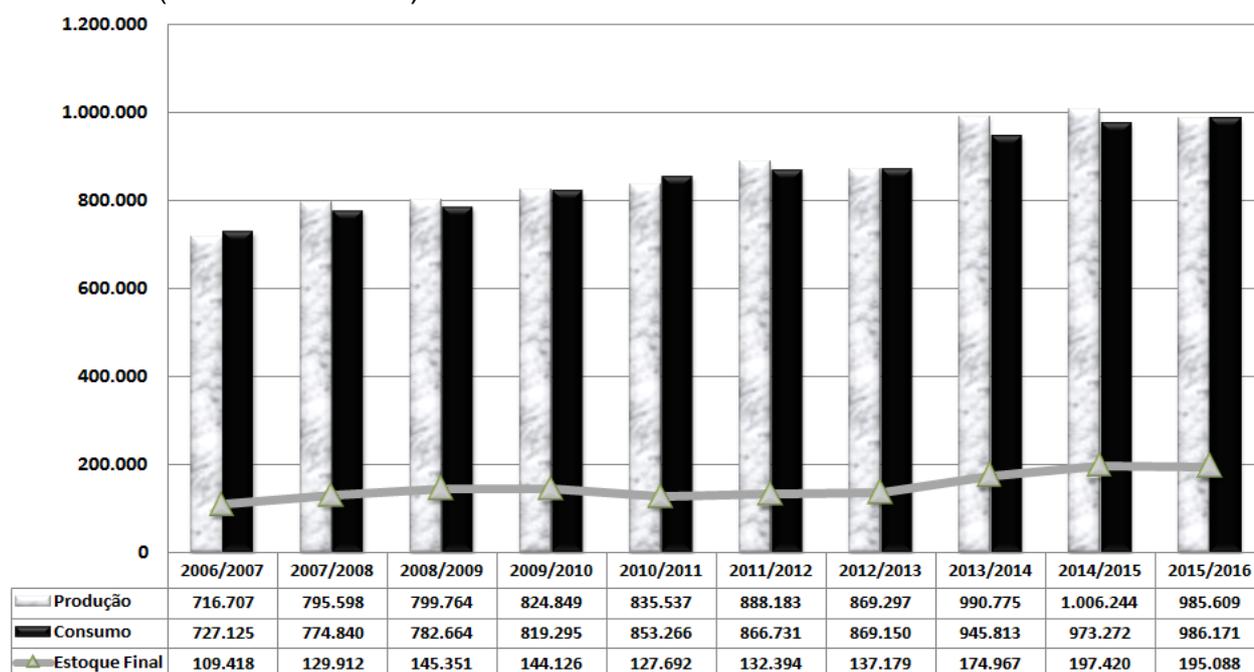
Nota: Estimativa em setembro/2015.

10.1.7.4. Oferta e demanda

Panorama mundial

O último relatório de oferta e demanda do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda - sigla em inglês), publicado em agosto, apontou uma pequena redução na produção e no consumo mundial de milho, em relação ao relatório anterior (por volta de 2 milhões de toneladas a menos), mas um aumento nos estoques finais do grão (cerca de 5 milhões de toneladas a mais).

Gráfico 31 – Comparativo de produção, consumo e estoque final no mundo nas últimas dez safras (em mil toneladas)

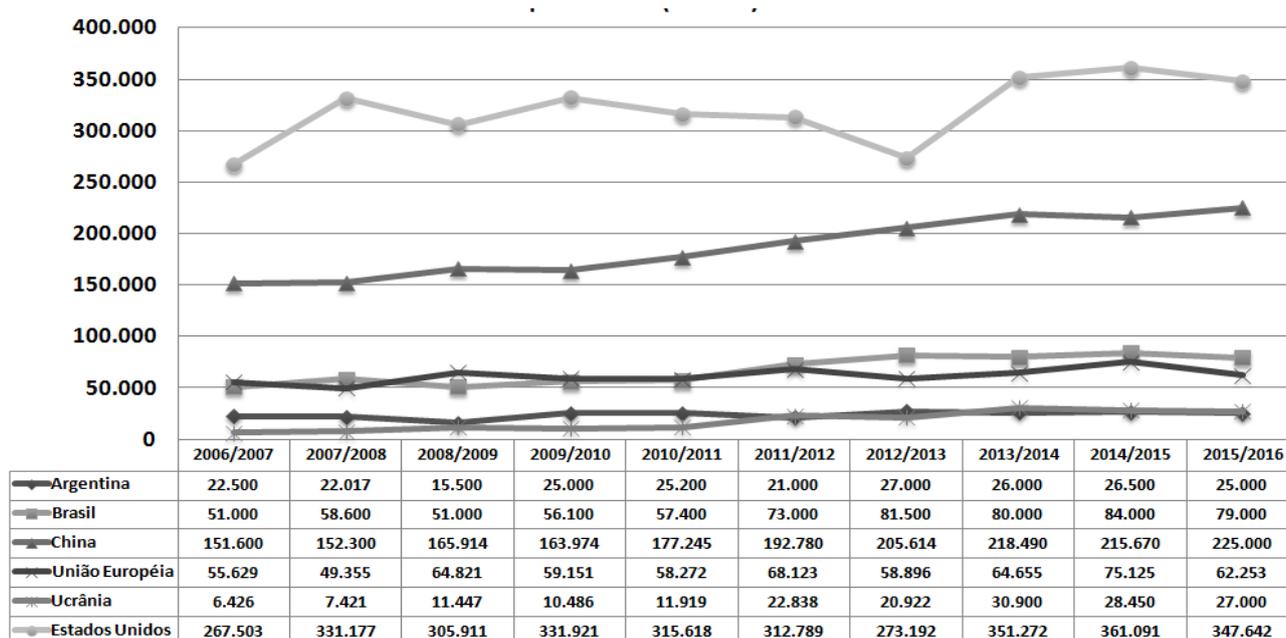


Fonte: Usda.

Isto devido, principalmente, a uma tendência de quebra de safra na União Européia, com uma perda prevista de 13 milhões de toneladas em relação à safra anterior.

Em relação à safra dos Estados Unidos imaginava-se uma expectativa de safra menor, tendo em vista o excesso de chuvas registrado no Meio Oeste, durante junho e julho, podendo causar uma perda de produtividade, fato que não chegou a ser considerado pelo Usda, neste último relatório.

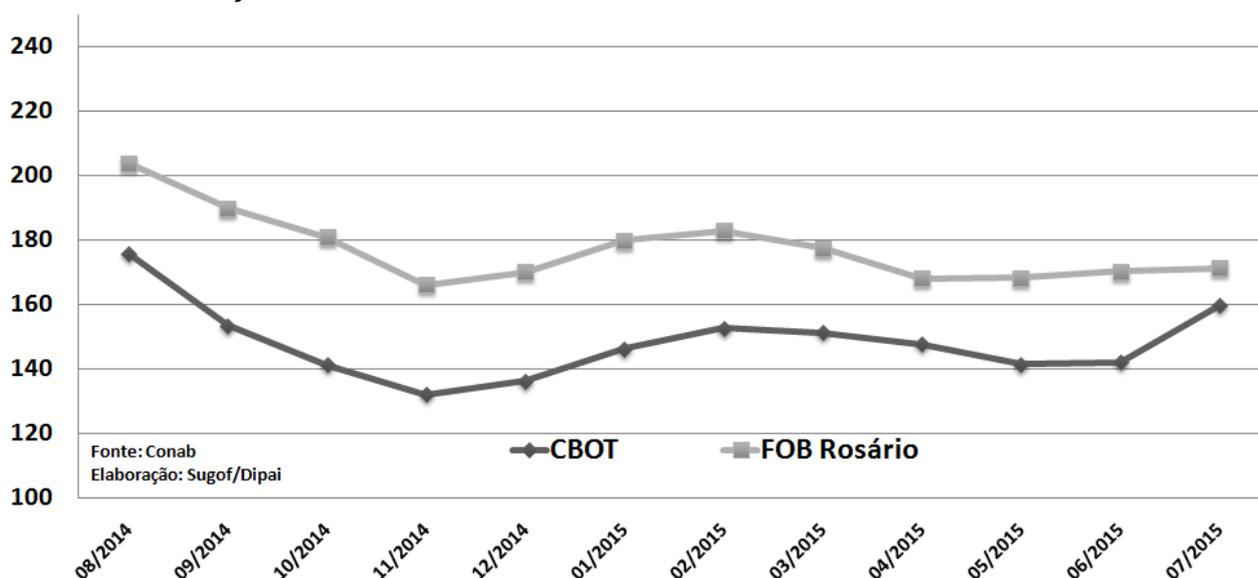
Gráfico 32 – Evolução da produção mundial de milho nas últimas dez safras – principais países produtores (em mil toneladas)



Fonte: Usda.

Neste cenário, o alto estoque disponível pressionou ainda mais os preços na Bolsa de Chicago, em agosto. Além disso, a conjuntura econômica da China, projetada com um viés pessimista, não permitiu que as cotações do milho não recuperassem no fim deste mês, fechando à média da última semana em US\$ 3,64/bsuhel (US\$ 143,49/tonelada).

Gráfico 33 – Preços internacionais médios mensais – 12 meses, em US\$/t



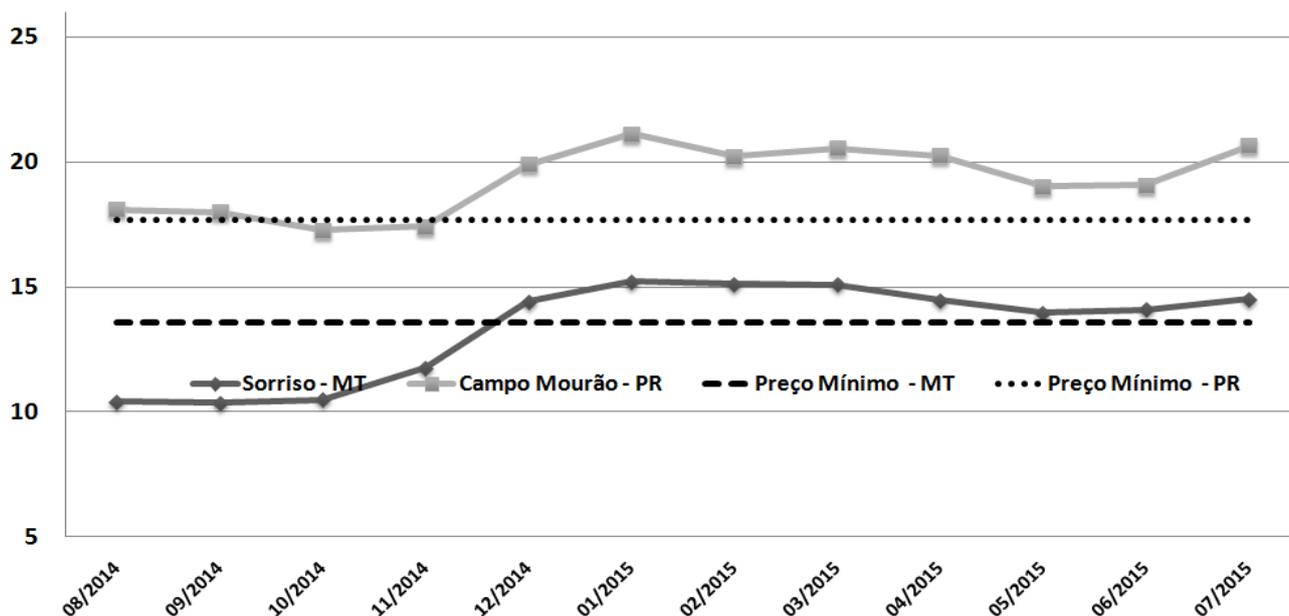
Para as cotações em Rosário houve certa diferença em relação à Chicago, pelo fato do mercado demandante estar direcionando suas atenções, neste momento, para o produto da América do Sul, melhorando os prêmios nos portos.

Panorama nacional

A alta do dólar no cenário nacional continuou exercendo uma influência positiva nos preços domésticos, os quais continuam acima do preço mínimo para todas as regiões produtoras, em detrimento do viés de baixas das cotações em Chicago.

A média da última semana de agosto apresentou preços de R\$ 14,70/60kg em Sorriso (MT) e R\$ 21,40/60kg em Campo Mourão (PR).

Gráfico 34 – Preços médios mensais pagos ao produtor – 12 meses, em R\$/60kg

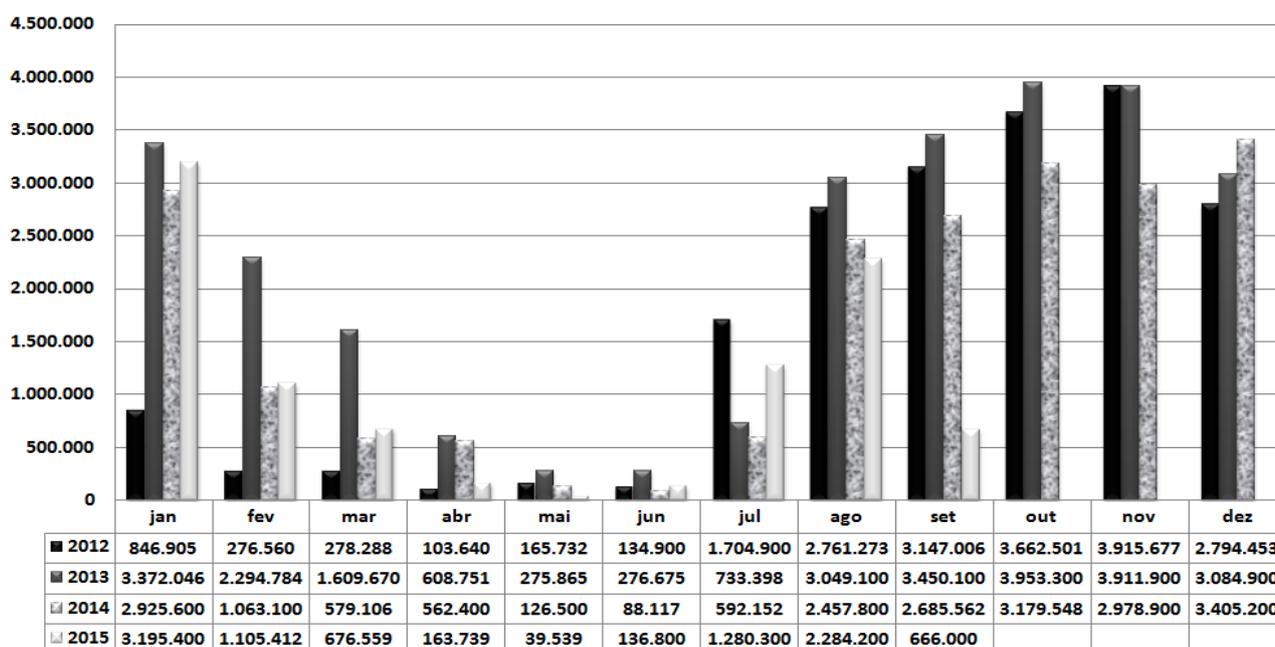


Fonte: Conab.

No entanto, as negociações de curto prazo, no mercado interno, estão estagnadas, vez que os produtores estão preferindo negociações para a exportação, já que a paridade nos portos variou entre R\$ 31,00 e 33,00/60kg.

Contudo, há muita negociação ainda para novembro e dezembro, fazendo com que a exportação de agosto ainda estivesse aquém do que o mercado imaginava, mas que, a partir de agora, o ritmo exportador deve aumentar consideravelmente, atingindo assim, no final de janeiro de 2016, os 26,4 milhões de toneladas estimados.

Gráfico 35 – Exportações brasileiras de milho de janeiro/2012 a setembro/2015 (em toneladas)*



Fonte: Secex.

Legenda: * Primeira semana de setembro.

10.1.8. Soja

O período que antecedeu o início do plantio da soja brasileira na atual temporada coincidiu com uma forte redução das cotações internacionais, causada pela oferta americana, quando cristalizou-se a dimensão da sua safra, afastando em definitivo uma forte especulação existente na época, decorrente de riscos climáticos que poderiam trazer eventuais problemas na oferta.

Paralelamente, o pequeno atraso na colheita da safra americana, as irregularidades do clima na América do Sul e o aumento da taxa de câmbio provocaram a recuperação dos preços, incentivando o produtor no uso de modernos pacotes tecnológicos de produção. Apesar dos preços não apresentarem bom suporte para a safra que se iniciava, os produtores consideraram o plantio da oleaginosa como a melhor opção, frente às demais lavouras concorrentes. Colocavam como atrativo, uma quase manutenção dos custos de produção, capitaneada pelo comportamento dos preços dos fertilizantes, oportunidade bem aproveitada pelos produtores, na realização de fortes compras antecipadas no primeiro semestre. Adicionalmente, o dólar que já apresentava valorização ante o real, tornava a queda observada nos preços internos mais amena do que o que ocorria com as cotações internacionais do produto. Esses fatos contribuíram para o incremento do plantio, representado pela anexação de áreas outrora destinadas para o algodão, milho, feijão cores e pastagens.

A Região Centro-Oeste, maior produtora da oleaginosa do país, sofreu forte estresse hídrico no período compreendido entre a segunda quinzena de novembro de 2014 e a primeira quinzena de janeiro de 2015, causando forte impacto no desenvolvimento das lavouras. O tempo seco e a estiagem provocaram redução no ritmo do plantio, quando comparado com o mesmo período da temporada passada. Em setembro, de uma maneira geral, as precipitações pluviométricas tinham atingido níveis superiores a 120 mm, coincidindo com o término do vazão sanitário, o que estimulou fortemente o plantio da oleaginosa. Em outubro, quando rotineiramente as precipitações na região são mais regulares, as chuvas ocorreram em níveis muito abaixo da média histórica, visto que em vários locais as lavouras não receberam chuvas por um período superior a 20 dias. O retorno da normalização climática na última semana de outubro exigiu do produtor uma ação redobrada, obrigando-o a agilizar as operações com a lavoura, a fim de aproveitar a janela de plantio. A preocupação colocada pelos produtores à época era que o plantio ocorrendo numa janela estreita implicaria numa colheita também executada numa faixa concentrada, podendo comprometer ou pelo menos reduzir, as potencialidades das lavouras que seriam plantadas na sequência da oleaginosa. O atraso no plantio só não foi maior em função das características dos produtores locais, altamente tecnificados e que dispõem de equipamentos em quantidade suficiente para agilizar o plantio, recuperando-se de eventuais atrasos. A melhoria das condições climáticas em outubro e as características dos produtores acima mencionadas contribuíram para que em novembro tenha ocorrido o maior percentual de plantio da soja nas últimas seis temporadas – 52,6% do plantio total.

Em Goiás e no Distrito Federal, onde ocorreram as maiores reduções na produtividade da oleaginosa no país, alguns municípios sofreram intensamente com a falta de chuvas durante estágios sensíveis da lavoura, por um período de

aproximadamente 30 dias. É importante destacar que esses problemas climáticos observados, já haviam motivado o atraso do plantio em praticamente toda a Região Centro-Oeste. O melhor desempenho do clima, impactando as lavouras nos demais estados, contribuíram para atenuar o prejuízo da produtividade regional. Em Mato Grosso do Sul foi uma boa recuperação nas estimativas de produtividades em relação aos números das avaliações anteriores, cerca de 7,6%. O mesmo caso se aplica para o Mato Grosso, onde a produtividade praticamente se manteve, quando comparada com a divulgada em janeiro, mas que suplanta em 3,7% a observada em 2014. Nesses locais, os relatos priorizavam mais os ataques de lagartas e percevejos, com intensidade variando de baixa a média, reflexo da redução das chuvas, combinadas com as elevadas temperaturas, que foram perfeitamente administradas pelo competente manejo.

Em fevereiro a colheita seguiu acelerada, buscando com isso completar o subsequente plantio da segunda safra de milho que desde a safra 2011/12 já aparece como a principal oferta do cereal na temporada. O objetivo seria concluir a maior área plantada com soja precoce para o plantio da maior área possível com o milho, aproveitando a janela do clima e potencializando a utilização de um elevado pacote tecnológico na produção. Essa estratégia quase foi comprometida com a greve dos caminhoneiros iniciada em meados de fevereiro em todo o país, e que na Região Centro-Oeste provocou forte estresse no setor, uma vez que o risco da escassez de combustível coincidindo com a colheita criava a possibilidade de atrasos no planejamento do segmento produtivo, fato que felizmente não ocorreu, em decorrência dos estoques preventivos de combustíveis formados pela maioria dos produtores e pela normalização do movimento grevista ocorrido no final daquele mês, possibilitando a normalização na oferta de combustíveis.

Houve registros de casos em que os produtores situados no norte do Mato Grosso, face às circunstâncias, buscaram socorro em Santarém, no Pará, para não interromperem as operações de colheita e movimentação dos grãos, uma vez que o movimento grevista impedia a passagem na direção sul do estado matogrossense. A esse propósito, a oferta da oleaginosa no maior estado produtor de grãos segue fortemente estimulada pelo escoamento da produção rumo ao norte do país, através dos portos de Miritituba e Santarém, no Pará. Merece destaque mencionar que uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo produtor para o financiamento das suas lavouras, relacionado, por exemplo, com a falta de documentação fundiária ou outra pendência operacional, tem sido relativizada no extremo norte do Mato Grosso, graças às ações das empresas privadas, nacionais e estrangeiras, que compensam a atuação oficial através dos “pacotes de financiamentos”, não se detectando quaisquer restrições ao estímulo da produção agrícola naquela área.

Na Região Sul, segunda maior produtora da oleaginosa, observou-se forte incremento na produtividade decorrente de um quadro que combinou, temperaturas adequadas com boa distribuição de chuvas ao longo do desenvolvimento das lavouras. Tal desempenho teve ainda o suporte dos aumentos ocorridos nas áreas plantadas e produtividades, dos dois mais importantes estados produtores, Paraná e Rio Grande do Sul. No Paraná, após um início conturbado, quando a seca atrasou o plantio, o clima apresentou uma normalização e essas condições mantiveram-se, durante praticamente

todo o desenvolvimento vegetativo, coincidindo com a colheita da oleaginosa. O bom desempenho das lavouras surpreenderam os técnicos, uma vez que em outubro e novembro ocorreram problemas com o clima, quando a falta de chuvas coincidiu com temperaturas elevadas, causando atraso no plantio que foi encerrado somente em dezembro. A melhora no comportamento do clima, associado ao pacote tecnológico utilizado pelo produtor, respaldou a expectativa inicial de forte incremento da produtividade nessa safra, partindo de 2.950 kg/ha na safra passada, para os atuais 3.294 kg/ha.

No Rio Grande do Sul foram registrados problemas pontuais nas regiões das Missões, Noroeste e zona Sul do estado, com períodos de estiagem que se prolongaram por mais de 20 dias, influenciando fortemente o desenvolvimento das lavouras semeadas tardiamente. O melhor desempenho das lavouras situadas nas demais localidades das Regiões Norte e Nordeste neutralizou as perdas estaduais. O comportamento positivo da oleaginosa permitiu projetar para a safra 2014/15 recordes de crescimento na área, produtividade e produção.

Em Santa Catarina, de uma forma geral, as chuvas apresentaram-se bem distribuídas por todo o estado, amenizando as elevadas temperaturas ocorridas durante o ciclo vegetativo, trazendo importantes benefícios para a lavoura. Conforme era esperada para essa temporada, ocorreu um incremento de 5,6% nos níveis de produtividades, quando se compara com o ocorrido na temporada anterior. Nessa safra foi observada a predominância das variedades de ciclo precoce e o seu desenvolvimento foi considerado muito bom nas terras altas. Na colheita da safra foram registradas boas produtividades na maior parte das regiões produtoras, resultado das boas condições climáticas durante o ciclo da cultura e também do elevado padrão tecnológico utilizado no cultivo. Mesmo assim, houve registros de excesso de umidade em determinadas regiões do estado, que favoreceram o desenvolvimento de doenças, como a ferrugem asiática e mofo branco, reduzindo a qualidade das lavouras e provocando algumas perdas no rendimento.

Na Região Sudeste os transtornos do clima nas lavouras de soja tanto em Minas Gerais quanto em São Paulo foram tão intensos na safra 2013/14, que na atual, a despeito dos diversos problemas também enfrentados pela lavoura, os níveis de rendimentos apresentaram um incremento na produtividade de 10,1%, um dos maiores níveis estimados para 2015. A produtividade regional atual está estimada em 2.775 kg/ha, contra 2.520 kg/ha alcançada na safra passada, registrando, neste levantamento, o segundo melhor desempenho da produtividade nacional.

Em Minas Gerais as áreas de soja apresentaram incrementos importantes nessa temporada, avançando sobre as lavouras de milho, cana-de-açúcar, feijão da primeira safra e pastagens degradadas. O atraso no plantio e a sua completa efetivação, somente em dezembro, além dos relatos pontuais de perdas, constituíram durante todo o desenvolvimento vegetativo da lavoura, motivo de preocupação para os produtores, devido à redução da “janela climática” necessária para a segunda safra de milho, plantada na seqüência da colheita da oleaginosa. De modo geral, as condições climáticas não se mostraram favoráveis ao plantio da safra de verão, predominando em todo o estado um clima seco, com ocorrência de chuvas isoladas, temperaturas elevadas e baixos índices de umidade relativa do ar, que elevaram o risco de implantação das lavouras de sequeiro,

inclusive para as áreas de pivô. As boas precipitações ocorridas a partir de fevereiro acarretaram boa recuperação das lavouras e um aumento substancial na produtividade das variedades de ciclo médio e longo.

São Paulo apresentou o maior incremento percentual na produtividade da oleaginosa desta temporada. A boa performance está relacionada ao excelente comportamento do clima durante os ciclos importantes da lavoura, contrastando com o desempenho observado no ano anterior. No período entre dezembro e janeiro ocorreram melhorias significativas das condições climáticas na maioria das regiões produtoras do estado, beneficiando o desenvolvimento vegetativo da oleaginosa. A produtividade obtida representa o maior incremento percentual do país, quando comparada com o desempenho estadual observado no ano passado – 32,2%.

Na Região Norte e Nordeste a prática produtiva na região do MATOPIBA inicia-se com a produção de arroz como forma de correção do solo para um posterior plantio da soja. No entanto, desde a safra passada, mesmo nas áreas novas, observa-se entre a maioria dos produtores o plantio direto com a oleaginosa. Nessas regiões ocorreu forte incremento na área plantada, sendo registrado no seu conjunto 10,3% em comparação com o período anterior. As chuvas irregulares afetaram, de forma diferenciada, as lavouras de soja na maior parte da região produtora, especialmente no Maranhão e Tocantins. Nessas localidades foram registradas ausências de chuvas por extensos períodos, coincidindo com estágios sensíveis da planta, tais como germinação e início do desenvolvimento vegetativo. No Piauí, onde a colheita estendeu-se até maio, a produtividade média alcançada atingiu 2.722 kg/ha, representando um incremento de 14,7% em relação ao exercício anterior. Na Bahia, onde a concentração da produção se dá na região oeste, houve atrasos na colheita em função da ocorrência de chuvas durante todo o mês de abril. Na área de influência de Barreiras, que corresponde a 83% da área de soja do estado, a produtividade média atingiu 2.940 kg/ha, um aumento de 16,7% em relação à safra anterior.

Tais fatos consolidados fizeram com que a safra brasileira de soja atingisse na temporada 2014/15 o recorde de 96,24 milhões de toneladas, representando um incremento de 11,8% em relação ao ocorrido no exercício anterior.

Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.178,9	1.441,4	22,3	2.877	2.987	3,8	3.391,3	4.304,8	26,9
RR	18,0	24,0	33,3	3.120	3.300	5,8	56,2	79,2	40,9
RO	191,1	231,5	21,1	3.180	3.166	(0,4)	607,7	732,9	20,6
PA	221,4	336,3	51,9	3.020	3.024	0,1	668,6	1.017,0	52,1
TO	748,4	849,6	13,5	2.751	2.914	5,9	2.058,8	2.475,7	20,2
NORDESTE	2.602,2	2.845,3	9,3	2.544	2.841	11,7	6.620,9	8.084,1	22,1
MA	662,2	749,6	13,2	2.754	2.761	0,3	1.823,7	2.069,6	13,5
PI	627,3	673,7	7,4	2.374	2.722	14,7	1.489,2	1.833,8	23,1
BA	1.312,7	1.422,0	8,3	2.520	2.940	16,7	3.308,0	4.180,7	26,4
CENTRO-OESTE	13.909,4	14.616,1	5,1	3.005	3.008	0,1	41.800,5	43.968,6	5,2
MT	8.615,7	8.934,5	3,7	3.069	3.136	2,2	26.441,6	28.018,6	6,0
MS	2.120,0	2.300,5	8,5	2.900	3.120	7,6	6.148,0	7.177,6	16,7
GO	3.101,7	3.325,0	7,2	2.900	2.594	(10,6)	8.994,9	8.625,1	(4,1)
DF	72,0	56,1	(22,1)	3.000	2.626	(12,5)	216,0	147,3	(31,8)
SUDESTE	1.989,9	2.116,2	6,3	2.520	2.775	10,1	5.015,3	5.873,5	17,1
MG	1.238,2	1.319,4	6,6	2.687	2.658	(1,1)	3.327,0	3.507,0	5,4
SP	751,7	796,8	6,0	2.246	2.970	32,2	1.688,3	2.366,5	40,2
SUL	10.492,7	11.074,1	5,5	2.792	3.071	10,0	29.292,8	34.012,3	16,1
PR	5.010,4	5.224,8	4,3	2.950	3.294	11,7	14.780,7	17.210,5	16,4
SC	542,7	600,1	10,6	3.030	3.200	5,6	1.644,4	1.920,3	16,8
RS	4.939,6	5.249,2	6,3	2.605	2.835	8,8	12.867,7	14.881,5	15,7
NORTE/NORDESTE	3.781,1	4.286,7	13,4	2.648	2.890	9,1	10.012,2	12.388,9	23,7
CENTRO-SUL	26.392,0	27.806,4	5,4	2.884	3.016	4,6	76.108,6	83.854,4	10,2
BRASIL	30.173,1	32.093,1	6,4	2.854	2.999	5,1	86.120,8	96.243,3	11,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

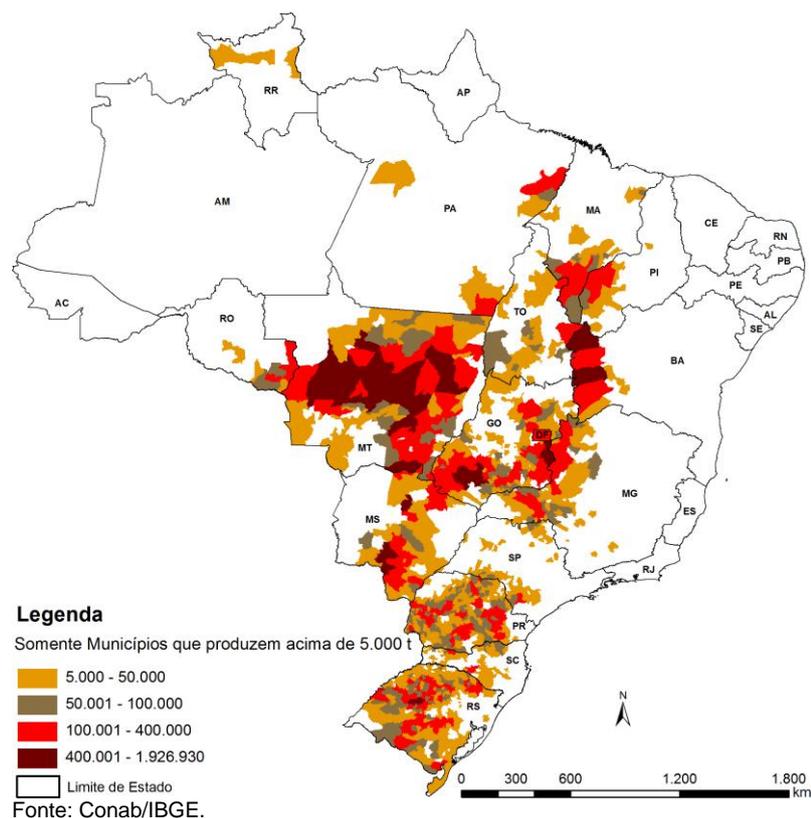
Quadro 12 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P	C	C	C	C					
PA		P	P	P		C	C	C	C			
TO	P	P	P		C	C	C	C				
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		
PI		P	P	P		C	C	C	C			
BA	P	P	P		C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					P
MS	P	P	P	C	C	C	C					P
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF	P	P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P	C	C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C					P
SC	P	P	P	P	P/C	C	C	C				
RS	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Figura 42 – Mapa da produção agrícola – Soja



10.1.8.1. Oferta e demanda

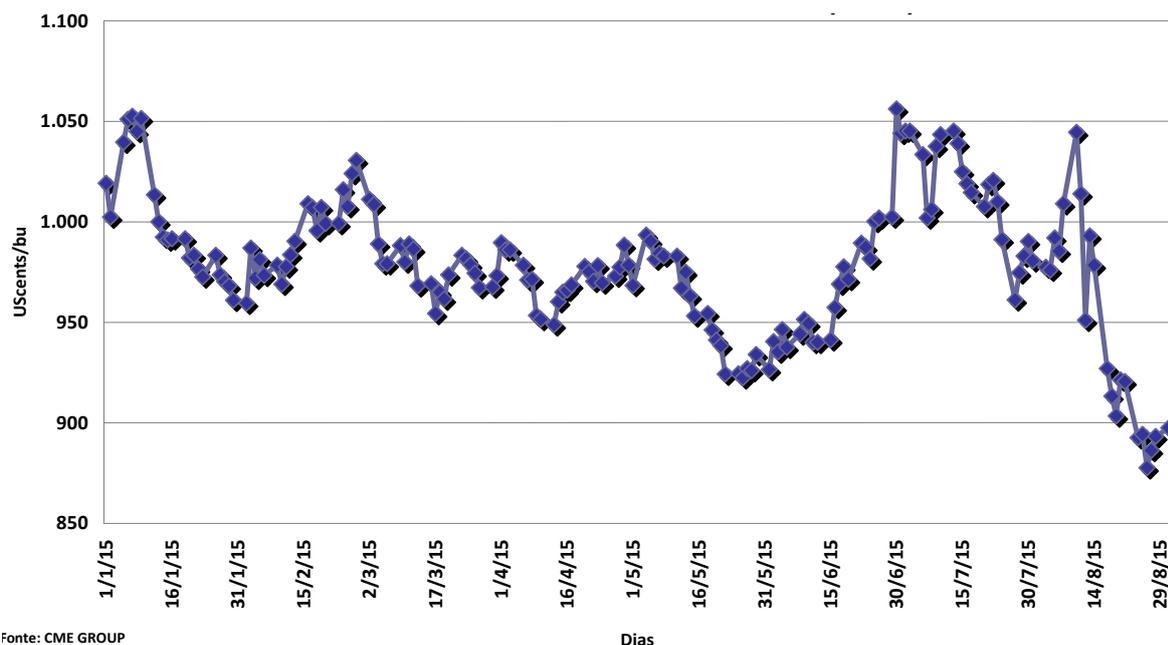
Mercado internacional

Em agosto, os preços da Bolsa de Mercadorias de Chicago (CBOT) tiveram uma queda vertiginosa e fecharam o mês em UScents 893,20/bu (US\$ 328,19/t) e chegaram a ser cotados 877,60/bu (US\$ 322,46/t) o menor valor cotado desde março de 2009.

O principal fator que levou a esta queda é a estimativa de safra nos Estados Unidos, que apesar de ser menor que a safra anterior, deve gerar aproximadamente 12,78 milhões de toneladas de estoque de passagem nesse país. Além disso, os preços internacionais de commodities acompanharam a brusca queda das bolsas de valores mundiais, devido a problemas econômicos ocorrido na China.

Também corroborou para queda dos preços internacionais a proximidade da colheita de soja americana que deve iniciar no início de setembro de 2015.

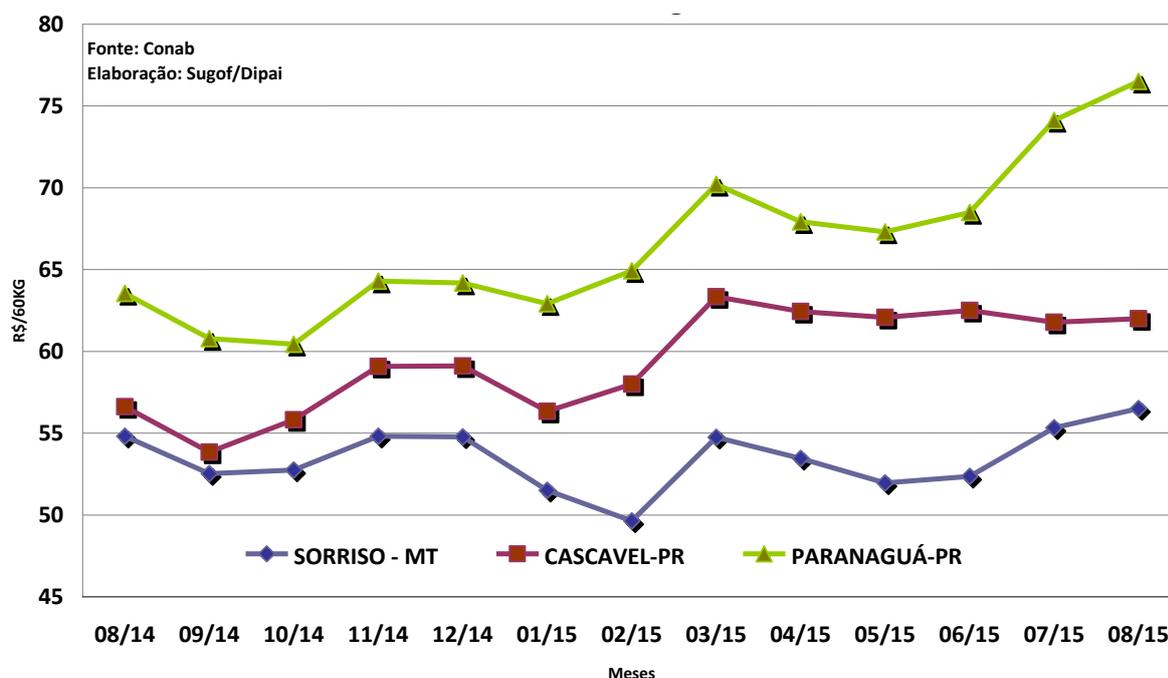
Gráfico 36 – Preços internacionais da soja em 2015 (FOB) – Bolsa de mercadorias de Chicago (CBOT)



Mercado nacional

Em que pese à baixa no mercado internacional, no mercado nacional os preços sustentados pela alta do dólar frente ao real e às altas exportações brasileiras de soja em grãos em agosto, fizeram com que os preços internos tivessem uma pequena alta em relação ao mês anterior.

Gráfico 37 – Preços médios mensais pagos ao produtor – 12 meses, em R\$/60kg

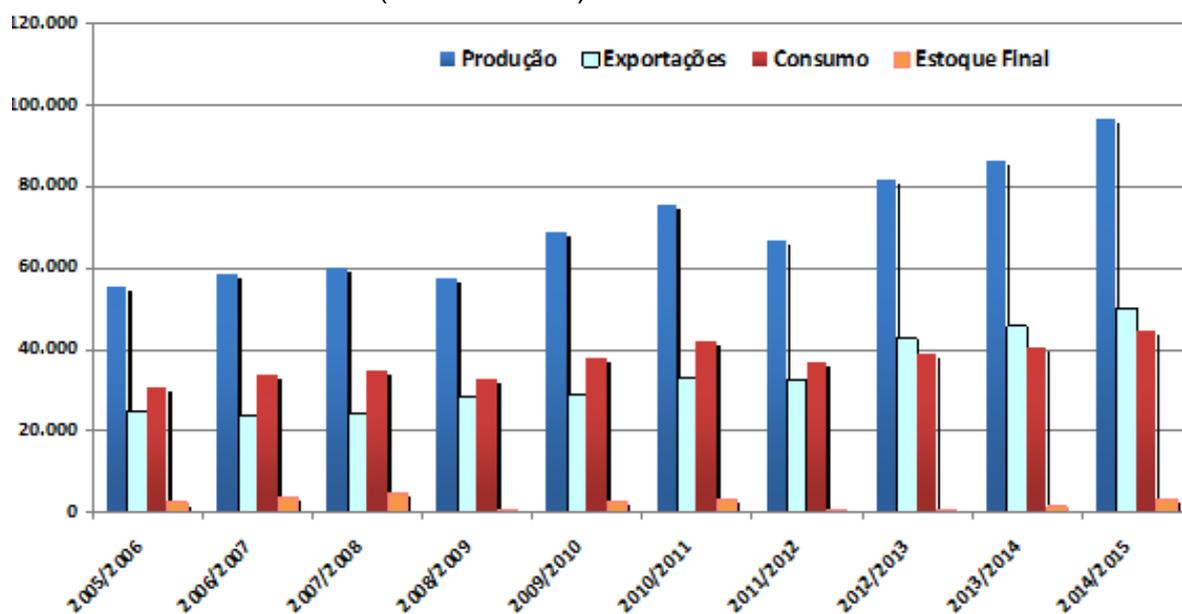


As exportações totais para a safra 2014/15 foram estimadas em aproximadamente 50 milhões de toneladas. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), de janeiro a agosto de 2015 o Brasil exportou, aproximadamente, 49,9 milhões de toneladas de soja. Valor exportado, 9,26% maior que no mesmo período do ano anterior. Em agosto as exportações brasileiras chegaram a 5,16 milhões de toneladas.

O esmagamento de grãos, em 2015, deve ser de 41 milhões de toneladas, significando aumento de 11,4%, se comparado ao de 2014 e relacionado, em parte, ao crescimento do consumo de óleo de soja internamente, mas, principalmente, ao aumento do uso do óleo de soja para o biodiesel que passou de 5% para 7% da mistura no diesel.

Desta maneira, com a produção estimada em 96,27 milhões de toneladas, o estoque final deverá ser de 3,44 milhões de toneladas de soja em grãos que, com o aumento das exportações, ficou dentro da normalidade.

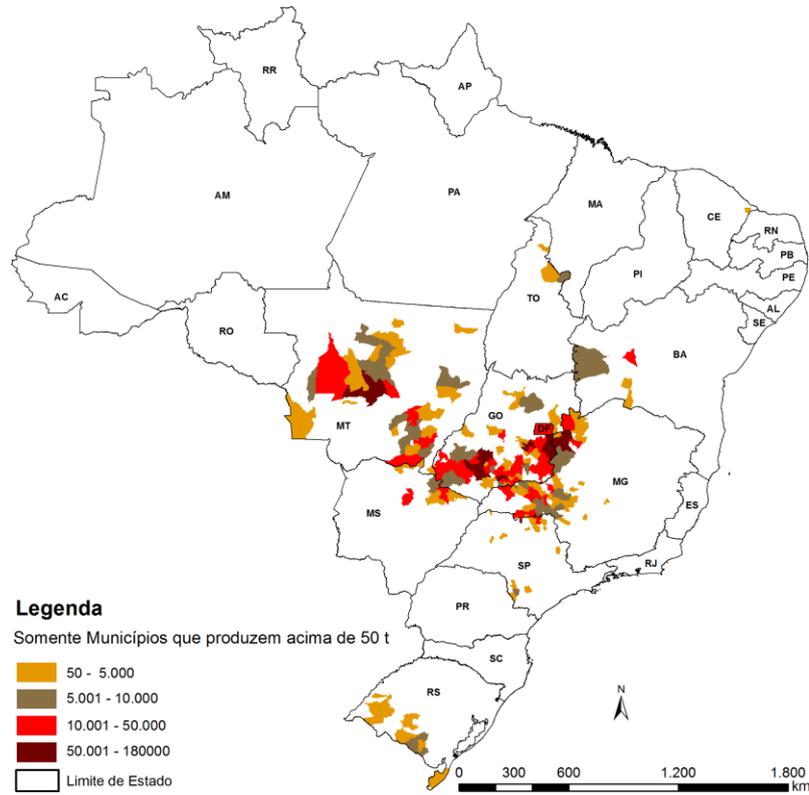
Gráfico 38 – Comparativo de produção, exportação, consumo e estoque final de soja no Brasil nas últimas 10 safras (mil toneladas)



Fonte: Conab.

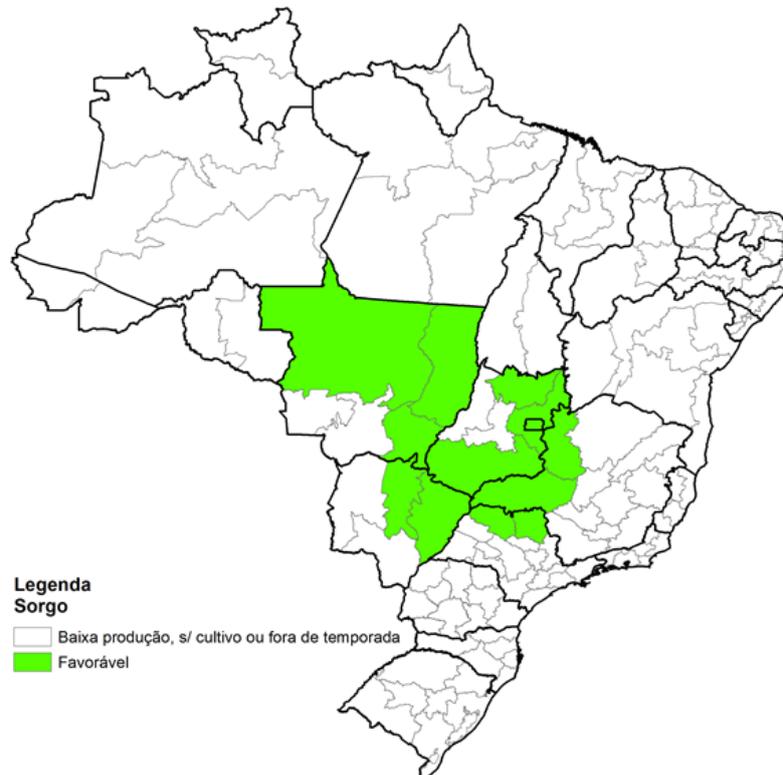
10.1.9. Sorgo

Figura 43 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 44 - Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 30 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Sorgo			- oeste de MG (C) - norte de SP (C) - centro norte e leste do MS (C) - norte e sudeste do MT (C) - norte, leste e sul de GO (C) - DF (C)	

Legenda: * (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab.

Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P	C	C	C				
Nordeste												
PI			P				C					
CE				P	P	P		C	C			
RN				P	P	P		C	C	C		
PB				P	P	P		C	C			
PE					P	P	P	P	C	C	C	C
BA		P	P	P		C	C	C				
Centro-Oeste												
MT					P	P	P		C	C	C	
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P	P		C	C	C	
DF						P	P		C	C	C	
Sudeste												
MG					P	P	P		C	C	C	
SP					P	P	P		C	C	C	C
Sul												
RS	P	P	P	P	C	C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	20,4	21,4	4,9	1.880	1.849	(1,6)	38,4	39,6	3,1
TO	20,4	21,4	4,9	1.880	1.849	(1,6)	38,4	39,6	3,1
NORDESTE	148,7	155,7	4,7	922	871	(5,5)	137,0	135,6	(1,0)
PI	7,7	6,2	(19,5)	1.819	2.548	40,1	14,0	15,8	12,9
CE	0,7	0,7	-	2.442	1.489	(39,0)	1,7	1,0	(41,2)
RN	1,2	0,6	(52,8)	955	1.522	59,4	1,1	0,9	(18,2)
PB	0,2	-	(83,2)	1.500	429	(71,4)	0,3	-	(100,0)
PE	1,8	6,2	244,4	560	430	(23,2)	1,0	2,7	170,0
BA	137,1	142,0	3,6	867	811	(6,5)	118,9	115,2	(3,1)
CENTRO-OESTE	363,7	360,6	(0,9)	3.096	3.356	8,4	1.126,0	1.210,1	7,5
MT	139,5	111,7	(19,9)	2.526	2.610	3,3	352,4	291,5	(17,3)
MS	9,1	13,0	42,9	3.300	3.700	12,1	30,0	48,1	60,3
GO	206,9	232,6	12,4	3.420	3.661	7,0	707,6	851,5	20,3
DF	8,2	3,3	(59,8)	4.392	5.763	31,2	36,0	19,0	(47,2)
SUDESTE	183,0	174,4	(4,7)	3.003	3.226	7,4	549,6	562,6	2,4
MG	170,2	160,6	(5,6)	2.974	3.190	7,3	506,1	512,3	1,2
SP	12,8	13,8	7,8	3.400	3.645	7,2	43,5	50,3	15,6
SUL	15,2	10,5	(30,9)	2.645	2.426	(8,3)	40,2	25,5	(36,6)
RS	15,2	10,5	(30,9)	2.645	2.426	(8,3)	40,2	25,5	(36,6)
NORTE/NORDESTE	169,1	177,1	4,7	1.037	989	(4,6)	175,4	175,2	(0,1)
CENTRO-SUL	561,9	545,5	(2,9)	3.054	3.297	8,0	1.715,8	1.798,2	4,8
BRASIL	731,0	722,6	(1,1)	2.587	2.731	5,6	1.891,2	1.973,4	4,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

10.2. Culturas de inverno

Após um início de safra com algumas incertezas e especulações acerca das reduções de área e produtividade, hoje o quadro apresenta-se consolidado e a análise segue a partir do levantamento realizado em agosto de 2015.

Mesmo com o indicativo de redução da área plantada em 10,4%, a safra de trigo estimada será de 7.070,3 mil toneladas, 18,4% maior do que a safra anterior, impulsionada, principalmente pelo aumento esperado na produtividade, que crescerá 32,2 %, atingindo em média, 2.862 kg/ha.

No Paraná o plantio da safra de inverno iniciou em abril e as condições do clima favoreceram o estabelecimento das culturas, bem como o desenvolvimento das plantas. Nos primeiros 20 dias de julho o excesso de precipitações, de dias com chuva e até mesmo granizo e vendavais, impediram a realização dos tratos culturais, principalmente o combate às pragas e doenças. No entanto, o tempo seco entre 20 de julho e 20 de agosto favoreceu a realização dos tratamentos e a colheita das lavouras plantadas mais cedo, favorecendo o ciclo final das culturas de inverno.

No Rio Grande do Sul o início da safra das culturas de inverno também apresentaram algumas incertezas, principalmente no final do período do plantio do trigo nas regiões de Passo Fundo, Erechim, Vacaria e Caxias do Sul, em decorrência do excesso de chuvas. Porém, desde os primeiros dias de agosto houve um predomínio de tempo seco e temperaturas elevadas, que favoreceram o desenvolvimento das lavouras.

Segundo o Centro Estadual de Meteorologia (Cemet-RS), vinculado à Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro), o tempo não se alterou no início da segunda quinzena, embora durante este período tenham sido registradas chuvas em várias regiões a partir da segunda metade da quinzena, bem como redução das temperaturas. No final do mês houve incidência de granizo em várias regiões e queda abrupta de temperatura.

Em Santa Catarina, depois das precipitações excessivas ocorridas em julho, que ocasionou atraso no plantio das culturas de inverno e impediu os agricultores de realizarem os tratos culturais, as chuvas praticamente não ocorreram de forma generalizada em agosto. Até o final da primeira quinzena praticamente não choveu em nenhuma região produtora. A falta de umidade no solo dificultou o avanço do plantio e a aplicação de adubação de cobertura e, em alguns casos devido ao estágio avançado da cultura, os produtores deverão fazer apenas uma aplicação de adubação nitrogenada, ao invés de duas. A falta de chuva em agosto também prejudicou a germinação e emergência de algumas lavouras, pois as sementes depositadas logo após o final das chuvas de julho, quando o solo dava condições de plantio, não encontraram umidade suficiente para ativar o processo germinativo pleno, resultando em falhas no estande inicial das culturas.

No Mato Grosso do Sul praticamente não houveram precipitações em agosto, pois o acumulado foi de 7 mm, apenas no terceiro decêndio do mês. O oposto de julho, onde o excesso de chuvas ocasionou prejuízos no desenvolvimento da cultura do trigo.

As temperaturas levemente acima da média climatológica poderão influenciar de várias maneiras no desenvolvimento das culturas de inverno. A precipitação do estágio

reprodutivo, por exemplo, poderá influenciar negativamente no rendimento das culturas, bem como, se a pequena restrição hídrica ocasionada em agosto estender-se pelo mês de setembro na Região Sul do país. Por outro lado poderá haver excelente produtividade se as condições climáticas passarem a ser favoráveis até o final do ciclo das culturas de inverno.

Na Argentina as culturas de inverno sofreram inicialmente com a estiagem. Na sequência, ocorreram alagamentos decorrentes do excesso de chuva, principalmente no norte da Província de Buenos Aires e centro sul da Província de Santa Fé. A estimativa do *Ministerio de Agricultura, Ganadería y Pesca* da Argentina, com 98% a área plantada do principal cereal de inverno será de 4.000.000 hectares, ante aos 5.260.000 hectares da safra passada, ou seja, 24% menor⁵. É importante que, diante dessa grande redução de área, fique-se atento ao desenvolvimento da cultura do trigo da Argentina.

Considerando a safra brasileira, assim como no último levantamento, pode-se afirmar que:

- haverá redução de área em todas as culturas analisadas, exceto a cultura da aveia;
- espera-se aumento na produção total em todas as culturas, exceto o triticale;
- há perspectivas de aumento da produtividade de todas as culturas de inverno.

As informações sobre a cultura do centeio são insuficientes para uma análise mais aprofundada, pois a cada ano reduz-se a área plantada. No Paraná a área cultivada será de apenas 1,2 mil hectares, no Rio Grande do Sul serão cultivados 500 hectares, demonstrando que esta cultura possui pequena importância econômica no cenário agrícola brasileiro.

A mesma situação ocorre com o triticale. Em todos os estados produtores há uma redução da área plantada no Brasil, explicado, principalmente, pelo baixo valor comercial do cereal.

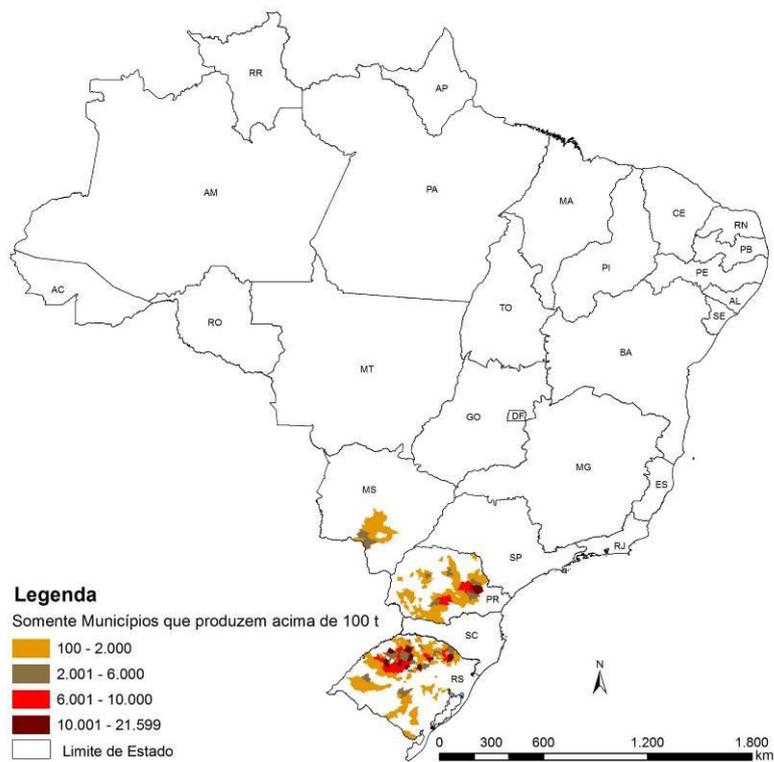
10.2.1. Aveia

A área cultivada com aveia no Brasil terá um acréscimo de 23,6%, atingindo 189,9 mil hectares, sendo a segunda maior área plantada entre as culturas de inverno, ficando apenas atrás do trigo.

No Rio Grande do Sul, estado com maior área plantada, o aumento estimado é de 33% em relação à safra passada, alcançando 118,4 mil hectares. Atualmente as lavouras da região noroeste encontram-se no estágio de maturação dos grãos, enquanto as lavouras da região nordeste encontram-se entre o estágio floração e maturação, pois são semeadas no final do período recomendado.

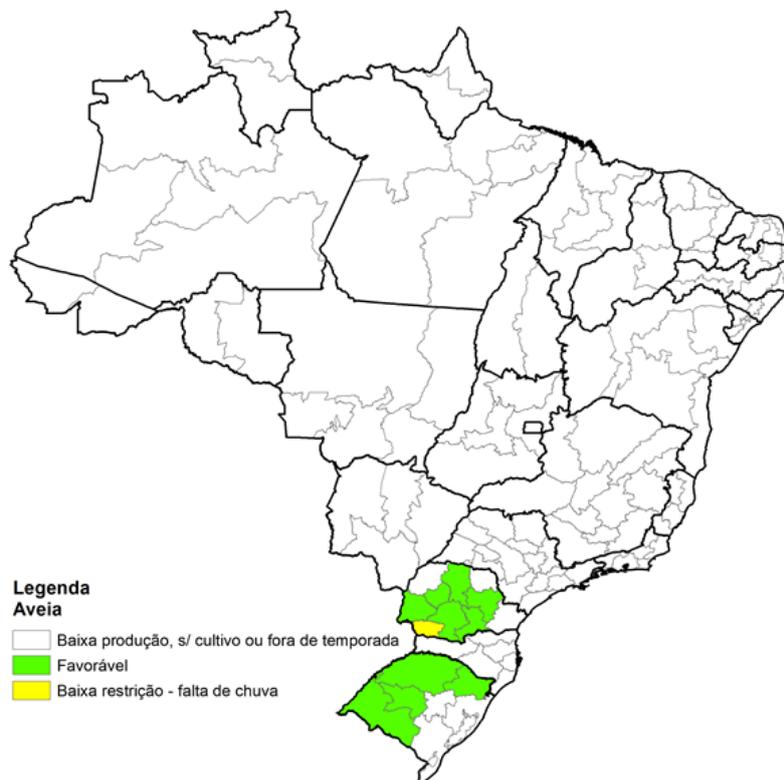
⁵ "Estimaciones Agrícolas/Agosto 2015", publicado pelo Ministerio de Agricultura, Ganadería y Pesca, Subsecretaría de Agricultura, Dirección Nacional de Información y Mercados. Disponível em: <http://dev.siaa.gov.ar/_informes%5CEstimaciones_Agricolas%5CMensual/150820_Informe%20Mensual%20Estimaciones%20-%20Ago-2015.pdf> Acessado em 03/09/2015.

Figura 45 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 46 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 32 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Aveia	- centro sul, sudeste e leste do PR, exceto regiões pontuais (F) - todo estado do RS, exceto regiões pontuais do noroeste (DV/F)		- norte e oeste do PR (M/C)	- regiões pontuais do norte e oeste do PR (FR)** - regiões pontuais do centro sul, sudeste e leste do PR (F)** - sudoeste do PR (F) - regiões pontuais do noroeste do RS (DV/F)**

Legenda: * (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
CENTRO-OESTE							P				C	
MS							P				C	
SUL	C	C						P	P			
PR	C							P	P			C
RS		C						P	P			
NORTE/NORDESTE												
CENTRO-SUL												
BRASIL												

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita; Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.

Fonte: Conab.

A colheita foi iniciada e os dados preliminares indicam grãos de qualidade e peso específico abaixo do ideal. A causa associada à baixa produtividade foi o acamamento que prejudicou o enchimento dos grãos. Para o restante da lavoura é esperada produção de melhor qualidade. A produtividade nessa safra será inferior ao potencial da cultura. Houveram relatos de falta de semente de aveia em algumas praças, pois o baixo custo de implantação das lavouras motivou os agricultores a plantarem aveia, pela produção de massa seca e proteção do solo. Há ainda a possibilidade de pastejo, que se torna mais uma fonte de renda ao produtor. Com isso, muitos produtores acabaram comprando sementes de baixa qualidade.

No Paraná estima-se que 7% da área cultivada com aveia já foi colhida, registrando produtividade de 2.312 kg/ha de aveia branca. Nas demais áreas cultivadas no estado, as lavouras encaminham-se para o final do ciclo.

Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014 (a)	Safra 2015 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2014 (c)	Safra 2015 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2014 (e)	Safra 2015 (f)	VAR. % (f/e)
CENTRO-OESTE	7,6	13,0	71,1	1.474	1.500	1,8	11,2	19,5	74,1
MS	7,6	13,0	71,1	1.470	1.500	2,0	11,2	19,5	74,1
SUL	146,1	176,9	21,1	2.028	2.423	19,5	296,2	428,7	44,7
PR	57,1	58,5	2,5	2.429	2.312	(4,8)	138,7	135,3	(2,5)
RS	89,0	118,4	33,0	1.770	2.478	40,0	157,5	293,4	86,3
CENTRO-SUL	153,7	189,9	23,6	2.000	2.360	18,0	307,4	448,2	45,8
BRASIL	153,7	189,9	23,6	2.000	2.360	18,0	307,4	448,2	45,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

10.2.2. Canola

A estimativa da safra da canola no Brasil é que haja uma produção de 66,1 mil toneladas, que apresenta um aumento de 82,1%, mesmo com a redução de 4,3% na área plantada. Tal fato é justificado pelo ganho na produtividade, a qual estima-se em 1.544 kg/ha, aumento de 90,1% em relação à safra 2013/14.

No Rio Grande do Sul a lavoura de canola completou o período de semeadura dentro do prazo esperado e atualmente encontra-se na fase reprodutiva, mais especificamente no estágio de enchimento das siliquis. Em geral, as plantas apresentam uma menor quantidade de siliquis em relação as safras anteriores, com inserções mais acima do que o normal. A possível causa é o excesso de chuvas durante o desenvolvimento vegetativo.

Segundo às empresas fomentadoras da cultura, a semente disponível era suficiente para atender à demanda dos produtores, inclusive para o aumento da área. Porém, há relatos de sobra de semente devido à baixa procura. A justificativa é que o risco de que o cultivo não obtivesse êxito, principalmente por conta da maturação disforme das siliquis que acarreta perdas de rendimento.

Com isso estima-se que a área cultivada com canola no Rio Grande do Sul é de 35 mil hectares, com produtividade média de 1.500 kg/ha. O preço da canola é o maior incentivo para o produtor, uma vez que acompanha o preço da soja, ou seja, é mais que o dobro do preço do trigo. Além disso o produto tem alta liquidez no mercado, haja vista que a maioria da produção é comercializada antes mesmo do início da safra, junto à indústria de óleos. Ademais, a canola tem muita importância na rotação de culturas, pois possui um sistema radicular que facilita a aeração do solo, substituindo o nabo que também tem a característica de aeração do solo, porém sem valor comercial.

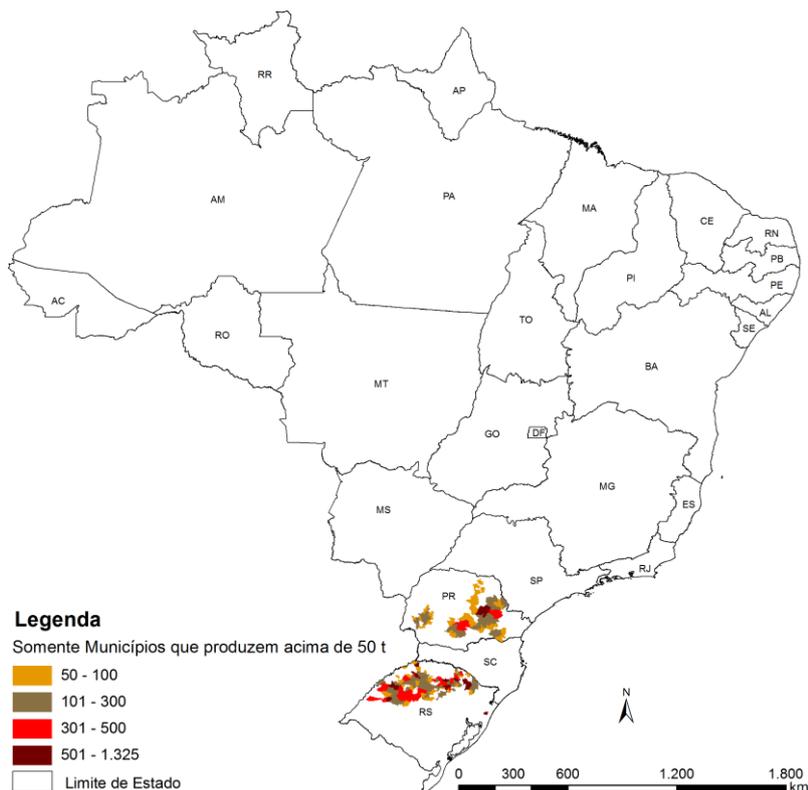
No Paraná a área plantada com canola e a produtividade apresentam aumentos de 36,8% e 21,1%, respectivamente, fazendo com que a produção paranaense alcance 13,6 mil toneladas.

Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Canola

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
SUL	C							P				
PR	C							P				C
RS	C							P				
CENTRO-SUL	C							P				
BRASIL	C							P				

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita; Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.
Fonte: Conab.

Figura 47 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	44,7	42,8	(4,3)	812	1.544	90,1	36,3	66,1	82,1
PR	5,7	7,8	36,8	1.436	1.739	21,1	8,2	13,6	65,9
RS	39,0	35,0	(10,2)	720	1.500	108,3	28,1	52,5	86,8
CENTRO-SUL	44,7	42,8	(4,3)	812	1.544	90,1	36,3	66,1	82,1
BRASIL	44,7	42,8	(4,3)	812	1.544	90,1	36,3	66,1	82,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

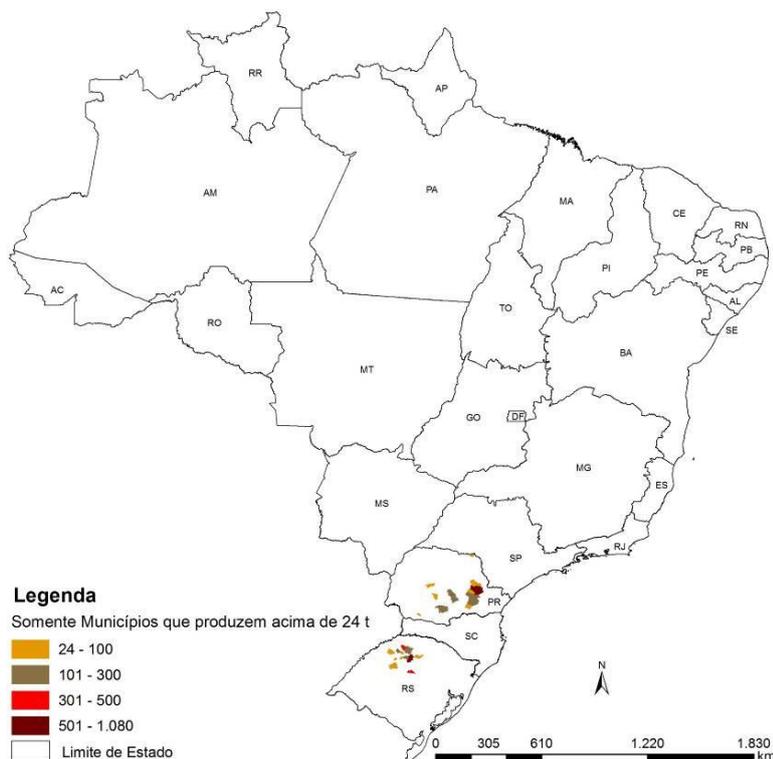
10.2.3. Centeio

Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
SUL		C						P				
PR		C						P				
RS		C						P	P			
CENTRO-SUL		C						P				
BRASIL		C						P				

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita; Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.
Fonte: Conab.

Figura 48 – Mapa da produção agrícola – Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,8	1,8	-	1.944	2.000	2,9	3,5	3,6	2,9
PR	1,3	1,3	-	2.103	2.177	3,5	2,7	2,8	3,7
RS	0,5	0,5	-	1.500	1.550	3,3	0,8	0,8	-
CENTRO-SUL	1,8	1,8	-	1.944	2.000	2,9	3,5	3,6	2,9
BRASIL	1,8	1,8	-	1.944	2.000	2,9	3,5	3,6	2,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

10.2.4. Cevada

A estimativa de área cultivada com cevada no Brasil é de 103 mil hectares, 12,1% menor do que na safra anterior. Contudo, com incremento na produtividade, que chegará a 3.376 kg/ha, a produção total alcançará 347,7 mil toneladas, 13,9% maior do que a safra 2014.

A cevada, juntamente com a canola, são culturas que recebem incentivos das indústrias interessadas em adquirir o produto, uma vez que estas empresas fornecem sementes e insumos e garantem a compra do produto por um preço mínimo.

No Rio Grande do Sul uma das empresas lançou um programa de amparo ao produtor, fixando o preço mínimo da cevada em R\$ 35,00 por saco de 60 quilogramas. Mesmo assim o cultivo é limitado, pois se exige uma alta qualidade de grão, com poder germinativo superior a 95%, tendo em vista que quase todo produto é destinado à fabricação de malte. A área plantada com cevada prevista até o momento é de 49,5 mil hectares, 21,4% menos do que a safra 2014/15, porém a produção total é estimada em 133,7 mil toneladas, 17,9% maior do que a safra passada.

É importante frisar que há dificuldade para se obter informações mais detalhadas sobre essa cultura, haja vista que até mesmo a assistência técnica é vinculada à indústria.

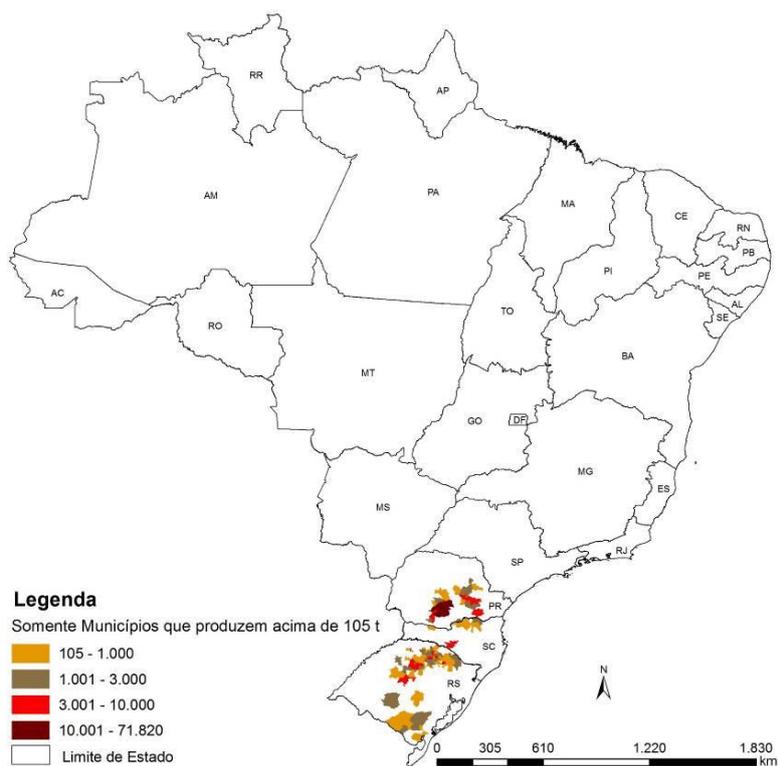
A lavoura está toda na fase de reprodução e o início da colheita está previsto para a segunda quinzena de setembro. A qualidade da cevada cervejeira depende, fundamentalmente, do clima favorável no final do ciclo, por isso é importante para o agricultor monitorar a última fase da cultura e aplicar os últimos tratamentos culturais necessários para o sucesso da lavoura.

Encerrado o plantio da cevada no Paraná, o diagnóstico inicial é que houve atraso na implantação das lavouras devido à umidade do solo nos primeiros 20 dias de julho. Atualmente as lavouras estão, em sua maioria, no estágio vegetativo. A estimativa é que a área cultivada com a cevada seja de 50,7 mil hectares, 4,7% menor do que a safra anterior. Porém, com o incremento de 13,9% na produtividade, a produção paranaense deverá alcançar 204,8 mil toneladas.

Em Santa Catarina a cultura da cevada encontra-se toda plantada, embora com certo atraso em razão do excesso de chuva ocorrido durante julho. Mesmo que as condições das plantas sejam consideradas boas, ao contrário do que ocorreu em julho, a falta de umidade registrada em agosto prejudicou a aplicação de adubação nitrogenada em cobertura, o que pode influenciar negativamente no grão a ser colhido. Deve-se destacar que a qualidade da cevada em termos de germinação e demais características fisiológicas são fundamentais para seu aproveitamento na indústria cervejeira.

De forma geral, o inverno foi considerado atípico em relação ao ocorrido em outros anos. O excesso de chuvas em julho, associado a temperaturas acima da média em praticamente toda a estação favoreceu o desenvolvimento de plantas espontâneas, como soja e milho, oriundas dos grãos "perdidos" no momento da colheita da safra passada. Como a grande maioria das sementes, principalmente soja, são transgênicas, as fracas geadas ocorridas neste ano não controlaram de forma eficiente estas plantas, sendo necessário o controle químico seletivo. Deve-se observar o comportamento e as consequências deste fenômeno na próxima safra de verão, principalmente a ocorrência de doenças que utilizaram as plantas espontâneas como hospedeiro na entre safra.

Figura 49 – Mapa da produção agrícola – Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 50 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 36 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Cevada	- centro sul, sudeste e leste do PR, exceto em regiões pontuais (F) - noroeste do RS, exceto em regiões pontuais (DV/F)			- regiões pontuais do centro sul, sudeste e leste (F)** - regiões pontuais do noroeste do RS (DV/F)**

Legenda: * (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
SUL		C							P			
PR		C							P	P		
SC		C							P	P		
RS		C							P			
CENTRO-SUL		C							P			
BRASIL		C							P			

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita;

Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.

Fonte: Conab.

Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	117,2	103,0	(12,1)	2.606	3.376	29,5	305,4	347,7	13,9
PR	53,2	50,7	(4,7)	3.547	4.040	13,9	188,7	204,8	8,5
SC	1,0	2,8	180,0	3.300	3.300	-	3,3	9,2	178,8
RS	63,0	49,5	(21,4)	1.800	2.700	50,0	113,4	133,7	17,9
CENTRO-SUL	117,2	103,0	(12,1)	2.606	3.376	29,5	305,4	347,7	13,9
BRASIL	117,2	103,0	(12,1)	2.606	3.376	29,5	305,4	347,7	13,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

10.2.5. Trigo

A cultura do trigo era caracterizada historicamente como cultura de inverno e produzida quase que exclusivamente na Região Sul do Brasil. Através da pesquisa para melhoramento genético, as plantações de trigo espalharam-se por outras regiões do Brasil, como o Centro-Oeste e Sudeste.

Mesmo com o indicativo de redução da área plantada em 10,4%, a safra de trigo estimada para no Brasil será de 7.070,3 mil toneladas, 18,4% maior do que a safra anterior, impulsionada principalmente pelo aumento esperado na produtividade, que crescerá 32,2 %, atingindo em média, 2.862 kg/ha.

No Paraná, principal estado produtor de trigo do Brasil, os dados atualizados no último levantamento confirmam as expectativas iniciais de redução de 3,8% na área

plantada, porém espera-se aumento de 7,8% na produtividade, compensando a redução da área e atingindo uma produção total de 3,9 milhões toneladas, 3,7% maior do que a safra passada.

As lavouras estão, em sua maioria, em estágio vegetativo e floração, porém 4% da área, situada basicamente na região norte, já ocorreu a colheita, verificando-se a produtividade de 2.437 kg/ha, um pouco abaixo da média esperada para o estado.

No Rio Grande do Sul houve redução de 21,3% na área semeada com trigo na safra 2014/15, representando aproximadamente 293 mil hectares. O desenvolvimento da cultura implantada melhorou com a realização dos tratamentos culturais, os quais foram anteriormente dificultados pelas condições climáticas desfavoráveis. O controle das invasoras, pragas e doenças está efetivo e a lavoura mostra, até o momento, sinais de recuperação, projetando uma produtividade satisfatória de acordo com o pacote tecnológico adotado pelo triticultor. A estimativa de produtividade efetiva ainda depende do comportamento climático no final do ciclo, porém pode-se afirmar que não atingirá o potencial genético máximo de produção, mesmo em lavouras que utilizam pacotes tecnológicos de alto padrão.

Em Santa Catarina as informações indicam redução de 14,1% na área, 10,7 mil hectares a menos quando comparado com a safra 2013/14. A estimativa é de um aumento na produtividade de 2.939 kg/ha na safra anterior para 3.120 kg/ha na atual, faz com que a produção total seja 8,3% menor, atingindo 200,8 mil toneladas.

A produção de trigo no Brasil central concentra-se em Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo, na sua maioria irrigada. O fenômeno de se ampliar o cultivo do trigo para áreas além da região subtropical, tem como objetivos: a busca de alternativas para o abastecimento do mercado interno de trigo, a partir do aumento da produção; se evitar problemas bióticos (pragas e doenças) e abióticos (principalmente condições climáticas); questões referentes à logística, armazenamento, beneficiamento e distribuição do trigo e seus derivados.

Em Minas Gerais o bom regime de chuvas entre março e julho favoreceu o estabelecimento do trigo. O plantio do cereal foi realizado em março, abril e maio.

Estima-se uma área plantada de 80,3 mil hectares, 18,1% maior em relação à safra anterior. A área total de cultivo apresenta cerca de 65 a 70% cultivada em regime de sequeiro e 30% a 35% conduzida com irrigação. O crescimento da área de plantio ocorreu sobre as áreas de feijão segunda safra devido ao difícil controle de mosca-branca, e sobre as áreas de feijão terceira safra e olericultura, conduzidas sob pivôs de irrigação. Espera-se uma produção de 248,4 mil toneladas, que representa um aumento de 21,6% em relação à safra passada. As lavouras encontram-se, na sua maioria, em fase de maturação sendo que 46% da safra já foi colhida.

Os dados da cultura do trigo em São Paulo são extremamente positivos. Indicam um aumento de 49,8% na produtividade, em relação à safra 2013/14. Somando-se ao aumento de 5,4% na área plantada, se alcançará uma produção total de 237,2 mil toneladas, 57,8% maior do que a safra passada.

Em Mato Grosso do Sul a área plantada de trigo nesta safra foi 25% superior a da safra passada. As lavouras estão sendo colhida na maior parte das áreas de produção,

uma vez que na região do município de Dourados a colheita está encerrada. O aumento de área ocorre em função das boas condições de comercialização do produto, pois no mercado regional o preço tem sido atrativo para os tricultores. A produtividade média mantém-se estável em 2.000 kg/ha e só não foi maior em decorrência do uso de sementes salvas e pelo plantio realizado precocemente por alguns produtores, que expuseram as lavouras a condições climáticas desfavoráveis. Em geral a antecipação do plantio contribui para aumentar a incidência de doenças fúngicas, principalmente a Brusone e a Giberela.

Conforme as informações técnicas para trigo e triticales – safra 2015⁶, as duas doenças que foram diagnosticadas no Mato Grosso do Sul estão entre as principais doenças fúngicas do trigo. A Brusone - *Pyricularia grisea* (Cooke) Sacc. ou *Magnaporthe grisea* (T. Hebert) é altamente influenciada pelo ambiente, sendo que ela se desenvolve sob condições de molhamento contínuo (superior a 10 horas) do início do emborrachamento até o final do enchimento de grãos. Para minimizar a probabilidade de danos por brusone, sugere-se evitar semeaduras no início do período definido no zoneamento agrícola. A Giberela (*Gibberella zeae*) é uma doença de infecção floral e de controle difícil, altamente influenciada pelo ambiente. As condições ambientais requeridas à infecção são temperatura de 20 a 25°C e duração contínua do molhamento superior a 48 horas.

Entre as vantagens do trigo do cerrado, por ser plantado geralmente em sistema irrigado, possibilita o controle do principal fator condicionante para a produção - a água. O tricultor da Região Central do Brasil tem a vantagem de que o trigo do cerrado é o primeiro colhido no país, o que favorece a sua comercialização e com melhor remuneração. Além do preço do produto estar atrativo, geralmente a qualidade deste trigo é muito boa, influenciando ainda mais no preço recebido pelo produtor.

A área plantada com trigo no Distrito Federal ficou definida em 1,6 mil hectares, 14,3% superior à safra anterior. A produtividade média é estimada em 6.000 kg/ha, a mesma da safra anterior e poderá resultar em uma produção de 9,6 mil toneladas, 14,3% maior do que a safra 2013/14. A colheita encontra-se em pleno andamento, estimando-se que 35% da lavouras já está colhida. A conclusão da colheita será efetivada até final de setembro. A maior parte do trigo cultivado no Distrito Federal é manejado com irrigação.

Ao contrário do que foi divulgado no levantamento anterior, os dados de agosto indicam que em Goiás haverá redução de 3,3% na área plantada. Estima-se que 35% das lavouras existentes no estado de Goiás já foram colhidas. As lavouras de sequeiro estão com sua colheita finalizada e as irrigadas com previsão para término da colheita durante o mês de setembro. Há relatos de ataque de brusone (*Pyricularia grisea* ou *Magnaporthe grisea*) nas áreas de trigo de sequeiro na região de Catalão e nas áreas irrigadas nos municípios de Campo Alegre e Cristalina. Esse fator fez com que a produtividade seja estimada em cerca de 3.000 kg/ha nas áreas de sequeiro e cerca de 5.000 kg/ha nas áreas de trigo irrigado.

⁶ Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticales (2014: Canela, RS). Informações técnicas para trigo e triticales – safra 2015 / VIII Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticales ; Gilberto Rocca da Cunha e Eduardo Caierão, editores técnicos. – Brasília, DF : Embrapa, 2014. 229 p.

Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	23,3	26,2	12,4	3.682	3.363	(8,7)	85,8	88,1	2,7
MS	12,0	15,0	25,0	2.000	2.000	-	24,0	30,0	25,0
GO	9,9	9,6	(3,3)	5.397	5.054	(6,4)	53,4	48,5	(9,2)
DF	1,4	1,6	14,3	6.000	6.000	-	8,4	9,6	14,3
SUDESTE	130,5	146,2	12,0	2.717	3.321	22,2	354,6	485,6	36,9
MG	68,0	80,3	18,1	3.004	3.093	3,0	204,3	248,4	21,6
SP	62,5	65,9	5,4	2.404	3.600	49,8	150,3	237,2	57,8
SUL	2.604,2	2.298,2	(11,8)	2.124	2.827	33,1	5.530,7	6.496,6	17,5
PR	1.388,5	1.336,2	(3,8)	2.731	2.944	7,8	3.792,0	3.933,8	3,7
SC	75,7	65,0	(14,1)	2.939	3.120	6,2	222,5	202,8	(8,9)
RS	1.140,0	897,0	(21,3)	1.330	2.631	97,8	1.516,2	2.360,0	55,7
CENTRO-SUL	2.758,0	2.470,6	(10,4)	2.165	2.862	32,2	5.971,1	7.070,3	18,4
BRASIL	2.758,0	2.470,6	(10,4)	2.165	2.862	32,2	5.971,1	7.070,3	18,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

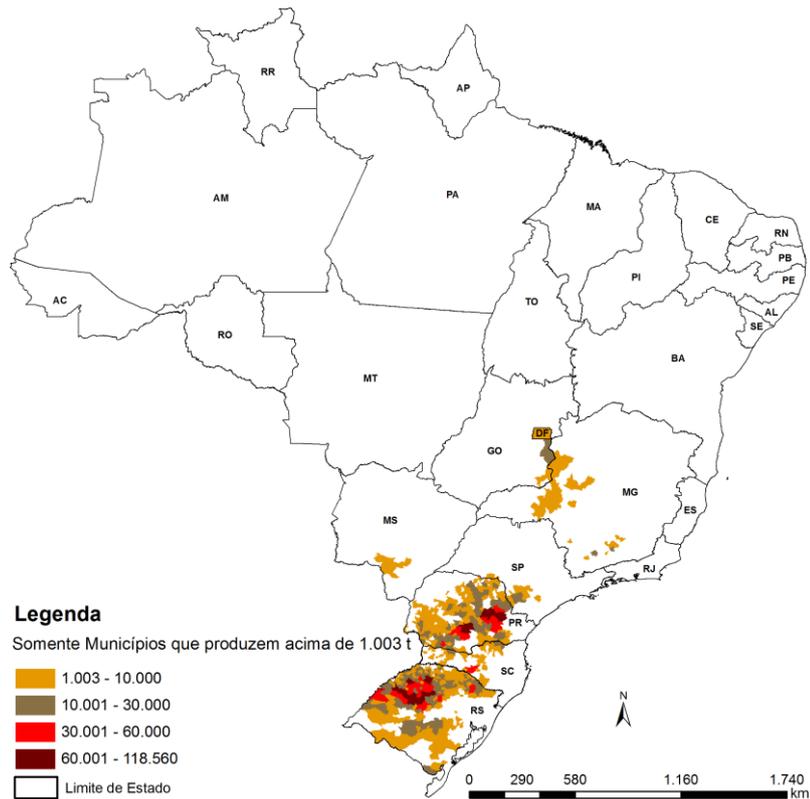
Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
CENTRO-OESTE							P				C	
MS							P				C	
GO							P				C	
DF							P				C	
SUDESTE							P	P				C
MG							P				C	C
SP							P	P				C
SUL	C	C							P			
PR	C							P				C
SC		C								P		
RS		C							P			
CENTRO-SUL	C	C						P	P			
BRASIL	C	C						P	P			

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita; Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.

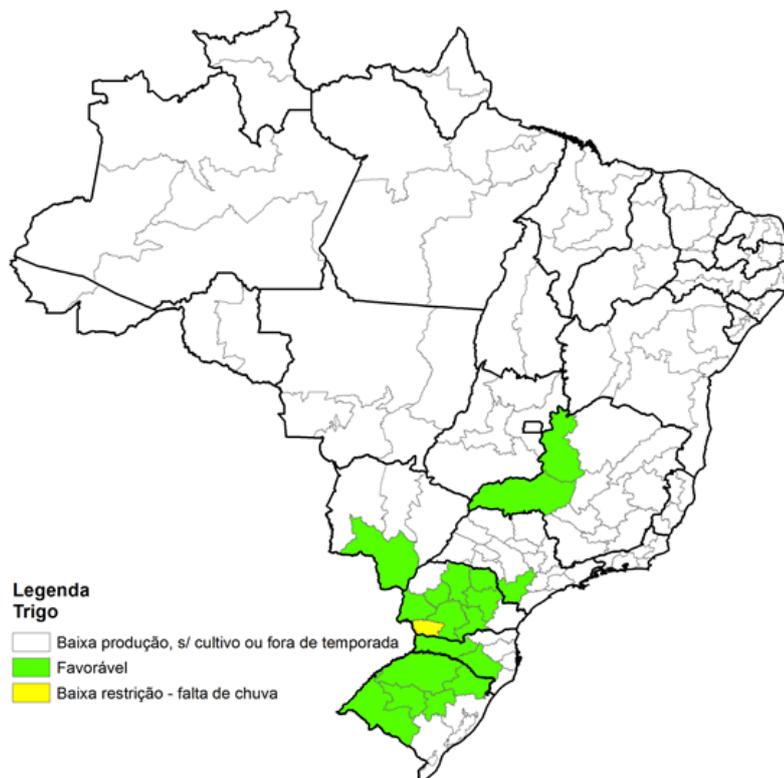
Fonte: Conab.

Figura 51 – Mapa da produção agrícola – Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 52 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 39 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Trigo	- centro sul, sudeste e leste do PR, exceto regiões pontuais (F) - oeste de SC, exceto regiões pontuais (DV/F) - todo estado do RS, exceto regiões pontuais do noroeste (DV/F)		- norte e oeste do PR (M/C) - noroeste e Triângulo de MG (C) - sul de SP (M/C) - sudoeste do MS (M/C)	- regiões pontuais do norte e oeste do PR (FR)** - regiões pontuais do centro sul, sudeste e leste do PR (F)** - sudoeste do PR (F) - regiões pontuais do oeste de SC (DV/F)** - regiões pontuais do noroeste do RS (DV/F)**

Legenda: * (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab.

10.2.5.1. Oferta e Demanda

A produção de trigo estimada pela Conab é de 7.070,3 mil toneladas, mostrando, assim, o bom desempenho da cultura nas zonas de produção do Brasil. O clima voltou à normalidade, propiciando uma rápida recuperação das lavouras, principalmente, no Rio Grande do Sul.

As importações mantêm-se em cadência lenta, totalizando 3.349,7 mil toneladas entre janeiro e agosto, enquanto que nesse mesmo período de 2014 foram 4.178,2 mil toneladas, ou seja, 828,5 mil toneladas a menos, refletindo a queda da moagem da indústria brasileira, devido ao menor consumo da indústria e da população.

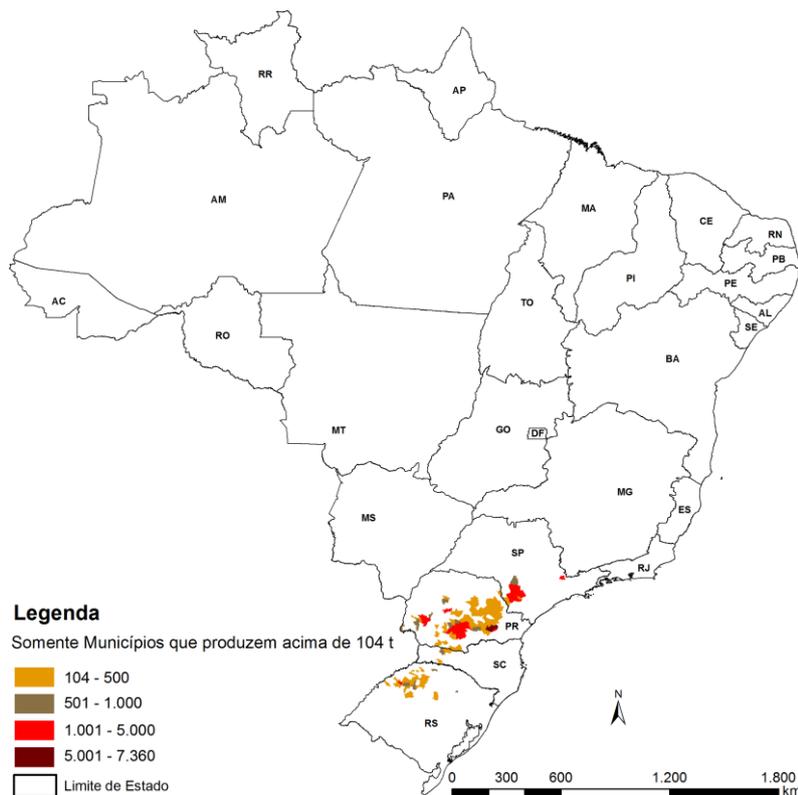
Mantidas as exportações em 1,5 milhão de toneladas, estima-se que o consumo nacional poderá encerrar o ano safra 2015/16 em 11 milhões de toneladas, dependendo do desempenho das importações e exportações, até o final do período.

O desempenho da indústria moageira poderá ser menor, em função do baixo consumo e do aumento das importações de farinha de trigo da Argentina que voltaram a ocupar posição de destaque, aumentando a ociosidade do parque industrial aqui instalado.

Neste foco, considera-se, neste contexto, ainda, o período da crise política e da atividade econômica que poderá se alongar, e assim, refletir no emprego e renda.

10.2.6. Triticale

Figura 53 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Triticale

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
SUDESTE								P				C
SP	C							P				C
SUL		C						P	P			
PR		C							P			
SC		C							P	P		
RS		C						P	P			
CENTRO-SUL								P				C
BRASIL												

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita; Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.

Fonte: Conab.

Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	20,0	4,2	(79,0)	2.400	2.643	10,1	48,0	11,1	(76,9)
SP	20,0	4,2	(79,1)	2.400	2.639	10,0	48,0	11,1	(76,9)
SUL	19,1	17,4	(8,9)	2.503	2.575	2,9	47,8	44,8	(6,3)
PR	12,8	11,1	(13,3)	2.713	2.853	5,2	34,7	31,7	(8,6)
SC	0,6	0,6	-	2.600	2.600	-	1,6	1,6	-
RS	5,7	5,7	-	2.015	2.015	-	11,5	11,5	-
CENTRO-SUL	39,1	21,6	(44,8)	2.450	2.588	5,6	95,8	55,9	(41,6)
BRASIL	39,1	21,6	(44,8)	2.450	2.588	5,6	95,8	55,9	(41,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em setembro/2015.

11. Balanço de oferta e demanda

Tabela 41 – Tabela do balanço de oferta e demanda de algodão, arroz, feijão, milho, complexo soja e trigo.

Em 1.000 toneladas								
PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
ALGODÃO EM PLUMA	2009/10	394,2	1.194,1	39,2	1.627,5	1.039,0	512,5	76,0
	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	820,0	748,6	502,0
	2014/15	502,0	1.532,8	10,0	2.044,8	800,0	790,0	454,8
ARROZ EM CASCA	2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	12.000,0	1.188,4	822,5
	2014/15	822,5	12.448,6	650,0	13.921,1	12.000,0	1.250,0	671,1
FEIJÃO	2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.185,4	130,0	3.619,2	3.350,0	90,0	179,2
MILHO	2009/10	7.112,8	56.018,1	391,9	63.522,8	46.967,6	10.966,1	5.589,1
	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	49.029,3	9.311,9	5.419,2
	2011/12	5.419,2	72.979,5	774,0	79.172,7	52.425,2	22.313,7	4.433,8
	2012/13	4.433,8	81.505,7	911,4	86.850,9	54.113,8	26.174,1	6.563,0
	2013/14	6.563,0	80.051,7	790,7	87.405,4	54.645,1	20.924,8	11.835,5
	2014/15	11.835,5	84.729,2	500,0	97.064,7	55.959,5	26.400,0	14.705,2
SOJA EM GRÃOS	2009/10	674,4	68.688,2	117,8	69.480,4	37.800,0	29.073,2	2.607,2
	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.694,3	42.791,9	740,0
	2013/14	740,0	86.120,8	578,7	87.439,6	40.332,8	45.691,0	1.415,8
	2014/15	1.415,8	96.243,3	400,0	98.059,1	44.638,9	50.000,0	3.420,1
FARELO DE SOJA	2009/10	1.903,2	26.719,0	39,5	28.661,7	12.944,0	13.668,6	2.049,1
	2010/11	2.049,1	29.298,5	24,8	31.372,4	13.758,0	14.355,0	3.259,4
	2011/12	3.259,4	26.026,0	5,0	29.290,4	14.051,0	14.289,0	950,4
	2012/13	950,4	27.258,0	3,9	28.212,3	14.000,0	13.333,5	878,8
	2013/14	878,8	28.336,0	1,0	29.215,8	14.500,0	13.716,0	999,8
	2014/15	999,8	31.570,0	1,0	32.570,8	14.800,0	15.500,0	2.270,8
ÓLEO DE SOJA	2009/10	302,2	6.766,5	16,2	7.084,9	4.980,0	1.563,8	541,1
	2010/11	541,1	7.419,8	0,1	7.961,0	5.528,0	1.741,0	692,0
	2011/12	692,0	6.591,0	1,0	7.284,0	5.328,0	1.757,1	198,9
	2012/13	198,9	6.903,0	5,0	7.106,9	5.500,0	1.362,5	244,4
	2013/14	244,4	7.176,0	0,1	7.420,5	5.500,0	1.305,0	615,5
	2014/15	615,5	7.995,0	12,0	8.622,5	6.500,0	1.400,0	722,5
TRIGO	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,8	1.527,7
	2013	1.527,7	5.527,9	6.642,4	13.698,0	11.381,5	47,4	2.269,1
	2014	2.269,1	5.971,1	5.328,8	13.569,0	10.713,7	1.680,5	1.174,8
	2015	1.174,8	7.070,3	5.450,0	13.695,1	11.070,6	1.500,0	1.124,5

Fonte: Conab.

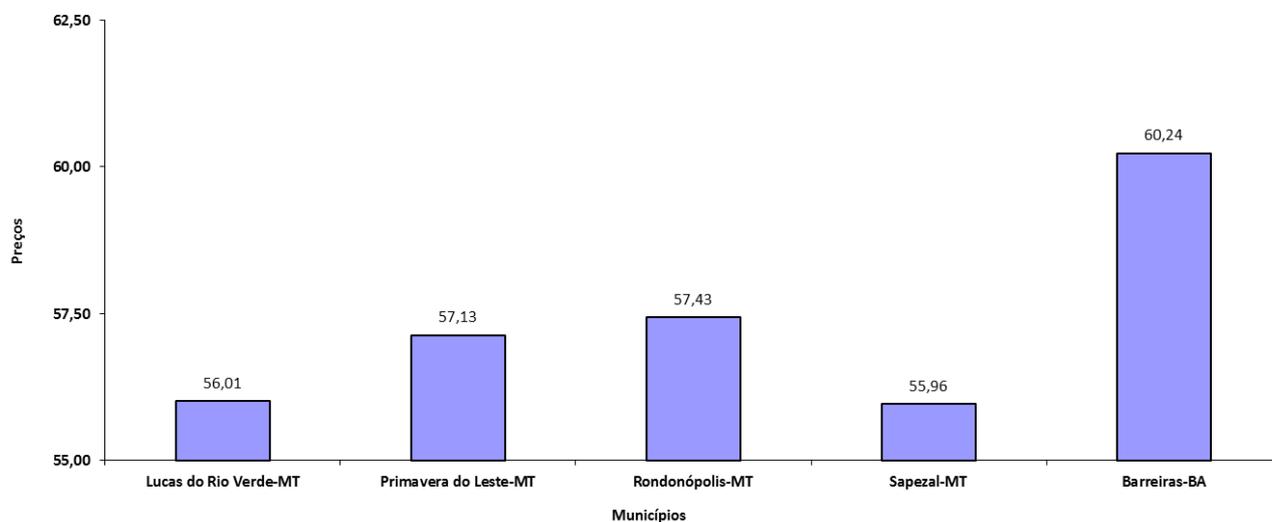
Nota: Estimativa em setembro/2015.

Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho

12. Anexos

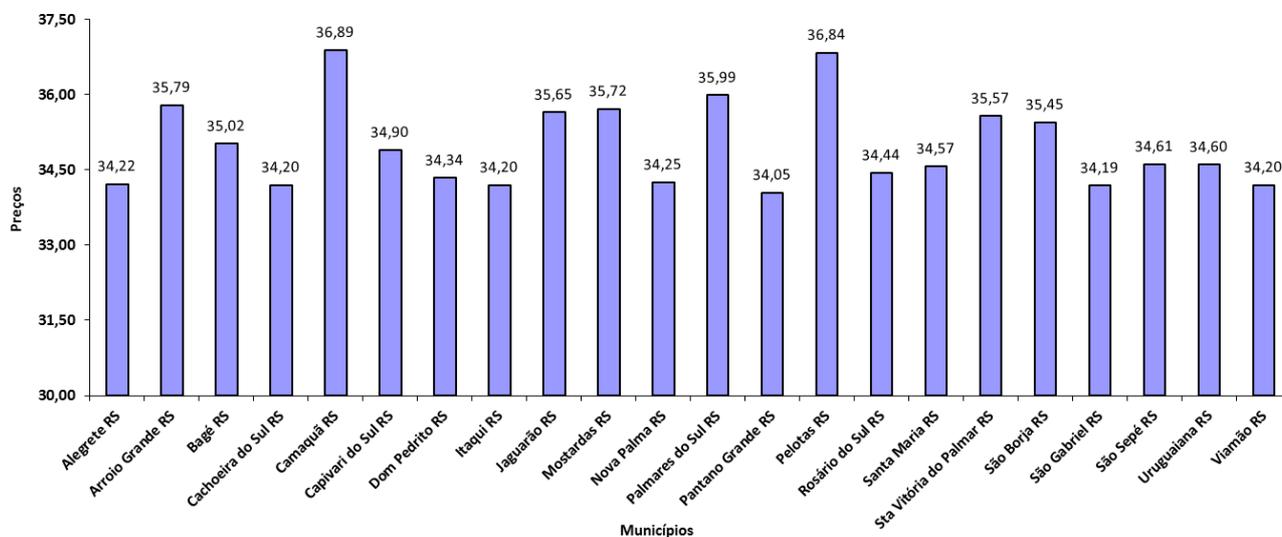
12.1. Preços agropecuários

Gráfico 39 – Preço, por município, de algodão em pluma (15 kg) – Mato Grosso e Bahia – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



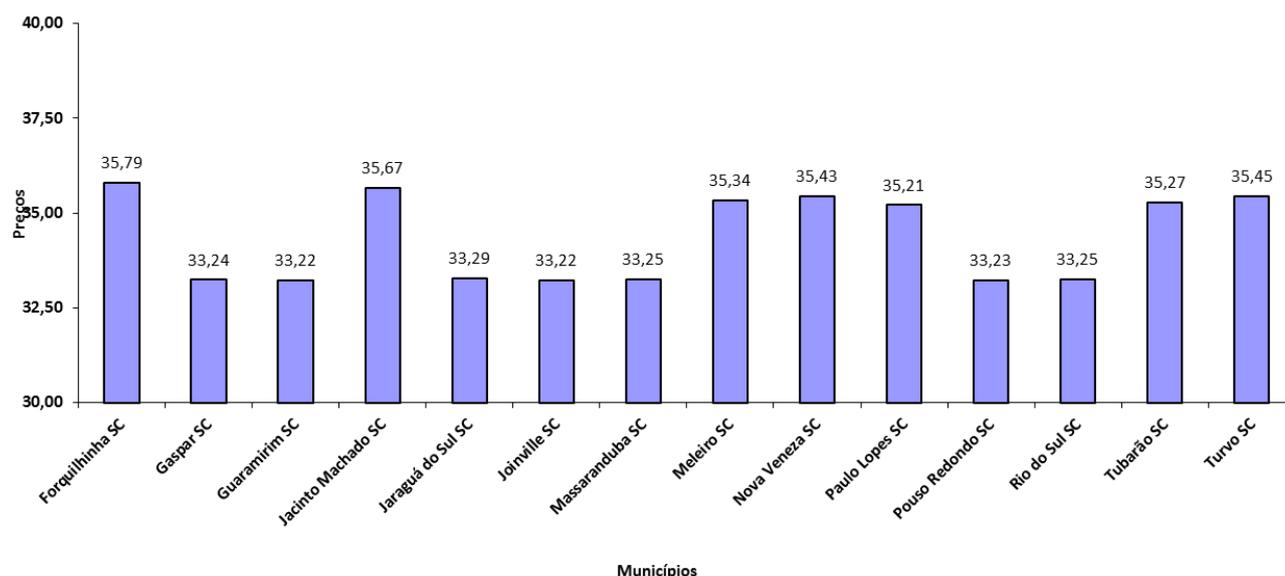
Fonte: Conab.

Gráfico 40 – Preço, por município, de arroz longo fino em casca (50 Kg) – Rio Grande do Sul – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



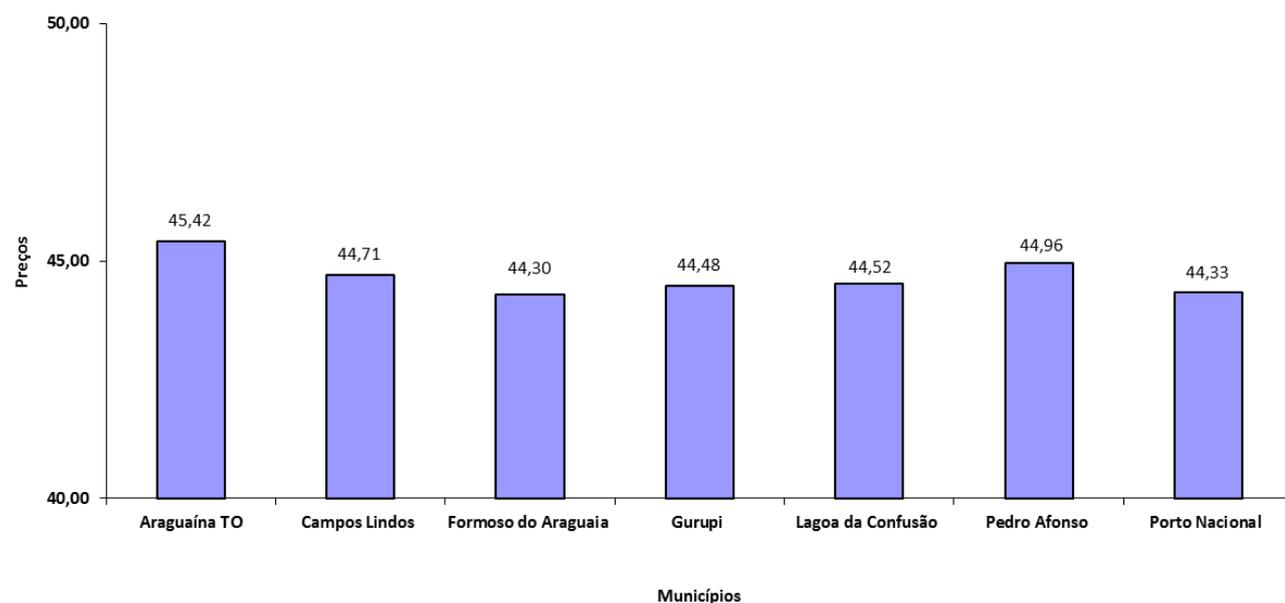
Fonte: Conab.

Gráfico 41 – Preço, por município, de arroz longo fino em casca (50 Kg) – Santa Catarina – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



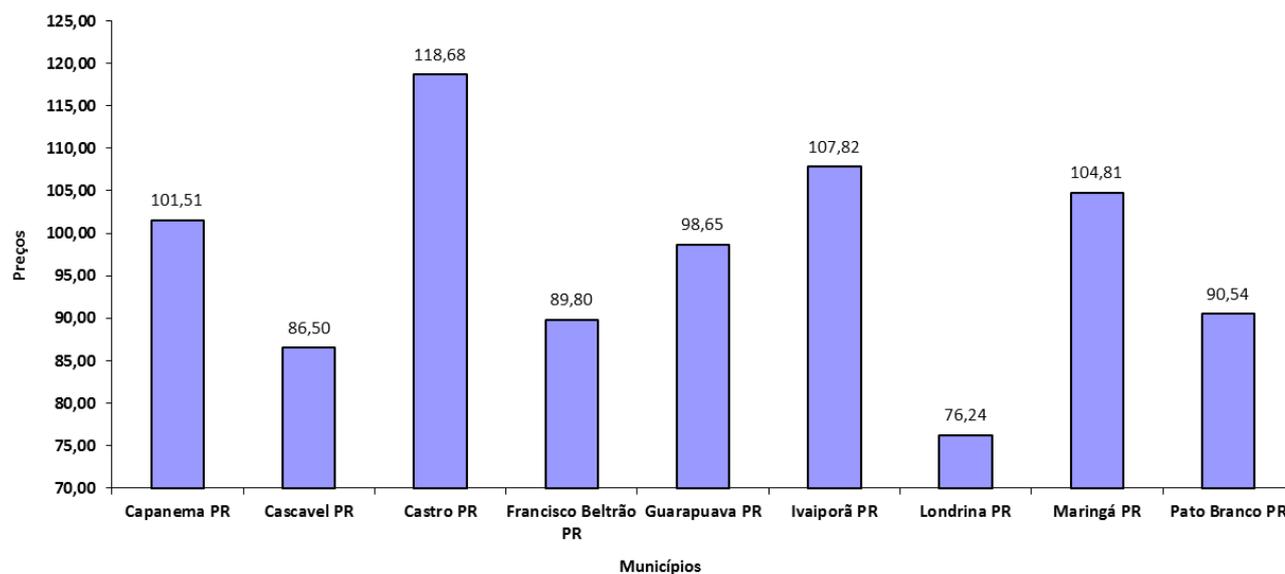
Fonte: Conab.

Gráfico 42 – Preço, por município, de arroz longo fino em casca Tipo 1 (60 kg) – Tocantins – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



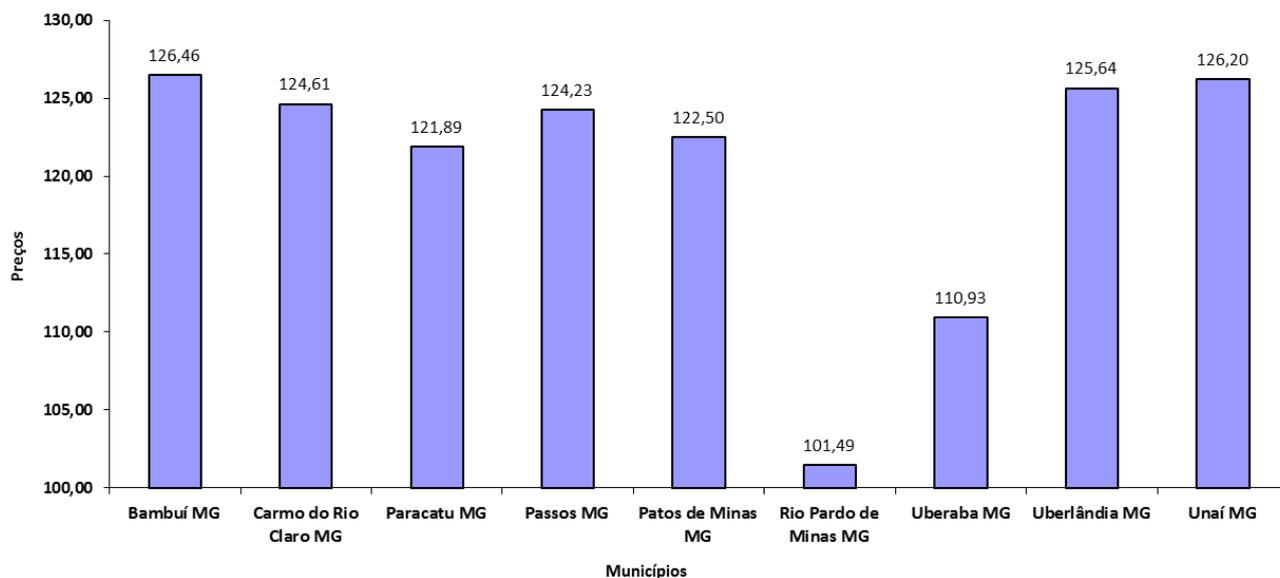
Fonte: Conab.

Gráfico 43 – Preço, por município, de feijão cores (60 Kg) – Paraná – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



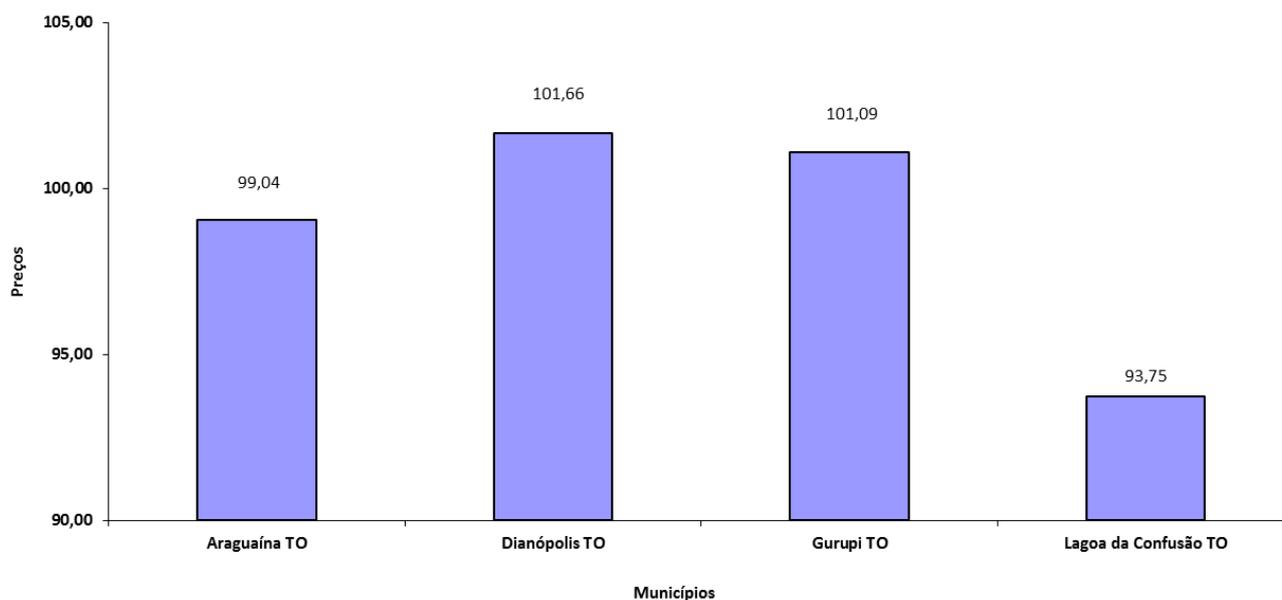
Fonte: Conab.

Gráfico 44 – Preço, por município, de feijão cores (60 Kg) – Minas Gerais – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



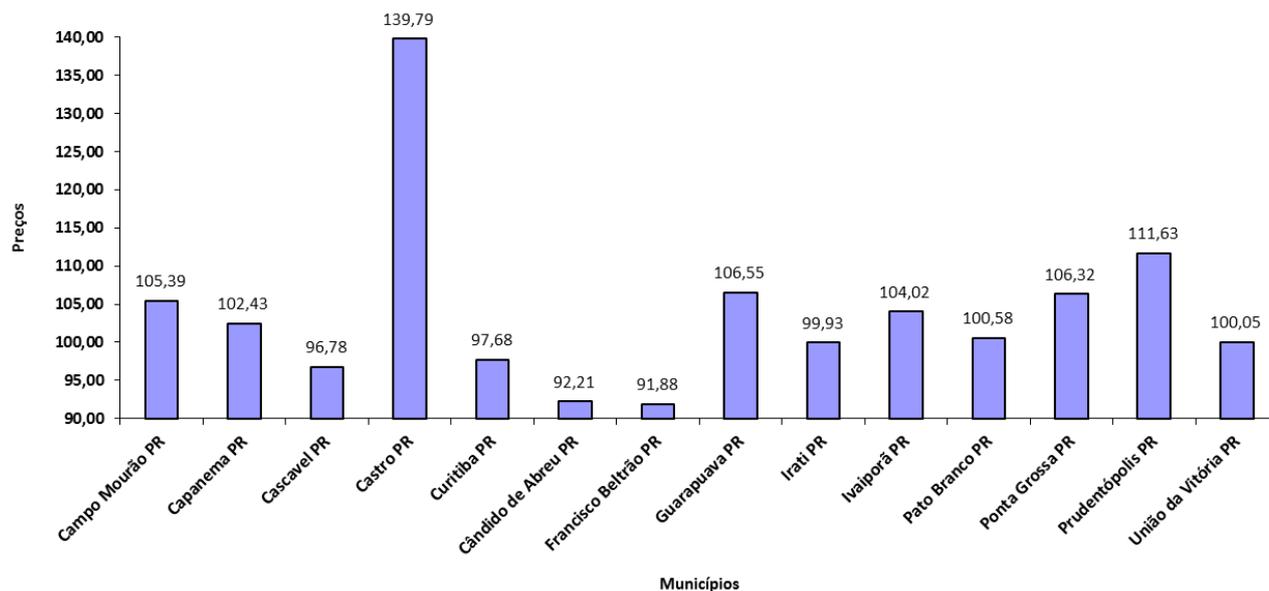
Fonte: Conab.

Gráfico 45 – Preço, por município, de feijão cores (60 Kg) – Tocantins – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



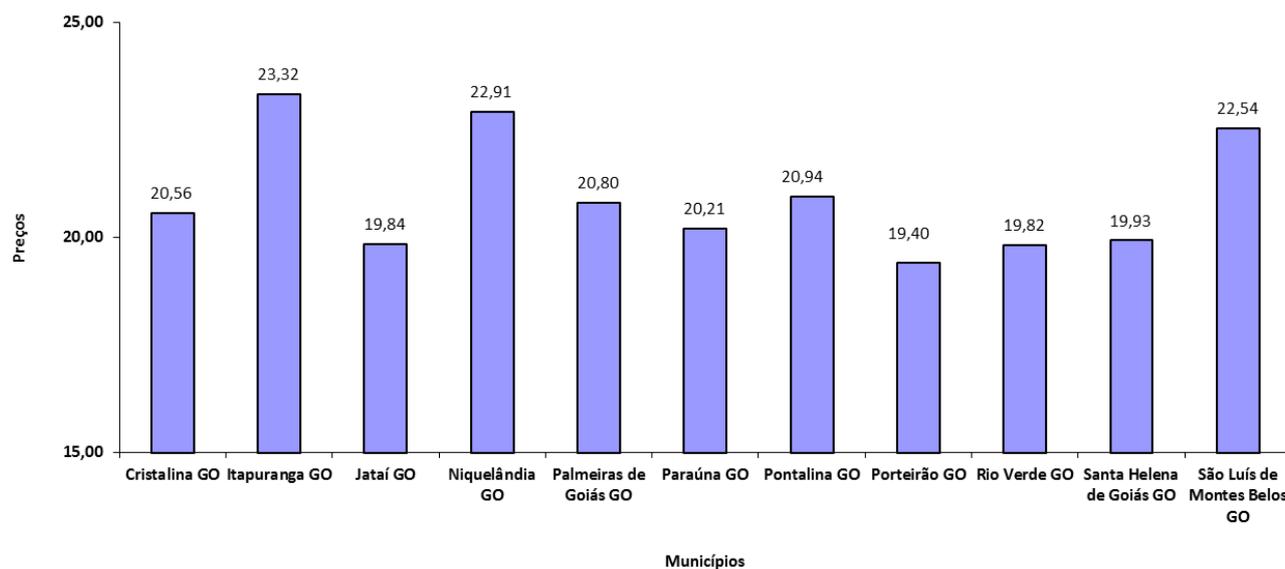
Fonte: Conab.

Gráfico 46 – Preço, por município, de feijão preto (60 Kg) – Paraná – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



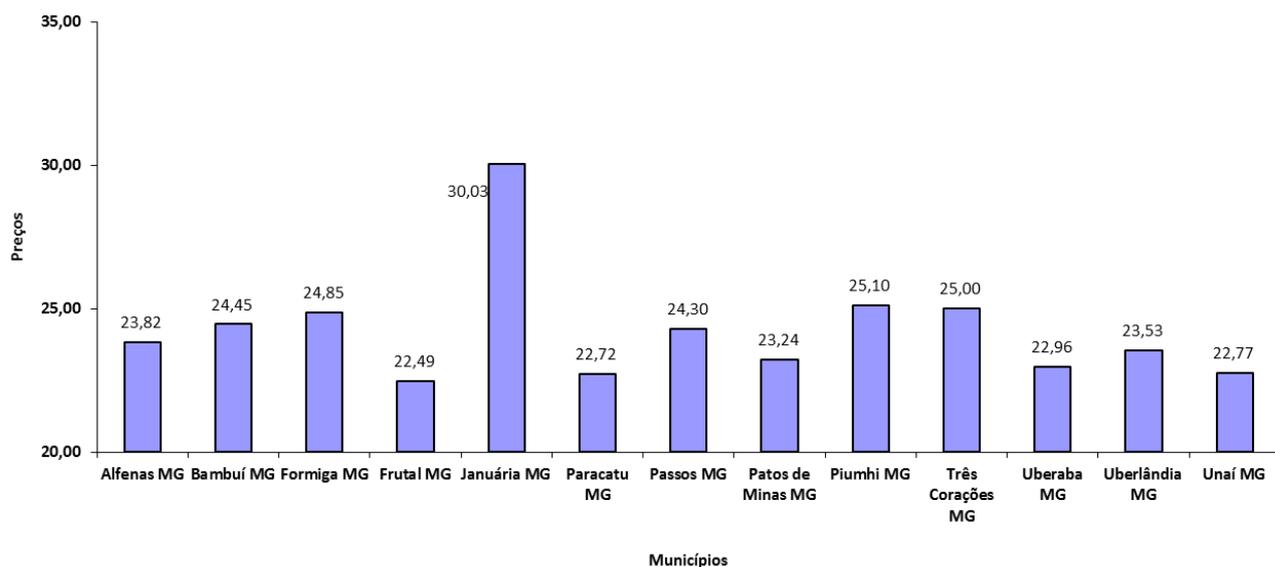
Fonte: Conab.

Gráfico 47 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Goiás – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



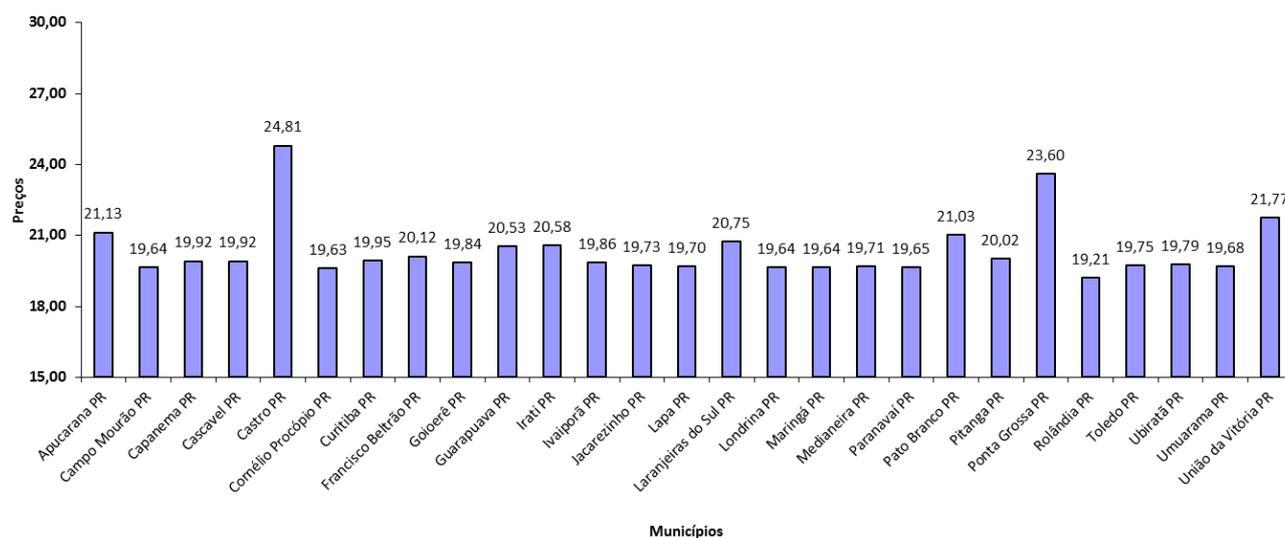
Fonte: Conab.

Gráfico 48 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Minas Gerais – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



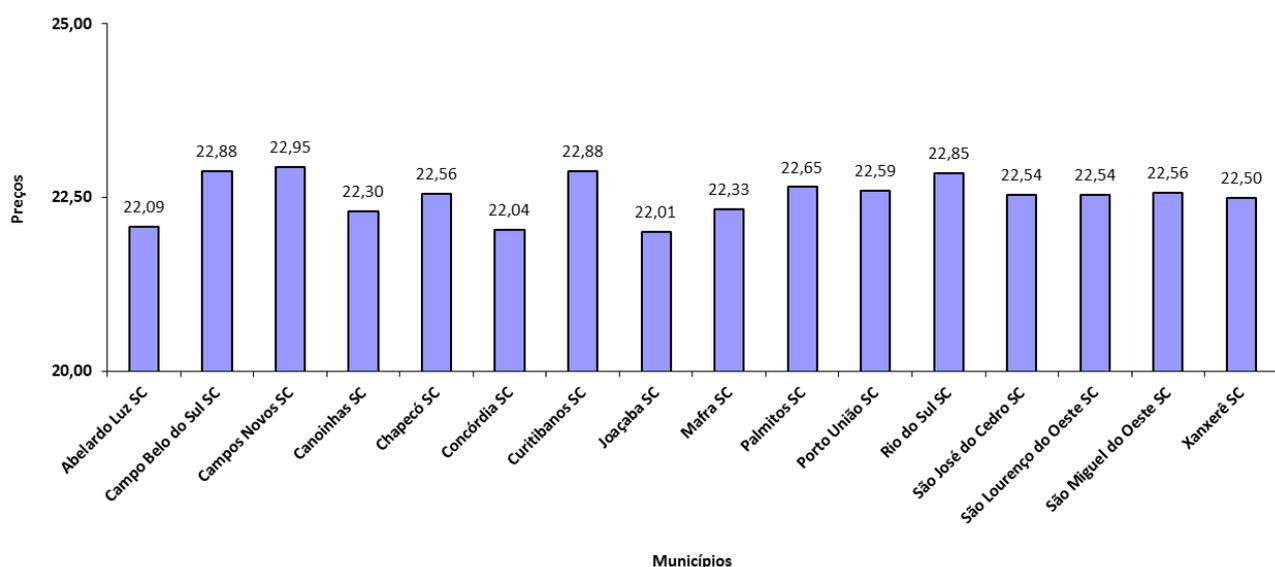
Fonte: Conab.

Gráfico 49 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Paraná – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



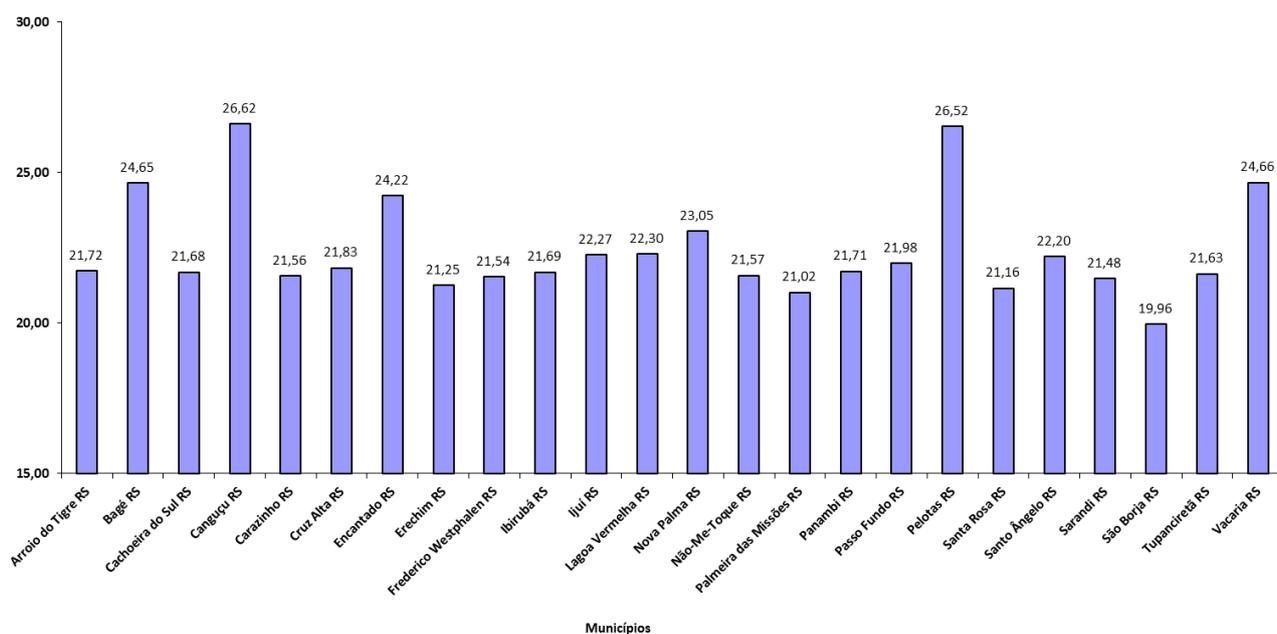
Fonte: Conab.

Gráfico 50 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Santa Catarina – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



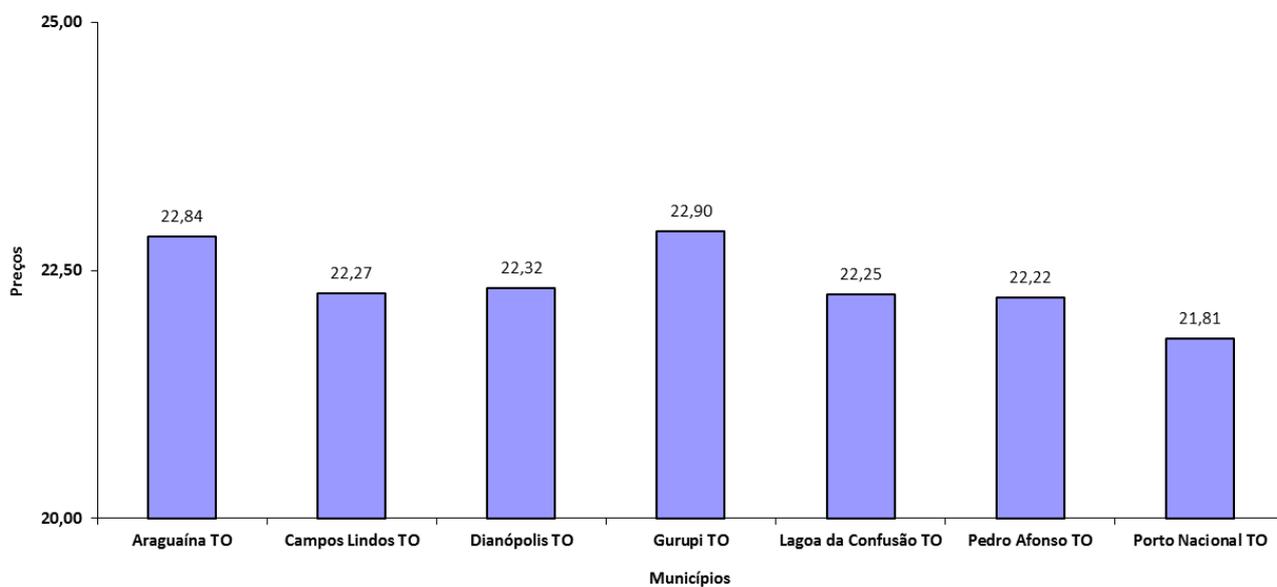
Fonte: Conab.

Gráfico 51 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Rio Grande do Sul – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



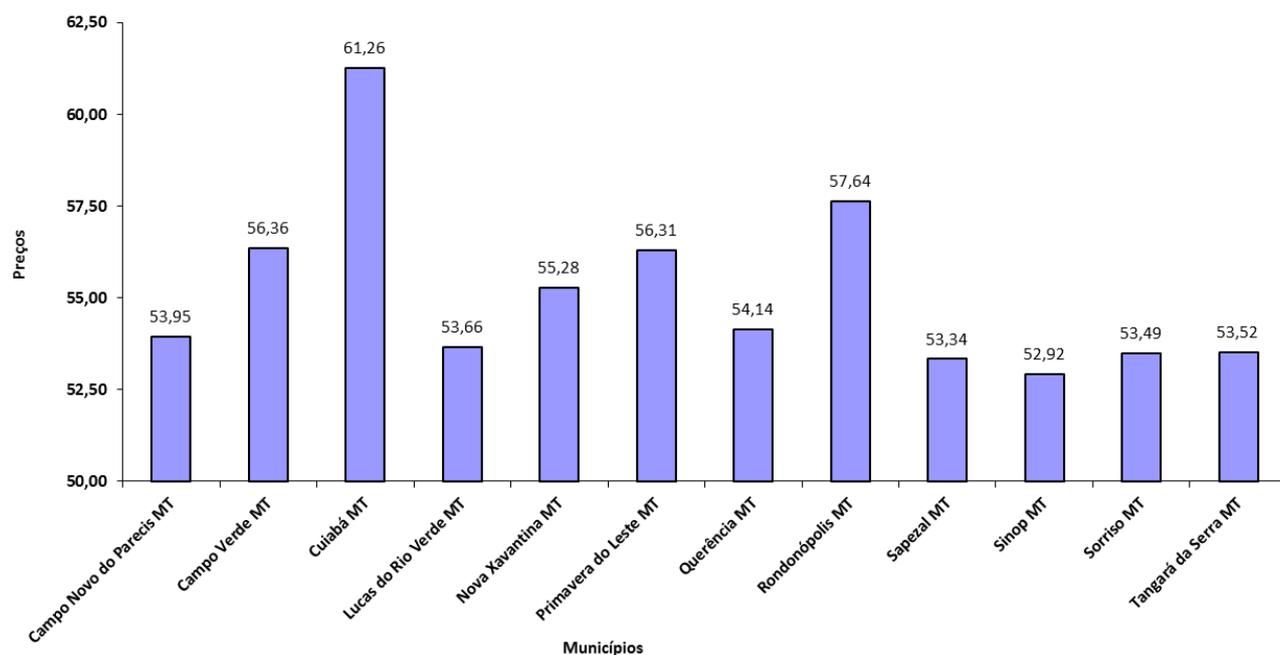
Fonte: Conab.

Gráfico 52 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Tocantins – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



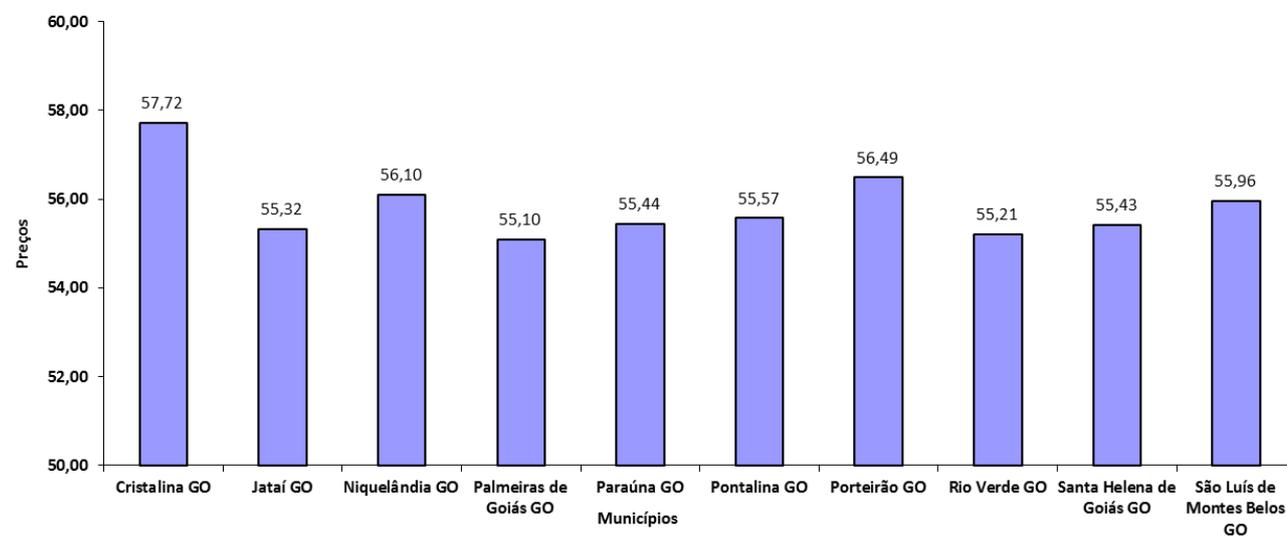
Fonte: Conab.

Gráfico 53 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Mato Grosso – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



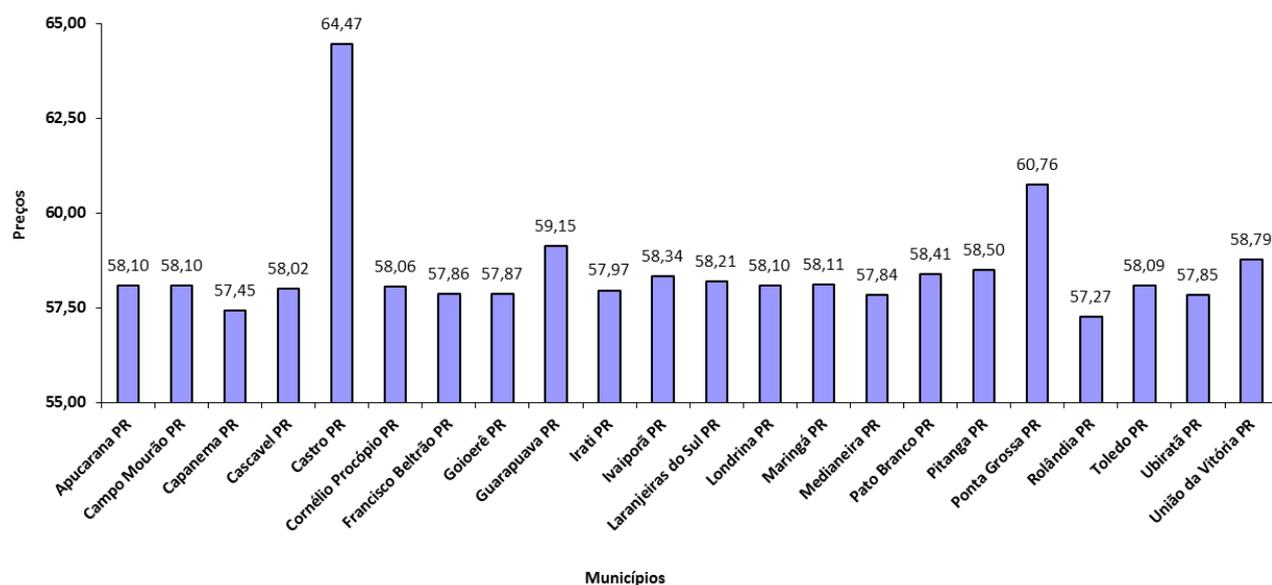
Fonte: Conab.

Gráfico 54 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Goiás – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



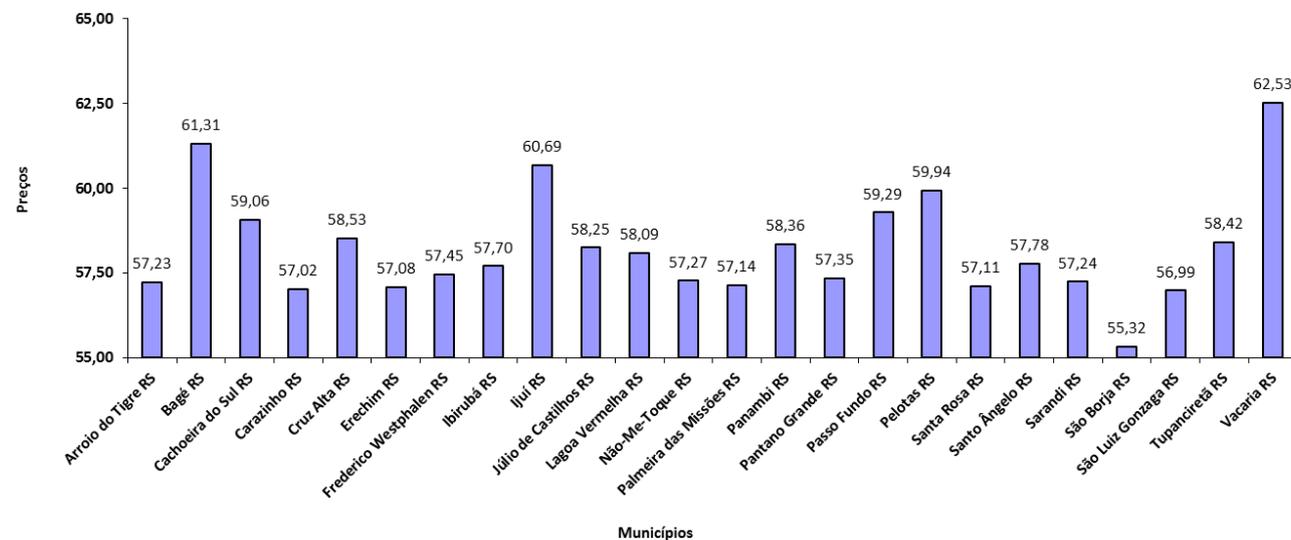
Fonte: Conab.

Gráfico 55 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Paraná – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



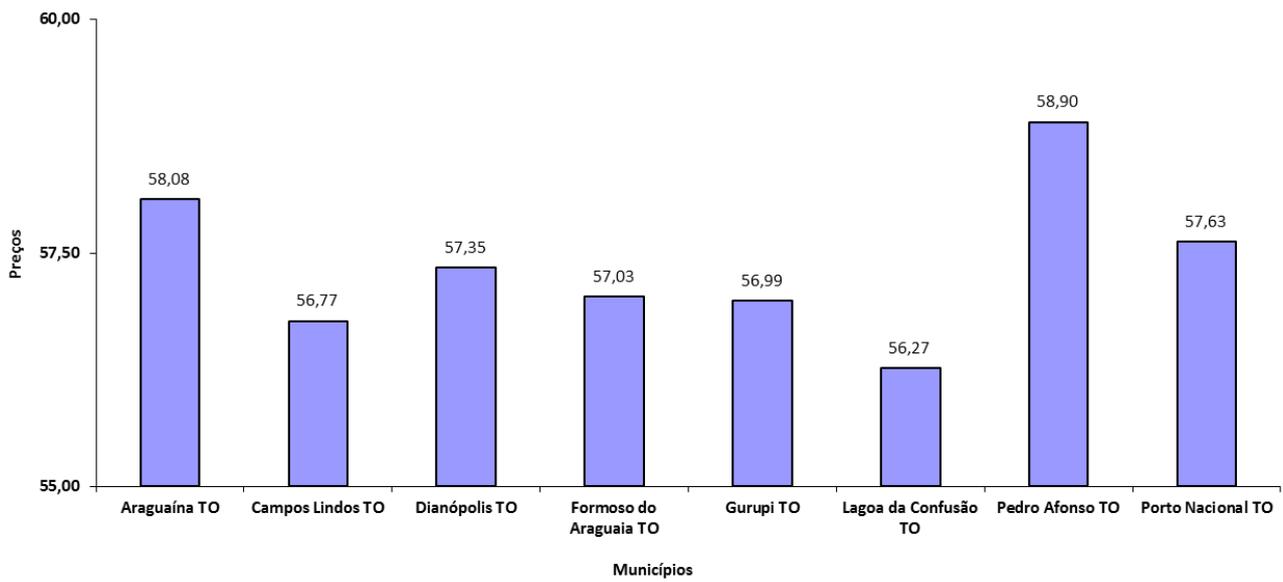
Fonte: Conab.

Gráfico 56 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Rio Grande do Sul – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



Fonte: Conab.

Gráfico 57 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Tocantins – Período: agosto de 2014 a agosto de 2015



Fonte: Conab.

SUREG AC

Filomeno Gomes de Freitas
Travessa do Icó, 180
Estação Experimental
69.901-180, Rio Branco (AC)
Fone: (68) 3227-7959
ac.sureg@conab.gov.br

SUREG AL

Elizeu José Rego
Rua Senador Mendonça, 148
Edifício Walmap, 8º e 9º andar
57.020-030, Maceió (AL)
Fone: (82) 3358-6145
al.sureg@conab.gov.br

SUREG AM

Antônio Batista da Silva
Avenida Ministro Mário Andreazza, 2196
Distrito Industrial
69.075-830, Manaus (AM)
Fone: (92) 3182-2404
am.sureg@conab.gov.br

SUREG AP

Asdrúbal Silva de Oliveira
Avenida Hamilton Silva, 1500
Bairro Central
68.900-068, Macapá (AP)
Fone: (96) 3222-5975/ 8118-6003
ap.sureg@conab.gov.br

SUREG BA

Bruno Miguel Rodrigues Guimarães
Avenida Antônio Carlos Magalhães, 3840
4º andar Bl. A – Ed. Capemi Bairro Pituba
41.821-900, Salvador (BA)
Fone: (71) 3417-8630
ba.sureg@conab.gov.br

SUREG CE

Anastácio Jorge Rocha Fontelles
Rua Antônio Pompeu, 555
Bairro José Bonifácio
60.040-001, Fortaleza (CE)
Fone: (85) 3252-1722
ce.sureg@conab.gov.br

SUREG DF

Sebastião Pereira Gomes
Setor Indústria e Abastecimento Sul
Trecho 5, Lotes 300/400
71.205-050, Brasília (DF)
Fone: (61) 3363-2502
df.sureg@conab.gov.br

SUREG ES

Bricio Alves Santos Júnior
Avenida Princesa Isabel, 629, sala 702
Ed. Vitória Center, Centro
29.010-904, Vitória (ES)
Fone: (27) 3041-4005
es.sureg@conab.gov.br

SUREG GO

Joaquim Araújo dos Santos
Avenida Meia Ponte, 2748
Setor Santa Genoveva
74.670-400, Goiânia (GO)
Fone: (62) 3269-7400
go.sureg@conab.gov.br

SUREG MA

Margareth de Cassia Oliveira Aquino
Rua das Sabias, 4, Quadra 5
Lote 4 e 5, Bairro Jardim Renascença
65.071-750, São Luiz (MA)
Fone: (98) 2109-1301
ma.sureg@conab.gov.br

SUREG MS

Antônio Benedito Dota
Avenida Mato Grosso, 1022
Centro
79.002-232, Campo Grande (MS)
Fone: (67) 3383-4566
ms.sureg@conab.gov.br

SUREG MT

Petrônio de Aquino Sobrinho
Rua Padre Jerônimo Botelho, 510
Edifício Everest, Bairro Dom Aquino
78015-240, Cuiabá (MT)
Fone: (65) 3616-3803
mt.sureg@conab.gov.br

SUREG MG

Oswaldo Teixeira de Souza Filho
Rua Prof. Antônio Aleixo, 756
Bairro de Lourdes
30.180-150, Belo Horizonte (MG)
Fone: (31) 3290-2800
mg.sureg@conab.gov.br

SUREG PA

Moacir da Cruz Rocha
Rua Joaquim Nabuco, 23
Bairro Nazaré
66.055-300, Belém (PA)
Fone: (91) 3224-2374
pa.sureg@conab.gov.br

SUREG PB

Gustavo Guimarães Lima
Rua Coronel Estevão D'Ávila Lins, s/n
Bairro Cruz das Armas
58.085-010, João Pessoa (PB)
Fone: (83) 3242-5864
pb.sureg@conab.gov.br

SUREG PE

Roberto Pereira Lins
Estrada do Barbalho, 960
Bairro Iputinga
50.690-000, Recife (PE)
Fone: (81) 3271-4291
pe.sureg@conab.gov.br

SUREG PI

Manuel Araújo da Rocha
Rua Honório de Paiva, 475
Sul – Piçarra
64.017-112, Teresina (PI)
Fone: (86) 3194-5400
pi.sureg@conab.gov.br

SUREG PR

Erlí de Pádua Ribeiro
Rua Mauá, 1.116
Bairro Alto da Glória
80.030-200, Curitiba (PR)
Fone: (41) 3313-3209
pr.sureg@conab.gov.br

SUREG RJ

Ludmila Brandão
Rua da Alfândega, nº 91
11º, 12º e 14º andares
20.010-001, Rio de Janeiro (RJ)
Fone: (21) 2509-7416
rj.sureg@conab.gov.br

SUREG RN

João Maria Lúcio da Silva
Avenida Jerônimo Câmara, 1814
Bairro Lagoa Nova
59.060-300, Natal (RN)
Fone: (84) 4006-7619
rn.sureg@conab.gov.br

SUREG RO

Anderson Conceição Gomes
Avenida Farquar, 3305
Bairro Pedrinhas
78.904-660, Porto Velho (RO)
Fone: (69) 3216-8420
ro.sureg@conab.gov.br

SUREG RR

Maria Darcy de Almeida
Av. Venezuela nº 1.120 – Portão A
Anexo I, II e IV – Bairro Mecejana
69.309-690, Boa Vista (RR)
Fone: (95) 3224-7599
rr.sureg@conab.gov.br

SUREG RS

Glauto Lisboa Melo Junior
Rua Quintino Bocaiúva, 57
Bairro Floresta
90.440-051, Porto Alegre (RS)
Fone: (51) 3326-6400
rs.sureg@conab.gov.br

SUREG SC

Sione Lauro de Souza
Rua Francisco Pedro Machado, s/n
Bairro Barreiros
88.117-402, São José (SC)
Fone: (48) 3381-7270
sc.sureg@conab.gov.br

SUREG SE

Emanuel Carneiro de Lima e Silva
Avenida Dr Carlos Rodrigues Cruz, s/n.
Centro Adm. Augusto Franco
49.180-180, Aracaju (SE)
Fone: (79) 3209-1523
se.sureg@conab.gov.br

SUREG SP

Alfredo Luiz Brienza Coli
Alameda Campinas, 433, Térreo, 2º, 3º,
4º e 5º andar, Bairro Jardim Paulista
01.404-901, São Paulo (SP)
Fone: (11) 3264-4800
sp.sureg@conab.gov.br

SUREG TO

Jalbas Aires Manduca
601 Sul – Avenida Teotônio Segurado
Conjunto 01, Lote 02, Plano Diretor Sul
77.016-330, Palmas (TO)
Fone: (63) 3218-7401
to.sureg@conab.gov.br

Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Gerência de Geotecnologia (Geote)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277/6280

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA